Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

José António Maia Moreira

Podomorfos na Fachada Ocidental do Noroeste de Portugal, entre os Rios Douro e Minho

Abril 2018

Podomorfos na Fachada Ocidental do Noroeste de Portugal, entre os Rios Douro e Minho

José António Maia Moreira

Uminho | 2018

Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

José António Maia Moreira

Podomorfos na Fachada Ocidental do Noroeste de Portugal, entre os Rios Douro e Minho

Tese de Mestrado
Mestrado em Arqueologia

Trabalho efetuado sob orientação:
Professora Doutora Ana Maria dos Santos Bettencourt
Professor Doutor Manuel Santos Estévez

Abril 2018

Declaração

Nome: José António Maia Moreira

Endereço eletrónico: josemaiamoreira@outlook.com

Número de Bilhete de Identidade: 13709024

Título da dissertação:

Podomorfos na fachada ocidental do Noroeste de Portugal, entre os rios Douro e Minho

Orientadores:

Professora Doutora Ana Maria dos Santos Bettencourt

Professor Doutor Manuel Santos Estévez

Ano de Conclusão: 2018

Designação do Mestrado:

Arqueologia

DE ACORDO COM A LEGISLAÇÃO EM VIGOR, NÃO É PERMITIDA A REPRODUÇÃO DE QUALQUER PARTE DESTA DISSERTAÇÃO.

Universidade do Minho, __/ __/ 2018

Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

Começo por agradecer à Professora Doutora Ana Maria dos Santos Bettencourt e ao Professor Doutor Manuel Santos Estévez, pela confiança depositada no meu trabalho, pela incansável dedicação e paciência demonstradas, por toda a informação facultada e pela motivação transmitida. Este estudo, culminar de um processo de trabalho e, acima de tudo, de aprendizagem, nunca teria sido concretizável sem a sua orientação. Se hoje me sinto mais capaz enquanto arqueólogo é em muito graças ao conhecimento e rigor que me transmitiram. Muito obrigado.

Agradeço à Junta de Freguesia de Bustelo, em Chaves, que tão bem nos recebeu, por toda a simpatia e ajuda prestadas. De igual forma, deixo o meu agradecimento, por todas as informações facultadas, à Junta de Freguesia de Segude, em Monção.

Agradeço á Professora Doutora Ana Maria Silva, da Universidade de Coimbra, e ao Doutor Luís Miguel Marado, por toda a informação fornecida sobre questões antropológicas. À Doutora Daniela Cardoso deixo o meu obrigado pela amabilidade e ajuda nas questões dos podomorfos do concelho de Guimarães.

Ao Mestre Nuno Oliveira tenho de agradecer a sua total disponibilidade para ajudar a resolver pequenas questões de vários âmbitos. O meu grande agradecimento, também, ao arqueólogo Ricardo Oliveira, por toda a paciência que teve e conhecimentos que me transmitiu, relacionados com a elaboração de mapas em SIG. Ao arqueólogo Vítor Rocha e a Cândido Verde agradeço a cedência de informações acerca de afloramentos que ainda não conhecia. Aos arqueólogos Martim Lima, Alésia Barbosa e, mais uma vez, Vítor Rocha agradeço o auxílio que deram na limpeza da Fraga das Passadas e do Penedo de S. Gonçalo. O meu obrigado ao arqueólogo Bruno Delfim da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, por me ter atendido a todas as questões que lhe coloquei, com brevidade, e ter-me disponibilizado o máximo de informação que tinha em sua posse sobre alguns lugares gravados do concelho de Boticas.

Duas pessoas a quem digo obrigado, por toda a disponibilidade e interesse que demonstraram, são os Padres António Fontes (Montalegre) e Artur Coutinho (Viana do Castelo), que, sempre com grande cordialidade, disponibilizaram-se para ajudar na identificação de algumas das gravuras rupestres.

A todos os residentes locais com quem ao longo da prospeção fui contatando e que, para além do inestimável auxílio prestado na identificação e análise dos afloramentos gravados, foram

sempre de uma simpatia e vontade de ajudar invejáveis, o meu especial agradecimento. Certas pessoas e momentos, alguns deveras caricatos, ficarão para sempre na memoria.

Não podia, também, deixar de prestar o enorme apreço que tenho pelos meus "velhos" amigos Flávio Dias, Pedro Peixoto, Fábio Santos, Fábio Azevedo e Daniel Mendonça, que me acompanharam em algumas aventuras durante a prospeção, sempre com uma curiosidade, determinação e boa disposição inestimáveis, assim como, ao João Sousa, pela espetacular escala que, certamente com muito carinho, fez e me ofereceu, apesar de, infelizmente, ter sido pouco utilizada, e à Daniela Sobreira pelo empréstimo de algum do material necessário. Quero, igualmente, agradecer ao José Carlos, ao seus pais, irmão e amigos, por nos terem recebido de forma tão calorosa e acolhedora em suas casas e na sua localidade, aquando os trabalhos na zona de Boticas. Ao meu estimado amigo José deixo um especial agradecimento por toda a motivação que me deu, pela troca de ideias e, por vezes, longas conversas que tivemos e por todo o apoio prestado à prospeção dos concelhos de Boticas e Chaves.

Finalmente, um enorme e muito especial obrigado para ti Jéssica, por tudo o que és e representas, por teres estado invariavelmente disponível e presente em todos os momentos que foram mais ou menos necessários nesta etapa da minha vida. Agradeço, também à tua família em geral, e ao teu pai, em particular, por me ter acompanhado em algumas viagens, sempre com muita energia e boa disposição. Acabo agradecendo ao meu irmão, Pedro Moreira, e à minha avó, Rosa Carneiro, que tanto tem vindo a contribuir para a formação da minha pessoa e que tão bravamente me acompanhou na subida de alguns montes, por terem sempre acreditado em mim e terem feito tudo o que estava ao seu alcance para facilitar e possibilitar a realização desta investigação. Muito obrigado, sem a vossa presença na minha vida seria impossível dar por concluída esta dissertação.

RESUMO

Podomorfos na fachada ocidental do Noroeste de Portugal, entre os rios Douro e Minho

O grande objetivo desta dissertação centra-se em aumentar o conhecimento acerca dos podomorfos, no Noroeste de Portugal.

Para se proceder a esta investigação foi necessário delinear e recorrer a várias metodologias, entre elas, o trabalho preparatório de gabinete; a análise bibliográfica; a prospeção arqueológica e o estudo e discussão dos resultados obtidos.

Nesta região do país foram gravados 219 podomorfos, que se distribuem por 34 afloramentos, em 30 diferentes sítios. Estas gravuras situam-se, na sua maioria, entre os 200 e os 700 m, em zonas bem irrigadas e de fácil acesso. Normalmente o domínio sobre a paisagem, a partir dos afloramentos com podomorfos, é amplo. Estes afloramentos são, na sua maioria, de proporções consideráveis, mas pouco marcantes no meio envolvente.

Para o Noroeste foram individualizados dois grandes grupos de podomorfos, os descalços e os calçados, existindo alguns pormenores diferenciadores dentro dos calçados, o que levou à criação de alguns subgrupos. Sabe-se, também, que a maior parte dos podomorfos do Noroeste representam pés de pequenas dimensões, ou seja, abaixo dos 23 cm de comprimento máximo. Estes organizam-se em pares, assim como, isolados. Assumem diferenciadas orientações, apesar de existir uma tendência clara para se orientarem para noroeste. Quanto às técnicas utilizadas estas foram fundamentalmente o baixo relevo, por percussão seguida de abrasão.

A gravação destes motivos rupestres, no Noroeste português, poderá ter surgido nos finais do Calcolítico, inícios da Idade do Bronze, alcançando o seu auge no decorrer deste último período e terminado pelos inícios da Idade do Ferro. Coloca-se, ainda a hipótese, de que estes lugares poderão relacionar-se-ão com rituais de passagem para o estado adulto, associados à "viagem" ou "peregrinação", realizados em determinadas épocas do ano, especialmente durante o solstício de verão o que materializa, também, a importância de cultos celestes associados a estes ritos.

Palavras-chave: Noroeste português, podomorfos, contextos, cronologias, significados.

ABSTRACT

The footprints on the western facade of the northwest of Portugal, between the Douro River and the Minho River

The main objective of this dissertation is to increase knowledge about footprints in the northwest of Portugal.

In order to carry out this investigation it was necessary to delineate and resort to several methodologies, among them, the preparatory work in the office; the bibliographic analysis; the archaeological prospection and the study and discussion of the obtained results.

In this region of the country, 219 footprints were engraved, which are distributed on 34 outcrops in 30 different sites. These engravings are mostly located between 200 and 700 m, in well-irrigated and easily accessible areas. Usually, the scope of vision over the landscape is ample from the outcrops with footprints. These outcrops are, for the most part, of considerable proportions, but not very striking in the surroundings.

For the northwest, two large groups of footprints were individualized, barefoot and shod, with some differentiating details within the footwear, which led to the creation of some subgroups. It is also known that most footprints in the northwest represent small feet, that is, under 23 cm in maximum length. These are organized in pairs as well as isolated. They assume different orientations, although there is a clear tendency towards the northwest. As for the techniques used, these were basically the low relief, per percussion followed of abrasion.

The engraving of these rock art motifs in the portuguese northwest may have arisen at the end of the Chalcolithic period, beginning of the Bronze Age, reaching its peak during the latter period and ending at the beginning of the Iron Age. It is also hypothesized that these places might had been related to rituals of passage to the adult state, associated with the "journey" or "pilgrimage", performed at certain times of the year, especially during the summer solstice, which also materializes the importance of celestial cults associated with these rites.

Keywords: portuguese northwest, footprints, contexts, chronologies, meanings.

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS III

RESUMO V

ABSTRACT VII

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS XI

ÍNDICE DE FIGURAS XII

ÍNDICE DE TABELA XXI

PARTE I. CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS 1

1. Introdução 3

2. Quadro dos conhecimentos dos petróglifos podomorfos. 4

2.1. Introdução 4

2.2. Aspetos formais e tipológicos 5

2.3. Aspetos técnicos 10

2.4. Distribuição geográfica, contextos físicos, superfícies e distribuição topográfica dos podomorfos 10

2.5. Aspetos cronológicos 13

2.6. Interpretações 15

3. Objetivos 27

PARTE II. QUANDRO TEÓRICO E PRAXIS 29

1. Quadro teórico e praxis 31

1.1. Introdução 31

1.2. Quadro teórico 31

1.2.1. Conceitos 34

1.3. Praxis 38

PARTE III. ESPAÇO DE TRABALHO 43

1. O Noroeste português. Breve caraterização física 45

2. Breve caraterização ambiental 49

PARTE IV. PODOMORFOS NA FACHADA OCIDENTAL DO NOROESTE PORTUGUÊS: OS DADOS 51

1. Introdução 53

2. Inventário 53
2.1. DISTRITO DE BRAGA 53
2.2. DISTRITO DO PORTO 117
2.3. DISTRITO DE VIANA DO CASTELO 152
2.4. DISTRITO DE VILA REAL 191
3. Casos de Estudo 213
3.1. Introdução 213
3.2. O Penedo de S. Gonçalo 214
3.3. A Fraga das Passadas 236
3.3.2. Contexto arqueológico 239
3.3.3. Metodologias de estudo 239

PARTE V. DISCUSSÃO DOS DADOS E INTERPRETAÇÕES 255
1. Introdução 257
2. Podomorfos: caraterização geral da amostra 257
2.1. Casos de estudo 257
2.2. Distribuição geográfica 259
2.3. Contexto físico 259
2.4. Caraterísticas físicas dos afloramentos gravados 266
2.5. Características de visibilidade a partir dos afloramentos gravados 273
2.6. Aspetos formais e técnicos 275
3. Discussão dos dados e interpretações 290
3.1. Introdução 290
3.2. Problemáticas cronológicas 290
3.3. Origem dos podomorfos 299
3.4. Podomorfos calçados *vs* podomorfos descalços: diferenças cronológicas? 301
3.5. Idades e categorias sociais através dos podomorfos 302
3.6. Orientações dos podomorfos e suas hipóteses interpretativas 307
3.7. Podomorfos e imagético popular 309
4. Considerações finais 310

BIBLIOGRAFIA 313

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

a.C. – Antes de Cristo

c/ – Com

Calç. – Calçado

cm – Centímetros

CVARN – Corpus Virtual de Arte Rupestre do Noroeste Português

d.C. – Depois de Cristo

Fig.(s) – Figura(s)

Foto. - Fotografia

Ind. – Indeterminado(s)

Indet. – Indeterminado(s)

km – Quilómetros

LNEG – Laboratório Nacional de Energia e Geologia

m – Metros

mm – Milímetros

Pp. – Páginas

Prof. – Profundidade

Seg. - Segundo

SIG – Sistema de Informação Geográfica

SIORMINP – Sistema de Informação de Ocorrências e Recursos Minerais Portugueses

Sr(a). – Senhor(a)

Sto(a). – Santo(a)

Tab.(s). – Tabela(s)

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1: Catálogo das formas das pegadas humanas da Alagoa e distribuição dos grupos morfológicos de M. V. Gomes e J. P. Monteiro (1974-1977) (Fonte: Gomes e Monteiro 1974 -1977: 155). 7

Figura 2: Quadro tipológico de podomorfos para a bacia do rio Mondego (Fonte: Ribeiro *et. al.*, 2010b: 201)..... 8

Figura 3: Mapa genérico de distribuição dos podomorfos (individuais e pares) em Portugal continental (Fonte: Abreu, 2012a: 413). 1- Braga, Guimarães, Castro Sabroso; 2- Bragança, Macedo de Cavaleiros, Santa Combinha, Fraga da Pegada; 3- Vila de Real, Valpaços, Fraga das Passadas; 4- Porto, Penafiel, Luzim, "Pegadinhas de S. Gonçalo"; 5- Coimbra, Seia, Vide, Fontes do Cide; 6- Coimbra, Pampilhosa da Serra, Vale do Gato, Malhada do Rei; 7- Viseu, Tondela, Alagoa; 8- Douro, Guarda, Vila Nova de Foz Côa, Vale da Casa; 9- Coimbra, Pampilhosa da Serra, Vale do Gato, Malhada do Rei; 10- Castelo Branco, Oleiros, Sesmarias; 11- Évora, Reguengos de Monsaraz, Peroliva..... 11

Figura 4: Mapa do noroeste de Portugal, no contexto da Península Ibérica. 47

Figura 5: Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 55, à escala 1/ 25 000, com localização da rocha 2 do Curro, no monte de S. Gonçalo. 54

Figura 6: Vista para sudeste-este, obtida a partir do podomorfo do Curro. 55

Figura 7: Vista para nordeste-este, onde se pode ver parte da vertente do Monte de S. Gonçalo. 55

Figura 8: Podomorfo do Curro. 56

Figura 9: Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 55, à escala 1/ 25 000, com localização da rocha das Pedreiras de Baltasar, no monte de S. Gonçalo. 57

Figura 10: Vista para nordeste, obtida a partir da rocha 1 (Pedreiras de Baltasar). 58

Figura 11: Petróglifos da rocha 1 do monte de S. Gonçalo. 59

Figura 12: Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 55, à escala 1/ 25 000, com localização aproximada do afloramento com podomorfos do Monte de Roriz. 60

Figura 13: Levantamento da rocha 1 (Fonte: Coimbra, 2004: 47)..... 62

Figura 14: Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 100, à escala 1/ 25 000, com localização da Pegada da Senhora/ Senhora do Calvelo. 63

Figura 15: Afloramento da Pegada da Senhora/ Senhora do Calvelo, com a localização de onde se encontram os podomorfos. 65

Figura 16: Pormenor do podomorfo de menores dimensões da Pegada da Senhora/ Senhora do Calvelo. 66

Figura 17: Pormenor do podomorfo de maiores dimensões da Pegada da Senhora/ Senhora do Calvelo. 66

Figura 18: Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 85, à escala 1/ 25 000, com localização do Penedo da Pegadinha/ Senhora de Antime. 67

Figura 19: Penedo da Pegadinha/ Senhora de Antime..... 69

Figura 20: Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 71, à escala 1/ 25 000, com localização de Donim..... 71

Figura 21: Vista geral do afloramento, já muito perturbado pelo quintal de uma moradia particular (Fot. da Sociedade Martins Sarmento, em Cardoso, 2015, adaptado). A seta indica o afloramento com o podomorfo gravado. 73

Figura 22: Aspeto do painel onde se encontrava o podomorfo (Fot. da Sociedade Martins Sarmento, em Cardoso, 2015). 74

Figura 23: Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 71, à escala 1/ 25 000, com localização das gravuras da Quinta do Paço. 75
Figura 24: Vista para o vale do Ave, obtida a partir das gravuras da Quinta do Paço (seg. Cardoso, 2015: 145). 76
Figura 25: Levantamento das gravuras da Quinta do Paço, com o podomorfo assinalado (seg. Cardoso, 2015: 147, adaptado). 77
Figura 26: Fotografia noturna do painel 3, onde se insere o podomorfos (se. Cardoso, 2015: 151, adaptado). 78
Figura 27: Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 70, à escala 1/ 25 000, com localização da Quinta dos Laranjais. 79
Figura 28: À esquerda: par de podomorfos (seg. Cruz e Cardoso, 2011) e outras depressões. À direita: par de podomorfos vistos de cima (cortesia de D. Cardoso). 81
Figura 29: Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 71, à escala 1/ 25 000, com localização de S. Romão IV. 82
Figura 30: Paisagem para sudeste (vale do Ave), visualizada a partir a rocha 4 do monte de S. Romão. 83
Figura 31: Decalque de S. Romão IV (Cardoso, 2015). 84
Figura 32: S. Romão 4 (Cardoso, 2015). 85
Figura 33: Podomorfo presente na rocha 4 do monte de S. Romão. 85
Figura 34: Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 71, à escala 1/ 25 000, com localização de S. Romão XI. 86
Figura 35: Vista obtida a partir de S. Romão 11. O arvoredo tapa o vale do Ave, ao fundo. 88
Figura 36: Vista geral de S. Romão XI. 89
Figura 37: Pormenor da gravura de S. Romão XI. 89
Figura 38: Decalque da rocha 11 (Cardoso, 2015). 89
Figura 39: Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 43, à escala 1/ 25 000, com localização do Penedo de Santa Eufémia. 91
Figura 40: Localização do Penedo de Santa Eufémia, na veiga de Santa Eufémia. 92
Figura 41: Estruturas pétreas e grades metálicas do Penedo de Santa Eufémia. 93
Figura 42: Fotogrametria de alguns dos podomorfos do Penedo de Santa Eufémia. 95
Figura 43: Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 44, à escala 1/ 25 000, com localização de Almas 1. 97
Figura 44: Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 58, à escala 1/ 25 000, com localização do Penedo da Pegadinha. 99
Figura 45: Vista para su-sudeste, obtida a partir do Penedo da Pegadinha. 100
Figura 46: Penedo da Pegadinha. 101
Figura 47: Podomorfo nº 1 do Penedo da Pegadinha. 102
Figura 48: Podomorfo nº 2 do Penedo da Pegadinha. 102
Figura 49: Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 85, à escala 1/ 25 000, com localização de Penedo dos Mouros ou Montim. 106
Figura 50: Alguns entalhes presentes no Penedo dos Mouros/ Montim. Os entalhes estendem-se até à última rocha visível. 106
Figura 51: Duas das figuras de tendência triangular. 106
Figura 52: Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 84, à escala 1/ 25 000, com localização do Penedo da Santa. 107

Figura 53: Penedo da Santa visto de oeste. 108
Figura 54: Penedo da Santa visto de oeste-noroeste. 109
Figura 55: Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 71, à escala 1/ 25 000, com localização aproximada da pedreira onde se poderá encontrar a referente gravura. 111
Figura 56: Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 85, à escala 1/ 25 000, com localização da igreja de São Paio de Vizela. 112
Figura 57: Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 85, à escala 1/ 25 000, com localização do Penedo ou Penedinho de S. Gonçalo. 113
Figura 58: Penedo ou Penedinho de S. Gonçalo. 114
Figura 59: Pormenor das gravuras do Penedo ou Penedinho de S. Gonçalo. 115
Figura 60: Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 99, à escala 1/ 25 000, com localização do Penedo de S. Gonçalo. 117
Figura 61: Vista obtida a partir do topo do Penedo de S. Gonçalo, para noroeste. 119
Figura 62: Penedo de S. Gonçalo, com destaque para alguns dos seus podomorfos. 120
Figura 63: Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 99, à escala 1/ 25 000, com localização da Serra dos Campelos. 122
Figura 64: Penedo 2 da Serra dos Campelos 124
Figura 65: Gravura de podomorfo. Esta, localiza-se na plataforma inferior e aplanada do afloramento (Seg. Lemos *et. al.*, 2008: 21). 124
Figura 66: Gravuras do penedo 14 da Serra dos Campelos (Seg. Lemos *et. al.*, 2007: 23). 124
Figura 67: Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 135, à escala 1/ 25 000, com localização das gravuras de Monte Eiró. 126
Figura 68: Localização espacial dos diferentes núcleos com gravuras de Monte Eiró (seg. Sousa, 2017). 127
Figura 69: Gravuras de Monte Eiró IV (seg. Luís, 2014). 128
Figura 70: Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 112, à escala 1/ 25 000, com localização do Penedo da Pegada. 130
Figura 71: Penedo da Pegada, com o local do podomorfo assinalado. 131
Figura 72: Penedo da Pegada, de um outro angulo. 131
Figura 73: Podomorfo presente no Penedo da Pegada. 132
Figura 74: Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 124, à escala 1/ 25 000, com localização das Pegadinhas de S. Gonçalo. 134
Figura 75: Vista sobre o vale do Tâmega, interrompida pelos eucaliptos que existem no local. 135
Figura 76: Pormenor de um dos pares de figuras presentes nas Pegadinhas de S. Gonçalo. À direita encontram-se dois podomorfos de contorno trapezoidal assimétrico, com representação do dedo grande do pé. À esquerda notam-se sulcos similares, mas menos realistas, o que nos levanta dúvidas sobre a sua atribuição como podomorfos. 136
Figura 77: Pormenor dos dois motivos considerados podomorfos. 137
Figura 78: Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 82, à escala 1/ 25 000, com localização do Penedo de Santo André. 138
Figura 79: Vista geral do penedo com covinhas. 139

Figura 80: Covinhas situadas próximas da capela de Santo André. 139
Figura 81: Aglomerado granítico onde estão presentes o cruzeiro, as marcas de cunha e o nicho ritual..... 139
Figura 82: Área envolvente da capela de Santo André (Fonte: *Google Maps*). 140
Figura 83: Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 85, à escala 1/ 25 000, com localização do Penedo das Pegadas. 142
Figura 84: Contexto envolvente do Penedo das Pegadas..... 143
Figura 85: Depressões designadas po Pegadinhas do Ribeiral. 144
Figura 86: Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 124, à escala 1/ 25 000, com localização das gravuras de Lomar. 146
Figura 87: Gravuras rupestres de Lomar (Seg. Santos, 2008). 147
Figura 88: Decalque das Pegadinhas de São Gonçalo (Fonte: Santos Júnior, 1945 *in* CVARN). 148
Figura 89: Pormenor de alguns dos sulcos alongados. 148
Figura 90: Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 83, à escala 1/ 25 000, com localização da fonte de S. Pedro de Rates. 149
Figura 91: Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 98, à escala 1/ 25 000, com localização da capela de S. João. 151
Figura 92: Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 14, à escala 1/ 25 000, com localização aproximada do sítio do Castelhão. 153
Figura 93: Vista da área onde se situam as gravuras do Castelhão. 154
Figura 94: Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 27, à escala 1/ 25 000, com localização de Chão do Cano. 156
Figura 95: Afloramento do Chão do Cano com um podomorfo ao lado do reticulado e motivos de arte atlântica... 157
Figura 96: Pormenor do podomorfo, ente um cavaleiro (à esquerda) e um reticulado (à direita). 158
Figura 97: Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 5, à escala 1/ 25 000, com localização do Fieiral. 159
Figura 98: Fieiral 1 (nas proximidades) e Fieiral 2 (ao longe). 160
Figura 99: Vista aérea do Fieiral, com os podomorfos marcados (Fonte: *Google Maps*, adaptado). 162
Figura 100: Pormenor do podomorfo de Fieiral 2. 162
Figura 101: Par de podomorfos assimétricos..... 162
Figura 102: Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 4, à escala 1/ 25 000, com a localização da zona onde se devem situar as gravuras do Buraco da Moura. 164
Figura 103: Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 4, à escala 1/ 25 000, com a localização da zona onde se devem situar as gravuras do Buraco da Moura. 166
Figura 104: Pormenor do podomorfo do monte da Nossa Senhora da Assunção (cortesia de Cândido Verde)..... 167
Figura 105: Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 3, à escala 1/ 25 000, com localização aproximada do sítio de Regueiras 1. 167
Figura 106: Vista para nordeste, obtida a partir do sítio rupestre de Regueiras. 169
Figura 107: Regueiras 1. 170
Figura 108: Fotogrametria de Regueiras 1, com a localização dos dois possíveis podomorfos assinalada. 171
Figura 109: Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 40, à escala 1/ 25 000, com a localização aproximada da Breia 1. 172

Figura 110: Breia 1, com indicação do painel 7 (cortesia de M. Santos Estévez). 174
Figura 111: Podomorfo do painel 7 da Breia 1. 174
Figura 112: Fotogrametria da Breia 1 175
Figura 113: Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 40, à escala 1/ 25 000, com localização aproximada da Salgueiro 1 176
Figura 114: Salgueiro 1. 177
Figura 115: Podomorfo de Salgueiro 1. 178
Figura 116: Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 14, à escala 1/ 25 000, com localização da rocha com gravuras da Encosta do Carvalho. 180
Figura 117: Pormenor das gravuras esquemáticas da Costa do Carvalho (Coutinho, 1997) 181
Figura 118: Penedo onde estão presentes as gravuras e paisagem envolvente (cortesia do Sr. Paulo Lobato Costa). 182
Figura 119: Pegadinhas de S. Tiago (cortesia do Sr. Paulo Lobato Costa). 182
Figura 120: Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 40, à escala 1/ 25 000, com localização do afloramento gravado com o motivo similar a um podomorfo do Monte de Roques. 184
Figura 121: Vista sobre o vale do Lima, obtida a partir do Castro de Roques. 185
Figura 122: Entalhe identificado como podomorfo, existente no monte de Roques. 186
Figura 123: Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 6, à escala 1/ 25 000, com a localização da área da Gávea. 189
Figura 124: Provável local onde se inserem as gravuras da Gávea. 190
Figura 125: Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 46, à escala 1/ 25 000, com a localização das Gravuras do Quilhoso. 191
Figura 126: Penedo com as Gravuras do Quilhoso (www.cm-boticas.pt/ patrimonio/). 193
Figura 127: Um dos podomorfos de Quilhoso (cortesia de Bruno Delfim, alterado) 193
Figura 128: Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 46, à escala 1/ 25 000, com a localização do Senhor do Monte. 195
Figura 129: Senhor do Monte. 196
Figura 130: Zona de maior facilidade de acesso ao topo. 196
Figura 131: Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 34, à escala 1/ 25 000, com a localização da Fraga das Passadas 198
Figura 132: Fraga das Passadas no meio envolvente 199
Figura 133: Vista da zona superior da Fraga das Passadas 200
Figura 134: Podomorfo isolado, calçado com tacão e picotado, à esquerda. Podomorfo isolado, calçado com tacão, à direita. 200
Figura 135: Par de podomorfos descalços da Fraga das Passadas. 200
Figura 136: Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 22, à escala 1/ 25 000, com a localização do Outeiro do Tripe 1. 202
Figura 137: Vista sudeste obtida a partir do Outeiro do Tripe 1 204
Figura 138: Painéis 1, 2 e 3, da rocha 3 do Outeiro do Tripe 1 204

Figura 139: Painel 1 da rocha 3 do Outeiro do Tripe 1, com os podomorfos assinalados (Fonte: Baptista, 1986). 206
Figura 140: Pormenor dos podomorfos do painel 1 da rocha 3 do Outeiro do Tripe 1. 206
Figura 141: Podomorfo do painel 2 da rocha 3 do Outeiro do Tripe 1. 207
Figura 142: Fotogrametria do podomorfo do painel 2, onde é possível visualizar de melhor forma o motivo podomórfico. 207
Figura 143: Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 21, à escala 1/25 000, com a localização de Cambedo. .. 210
Figura 144: Vista do Castro de Vamba a partir de noroeste. 210
Figura 145: Vista de uma das pias naturais e de vários estalamentos de um afloramento existente no topo do Castro de Vamba. 211
Figura 146: Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 55, à escala 1/25 000, com a localização do Castelo do Mau Vizinho. 212
Figura 147: Penedo de S. Gonçalo no seu contexto físico e ambiental. Em cima, à esquerda: visto de sul; à direita: visto de sudoeste. Em baixo, à esquerda: visto de este; à direita: visto de nordeste. 215
Figura 148: Penedo de S. Gonçalo, em 2016, antes do início dos trabalhos de limpeza sistemáticos (visto de sudeste). As gravuras que não correspondem a podomorfos foram diagnosticadas, após uma limpeza superficial, realizada durante a primeira visita ao local. 217
Figura 149: O Penedo de S. Gonçalo após a limpeza. A régua tem 1m. 218
Figura 150: Painel 1 do Penedo de S. Gonçalo. 220
Figura 151: Fotogrametria do painel 1 do Penedo de S. Gonçalo 221
Figura 152: Painel 2 do Penedo de S. Gonçalo, sobre luz rasante, ao anoitecer. 222
Figura 153: Cavalos com cavaleiros do painel 2 do Penedo de S. Gonçalo. 222
Figura 154: Fotogrametria desta área do poinel 2 do Penedo de S. Gonçalo. 222
Figura 155: Fotogrametria do painel 2 do Penedo de S. Gonçalo. 223
Figura 156: Fotogrametria do painel 2, com o par de podomorfos assinalado a vermelho, o podomorfo sobreposto pela cauda do zoomorfo a azul e o terceiro a verde. 224
Figura 157: Painel 3 do Penedo de S. Gonçalo. 225
Figura 158: Fotogrametria do painel 3. 225
Figura 159: Em cima, painel 4 antes de limpo, visto de sudoeste. Em baixo, fotografia noturna do painel 4. 226
Figura 160: Pormenor do painel 4 após limpeza, visto de cima. 226
Figura 161: Fotogrametria do painel 4. 226
Figura 162: Experiência arqueológica levada a cabo. 227
Figura 163: Painel 5 visto de cima. 228
Figura 164: Pormenor da extremidade sudeste do painel 5. Fotografias diurna e noturna. 228
Figura 165: Pormenor da extremidade noroeste do painel 5. Fotografia diurna e noturna. 229
Figura 166: Fotogrametria do painel 5 do Penedo de S. Gonçalo, com o pormenor do círculo concêntrico. 229
Figura 167: Estela de Quinterías-Herrera del Duque, à esquerda. Estela de Capote, à direita (Fonte: Díaz-Guardamino, 2010). 231
Figura 168: Motivo subtrapezoidal do painel 2 do Penedo de S. Gonçalo. 231
Figura 169:: Estela de Luna, Aragón (Fonte: Jiménez Pasalodos, 2012: 225). 231

Figura 170: Fotogrametria do pormenor da sobreposição do podomorfo do painel 2.....234
Figura 171: Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 34, à escala 1/25 000, com a localização da Fraga das Passadas.....237
Figura 172: Fraga das Passadas antes dos trabalhos de limpeza parcial. Aqui nota-se o anfiteatro que lhe fica a nordeste, norte e noroeste e parte do caminho atual, à direita.....237
Figura 173: Vista para este e sudeste.....238
Figura 174: Vista para sul e sudeste com o Alto de Santa Bárbara, em primeiro plano.....238
Figura 175: Fraga das Passadas antes dos trabalhos de limpeza. Do lado direito pode observar-se a parte do afloramento que foi caminho carreteiro.....239
Figura 176: Limpeza superficial, a seco, do painel 5 do afloramento.....240
Figura 177: Fraga das passadas. São visíveis os muitos musgos que cobrem os painéis mais a sul.....242
Figura 178: Distribuição dos painéis da Fraga das Passadas.....243
Figura 179: Aspeto geral do painel 1, após limpeza.....244
Figura 180: Outro aspeto geral do painel 1 após limpeza.....244
Figura 181: Pormenor de uma das mãos direitas, com braço delimitado por dois sulcos, na parte inferior do painel 1.....245
Figura 182: Levantamento fotogramétrico do painel 1.....245
Figura 183: Pormenor do par de podomorfos do painel 3.....246
Figura 184: Pormenor do par de podomorfos do painel 5.....247
Figura 185: Aspeto feral do painel 6, após a sua limpeza.....248
Figura 186: Par de podomorfos do painel 9 inscritos numa moldura e inscrições.....249
Figura 187: Pormenor do painel 8 onde se pode ver um par de podomorfos descalços e vários motivos de arte esquemática.....253
Figura 188: Podomorfos do painel 9 rodeados por uma "moldura", com uma inscrição associada.....254
Figura 189: Data gravada no painel 1.....254
Figura 190: Distribuição geral dos 34 afloramentos com podomorfos, sobre carta hipsométrica.....258
Figura 191: Vista sobre a Fraga das Passadas (Chaves), sendo percetível a sua implantação no início do alto do monte.....261
Figura 192: Penedo de S. Gonçalo (Felgueiras), implantado no fundo do vale.....261
Figura 193: Vista para o oceano, obtida a partir do Penedo de Santo André (Póvoa de Varzim). Este encontra-se implantado na plataforma litoral.....261
Figura 194: Vista para o vale do Ave, obtida a partir de S. Romão 4 (Guimarães) localizado no topo do respetivo monte.....261
Figura 195: Recursos minerais dos distritos de Viana do Castelo, Braga e Porto, com os afloramentos com podomorfos assinalados com triângulos verdes e as ocorrências de estanho/volfrâmio com círculos laranja (mapa realizado com auxílio da ferramenta de criação de mapas disponibilizada pelo LNEG/geoPortal).....264
Figura 196: Recursos minerais do distrito de Vila Real, com os afloramentos com podomorfos assinalados com triângulos verdes e as ocorrências de estanho/volfrâmio com círculos laranja (mapa realizado com auxílio da ferramenta de criação de mapas disponibilizada pelo LNEG/geoPortal).....265

Figura 197: Fraga das Passadas, Chaves. Laje rasa ao solo e pouco demarcada na paisagem.....267
Figura 198: Penedo de S. Gonçalo, Felgueiras. Afloramento sobrelevado em relação ao solo e impressivo na envolvente.....267
Figura 199: Senhor do Monte, Boticas. Aglomerado rochoso de grande impressividade.....267
Figura 200: S. Romão 11, Guimarães (Citânia de Briteiros). Afloramento que apesar de se sobrelevar em relação ao solo, não se demarca muito na envolvente.....267
Figura 201: Percentagem de podomorfos descalços, em relação à impressividade dos afloramentos em que estão gravados.....268
Figura 202: Percentagem de podomorfos calçados simples, em relação à impressividade dos afloramentos em que estão gravados.....268
Figura 203: Percentagem de podomorfos calçados com tacão, em relação à impressividade dos afloramentos em que se encontram gravados.....269
Figura 204: Dimensões dos afloramentos com podomorfos, em percentagem.....270
Figura 205: Painel 1 da rocha 3 do Outeiro do Tripe 1, Chaves, sendo visível a horizontalidade da superfície gravada. Os podomorfos encontram-se assinalados.....272
Figura 206: Penedo de S. Gonçalo, Felgueiras. A superfície gravada é aplanada no topo e bastante inclinada nas restantes áreas.....272
Figura 207: Penedo de Santa Eufémia, Terras do Bouro. A superfície gravada com podomorfos é, essencialmente, ligeiramente inclinada, porém, no topo, tem uma tendência mais horizontal. As zonas gravadas com podomorfos encontram-se assinaladas.....273
Figura 208: Penedo da Pegada, Marco de Canaveses. O podomorfo encontra-se assinalado, confirmando-se a sua gravação numa superfície muito inclinada.....273
Figura 209: Visibilidade a partir dos afloramentos com podomorfos.....274
Figura 210: Vista para sudeste, obtida a partir da Rocha 3 do Outeiro do Tripe 1, Chaves. Note-se, a ampla visibilidade existente.....274
Figura 211: Vista para nordeste, nitidamente circunscrita, conseguida a partir do Penedo da Pegadinha, Vieira do Minho. A visibilidade abre-se, no entanto, um pouco para su-sudeste.....274
Figura 212: Senhor do Monte, em Boticas (várias perspetivas).....274
Figura 213: Vista obtida do cimo do Senhor do Monte, para poente, onde é notório o domínio visual do entorno circundante, a vários quilómetros (Fonte:.....275
Figura 214: Dimensões dos podomorfos, em termos percentuais.....279
Figura 215: Percentagem de podomorfos descalços, em relação aos diferentes intervalos dimensionais.....279
Figura 216: Percentagem de podomorfos calçados simples, em relação aos diferentes intervalos dimensionais...280
Figura 217: Percentagem de podomorfos calçados com tacão, em relação aos diferentes intervalos dimensionais. 280
Figura 218: Percentagem de pés esquerdos e direitos.....282
Figura 219: Percentagem de podomorfos descalços, direitos e esquerdos.....282
Figura 220: Percentagem de podomorfos descalços, aos pares e isolados.....282
Figura 221: Percentagem de podomorfos calçados simples, direitos e esquerdos.....283

Figura 222: Percentagem de podomorfos calçados simples, aos pares e isolados.....283
Figura 223: Percentagem de podomorfos calçados com tacão, direitos e esquerdos.....283
Figura 224: Percentagem de podomorfos calçados com tacão, aos pares e isolados.....283
Figura 225: Orientações dos podomorfos.....285
Figura 226: Orientações dos podomorfos descalços.....286
Figura 227: Orientações dos podomorfos calçados.....287
Figura 228: Orientações dos podomorfos calçados, com tacão.....287
Figura 229: Percentagem de afloramentos com apenas 1 podomorfo ou 1 par de podomorfos, ou com múltiplos podomorfos.....289
Figura 230: Decalque das gravuras da Quinta do Paço, com o podomorfo assinalado (seg. Cardoso, 2015: 147, adaptado).....291
Figura 231: Fotogrametria da Breia 1, com o podomorfo assinalado.....292
Figura 232: Penedo de S. Gonçalo, Felgueira, com o motivo da arte atlântica assinalado.....292
Figura 233: Par de podomorfos do Fieiral 2, em Montalegre, em baixo, do lado esquerdo, ao lado de paletas. Mais acima existem motivos esquemáticos, nomeadamente antropomorfos (fot. Bettencourt, 2013a: 138, adaptada)..294
Figura 234: Parte do painel 1 da Fraga das Passadas, Chaves. Aí podem ver-se podomorfos e motivos em semicírculo, conhecidos popularmente como ferraduras, típicos da arte esquemática.....295
Figura 235: Fotogrametria de parte do painel 2, da rocha 3, do Tripe 1, onde se pode ver uma cruz sobreposta ao podomorfo.....296
Figura 236: Fotogrametria do painel 1 da Fraga das Passadas, onde além de motivos da arte esquemática, se pode observar uma cruz grega, à esquerda, e uma cruz latina com peanha, á direita.....296
Figura 237: Fotogrametria de Regueiras 1.....297
Figura 238: Sandálias de calcário de Alapraia 2 (Jalhay e Paço, 1941: Fig. 20).....298
Figura 239: Sandálias de Alapraia 2 (Segundo sítio da internet da Camara Municipal de Cascais: www.cascais.pt/ galeria-de-imagens/ sandalias-de-alapraia).....298
Figura 240: Estela de Gomes Aires (Guardamino, 2010).....298
Figura 241: Estela alentejana do Ervidel I (Aljustrel) (Gomes e Monteiro, 1976-1977).....298
Figura 242: Estelas reutilizadas da necrópole do Ferro Inicial do Pardieiro (Vilhena, s/ d).....299
Figura 243: Mapa de distribuição dos podomorfos, segundo Ribeiro *et al.* (2010b: 202) - adaptado.....300
Figura 244: Mapa de distribuição dos podomorfos, segundo Abreu (2012a: 413) - adaptado.....300
Figura 245: Mapa descriminando os podomorfos associados à arte esquemática (a verde), à arte atlântica (a azul) e isolados ou com outros imagéticas proto-históricas (a preto).....301
Figura 246: Mulher carregadora, descalça, de Portugal do séc. XX (Foto: Farias, 2012).....302
Figura 247: Podomorfo de dimensões extraordinárias, em primeiro plano, do painel 6 da Fraga das Passadas, Chaves. 306
Figura 248: Par de podomorfos de dimensões extraordinárias do painel 5 da Fraga das Passadas, Chaves.....306

ÍNDICE DE TABELA

Tabela 1: Caraterísticas gerais dos podomorfos da Pegada da Senhora 66
Tabela 2: Caraterísticas gerais dos podomorfos do Penedo de Santa Eufémia 94
Tabela 3: Caraterísticas gerais dos podomorfos do Penedo da Pegadinha 102
Tabela 4: Caraterísticas gerais dos podomorfos do Outeiro do Tripe 1: Rocha 3, Painel 1 205
Tabela 5: Caraterísticas gerais dos podomorfos do Outeiro do Tripe 1: Rocha 3, Painel 2 205
Tabela 6: Caraterísticas gerais dos podomorfos do Penedo de S. Gonçalo 232
Tabela 7: Caraterísticas gerais dos podomorfos da Fraga das Passadas 250
Tabela 8: Localização topográfica de afloramentos com podomorfos 260
Tabela 9: Recursos mineiros metálicos *vs* afloramentos com podomorfos 263
Tabela 10: Tipos de afloramentos gravados consoante a sua forma 266
Tabela 11: Tipos de podomorfos em afloramentos gravados, consoante a sua impressividade na paisagem 269
Tabela 12: Tipos de podomorfos distribuídos pelos diferentes grupos dimensionais dos afloramentos gravados ... 271
Tabela 13: Superfícies gravadas 272
Tabela 14: Podomorfos por grupos 276
Tabela 15: Subgrupos de podomorfos calçados 276
Tabela 16: Tipologias dos podomorfos 277
Tabela 17: Dimensões dos podomorfos por intervalos 278
Tabela 18: Número de podomorfos pertencentes a cada tipologia, distribuídos pelos diferentes intervalos dimensionais 281
Tabela 19: Podomorfos – pés direitos e pés esquerdos; pares e isolados 284
Tabela 20: Orientações dos podomorfos 284
Tabela 21: Orientações dos podomorfos descalços 285
Tabela 22: Orientações dos podomorfos calçados, com sola simples 286
Tabela 23: Orientações dos podomorfos calçados, com tacão 287
Tabela 24: Distribuição dos podomorfos pelos afloramentos: singularidade ou multiplicidade dos motivos 288
Tabela 25: Multiplicidade dos podomorfos 288
Tabela 26: Aspetos técnicos dos podomorfos 289
Tabela 27: Podomorfos correspondentes a indivíduos até 14/15 anos de idade 304
Tabela 28: Podomorfos correspondentes a indivíduos de idade superior a 14/15 anos 306
Tabela 29: Podomorfos de dimensões extraordinárias 307
Tabela 30: Comparação entre as orientações dos podomorfos 308

PARTE I. CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS

1. Introdução

A presente dissertação visa a aquisição do grau de Mestre em Arqueologia, atribuído pelo Departamento de História, do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho.

Visto a investigação ser um processo premeditado e intencional, é necessário, antes de mais, existir um tema ou objeto de estudo. Esta pesquisa centra-se num motivo bem específico da arte rupestre, o podomorfo, ou seja, a gravura em forma de pé humano, em afloramentos ao ar livre.

A área geográfica abarcada é o Noroeste de Portugal, nomeadamente o território entre o rio Douro, a sul, o rio Minho, a norte, o rio Tâmega, a este, e o oceano Atlântico, a oeste.

Em Portugal os podomorfos são dos motivos da arte rupestre menos estudados. Há por isso uma necessidade de melhor conhecer estas gravuras. Qual a sua cronologia? Qual o seu significado ou simbolismo, ao longo dos tempos? São questões, entre outras, às quais poucas hipóteses interpretativas existem para o território em análise.

Este trabalho encontra-se dividido em 5 partes, por sua vez subdivididas em vários capítulos.

A Parte I, intitulada *Considerações Introdutórias*, encontra-se dividida em 3 capítulos, sendo o primeiro o atual, onde é realizada uma pequena introdução ao tema e é descrita a organização interna desta dissertação. O segundo capítulo refere-se ao Estado da Arte acerca do podomorfos e o terceiro expõe os objetivos desta investigação.

A Parte II, designada *Quadro Teórico e Praxis*, contém um único capítulo, debruçado sobre o quadro teórico e a *praxis* que nortearam este trabalho.

A Parte III, nomeada *Espaço de Trabalho*, centra-se no espaço de trabalho, sendo o primeiro capítulo referente à caraterização física do Noroeste, e, o segundo à caraterização ambiental dessa mesma região.

Já no que diz respeito à Parte IV, que chamámos de *Podomorfos na Fachada Ocidental do Noroeste Português: Os Dados*, esta divide-se em 3 capítulos, relacionados com os dados obtidos para os podomorfos do Noroeste português. No primeiro capítulo é realizada uma pequena introdução a esta parte, no segundo expõem-se o inventário de podomorfos do Noroeste e, no terceiro, aprofundam-se dois casos de estudo: o penedo de S. Gonçalo e o da Fraga das Passadas por serem os que contêm maior número de podomorfos, situação rara.

Por fim, a Parte V, titulada *Discussão dos Dados e Interpretações*, é dividida em 3

capítulos. No primeiro faz-se a discussão dos dados, no segundo, equacionam-se as hipóteses interpretativas e no terceiro, realizam-se as considerações finais.

Este trabalho termina com a descriminação das referências bibliográficas e webgráficas, usadas durante a sua redação.

2. Quadro dos conhecimentos dos petróglifos podomorfos.

2.1. Introdução

Este capítulo procura sistematizar os conhecimentos existentes acerca dos podomorfos, de forma a ser criada uma base teórica sustentável, que permita uma análise de longo espetro sobre os podomorfos do Noroeste. Encontra-se dividido em seis partes.

Após realizada a introdução do mesmo, são abordados os aspetos formais e tipológicos dos podomorfos, seguidos dos aspetos técnicos. Num quarto ponto analisa-se a distribuição geográfica, os contextos físicos, as superfícies e a distribuição topográfica dos podomorfos. O quinto ponto centra-se no que os diferentes autores consultados dizem sobre as cronologias destes motivos. Por último, expõem-se as interpretações até então conhecidas.

Segundo Mário Varela Gomes, podomorfos são:

> Imagens de pegadas humanas, descalças ou calçadas, em contorno ou escavadas, figuradas através de linhas filiformes, sucessões de picotados ou abradidas, mas igualmente insculpidas ou em falso relevo. Podem surgir isoladas, formando pares, por vezes unidos por linhas, ou em grupos que simulam rastos ou, ainda, dispersas. (Gomes, 2010: 233)

Este autor insere, ainda, os petróglifos podomorfos no grupo dos pictogramas, visto serem "inequivocamente parte bem reconhecível do corpo humano" (Gomes, 2010: 233), acarretando em si uma ligação a "manifestações de carater sócio-religioso" (Gomes, 2010: 233) e a tradições, sendo associados à presença divina, como marca física desta (Gomes, 2010: 233).

Os podomorfos correspondem a um dos motivos que mais comummente foi gravado e pintado pelo mundo (Gomes, 2010: 233; Abreu, 2012a: 402), tendo sido realizado desde a Pré-história até aos dias de hoje (Gomes, 2010: 233).

2.2. Aspetos formais e tipológicos

Similarmente ao que acontece no resto da europa, no nosso país distinguem-se dois principais tipos de podomorfos, os calçados e os descalços (Gomes, 2010: 237; Abreu, 2012a: 402), sendo que, nestes últimos, podem estar, possivelmente, representadas sandálias, botas ou sapatos (Cardoso, 2015: 259). Uma das características mais relevantes nos podomorfos calçados são as chamadas solas, que por vezes se apresentam decoradas (Abreu, 2012a: 403). Mesmo que a maioria dos podomorfos tenham um contorno picotado, existem vários com a sola completamente preenchida, invariavelmente gravados mais fundo e normalmente isolados de outras gravuras (Abreu, 2012a: 406). Várias vezes a representação do calcanhar é feita através de duas linhas e a representação da sola é feita através de pontos e outras decorações (Abreu, 2012a: 403).

As gravuras dos podomorfos descalços onde são representados os dedos não são muito comuns, o que leva a crer que a maioria são representações de pés calçados (Abreu, 2012a: 403).

Interpretando as palavras de Maria Emília Abreu (2012a: 408), é necessário ter em atenção que algumas gravuras de forma retangular ou oval, que estão gravadas em profundidade na rocha, dificilmente serão podomorfos, visto serem tão esquemáticas e afastadas da imagem real do pé.

A primeira sistematização de podomorfos em território nacional foi realizada por Mário Varela Gomes e Jorge Pinho Monteiro, nos anos setenta, com base no estudo das gravuras da Alagoa, concelho de Tondela, distrito de Viseu.

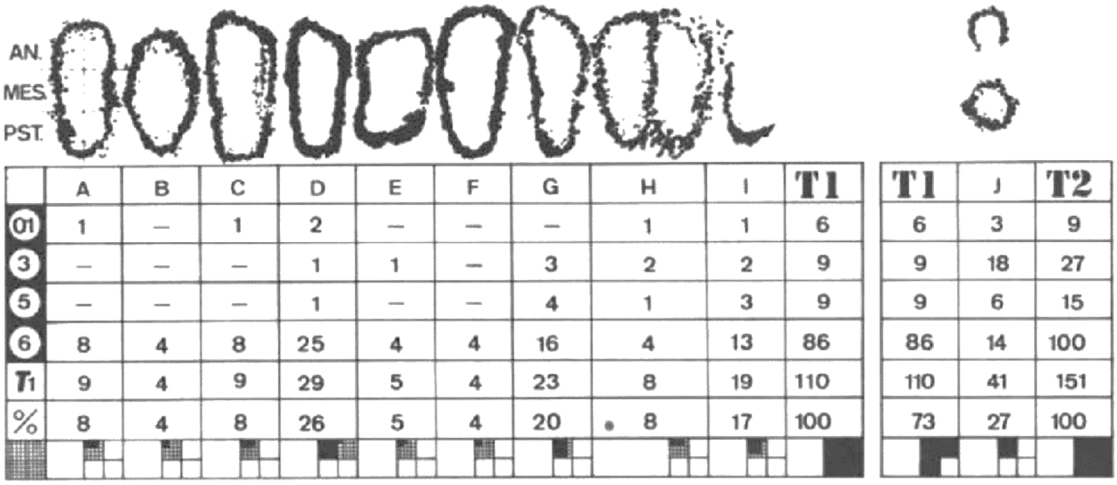
Em Alagoa, M. V. Gomes e J. P. Monteiro (1974-1977: 149, 154) assinalam a existência de oito rochas, profusamente decoradas, com mais de cem podomorfos, exibidos apenas através do seu contorno, que se associavam a ferraduras, círculos e covinhas e, em vários casos, se encontravam sobrepostos, geralmente por três ou quatro motivos. Algumas pegadas apresentam os seus contornos definidos por uma linha de negativos finos e pouco profundos. Tal verificou-se "em algumas formas cuidadosamente gravadas" (Gomes e Monteiro, 1974-1977: 154) e nos motivos que não foram terminados (Gomes e Monteiro, 1974-1977: 154). Com base nestes dados estes autores consideraram que teria sido feito, primeiramente, um esboço das gravuras na rocha, para só depois estas serem aprofundadas e definidas, recorrendo-se á picotagem e abrasão (Gomes e Monteiro, 1974-1977: 154).

Após ter sido feita uma análise morfológica das gravuras de quatro rochas da estação arqueológica da Alagoa, estas foram catalogadas em sete grupos diferentes, consoante as suas características formais, individualizadas por letras (Gomes e Monteiro, 1974-1977: 154). Tratam-se dos grupos A, B, C, D, E, F, G e J. Para melhor compreensão da tabela que foi criada no contexto dessa catalogação, passa-se a citar os autores quanto aos critérios que lhe estiveram na base:

> Para a orientação das formas escolhemos o critério do eixo de simetria, colocado na vertical, estando a pegada com o calcanhar para baixo. O comprimento total absoluto (h) foi medido sobre este eixo, cuja divisão em três partes iguais determina, uma vez transposta sobre o eixo de simetria, dois pontos por onde se fizeram passar, perpendicularmente, dois eixos de largura (l1 e l2) os quais, ao cortar o contorno das figuras, segmentaram as formas em três zonas descritivas: zona anterior, zona mesial e zona posterior (cf. fig.5: forma-tipo A). As relações de simetria e dos calcanhares constituem os traços distintivos utilizados na definição deste catálogo de formas. (Gomes e Monteiro, 1974-1977: 155)

Posto isto, o **grupo A** do catálogo é constituído por pegadas simétricas oblongas, com as três zonas simétricas e os bordos mesiais paralelos. O **grupo B** é formado por podomorfos simétricos, de tipo circular, com as três zonas simétricas e os bordos mesiais convexos ou em arco de círculo. O **grupo C** distingue-se por gravuras com a zona anterior assimétrica, sendo as duas restantes simétricas e obedecendo á seguinte fórmula: $l1=l2$ ou $l1-l2$ <0,5 cm². Aqui os autores registaram duas variantes morfológicas, sendo que uma é caracterizada por calcanhares de base larga e retilínea, com a zona posterior subquadrangular, e outra por calcanhares de base convexa, com a zona posterior semicircular ou semielíptica. O **grupo D** é constituído por pegadas com a zona anterior assimétrica e as duas restantes simétricas, sendo $l1> l2$ ou $l1-l2>$ 0,5 cm². Este grupo corresponde a uma tendência das formas para se tornarem mais estreitas no seu terço inferior, tendo-se, também, registado duas variantes morfológicas. Uma caracterizada por pegadas com bordos internos e externos das zonas mesial e posterior retilíneos e ligeiramente inclinados para o interior, associando.se, normalmente, a zonas posteriores subquadrangulares e com calcanhares da base larga e retilínea, e outra caracterizada por gravuras com o bordo externo das zonas mesial e posterior, denotando uma tendência a tornarem.se convexas, enquanto o bordo interno se mantém retilíneo. Estas associam-se, normalmente, a zonas posteriores semicirculares ou semielípticas com calcanhares de base convexa. O **grupo E**, por sua vez, é compreendido por

podomorfos com as zonas posterior e anterior assimétricas, sendo a mesial simétrica e *l1=l2* ou *l1-l2* <0,5 cm². Já o **grupo F** é composto por pegadas com as zonas posterior e anterior assimétricas, sendo a mesial simétrica e *l1> l2* ou *l1-l2*> 0,5 cm², o que corresponde á tendência das formas para se tornarem mais estreitas no seu terço inferior. O **grupo G** compõe-se por gravuras com as três zonas assimétricas. O **grupo H** compreende os pares de podomorfos e, por fim, o **grupo J** corresponde às figuras incompletas e, inclusive, a motivos distintos dos podomorfos (Fig. 1) (Gomes e Monteiro, 1974-1977: 155-156; Gomes, 2010).



	A	B	C	D	E	F	G	H	I	T1	T1	J	T2
01	1	–	1	2	–	–	–	1	1	6	6	3	9
3	–	–	–	1	1	–	3	2	2	9	9	18	27
5	–	–	–	1	–	–	4	1	3	9	9	6	15
6	8	4	8	25	4	4	16	4	13	86	86	14	100
T1	9	4	9	29	5	4	23	8	19	110	110	41	151
%	8	4	8	26	5	4	20	8	17	100	73	27	100

Figura 1: Catálogo das formas das pegadas humanas da Alagoa e distribuição dos grupos morfológicos de M. V. Gomes e J. P. Monteiro (1974-1977) (Fonte: Gomes e Monteiro 1974 -1977: 155).

Outro investigador que trabalhou este assunto foi J. Molina García (1989-1990). Este, com base em estudos realizados no complexo rochoso do Arabilejo, situado no município espanhol de Yecla, província e comunidade autónoma de Múrcia, divide os podomorfos em cinco tipos distintos, a partir da técnica empregue na execução dos podomorfos, embora não apresente graficamente estes cinco tipos (García, 1989-1990: 64-65).

O **primeiro tipo** caracteriza-se por formas mais alongadas, mais ou menos profundas, sendo este o género mais frequente. No **segundo tipo** a sola apresenta-se picotada, com pouca profundidade. O autor refere que estes podomorfos são frequentes em Valcamónica, em Itália. O **terceiro tipo** aparece novamente associado a Valcamónica, sendo característico deste, o contorno do podomorfo realizado por picotado. Já no **quarto tipo** enquadram-se os podomorfos realizados em alto-relevo. Por último, temos o que o autor classifica como sendo o **quinto tipos** de podomorfos, caracterizando-os por serem elípticos ou retangulares, com os ângulos sem corte. O quarto e quinto modelos mencionados, são pouco frequentes (Molina García, 1989-1990: 65).

Dois outros investigadores a debruçarem-se sobre este assunto foram M. Santos Estévez (2000: 7) e M. García Quintela (2000: 6), que definem alguns critérios mínimos, de natureza formal, para considerar uma gravura como sendo um podomorfo. Estes critérios mínimos são: largura cada vez mais acentuada desde a parte anterior do pé até á frente do mesmo; parte da frente do pé reta ou ligeiramente arqueada, sendo o calcanhar curvo; zona frontal obliqua em relação ao eixo longitudinal da planta do pé, apresentando assim o tamanho decrescente dos dedos; dimensões de um pé de adulto normal associado à possibilidade de assumir uma postura ereta (García Quintela e Santos Estévez, 2000: 7; Santos Estévez e García Quintela, 2000:7-8). A presença de dedos é também um critério levado em conta para se considerar uma gravura como sendo um podomorfo (García Quintela e Santos Estévez, 2000: 7).

Mais recentemente foi elaborado um novo quadro tipológico, com base no estudo sobre podomorfos que foi realizado nos vales dos rios Ceira e Alva (bacia hidrográfica do rio Mondego), onde foram inventariadas mais de 700 lajes que continham este tipo de motivos (Ribeiro *et. al.*, 2010b). Com base nesta síntese os autores realizaram um quadro tipológico (Fig. 2), que acreditam poder ser aplicado a outras áreas do país (Ribeiro *et. al.*, 2010b: 201).



Figura 2: Quadro tipológico de podomorfos para a bacia do rio Mondego (Fonte: Ribeiro *et. al.*, 2010b: 201).

Nesta tabela tipológica os autores definem oito grupos diferenciados, baseando-se na forma e decoração dos motivos, sendo que os três primeiros grupos estão subdivididos em outros dois (Ribeiro *et. al.,* 2010b: 201).

O **primeiro grupo** corresponde aos podomorfos descalços, subdividindo-se este em motivos com decoração interior e sem decoração. A caraterística mais proeminente deste grupo é a representação dos dedos. O **segundo grupo** é caraterizado pelos podomorfos martelados, existindo dois subgrupos, o dos podomorfos sem sola e com sola. A decoração "martelada" no interior destes motivos apresenta-se como particularidade mais relevante deste grupo. O **terceiro grupo** compreende os petróglifos podomorfos sem decoração, existindo dentro deste os sem sola e os com sola. O **quarto grupo** tipológico é composto pelas sandálias. Por sua vez o **quinto**

grupo é caraterizado pela existência de um fossete, enquanto o **sexto grupo** pela presença de dois fossetes e sola. Já o **sétimo grupo** tem o apêndice como particularidade mais relevante. Por fim, o **oitavo grupo** é representado pelos podomorfos com decoração interior e espinha (Ribeiro *et. al.*, 2010: 201).

Os podomorfos podem aparecer sobre a forma representativa de um par de pés, assim como apenas de um único pé. No primeiro caso, podem então aparecer aos pares (lado a lado e na mesma direção), ou próximos uns dos outros, mas em direções opostas (Abreu, 2012a: 404).

As dimensões dos podomorfos também podem ser muito variadas. Há podomorfos de pequenas dimensões (Ribeiro *et. al.*, 2010: 208), de muito pequena dimensão, assim como bastante grandes (Gomes, 2010: 247).

Outro aspeto a considerar é o dos modelos dos podomorfos. Para M. V. Gomes e J. P. Monteiro (1974-1977: 162) o facto de, pelo menos, alguns dos podomorfos do local da Alagoa, em Tondela, terem sido alvo primeiramente de um esboço na rocha, associados ao grande volume de diferenças morfológicas e dimensionais que existem, pode significar que estes motivos tiveram como modelo o próprio pé humano, descalço ou calçado.

M. V. Gomes, na sequência do estudo que levou a cabo acerca dos podomorfos do vale do Tejo, identificou 66 podomorfos, dos quais 62% figuram pés esquerdos, o que para o autor pode relacionar-se com um "procedimento de caráter ritual" ou prender-se, apenas, com o facto de que para um indivíduo destro é mais fácil realizar o contorno do seu pé esquerdo (Gomes, 2010: 139, 239). A este propósito M. S. Abreu refere que não sabe se os podomorfos são uma representação direta dos pés de um indivíduo em específico. Seria difícil, problemático e relativamente perigoso, alguém tentar gravar os próprios pés ou, até mesmo, deixar que outro indivíduo realizasse a gravação, pelo que existe a possibilidade de as gravuras terem sido executadas sem um modelo *in situ* (Abreu, 2012a: 404).

Na Galiza, também o pé esquerdo é mais representado do que o direito, existindo, no entanto, algumas representações de pares de podomorfos, mesmo sendo estas raras. Em todos estes casos um dos pés é representado descalço. Na Meseta espanhola, apenas em La Peña de Santa Maria aparece uma representação de um par de podomorfos, neste caso, ambos descalços (García Quintela e Santos Estévez, 2000: 15; Santos Estévez e García Quintela, 2000: 12-13).

No Monte de São Romão, em Guimarães, todos os podomorfos são individuais, sendo que dois representam um pé esquerdo e um, um pé direito, embora na bacia do Ave ocorra um par de podomorfos, na Quinta dos Laranjais, Monte de Coto de Sabroso, freguesia de Sande S.

Lourenço, concelho de Guimarães e distrito de Braga, não havendo alusão ao facto de serem calçados ou não (Cardoso, 2015: 135-136, 142-143, 146, 151).

Na Galiza os podomorfos assumem orientações um pouco distintas, mas voltadas, geralmente, para um cume impressivo relativamente distanciado (García, 1989-1990: 66). No entanto, em alguns casos, parecem orientar-se segundo os pontos cardiais (García Quintela e Santos Estévez, 2000: 15).

2.3. Aspetos técnicos

Este motivo tanto pode aparecer gravado ou pintado, em superfícies diversas, embora em Portugal a maioria esteja gravada na rocha (Abreu, 2012a). Encontram-se gravados tanto no xisto como no granito, sendo, no entanto, mais comum a gravação no granito (Abreu, 2012a: 403).

Quanto às técnicas utilizadas na sua realização, estas são geralmente a picotagem seguida de abrasão (Gomes e Monteiro, 1974-1977: 154; Abreu, 2012a: 403). A picotagem seria realizada, geralmente, recorrendo a um seixo rolado do rio.

Os podomorfos podem, ainda, ter sido escavados em profundidade ou definidos apenas por sulcos delimitadores do seu contorno (Cardoso, 2015: 220).

Na parte superior de Guermessa, aldeia Berbere localizada no sudeste da Tunísia, têm vindo a ser estudadas várias gravuras de podomorfos calçados, mais especificamente com sandálias (Ben Nasr, 2015: 7). Segundo Jaâfar Ben Nasr (2015: 7) foram várias as técnicas empregues na realização destes motivos: através de um contorno finamente inciso ou um pouco espesso, com traço regular e sem presença de patina, tendo sido estas gravuras consideradas as mais recentes; através de contornos martelados ou através de contornos grosseiramente picotados e sem polimento.

2.4. Distribuição geográfica, contextos físicos, superfícies e distribuição topográfica dos podomorfos

2.4.1. Distribuição geográfica

M. G. Quintela e M. Santos Estévez (2000: 11), afirmam que os podomorfos, na Galiza, se localizam no setor sudoeste, frisando, no entanto, que tal se deve ao facto desta região ser

"donde se há producido una dinâmica de estúdio favorable". Os podomorfos, nesta região espanhola, nunca se encontram em mais de um afloramento da mesma estação arqueológica ou, até mesmo, da mesma unidade de relevo (García Quintela e Santos Estévez, 2000: 12).

F. Coimbra (2004: 60) refere, que à macro-escala de análise, os podomorfos, em Portugal, aparecem essencialmente a norte do rio Tejo, aparecendo com muito menos frequência e, até com alguma raridade, a sul do mesmo rio o que poderá explicar-se, em parte, pelos poucos trabalhos de estudo e prospeção focados neste tipo de motivos.

O centro de Portugal, em especial o concelho de Tondela, localizado no distrito de Viseu, e a zona da Serra da Estrela, é a região onde mais podomorfos foram identificados, existindo muitos afloramentos gravados, com dezenas destes motivos (Gomes e Monteiro, 1974-1977). M. S. Abreu (2012a: 405-406), referência, também, o Norte de Portugal, onde, segundo a mesma, "important examples can be found", e o vale do rio Tejo. Segundo a mesma, no sul do país, os petróglifos podomorfos são bastante mais raros (Abreu, 2012a: 408). Mais uma vez, tal facto deve-se, certamente, aos poucos trabalhos de prospeção, centrados nesta região.

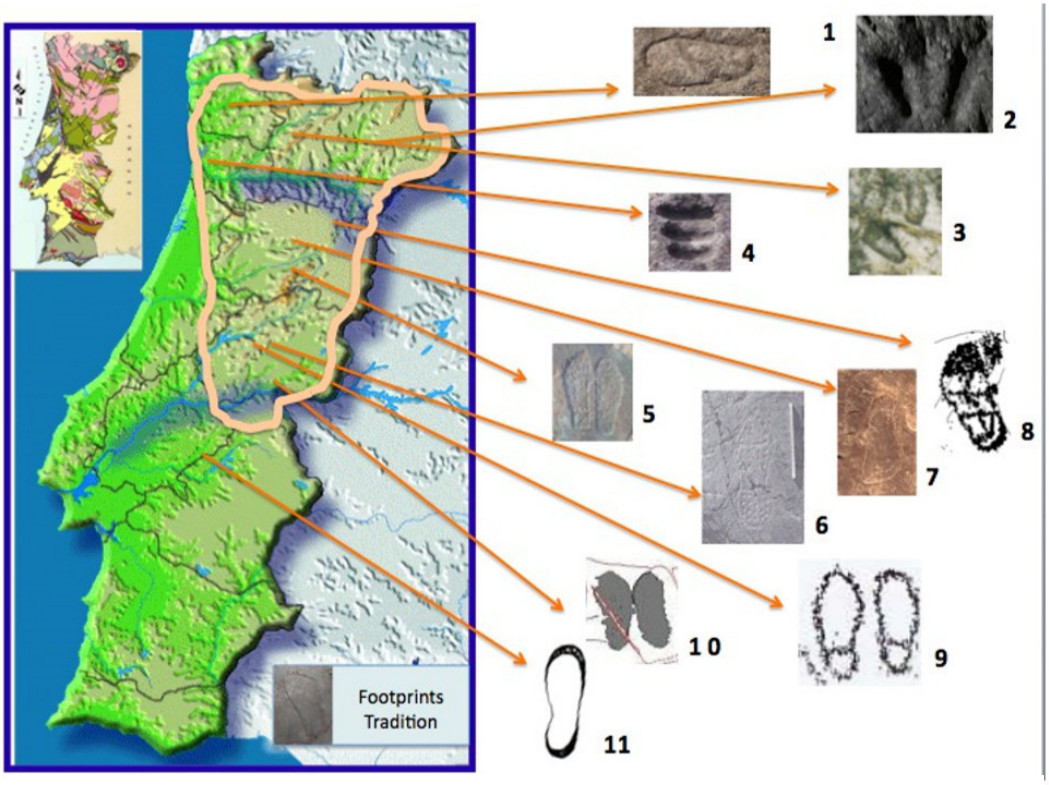


Figura 3: Mapa genérico de distribuição dos podomorfos (individuais e pares) em Portugal continental (Fonte: Abreu, 2012a: 413). 1- Braga, Guimarães, Castro Sabroso; 2- Bragança, Macedo de Cavaleiros, Santa Combinha, Fraga da Pegada; 3- Vila de Real, Valpaços, Fraga das Passadas; 4- Porto, Penafiel, Luzim, "Pegadinhas de S. Gonçalo"; 5- Coimbra, Seia, Vide, Fontes do Cide; 6- Coimbra, Pampilhosa da Serra, Vale do Gato, Malhada do Rei; 7- Viseu, Tondela, Alagoa; 8- Douro, Guarda, Vila Nova de Foz Côa, Vale da Casa; 9- Coimbra, Pampilhosa da Serra, Vale do Gato, Malhada do Rei; 10- Castelo Branco, Oleiros, Sesmarias; 11- Évora, Reguengos de Monsaraz, Peroliva.

2.4.2. Contextos físicos, superfícies e distribuição topográfica dos podomorfos

Com base nos sítios que foram estudados para a Galiza por M. García Quintela e M. Santos Estévez (2000: 12-15), foi possível extrair alguns dados analíticos, em relação aos contextos físicos e às superfícies onde foram gravados os podomorfos, assim como, à sua localização topográfica nos afloramentos.

Em primeiro lugar estes autores referem que, em termos gerais, existem dois contextos físicos distintos onde se gravaram podomorfos: os que se encontram em locais pouco destacados na paisagem, que associam à Idade do Bronze, e os que mais se destacam na paisagem, que associam à Idade do Ferro embora ambos se localizem em locais elevados respetivamente ao vale e em rochas a partir das quais se tem uma boa visibilidade para o meio circundante (García Quintela e Santos Estévez, 2000: 12-15).

Para a Idade do Ferro e para um sítio da Idade do Bronze, Monteferro, localizado entre as rias de Vigo e Baiona, na região da Galiza, em Espanha, as rochas que servem de superfície aos podomorfos, encontram-se salientes em relação á envolvente, localizando-se os mesmos, essencialmente, na superfície mais elevada e horizontal das mesmas (García Quintela e Santos Estévez, 2000: 8, 12-15). Estes motivos podem localizar-se, ainda, em afloramentos com pias, alteradas pela gravação de canais de drenagem, ou com covinhas hemicilíndricas (SANTOS Estévez e García Quintela, 2000a: 13-14). Quanto às dimensões das superfícies onde se encontram gravados os podomorfos, estas podem ser variadas García Quintela e Santos Estévez, 2000: 13).

Já em relação à Meseta ocidental conclui-se que, à semelhança da Galiza, os podomorfos localizam-se em rochas a partir das quais se tem uma larga visibilidade para o meio envolvente e em locais elevados em relação ao vale (Santos Estévez e García Quintela, 2000: 12). Mas, se na Galiza a rocha que serve de superfície está elevada em relação á envolvente e os podomorfos se situam na zona mais horizontal e alta da mesma, no ocidente castelhano apenas um sítio cumpre estes requisitos - La Peña de Santa Maria, localizado em Iruelos del Mesón Nuevo, Salamanca, sendo que para os outros sítios os investigadores que os estudaram, Benito del Rey e Ramón Grande del Brio (2000), não mencionam qual a visibilidade que se tem a partir dos podomorfos. Acerca destes, apenas referem que assumem uma posição vertical e que têm pequenas dimensões. Também na Meseta espanhola os podomorfos se relacionam, frequentemente, com

pias onde se gravaram canais de drenagem e covinhas hemicilíndricas (Santos Estévez e García Quintela, 2000: 13).

Os podomorfos, em Portugal, foram maioritariamente gravados em superfícies horizontais ou com pouca inclinação (Abreu, 2012a: 404).

Na Galiza, verifica-se que nunca aparece mais do que uma rocha com vestígios de pegadas na mesma estação ou inclusive na mesma unidade de relevo (Santos Estévez e García Quintela, 2000: 12).

2.5. Aspetos cronológicos

Este tipo de motivos é difícil de datar não existindo, por vezes, consensualidade na opinião dos vários investigadores.

M. V. Gomes e J. P. Monteiro dizem encontrar grandes semelhanças formais entre os podomorfos de Mont Bego, nos Alpes franceses, de Valcamónica, nos Alpes italianos, e da Escandinávia, com os da Alagoa, em Tondela, motivo pelo qual lhes atribuem uma datação entre a Idade do Bronze e a Idade do Ferro (Gomes e Monteiro, 1974-1977: 160). Ressaltam, no entanto, que apesar desta semelhança, não se pode afirmar claramente que houve algum tipo de relação cultural entre as comunidades que habitaram estes diferentes lugares, tendo sim, possivelmente, existido um "modelo conceptual que conduziu em vários locais á produção de fases artísticas formalmente semelhantes, provavelmente durante episódios edeológicos comuns" (Gomes e Monteiro, 1974-1977: 160). Estes dois autores consideram, ainda, que apesar dos podomorfos terem a sua génese na última fase da Idade do Bronze Final, inícios da Idade do Ferro, prevaleceram e adaptam-se em época Romana, tal como mostram algumas lápides votivas da Itálica romana (Gomes e Monteiro, 1974-1977: 162). Segundo eles, estas lápides, gravadas com podomorfos, estão datadas dos séculos II-III d.C. (Gomes e Monteiro, 1974-1977: 162).

Também J. Molina García (1989-1990) adota uma cronologia inicial para este fenómeno, ou seja, entre o Bronze Final e os inícios da Idade do Ferro, tendo, no entanto, a sua execução permanecido até épocas mais recentes (Molina García, 1989-1990).

Marco García Quintela e Manuel Santos Estévez (2000: 6) realçam que algumas das dificuldades com que nos defrontamos ao realizar um estudo sobre o fenómeno podomórfico passam pela aparente descontextualização das gravuras e pela falta de cronologias consensuais. No entanto, similarmente a outros autores, colocam estes motivos entre os inícios do II milénio

a.C. e o fim da Idade do Ferro, ressaltando também que, possivelmente, subsistiu a sua execução em épocas posteriores (García Quintela e Santos Estévez, 2000: 6). A este propósito defendem que os podomorfos pertencentes á Idade do Bronze serão os que compartilham o mesmo painel com motivos da referida época (como por exemplo os motivos circulares) e que se localizam em sítios mais discretos. Já os podomorfos da Idade do Ferro seriam os que compartilham o mesmo painel ou estação arqueológica com motivos da mesma época (como por exemplo os serpentiformes, as cruzes ou as ferraduras), que aparecem associados a castros e que se localizam em locais mais destacados na paisagem (García Quintela e Santos Estévez, 2000: 7; Santos Estévez e García Quintela, 2000: 12-13). Estes autores propõem, também, como metodologia de datação, a associação destas gravuras a "elementos arqueológicos", como castros, ou a sua associação a rochas gravadas que, sem estarem próximas dos podomorfos, detêm uma certa relação com estes, na medida em que se encontram em locais que são visíveis a partir dos mesmos (García Quintela e Santos Estévez, 2000: 7; Santos Estévez e García Quintela, 2000: 12-13). Tal metodologia implica, necessariamente, a utilização de métodos da arqueologia espacial.

Para F. Coimbra (2004) a antiguidade dos podomorfos é certamente grande, tendo a sua execução, em termos da Europa ocidental, começado pelo menos durante o megalitismo, como é exemplo o túmulo de Petit Mont Arzon, em França datado do IV milénio a.C. Defende, no entanto, que para Portugal a datação destas gravuras deve ir desde a Idade do Bronze á Idade do Ferro, embora também admita que tenham prevalecido, ainda, em época Romana (Coimbra, 2004: 61).

Para a arte do vale do Tejo, a datação avançada para os podomorfos, situa-se, também, entre a Idade do Bronze Final e os inícios da Idade do Ferro (Gomes, 2010: 242). Este autor, inúmera uma série de locais, um pouco por toda a Europa, onde os podomorfos são igualmente datados como sendo da proto-história (Gomes, 2010: 242, 244, 246).

Para E. Abreu (2012a: 412) a grande maioria dos podomorfos que se conhecem em Portugal parecem ter sido realizados durante a Idade do Ferro ou talvez até mais tarde.

D. Cardoso (2015: 221, 260), em estudo realizado para a bacia do Ave, defende que a génese deste tipo de gravuras deverá compreender-se entre a Idade do Bronze Final e os inícios da Idade do Ferro, tendo, no entanto, a sua execução permanecido até épocas mais recentes. Apesar dos podomorfos se inserirem na Arte "Esquemática" e na Arte Atlântica, embora escassas vezes, ocupam, normalmente, posições secundárias, no seio das composições originais, pelo que são entendidos como resultantes de fenómenos de adição ou de revisitação dos antigos locais,

sendo, eventualmente, portadores de novas significações atribuídas às gravuras anteriores. Assim, teriam sido gravados mais tarde, mas indicariam que o local se manteve ativo simbolicamente, na longa diacronia (Cardoso, 2015: 221, 236, 256). Esta autora também chama a atenção para o facto de estes motivos aparecerem, recorrentemente, de forma isolada, mais um indício de que o fenómeno podomórfico pode corresponder a um momento tardio da Arte Atlântica ou da Arte "Esquemática", ou seja, aos finais do II milénio a.C. e ao I milénio a.C., onde "novas lógicas protagonizadas por mudanças ideológicas, políticas e socioeconómicas" começavam a vigorar (Cardoso, 2015: 237 e 256). D. Cardoso (2015: 285). deteta um fenómeno curioso no Monte de S. Romão, em Guimarães, onde um afloramento gravado com um podomorfo foi cortado durante o Ferro Recente ou a romanização do Castro de Briteiros, o que indicia que após um destes períodos aquela iconografia e o seu significado deixaram de ter importância no local. Assim é provável que, em cada contexto cultural, os podomorfos possam ter um tempo de uso distinto.

2.6. Interpretações

2.6.1. Interpretações de cariz científico

A primeira interpretação científica que conhecemos para os podomorfos no território português foi a de M. V. Gomes e J. P. Monteiro (1974-1977: 162) que interpretam os petróglifos podomorfos como uma "manifestação simbólica da presença ou da passagem de determinados personagens". Nesse sentido, a constatação da sobreposição destes motivos, na mesma rocha, poderá significar a existência de um ritual que se praticaria sobre estas, por diversas vezes (Gomes e Monteiro, 1974-1977: 162). Neste sentido poderiam interpretar-se, também, as lápides votivas de Itálica, já referidas anteriormente, na medida em os podomorfos nelas gravados representariam a presença ou passagem de determinados indivíduos que realizaram uma "viagem sagrada" dedicada a determinada divindade (Gomes e Monteiro, 1974-1977: 162).

Uma outra interpretação avançada para estes vestígios prende-se com a orientação destas gravuras para nascente, o que poderá indiciar um culto solar (Molina García, 1989-1990: 66). Este autor também defende que os motivos podomórficos podem estar relacionados com a vida após a morte, representando a viajem então efetuada, ou ter funcionado como ex-votos, tal como ocorreu em época romana e ocorre, ainda hoje, em algumas capelas, embora, hoje em dia, estes sejam fabricados em cera (Molina García, 1989-1990: 66).

No contexto de um estudo sobre santuários rupestres do ocidente da Meseta Norte espanhola, Benito del Rey e R. Grande del Brío (1994: 128-129), com base no santuário de Peña de Santa María, em Salamanca, defendem que as rochas com podomorfos, entre outros motivos, "constituye un centro de iniciación o juramentación", um lugar invocador onde é possível a intercomunicação entre a terra e o céu, por parte de um homem "investido de carácter sacerdotal; al hombre iniciado en los ritos y ceremonias propiciatorias del favor divino" (Benito del Rey e R. Grande del Brío, 1994: 128). Para estes autores:

> El neófito colocaríase de tal modo que hiciera coincidentes las plantas de sus pies y la de una de sus manos —la derecha— con las huellas excavadas en la roca en cuestión (...). El hecho de plasmar, simbólicamente, las huellas de la mano y de los pies, se halla en relación con el poder taumatúrgico del contacto de unas y otras sobre la roca sagrada. (Benito del Rey e R. Grande del Brío, 1994: 128)

Os pés nus sobre a rocha significariam um:

> (...) símbolo de desnudez, entendida como un estado de acercamiento a la energía cósmica, y, ya más concretamente, a la telúrica, bajo la idea de pureza espiritual concomitante del desprendimiento terrenal. El ser humano, desnudo, capta y asimila mejor la energía que emana de la Naturaleza. La vestimenta reduce el nivel de captación, ya que, literal- mente, se interpone entre el organismo y el medio ambiente. (Benito del Rey e R. Grande del Brío, 1994: 129)

Em 1997, a propósito dos podomorfos do santuário de Panóias, no Norte de Portugal, já desaparecidos, Alföldy defendia que podiam ser marcas para o assentamento de uma estátua de bronze ou marcas para designar a devida colocação dos pés de um sacerdote que teria como função presidir a uma determinada cerimónia praticada naquele local (Alföldy, 1997: 214-215).

Para a Galiza, M. García Quintela e M. Santos Estévez (2000: 5) estabeleceram, a partir de referências literárias e etnográficas da Europa atlântica, uma relação entre os ritos e cultos ligados á entronização de reis e investiduras de chefes locais, com as gravuras de podomorfos, extrapolando, depois, esta interpretação para os podomorfos identificados na Meseta espanhola. Para estes autores, os podomorfos identificados na Galiza e no ocidente castelhano partilham grandes semelhanças, pelo que poderão derivar de "un ámbito de creencias religiosas y prácticas rituales análogas" (Santos Estévez e García Quintela, 2000: 35).

Creem que estas gravuras podem representar cerimónias, análogas às realizadas noutras regiões do globo, nomeadamente Escócia e Irlanda, aquando os referidos ritos de entronização e de investidura, existentes desde o fim da Idade Média até ao século XIX (Santos Estévez e García Quintela, 2000: 5, 15; García Quintela 2003: 101). Ali, os chefes recebiam a sua investidura, num local ao ar livre, com grande domínio visual da paisagem, onde geralmente se encontram rochas com pegadas gravadas, sobre as quais, durante a cerimónia de tomada de posse, o novo chefe deveria colocar-se, ficando numa posição ereta sobre o podomorfo, por vezes considerado como pertencente a um suposto primeiro rei daquele território (Simms, 1987: 23, 32 *in* Santos Estévez e García Quintela, 2000: 15-20). Os podomorfos seriam, assim, condizentes com a atribuição de um importante significado á figura do pé.

Vários outros testemunhos e algumas lendas corroboram a ideia de que, na Irlanda e na Escócia, por exemplo, os podomorfos foram utilizados para praticar uma "acción concreta", associada aos ritos de investidura e\ou coroação (Santos Estévez e García Quintela, 2000: 15-16). Estes autores referem, em abono da sua hipótese, que algumas cerimónias de investidura, já de épocas históricas, caracterizavam-se pela devida colocação, por parte do indivíduo que possuía ou iria assim possuir o controlo e o poder sobre certas terras e sobre as pessoas que nelas habitavam (como por exemplo um chefe local ou rei), dos seus pés em cima de determinados podomorfos, fazendo de seguida uma série de promessas á população que assistia à cerimónia. Estes indivíduos, tendo então os seus pés colocados, rigorosamente em cima dos podomorfos, brandiam a sua espada em todas as direções, abarcando todos os pontos cardiais, como forma de apropriação do espaço. Estas direções poderiam também corresponder às diferentes formas de exploração económica do espaço, seja a montanha, o bosque ou as terras de cultivo (Santos Estévez e García Quintela, 2000: 18). Existe assim uma nítida relação entre as gravuras com forma de pé e os ritos de investidura praticados durante a Idade Média e em épocas posteriores. Os pés gravados na rocha, nestes casos, poderiam simbolizar a pretendida perduração do poder de um individuo sobre determinado espaço, quase como que marcando esse espaço (Santos Estévez e García Quintela, 2000: 18)[1].

N'A Ferradura, em Ourense, Espanha, segundo M. García Quintela (2003: 108), é possível que a rocha que contém podomorfos tivesse sido utilizada como local de investidura de um chefe

[1] Talvez possam, também, ser propostas, relações entre pegadas gravadas na rocha e antigos mitos de deuses, salvaguardando, no entanto, sempre uma certa margem de erro. Na Escandinávia, por exemplo, país onde a presença de podomorfos se mostra bastante profusa, mitos acerca do deus Njordr referem-se igualmente aos seus pés (García Quintela, 2003: 101).

local, habitante do castro de San Cibrán, tendo a cerimónia, como objectivos, "garantizar la fecundidade mágica de su território" e a "renovación de la prosperidade". De notar que neste afloramento gravado, ao colocarmo-nos sobre o podomorfo que representa um pé direito individual, avista-se o referido castro, estando este motivo orientado na direção do mesmo (García Quintela, 2003: 100). De realçar, ainda, o fato de a partir de uma das fissuras da rocha, ser possível visualizar "un pequeño segmento del horizonte ocupado en su totalidade por el gran castro de San Cibrán de Las" (García Quintela e Santos Estévez, 2004: 61).

Na tentativa de também associar as investiduras de chefes locais ou reis, aos podomorfos identificados por Benito e Grande (1994) na Meseta espanhola, M. Santos Estévez e M. García Quintela, apresentam alguns casos de estudos, como os santuários de San Pelayo, em Almaraz de Duero, Zamora, Espanha; de Peñausende, também em Zamora; de La Peña de Santa Maria, em Iruelos de Mesón Nuevo, Salamanca, Espanha e de El Teso de San Cristóbal, em Villarino de los Aires, Salamanca.

No santuário de San Pelayo, localizado em Almaraz de Duero, Zamora, dos motivos que aparecem associados aos podomorfos, destaca-se um, em forma de tridente, objeto que, segundo Benito e Grande (2000: 68 *in* Santos Estévez e García Quintela, 2000: 18) se associa ao deus Lug, da Idade do Ferro, que tem como característica principal a triplicidade relacionada com o domínio do espaço e do ser, sendo "patrono, también, de la función real". Apesar de M. Santos Estévez e M. G. Quintela (2000: 18) advertirem para o fato de a associação do motivo em forma de tridente, ao deus Lug, ser especulativa, frisam, no entanto, que esse motivo se relaciona com os podomorfos. Para além deste deus da Idade do Ferro ser patrono da função real, também a triplicidade implícita no tridente relacionado com ele e com os podomorfos, se associa às investiduras, pois quando o investido, na cerimónia de entronização, brande a sua espada na direção dos pontos cardiais ou de pontos específicos, como a montanha ou o campo, simboliza, assim, o domínio sobre os diferentes espaços. Ou seja, se o podomorfo se associa ao tridente e este, por sua vez, ao deus Lug e á triplicidade ligada ao domínio espacial, visto a cerimónia de investidura, a certo momento, simbolizar esse domínio, então talvez se possa ligar o tridente com os ritos de entronização, possivelmente, praticados neste local.

Outros casos estudados foram os santuários de Peñausende, em Zamora; de El Teso de San Cristóbal, em Villarino de los Aires, Salamanca e de La Peña de Santa Maria, em Iruelos de Mesón Nuevo, também em Salamanca, que associam podomorfos a depressões rochosas intencionais interpretadas como "cadeiras-tronos" (Santos Estévez e García Quintela, 2000: 18).

Esta característica é muito interessante, na medida em que, num rito de investidura irlandês, ligado á família O'Neill e reproduzido por artistas e cartógrafos do século XVI, mas perpetuando uma cerimónia mais antiga, conta, como em determinado momento da cerimónia, "el futuro Earl of Tyrone", subindo a uma colina, se sentava numa rocha em forma de cadeira (Hayes-McCoy, 1970 *in* Santos Estévez e García Quintela, 2000: 19). Assim, M. Santos Estévez e M. G. Quintela (2000: 19) consideram como sendo provável que as "cadeiras-tronos" possam ter uma certa ligação com ritos de investidura de chefes locais, assim como, com os podomorfos que se lhes associam. Note-se, a título de exemplo da associação "cadeiras-tronos"\ podomorfos, que também no centro de Portugal, no sítio das "Cadeiras dos Mouros", no Povoado da Paixinha, em Junceira, Tomar, onde existem três "cadeiras-tronos", "aparece um podomorfo calçado sem sola, associado a uma (...) [das mesmas]" (Ribeiro, 1997: 215-253 *in* Ribeiro *et. al.,* 2010: 207) e que no interior da Igreja de S. Pedro da Lourosa, em Lourosa, Oliveira do Hospital, Coimbra, uma outra "cadeira" se associa também a um podomorfo (Ribeiro *et. al.,* 2010: 207).

O terceiro e último caso de exemplo apresentado por estes autores é o de La Peña de Santa Maria, Salamanca, onde está presente um conjunto formado por um assento, um falo e testículos no meio de dois podomorfos descalços e próximos de uma mão direita, também ela gravada (Santos Estévez e García Quintela, 2000: 19; García Quintela, 2003: 102), associação que também encontra paralelos numa coletânea de manuscritos medievais, redigidos em galês, que se baseiam em tradições do início da Idade Média, mas que, no entanto, poderão ter a sua génese na Idade do Ferro, onde é mostrada a relação entre pés e sexualidade (Santos Estévez e García Quintela, 2000: 20-21). Estes textos tratam a vida e história de Lleu ou Lug, deus da Idade do Ferro, desde o seu nascimento até á sua ascensão á realeza (Santos Estévez e García Quintela, 2000: 21). O começo da crónica dá especial realce à personagem do "portapés" real.

> Math hijo de Mathonwy era el señor de Gwynedd, y Pryderi hijo de Pwyll reinaba sobre veintiùn *catrefs* en el Sur… En esta época, Math hijo de Mathonwy no podía vivir más que si tenía los dos pies en el regazo de una joven virgen – a menos que los problemas de la guerra se lo impidiesen. La joven que desempeñaba ese papel era Goewin hija de Pebin… era la joven más hermosa que se conoció en su generación… La joven permanecia constantemente com Math. (Lambert, 1993: 99 *in* Santos Estévez e García Quintela, 2000: 21)

Na sequência da partida de Math, para a guerra, um sobrinho do rei, estando apaixonado por Goewin, beneficiou da ocasião e violou a jovem (Santos Estévez e García Quintela, 2000: 21).

Quando Math volta da guerra, ao querer colocar os seus pés sobre o colo de Goewin, esta recusa-se, contando ao rei o que se tinha sucedido (Lambert, 1993: 104 *in* Santos Estévez e García Quintela, 2000: 21). Atentámos então ao que diz G. Dumézil, conhecido filólogo francês do século XX:

> De una forma más imaginativa y paradójica, la relación de Math con la 'virgen de servicio' es la misma que estabelece, en Roma, la relación del *rex* con las vírgenes Vestales o, en Escandinavia, la relación de la pareja de divinidades soberanas (Odín y su esposa Frigg) con la virgen llamada "Plenitud", Fulla: a diferencia de la castidad, la virginidad no está del lado de la pureza sino de la integridad; la virgen es mujer, tienen en ella el poder de fecundidad de la mujer, pero nunca lo ha utilizado, lo tiene intacto como una reserva. Cuando Math, en tiempo de paz, tiene los pies en el regazo de la virgen Goewin, es con esta reserva de fecundidad que entra en contacto, es en ella que se enraíza de forma precisa – y evidentemente no a título personal sino en ejercicio de su función. La forma del gesto se explica ciertamente, como se hace normalmente, por la etiqueta de las cortes principescas, por la existencia de un dignatário (*troediawc*) 'portapies', que tiene el pie del rey en su regazo desde que se sienta a la mesa hasta que se acuesta... pero el hecho de que se trate de un ser feminino, y de una virgen, cambia el sentido de la pustura: el rey se apropria, bombea la fecundidad no empleada por la mujer, a la que tiene buen cuidado de no 'empezar' usándola sexualmente. (Dumézil, 1985: 96 *in* Santos Estévez e García Quintela, 2000: 21-22)

Se os ritos de investidura passam pela colocação dos pés sobre pegadas gravadas na rocha, e se tal simboliza a "perpetuación dinástica", ou seja, a continuação de uma hierarquia de poder ligada a uma determinada família, então estes ritos também podem ser encarados como possuindo uma carga sexual, na medida em que têm por objetivo proporcionarem "fecundidad y prosperidade al reino" (Santos Estévez e García Quintela, 2000: 20-22).

Para M. V. Gomes (2010: 237) as gravuras podomórficas que são interpretadas como figurações de um pé calçado talvez representem, nalguns casos, a utilização de sapatos ou sandálias usadas pela aristocracia e sacerdotes, algo que está atestado em alguns locais do Próximo Oriente, como por exemplo no Egipto. Esse tipo de calçado poderia, nalguns casos, fundamentalmente quando inserido em contextos rituais, ser realizado por "materiais preciosos", existindo inúmeros dados arqueológicos que o comprovam. A título de exemplo, M. V. Gomes (2010: 238) refere a Cueva de los Múrciélagos, em Albuñol, Granada, onde foram recuperadas 24 sandálias de esparto, datadas de cerca de 3400 a.C., ou seja, do Neolítico, e a sepultura II de Alapraia, no Estoril, onde foram encontradas sandálias votivas de mármore. Tanto a normal utilização por parte das populações proto-históricas de sapatos ou sandálias, como a sua utilização

com fins votivos, estão registadas em variadíssimas fontes escritas, como por exemplo, Heródoto (II: 37), Almargo Basch (1959: 181, 182), Alfaro Giner (1980: 129-131), Dunbabin (1990: 95), Spindler (1996: 170) e Fernández (2008: 31) (Gomes, 2010: 238).

Na arte do vale do Tejo este autor identificou podomorfos que correspondem "claramente a pegadas de seres imaginários". São de pequeníssimas dimensões, preenchidos através de picotado, tendo, algumas, mais do que cinco dedos (Gomes, 2010: 246)[2]. A par dos podomorfos de dimensões extremamente pequenas foram, também, identificados três de dimensões bastante grandes[3] o que poderá ser explicado pela possível atribuição de uma maior importância a certas personagens míticas e sagradas (Gomes, 2010: 247). No entanto, o autor não exclui a existência de seres humanos de estatura extremamente elevada, visto a existência de indivíduos de dimensões anormais estar atestada ao longo da história humana (Gomes, 2010: 247). Em abono desta história refere que "na zona do Vale do Tejo previve a lenda sobre a existência de um famoso gigante residente no sítio da Carqueijosa" (Gomes, 2010: 247).

Utilizando o método de H.-V. de Vallois (1928) para definir as estaturas insinuadas pelos podomorfos e relacionando-as com a idade e sexo, através da tabela de Quételet – Índice de Rohrer, M. V. Gomes (2010: 241) definiu que a maioria das gravuras podomórficas do vale do Tejo tiveram como modelo os pés de jovens e de crianças humanas, do sexo masculino, com idades que se situam entre os 1 e 14 anos (Gomes, 2010: 241). Ao encontrar paralelos por toda a Península Ibérica para as dimensões reduzidas de podomorfos o autor considera que tal parece legitimar "(...) a hipótese de tal como acontece em diversas sociedades etnográficas, de todo o planeta, crianças integrarem os seus rituais, tidas como símbolos de fertilidade, como elementos sacrificiais ou medidores entre o mundo real e sobrenatural" (Turner, 1974: 69 *in* Gomes, 2010: 241-242).

Para as interpretações dos podomorfos de parte da bacia do Mondego, efetuadas por Ribeiro *et. al.* (2010: 203), foram tidos em conta os contextos físicos da envolvente das rochas com podomorfos; aspetos astronómicos e aspetos antropológicos e etnográficos (como a relação dos podomorfos com antigas rotas terrestres e fluviais ou com rotas de peregrinação).

A partir da análise do contexto físico e etnográfico os autores verificaram que as gravuras de podomorfos se encontravam, essencialmente, próximas de cursos de água e de locais de

[2] Segundo este autor, tendo atenção à técnica empregue e às dimensões, estes podomorfos poderão ser atribuídos ao Neolítico "recordando (...) algumas pinturas de pés da arte do Levante Peninsular" (Gomes, 2010: 246).

[3] Estas gravuras de grandes dimensões, no Vale do Tejo, sobrepõem as pré-existentes (Gomes, 2010: 247).

passagem (Ribeiro *et. al.,* 2010: 203)[4]. A proximidade evidente com a água levou a que considerassem estes locais gravados como "santuários" (Ribeiro *et. al.,* 2010: 205). No entanto, a existência de uma grande concentração de lajes gravadas em locais que, desde sempre, assumiram o papel de rotas naturais de passagem, como interflúvios ao longo de linhas de cumeada, permitiram colocar a hipótese de que os podomorfos estariam "limitando (..) nalguns casos não só realidades geológicas, mas também (...) culturais" (Ribeiro *et. al.,* 2010: 204)[5]. Outro aspeto que parece relacionar-se com o fenómeno podomórfico é a mineração, embora não seja especificado por Ribeiro o tipo de minério extraído e a época das minas, aparecendo espólio, associado a esta prática, perto de lajes gravadas (Ribeiro *et. al.,* 2010: 205). Este espólio compreende, por exemplo, "as cunhas de mineração", dos sítios arqueológicos de "Pedra Letreira", em Góis, da "Rasa dos Mouros", em Seia e da zona de Vale das Figueiras, igualmente em Seia (Ribeiro *et. al.,* 2010: 205).

Como na maioria dos casos, os podomorfos se orientavam de NO para SE e as lajes escolhidas para a sua gravação se orientavam, também, para SE, estes investigadores admitem que o horizonte observado pelos oficiantes dos cultos, talvez, se caracterizasse pelo pôr-do-sol e\ou pela lua cheia, por volta do solstício de verão (Ribeiro *et. al.,* 2010: 204).

Quanto ao tamanho dos podomorfos, a existência de alguns de menores dimensões, que aparecem quase sempre aos pares, um esquerdo e um direito, parece indiciar a representação dos pés de crianças[6]. Esta aparente preocupação em representar os membros mais jovens do grupo e\ou família e em marcar um certo local, "poderá ser a prova da sacralização dos próprios espaços, quer pela continuidade da espécie, representando igualmente a renovação e por isso ligado à fertilidade" (Ribeiro *et. al.,* 2010: 208).

Ribeiro *et al.* (2010b: 209), com base na antropologia, também referem que os podomorfos poderão associar-se à "fertilidade e a cultos agrários", embora a sua justificação não nos pareça muito coerente. Ou seja, os autores associam a Eira do Piodão, um local com podomorfos, serpentiformes, etc., aos cultos de fertilidade praticados em época histórica e ao facto do sítio ter sido eira, muito embora também se possa admitir que os sentidos originais deste

[4] De notar que também na Galiza e no ocidente castelhano se confirma que a localização dos "santuários rupestres" ou "espaços sagrados" se encontra próxima de cursos de água (Santos Estévez e García Quintela, 2000: 13-14).

[5] No Norte de África alguns podomorfos têm sido associados a ritos mágicos, no sentido de posse e purificação de alguns locais de passagem, de forma a livrarem-se de entidades demoníacas (Molina García, 1989-1990: 66).

[6] Em relação aos podomorfos de pequenas dimensões, Vilaseca (1943) e Sobrinho Lorenzo-Ruza (1946), associam-nos a uma "raça de pequenas dimensoes".

lugar possam ter-se modificado na longa diacronia... Para tal, baseiam-se num caso de estudo: "Eira do Piódão", em Piódão, Arganil.

Neste local, que foi uma eira de cereais, estão gravados podomorfos - infelizmente não sabemos a sua cronologia, pois os autores não a referem (Ribeiro *et al.*, 2010b). Tal indicia a utilização deste espaço, na longa diacronia, ou seja, por milhares de anos. Este local está associado, na memória oral, á prática, por parte da comunidade, de atividades agrícolas e de atividades relacionadas com "tradições locais ancestrais, nomeadamente "festas" de propiciação à fertilidade e de agradecimento". (Ribeiro *et. al.,* 2010: 209). Tendo em conta que a gravação de podomorfos aqui ocorreu durante um longo período, talvez, para este sítio, possa existir uma relação entre os podomorfos e o culto à fertilidade, pois este, também foi praticado no local, durante um extenso período (Ribeiro *et. al.,* 2010: 209). Importa ter em conta que este género de informação só se consegue obter junto das populações locais ou explorando compilações de contos, lendas e tradições, associadas a gravuras rupestres (Ribeiro *et. al.,* 2010: 209).

Outra tradição, possivelmente de origem pagã, associada a podomorfos, encontra-se no Monte do Colcurinho, localizado na Serra do Açor, Arganil/ Oliveira do Hospital. Esta consiste numa pequena peregrinação realizada na noite de S. João, por altura do solstício de verão, aquando da lua cheia. Durante o percurso os participantes gravavam podomorfos, inclusive, onde já existiam outros de épocas mais remotas, e praticavam um culto á água, á lua e ao sol, o que pode traduzir uma reminiscência de uma tradição ancestral, realizada na época da gravação dos podomorfos mais antigos (Ribeiro *et. al.,* 2010: 210). Em síntese, estes autores ao usarem uma multiplicidade de métodos interpretativos chegam à conclusão de que um local com podomorfos poderá ter múltiplas interpretações, consoante os contextos e cronologias.

M. S. Abreu defende que os podomorfos podem simbolizar uma apropriação ou marcação do território, ou então, até mesmo um rito de passagem, em certos casos, da passagem de criança para adulto. Talvez a própria relação com as rotas naturais de passagem possa aludir a este tipo de ritos (Abreu, 2012a: 408, 410)[7] . Refere, também, que ao tempo da civilização romana existiam podomorfos gravados em direções opostas, talvez para simbolizar a partida e a chegada, que tinham o intuito de desejar boa sorte aos viajantes (Abreu, 2012a: 411). Paralelamente a estas e outras tradições existe também lendas que relacionam a adaptação do pé de um candidato a rei

[7] Estas ideias, aliás, parecem corroborar-se através da denominada Pedra dos Pés, em Maurienne, França, onde a existência de podomorfos de pequena dimensão faz supor que representem pés de crianças ou de adolescentes, o que por sua vez pode indicar a utilização da rocha como local de prática de ritos de iniciação (Molina García, 1989-1990: 66).

com um determinado podomorfo, sendo que o candidato que tivesse o pé que melhor se adaptava ao referido podomorfo seria o candidato ideal (Abreu, 2012a: 409). Porém pessoas comuns também poderiam, certamente, gravar o seu pé na rocha (Abreu, 2012a: 410).

D. Cardoso (2015: 286), com base num estudo exaustivo da arte rupestre do Monte de S. Romão, em Guimarães, afirma que, de forma geral, todos os podomorfos aí encontrados representam o pé direito e se distribuem pelos diferentes patamares altimétricos do monte, parecendo representar "percursos de subida ou descida (…), ou seja, de movimento". No cimo, em S. Romão 4, um podomorfo direito encontra-se orientado no sentido O-SO, "como se olhasse ou se preparasse para descer o monte" (Cardoso, 2015: 285). Em S. Romão 11, á cota de 271 metros, um pé direito está gravado, orientando-se para SO, mais uma vez como se estivesse a descer (Cardoso, 2015: 285). Já na Quinta do Paço, mais ou menos á mesma cota, um outro pé direito encontra-se gravado no sentido N-NO, voltado, assim, para o cimo do Monte de S. Romão (Cardoso, 2015: 285). Para a base do monte, a autora refere o podomorfo de Vinhas, frisando, no entanto, que se desconhece a orientação do mesmo, pois este foi destruído antes do estudo que a mesma levou a cabo (Cardoso, 2015: 285).

Apesar de exterior à Península Ibérica, pela sua proximidade, deve registar-se, ainda, um estudo interessante sobre podomorfos do Norte de África, onde estes motivos são comuns, de como é exemplo a Argélia e a Tunísia. Gravuras de sandálias ou de contornos de pés foram inventariadas e descritas um pouco por todo o Maghreb, em diferentes contextos iconográficos (Ben Nasr, 2015: 9). No centro do Sahara estas gravuras são bastante numerosas, como é o caso de Tébé-n-tératimt (pescoço das sandálias) no Ahaggar, Argélia; das gargantas de Tiratimines (pequenas sandálias) em Immidir, Argélia; do desfiladeiro de Tiratimines, perto de Djanet, na Argélia (Gast e Jacob, 1978-1979: 224) e em Guermessa, aldeia Berbere localizada na Tunísia, onde têm sido analisados vários podomorfos calçados (Ben Nasr, 2015: 7). Aí, os podomorfos aos pares, isolados ou em sobreposições, representam na sua maioria pés de adultos (Ben Nasr, 2015: 7). Informações recolhidas com base em estudos etnográficos (Louis, 1975: 53 *in* Ben Nasr, 2015: 7) e diretamente com a população Berbere permitiram, a J. Ben Nasr (2015: 7), estabelecer uma ligação direta entre as referidas gravuras e um antigo rito de casamento Berbere. Este traduzia-se na colocação, por parte do noivo, dos seus pés numa rocha durante sete dias após a noite de casamento, sendo o perímetro dos pés, posteriormente inciso na mesma (Ben Nasr, 2015: 7). Apesar destas informações não explicarem, por si só, o significado e simbolismo deste costume, nem o ritual que fazia parte do mesmo (procissão, palavras proferidas, etc.), J.

Ben Nasr (2015: 7-8) defende a hipótese de que a marca do contorno da sandália ou do pé, na rocha, poderia ter uma conotação mágica ou o poder protetor contra o mal e magias maléficas que colocariam em perigo o casamento. As gravuras de sandálias poderiam, assim, atuar como talismãs que permitissem que as ligações matrimoniais perdurassem. Também, poderiam, na medida em que aparecem aos pares, simbolizar o casal, representando os dois pés juntos, o anúncio do sucesso da união conjugal (Ben Nasr, 2015: 8). Poderiam, ainda, ter uma conotação legal e corresponder quer à prova física da conclusão de um novo contrato social, quer à mudança na situação social até então vigente, ou seja, materializar a passagem do grupo dos solteiros para o grupo dos casados (Ben Nasr, 2015: 8).

Este autor chama a atenção para o facto de que, nas tradições Berbere do Norte de África, ligado a cerimónias de casamento, em conformidade com rituais que seguem um código e práticas específicas, o simbolismo da sandália e do pé são frequentes (Ben Nasr, 2015: 8). A este propósito dá vários exemplos: o de Antifa de Tanant, em Marrocos, onde os pés da noiva são lavados à entrada da sua nova residência; o de Ich Gern, também em Marrocos, onde a noiva tem de lavar os pés sobre as pedras do vestíbulo e o de Inteko, mais uma vez em Marrocos, onde se derrama leite sobre o pé direito da noiva (Pardo, 1999 *in* Ben Nasr, 2015: 8). Também refere que, em Ahaggar, na Argélia, há um famoso ritual de casamento, em que o pretendente de determinada mulher, dever dar, obrigatoriamente, um par de sandálias, pela sua troca (Gast, 1982 *in* Ben Nasr, 2015: 8). Segundo este autor, os podomorfos correspondem à memória gráfica de uma tradição ancestral e ao que ficou de um rito Berbere que desapareceu quase por completo (Ben Nasr, 2015: 9).

Como vemos as interpretações dos podomorfos são múltiplas e variadas e obtidas através de diferentes metodologias, pelo que, tal como M. Santos Estévez e M. García Quintela (2000: 17) afirmam, não será possível avançar com apenas uma interpretação para todos os identificados. Será necessário ter presente a cronologia em que foram realizados, assim como o seu contexto físico e cultural. Deste modo todas as abordagens podem ser legítimas, desde que bem fundamentadas.

O que é certo, é que "existe (...) um aparente conjunto de motivos e de razões para que o homem grave nas pedras uma parte do seu corpo, imortalizando um determinado momento e um pouco de si" (Ribeiro *et. al.* 2010: 210), que urge continuar a estudar estas manifestações, nomeadamente no Noroeste de Portugal, onde as mesmas são mal conhecidas.

2.6.2. Interpretações de cariz popular

Os podomorfos são associados, um pouco por todo o planeta, "à presença ou à passagem", pelos locais onde estes se encontram, de variadíssimas figuras histórico-mitológicas. Entre estas destacamos: Hércules; Cristo; santos cristãos; Maomé e Abrão (nas áreas do globo islamizadas); chefes "político-espirituais" (na Escócia e Irlanda); Buda (no Oriente); o Imperador Amarelo (na China) (Gomes, 2010: 234) e a Ishtar (no templo de Ain'Dara, na Síria (Beltrán e Blanco-Loizelier, 1998: 30-33), entre outras.

Em Portugal, muitos podomorfos, estão também associadas a contos, lendas e a entidades sobrenaturais, tais como o Diabo ou santos católicos (Abreu, 2012a: 407), o que aliás se revela na toponímia de alguns destes locais.

Algumas destas lendas foram recolhidas por diversos autores, desde curiosos, pioneiros da arqueologia a antropólogos, mas, finalmente, sistematizadas a nível nacional no "Lendarium" (www.lendarium.org). Alguns exemplos destas, em associação com o "pé" ou a "pegada", são:

A pegada da Nossa Senhora na fonte junto da ermida

Diz o povo que, quando a Nossa Senhora apareceu na fonte de Senhora do Verde deixou uma pegada numa grande pedra que lá há. Via-se muito bem que era uma pegada de mulher. E toda a mulher levava lá um sapato a ver se servia, mas não serviu nenhum. Toda a gente se admirava de não haver um sapato que servisse ali. E lá estava a pegada, nunca se estragou. Ia lá muita gente, juntavam-se ao domingo e as mulheres diziam vamos lá ver se o meu sapato serve, mas nada, nenhum casava ali (Tengarrinha, 1999: 64).

A Pedra Moura

Existe uma pedra na parte mais alta do lugar de Nogueira, freguesia de Pessegueiro do Vouga por todos conhecida por Pedra Moura. Nessa pedra havia uma Moura encantada. Um dia alguém precisou de partir um pedaço dessa pedra, ao faze-lo saiu dela uma Moura que fugiu com um pé descalço e outro calçado. Na sua fuga deixou bem vincadas as suas pegadas cujas marcas estão bem visíveis (Silva, 1987: 11).

Nossa Senhora da Ajuda, Açores

No início do povoamento da ilha Terceira, pelos princípios do século XVI, um certo dia, algumas pessoas passavam pela Ribeira das Sete, quando viram pairar sobre a água a Virgem Nossa Senhora, que lhes disse:

—Estai atentos, aqui próximo, no mar, há-de aparecer uma imagem minha!

Ao afirmar isto, pôs o pé na rocha e desapareceu, deixando marcada uma pegada.

> As pessoas ficaram maravilhadas com o acontecido.
>
> Mas mais maravilhadas ficaram, quando, passados dias, um caixote de madeira deu à costa, ficando depositado no fundo de um poço e, ao ser aberto, se lhes deparou uma imagem de Nossa Senhora da Ajuda.
>
> Trouxeram-na para a igreja paroquial, pensando dedicar-lhe, aí, um altar. No entanto, de noite, ela mudava-se para a furninha, que ficava na rocha junto do local onde tinha aparecido.
>
> Uma mulher do lugar viu, numa dessas noites, a imagem passar na sua viagem da igreja para a lapinha, transportada pelos anjos. Certo dia, o padre e alguns homens tentaram pegar na imagem para a trazer de volta à igreja, mas, inesperadamente, ela tornou-se tão pesada, que não foi possível deslocá-la, apesar da força dos homens.
>
> Percebeu, então, o povo que a Senhora da Ajuda queria ficar naquele lugar, junto ao mar, e edificaram-lhe uma ermidinha onde colocaram a imagem de pedra.
>
> A essa ermida, construída perto do mar, na freguesia de Santa Bárbara, a poucos quilómetros da cidade de Angra, passaram a acorrer muitos fiéis, e a Senhora da Ajuda fez muitos milagres àqueles que lhe eram devotos (Frazão, 2006: 18-19).

A importância dos podomorfos também ficou "fossilizada" na toponímia de carácter menos cristão, pois, mesmo que não associados a santos ou à Virgem Maria, muitos dos lugares gravados têm nome, uma característica antropológica que mostra que teriam sentido na geografia mental das populações que conviveram com estes espaços. Referimos, por exemplo, a Fraga da Pegada, no distrito de Bragança, (Figueiredo, 2007 *in* Abreu 2012a: 404); o Penedo do Matrimónio, em Montalegre, referido no "Corpus Virtual de Arte Rupestre do Noroeste Português" (www.cvarn.org); a Fraga das Passadas, em Chaves, referida também no "Corpus Virtual de Arte Rupestre do Noroeste Português"; o Penedo das Pegadas, em Vizela, Braga, citado em Abreu (2012b: 21); o Penedo da Orca, em Guimarães, citado em D. Cardoso (2015: 91) e, por fim, a Pegada do Mezieiro, em Outeiro, Viana do Castelo, citada em Abreu (2012a: 404).

No entanto este trabalho ainda está incompleto pois não existe, ainda, uma sistematização toponímica debruçados sobre este assunto.

3. Objetivos

Este trabalho tem como finalidade o estudo alargado do fenómeno podomórfico no Noroeste do território nacional, justificando-se a sua realização pelo seu cariz inédito, pois não existem para esta zona do país trabalhos análogos, focando-se os que foram realizados até agora,

maioritariamente, na Galiza e no Centro e Sul de Portugal. Com esta investigação ambiciona-se aprofundar mais o conhecimento existente acerca deste fenómeno.

Pretende-se proceder a um inventário, extenso e aprofundado, deste tipo de motivos, para a região em análise; contribuir para estabelecer a relação entre os podomorfos e os outros estilos de arte rupestre que se encontram nas suas imediações, sejam a arte atlântica, a arte esquemática ou outras; chegar a hipóteses sobre a cronologia dos podomorfos; equacionar interpretações sobre o seu significado e entender a interpelação existente entre estas figuras e as populações que hoje convivem com elas.

Ao lançar um olhar holístico sobre os podomorfos do Noroeste, objetivando-se reunir e compilar toda a informação existente acerca dos já conhecidos, para posteriormente procurar novas informações e analisar as já sabidas de um diferente prisma, assim como, identificar, sempre que possível, novos afloramentos/ podomorfos, visando os vários e diferentes contextos que com estes se relacionam, é espectável conseguir-se contribuir de forma significativa para o aumento do conhecimento do fenómeno podomórfico nesta região. Apenas com a recolha e análise deste grande volume de dados será possível, eventualmente, almejar interpretações distintas das já existentes e, por ventura, mais consolidadas, para o Noroeste português.

PARTE II. QUANDRO TEÓRICO E PRAXIS

1. Quadro teórico e praxis

1.1. Introdução

Após a introdução a este capítulo, que se centra nas metodologias utilizadas nesta dissertação, é explicado, no segundo subcapítulo, o quadro teórico que está subjacente a esta investigação, onde são, também, delineados alguns conceitos utilizados. O terceiro subcapítulo refere-se aos procedimentos de cariz mais prático, como o trabalho de gabinete e o de campo.

1.2. Quadro teórico

Durante o Renascimento prolifera um enorme interesse pelas antiguidades do passado, fundamentalmente pela pertencentes ao período greco-romano. Nasce então o antiquarismo, baseado na recolha de objetos, normalmente, atrativos visualmente, desenvolvendo-se assim as coleções particulares e os museus (Bettencourt, 1991: 383).

A partir do seculo XIX a Arqueologia emerge como disciplina científica, com "a constituição de um estudo autônomo e sistemático da pré-história, distinto do antiquarianismo dos primeiros tempos ..." (Trigger, 2004). A sua evolução liga-se, a partir deste momento, a diversos paradigmas, que de forma resumida serão apresentados em seguida.

Numa primeira fase solidifica-se o método científico, havendo uma melhoria das técnicas de campo, de recuperação e de registo da informação. Dá-se a sistematização do trabalho de gabinete através das tipologias, seriação e cronologias regionais. Este modelo é apelidado de Arqueologia Descritiva. Prevalece nesta corrente de pensamento a ideia de que não é possível formular generalizações a partir dos dados, apenas observa-los e recolhe-los (Willey e Phillips, 1958; Gallay, 1986, Robrahn-González, 2000).

Nos inícios do século XX surge um novo paradigma, a Arqueologia Histórico-Cultural, tendo-se desenvolvido "... a necessidade de classificar a grande quantidade de material coletado nas escavações ..." (Robrahn-González, 2000: 17). O seu objetivo era definir mapas culturais com base em fósseis-diretores (Gallay. 1986; Willey e Sabiolf, 1980). "A method basic to archaeology on the descriptive level is taxon- omy. Under this general heading, the archaeologist deals with two sorts of concepts: types, and cultures or, as we prefer to say, archaeological units" (Willey e Phillips, 1958: 12). "... o conceito de cultura arqueológica não foi definido nem aplicado sistematicamente

à interpretação de dados arqueológicos senão em 1911, quando Gustaf Kossinna (1858-1931) publicou *Die Herkunft der Germanen*" (Trigger, 2004). Dentro deste paradigma as "culturas não eram definidas simplesmente como conjuntos de artefatos; os arqueólogos eram instados a tentar determinar modos de vida pré-históricos" (Trigger, 2004). "Childe definiu a cultura arqueológica (com equívoca brevidade, infelizmente) como «certo tipo de vestígios-vasos, apetrechos, adornos, ritos funerários, formas de habitação – que aparecem associados de forma recorrente»" (Childe, 1929 *in* Trigger, 2004).

A partir dos meados deste mesmo século começa a afirmar-se uma nova corrente teórica e metodológica, a Nova Arqueologia, também designada de Arqueologia Processual, que se baseia "… na compreensão sistêmica do comportamento humano." (Trigger, 2004). Lewis Binford (1965: 205) diz:

> Culture is not a univariate phenomenon, nor is its functioning to be understood or ineasured in terms of a single variable - the spatial-temporal transmission of ideas. On the contrary, culture is multivariate, and its operation is to be understood in terms of many causally relevant variables which may function independently or in varying combinations. It is our task to isolate these causative factors and to seek regular, statable, and predictable relationships between them.

Esta nova corrente teórica tem como objetivos: compreender o funcionamento dos sistemas culturais do passado, através de uma abordagem contextual e funcional da cultura material; compreender a interação dos sistemas culturais com os ambientais; procurar padrões, regularidades e recorrências, para explicar processos e formalizar leis do comportamento humano, através do método DN (Dedutivo-Nomológico) e HD (Hipotético-Dedutivo); explicar a mudança cultural e racionalizar o procedimento arqueológico e, por fim, construir uma estrutura teórica para a Arqueologia (Binford, 1962, 1965, 1988; Robrahn-González, 2000; Trigger, 2004).

"A interpretação funcionalista de dados arqueológicos por muito tempo foi parte integrante dos estudos a respeito das relações entre culturas e seus ambientes, e de como os artefactos foram feitos e usados" (Trigger, 2004).

Duas teorias sustentam este paradigma, sendo estas o funcionalismo antropológico e o neoevolucionismo.

O funcionalismo antropológico do pós-guerra é a reação ao historicismo particularista e á etnicidade como fator explicativo das sociedades. Esta teoria defende que as sociedades são sistemas culturais funcionais, compostos por subsistemas (económicos, sociais, políticos,

simbólicos, religiosos) que vivem em equilíbrio com a natureza para manter a sua sobrevivência, evoluindo para responder a adaptações ambientais (funcionalismo ambiental) e técnico-económicas (funcionalismo económico) (Binford, 1965).

O neoevolucionismo antropológico corresponde ao evolucionismo cultural renovado do pós-guerra. Afirma que a evolução das sociedades é multilinear e está condicionada por fatores ecológicos, económicos e demográficos. Criam-se, assim, novos esquemas evolutivos, que podem ser aplicados a todas as sociedades e comparam-se estas para procurar encontrar processos evolutivos similares. Na Arqueologia procuram-se padrões, regularidades em diferentes culturas para explicar certos processos evolutivos comuns. Os esquemas evolutivos criados pelos arqueólogos são aplicados a todas as regiões (Trigger, 2004).

Nesta fase dá-se a afirmação social da Arqueologia, com a sofisticação e melhoria do trabalho de campo e de gabinete (novos equipamentos de registo e tratamento de informação e uso generalizado das novas tecnologias), com a sofisticação interpretativa das funcionalidades dos locais e objetos (crescente recurso a outras disciplinas, abordagens antropológicas, arqueologia experimental, etc.). Este paradigma é também paralelo à melhoria do processo de datação, como o método de Carbono 14. Assiste-se, assim, ao desenvolvimento e afirmação académica da Arqueologia.

Já no final de 1970 e início de 1980 surge a Arqueologia Pós-Processual. Este paradigma procura dar relevante importância a agentes ligados á cognição e ao pensamento simbólico, pois crê-se ser possível, através dos dados, tecer considerações argumentadas e plausíveis sobre o mundo simbólico das populações pré e proto-históricas, tendo em conta que as ideologias e pensamentos das comunidades, os seus mitos e as suas crenças estão, de certa forma, representados nas materialidades que chegaram até nós. Assim, as materialidades não teriam uma simples função prática, pois estavam imbuídas de uma forte carga simbólica. (Thomas, 1998). Julian Thomas (1998: 73) afirma que:

> (...) through their engagement with the material world, human beings can gain some cantact with alterity, the cultural Other. That this encounter is always the interpreted (in terms of ancestral spirits or whatever), such that i tis accommodated into the worldly scheme of things, should not necessarily lead us to reject its reality out of hand.

Chama-se a atenção para o contexto dos objetos e materialidades, sem o qual não é possível tecer interpretações sobre o seu papel simbólico. Torna-se então deveras importante

proceder ao estudo e análise dos dados, estando estes contextualizados a vários níveis (Ian Hodder, 1982). Tal como Ian Hodder (1982) diz: "the dichotomy between normative and processual archaeology is thus by-passed by the notion that symbolic structures are in a continual state of reinterpretation and change in relation to the practices of daily life." Esta linha de pensamento crê que o conhecimento é apenas subjetivo e interpretativo, tendo de ter, no entanto, um suporte empírico e uma forma de raciocinar lógica e credível (Ian Hodder, 1982).

Neste trabalho assumimos uma linha de pensamento pós-processualista, fundamentalmente no que se relaciona com a subjetividade do conhecimento, a importância dos contextos e de que as materialidades são expressões do mundo simbólico. No entanto, não descartamos formas de trabalhar da Arqueologia Processual, preferindo partir de uma posição eclética. Assim, defendemos o recurso a estratégias e ferramentas da Arqueologia Espacial, a novas ferramentas informáticas, como os Sistemas de Informação Geográfica, a fotogrametria, etc.

1.2.1. Conceitos

Arte Rupestre

O conceito de arte rupestre, á semelhança do próprio conceito de arte, não obtém consenso, entre diferentes investigadores, sendo bastante discutível. Trata-se de um conceito deveras complexo, com um sentido que se altera de cultura para cultura e de perspetiva para perspetiva.

Segundo Layton, na sua obra *The Anthropology of Art,* há:

> (...) two approaches to the definition of art which are applicable across cultural boundaries, even if neithr seems to have quite universal application. One deals in terms of aesthetics, the other treats art as communication distinguished by a particularity apt use of image (Layton, 1991: 4).

Ora, tal como nos alerta J. Clottes (2002) os conceitos de arte e de artista não existem em várias sociedades tradicionais contemporâneas, pois estas atribuem uma maior importância ao processo criativo do que ao produto desse mesmo processo. Neste sentido e atendendo ao período em estudo, faz mais sentido pensarmos a arte "enquanto comunicação" no sentido que lhe dá Layton (1991).

Também C. Tilley afirma que "as manifestações rupestres seriam interpretadas pelas populações indígenas de acordo com os mitos e crenças que compunham o seu universo cosmogónico" (Tilley, 1994). Pois bem, neste sentido a arte poderá ser a via pela qual as populações pré-históricas comunicavam, de certo modo, com o mundo sobrenatural, seja a partir dos motivos propriamente ditos, seja através de ritos e cerimónias praticados próximos destes (Cardoso, 2015: 43). Deste modo, os motivos rupestres a que hoje chamamos de arte (imbuídos de simbologias implícitas) poderiam, no passado, ter sido a "porta de entrada" para um outro mundo, seguramente religioso, espiritual ou mágico, uma forma de ligação e comunicação entre as populações que reconheciam esses símbolos e o universo não humano que fazia parte do imaginário e das crenças desses indivíduos (Leyton, 1991) Será, igualmente, lógico pensar que alguns motivos poderiam transmitir algum tipo de informação ou mensagem de caráter mítico, histórico, informativo ou, até mesmo, didático. Nesta perspetiva, torna-se importante referir mais uma vez Layton (1991), quando este afirma que a arte rupestre poderia ter sido uma forma de linguagem utilizada pelos nossos antepassados.

> A arte rupestre é, pois, essencialmente, uma forma de comunicação visual que não se circunscreve apenas e só a uma função utilitária, ela é, acima de tudo, uma componente comunicativa, que expressa algo, que guarda uma mensagem com significado dentro da sociedade para quem foi criada (Cardoso, 2015: 43).

T. Ingold (1986) acrescenta ainda que a arte rupestre também pode ter servido como forma de comunicação entre grupos e indivíduos que podiam não se encontrar pessoalmente. A arte rupestre também poderia ser uma forma de apropriação do espaço (com o objetivo de limitar os territórios onde se encontram povoados, demarcar reservas de caça e sinalizar/ incorporar locais de práticas rituais), em associação com um carácter ritual, simbólico e religioso bastante acentuado (Bradley, 1997).

Também as superfícies em que estas gravuras ou pinturas estão presentes, assim como os lugares e o ambiente que as rodeiam, não podem ser separados das mesmas ou vistos como elementos aparte, pois fazem parte de um todo. Deste modo a arte rupestre não pode ser separada do seu contexto físico e cultural quando se iniciam trabalhos de investigação com vista à sua interpretação. Nesta linha de pensamento a arte rupestre passa a ser compreendida "como elemento contextualizador de um espaço, ao mesmo tempo que é uma ferramenta de apropriação e ordenação da envolvente natural, que se reverte em paisagem social e cultural", em detrimento

da sua perceção como elemento simplesmente artístico (Criado Boado e Santos Estévez, 2004: 174).

Suporte

Na nossa opinião o conceito de suporte indica um pensamento que tem implícito a separação entre a gravura e o afloramento rochoso onde esta se encontra, como se fossem dois elementos separados, sendo o primeiro passivo. Visto não acreditarmos na real existência dessa separação aquando da gravação dos motivos, pois estes não são apenas gravados sobre algo neutro, mas insculturados e profundamente imbricados com o afloramento, preferimos não utilizar este conceito. Como diz Daniela Cardoso (2015: 44) na senda de vários teóricos:

> Cremos antes que os dois [gravura e afloramento,] estão intrinsecamente interligados e que, muito provavelmente os afloramentos escolhidos já eram portadores de sentidos para as comunidades que os gravaram, tendo, muito possivelmente, com a gravação, tornado visíveis ou potenciado esses sentidos.

Neste sentido optamos pela utilização do termo superfície.

Paisagem, lugar e memória

As conceções de paisagem, lugar e memória estão fortemente interrelacionadas, não sendo possível desvinculá-las, motivo pelo qual as colocamos todas neste item do trabalho.

O conceito de **paisagem** pode ser muito variado, consoante as diversas áreas do saber e os diferentes paradigmas científicos. Investigadores, como T. Ingold e C. Tilley, aplicaram o modo como a fenomenologia lida com a questão do "ser" à Antropologia e à Arqueologia, criando a noção de paisagem.

Neste trabalho será adotado o conceito de T. Ingold. Este antropólogo defende que a paisagem para além de deter características físicas e naturais é também o resultado da ação humana sobre o meio (Ingold, 2000), pelo que pode transmitir informações sobre a forma como as populações se relacionavam com este (Thomas, 2001: 75), por nela constarem as marcas desse inter-relacionamento.

Para este autor, a paisagem modifica-se, sendo um efeito da interação ativa entre as práticas sociais e o meio. É gradualmente e ininterruptamente construída com o decorrer do tempo (Ingold, 1993). Ela contém, em si, memórias das relações existentes entre gerações e das relações

destas para com o meio, podendo estas memórias ser transmitidas de geração em geração (Thomas, 2001: 175).

O ser humano está intrinsecamente ligado com o meio à sua volta e com o mundo, fazendo parte deste e relacionando-se entre si, entidades não animadas, seres humanos e não humanos (Ingold, 2002: 5). Através de um sistema de agregação, a paisagem é criada e conservada graças às relações entre organismos e o meio ambiente, (Ingold, 2002: 193). Para T. Ingold (2000), a paisagem, apesar de não fazer parte da natureza e da cultura, interage como agente intermediário entre estas, contendo elementos das duas.

Tal como T. Ingold, também C. Tilley (2004) toma por base a fenomenologia para criar o seu conceito de paisagem, tendo este, semelhanças óbvias para com o de T. Ingold. Recorrendo à sinestesia, fenómeno que se relaciona com a desordem dos sentidos, C Tilley (2004: 14) afirma que a perceção, segundo a fenomenologia, carateriza-se pela utilização dos sentidos em paralelo.

O espaço é representativo de uma construção social e compreensível, sendo um constituinte inerente dos acontecimentos e relações sociais que sucedem em certo local (Tilley, 1994).

Este autor, ao passar a paisagem para um discurso histórico-geográfico, focaliza-se na perceção pessoal do individuo, sendo que a formação desta é auxiliada por instrumentos de apreensão que integram emoções humanas. Ainda segundo este investigador, os indivíduos criam relações com os lugares que frequentam, atribuindo-lhes um significado (Tilley, 1994).

Segundo C. Tilley (2004: 25), enquanto corpos compõem lugares, lugares compõem corpos, sendo que os dois (corpos e lugares) formam as paisagens. As paisagens são então boas vias de socialização e saber, visto que ao entender uma paisagem entendemo-nos a nós (Tilley, 2004: 25). No contexto da paisagem e dos vários lugares que dela fazem parte são construídas as identidades individuais e sociais (Tilley, 2004: 25).

Apesar das paisagens serem experienciadas através do nosso corpo, para haver perceção de lugar e paisagem é necessária a memória (Tilley, 2004: 28).

Quanto ao conceito de **lugar**, este, para T. Ingold (2002), advém das ações e experiências que as comunidades vivenciaram em certo local. Para além de se relacionar obviamente com o espaço, também se relaciona com o sentido e significado a si atribuídos (Tilley, 2004: 25).

A partir de comemorações, cerimónias, usos, práticas, experiências, histórias, sentidos, significados, entre outros, a biografia de um lugar cria-se, desenvolve-se e altera-se (Ingold, 1993; Feld e Basso, 1996 *in* Van Dyke e Alcock, 2003: 5). Ou seja, um lugar é "construído"

progressivamente, conforme o sentido e a memória que as pessoas que o vivenciam e experienciam lhe atribuem, dependendo este da época, cultura e ideologia. Assim sendo, o sentido e a memória do lugar podem-se alterar-se á medida que estes últimos fatores mudam. C. Tilley (2004) sugere que distintos lugares gravados teriam o objetivo de serem vivenciados de formas, também, distintas, defendendo que as experiências vividas num determinado lugar estariam ligadas para sempre a esse mesmo lugar.

A **memória,** "encadeada" com espaços e sentimentos, origina a sensação de lugar, o que favorece a criação de sentimentos de identidade individual e coletiva (Feld e Basso, 1996 *in* Van Dyke e Alcock, 2003: 3).

Os motivos rupestres podem também agir como forma de prevalência e transmissão de determinadas memórias, podendo a repetição de motivos operar como mnemónica, numa determinada paisagem (Jones, 2007: 176).

A memória dos lugares encontra-se muitas vezes preservada na tradição oral, daí que seja importantíssimo o estudo e apreensão destas tradições, que ao reinventarem e reinterpretarem, na longa diacronia, certos sentidos e significados ligados a determinados lugares, estão, também, a preservar a(s) memória(s) desse mesmo lugar. Essas memórias poderão auxiliar-nos na interpretação de determinados sítios gravados.

Assim como a paisagem e os lugares nos podem transmitir informações acerca da(s) memória(s), individual e coletiva, que se prende(m) com esses mesmos locais, também a(s) memória(s), individual e coletiva, nos pode(m) dar importantes informações acerca da paisagem e dos lugares onde se insere a arte rupestre.

1.3. Praxis

1.3.1. Trabalho inicial de gabinete

Partindo do princípio de que é essencial referir e explicar cada uma das metodologias utilizadas no cumprimento de cada um dos objetivos que são propostos, começamos por referir a revisão bibliográfica. Com a leitura de bibliografia que se enquadre no tema procurou-se tomar conhecimento dos estudos efetuados até agora acerca da temática em questão, ou seja, adquirir os conhecimentos e tomar consciência das problemáticas que a comunidade científica tem acerca dos podomorfos. Este trabalho é fundamental pois só partindo dos conhecimentos adquiridos e

das problemáticas deixadas em aberto, será possível acrescentar algo de novo, validar hipóteses já equacionadas ou criar novas hipóteses interpretativas.

A revisão bibliográfica permitiu, também, realizar um primeiro inventário de podomorfos da área em estudo, para vista a ser completado e atualizado, posteriormente, no decorrer do trabalho de campo, fruto da prospeção arqueológica.

A leitura bibliográfica permitiu, ainda, aprofundar o conhecimento pessoal do autor, fomentando e consolidando o seu corpo teórico. Traduziu-se na explicitação dos diferentes paradigmas que se relacionam com a Arqueologia, assim como, da corrente teórica que conduziu este estudo; auxiliou a desenvolver alguns conceitos que pensamos ser importantes para este trabalho.

Também foi consultada bibliografia que possibilitou realizar uma contextualização física do Noroeste de Portugal, de forma mais completa e consistente.

As fontes bibliográficas consultadas compreenderam dissertações de doutoramento e mestrado, artigos, capítulos de livros, cartas arqueológicas e páginas web cientificamente validadas. Neste caso referimos o "Corpus Virtual de Arte Rupestre do Noroeste Português" (www.cvarn.org) e o "Arquivo Português de Lendas" (www.lendarium.org).

De destacar a recolha etnográfica de tradições, mitos e lendas do Norte de Portugal, associadas a podomorfos, assim como, de toponímia que refere este tipo de motivos, importantes pois podem permitir encontrar novos locais com podomorfos.

Nesta fase do trabalho sistematizou-se e criou-se o inventário preliminar. O seu registo foi efetuado em fichas realizadas para o efeito, com vista a compilar a informação na Parte III desta dissertação. Isto permitiu a realização de tabelas e várias pesquisas. Os critérios que constam nas fichas de inventariação (Anexo 1) foram previamente definidos nesta etapa do trabalho. As fichas estão divididas em 13 partes. A primeira intitula-se microtopónimo; a segunda, intitulada localização administrativa, compreende os seguintes campos: freguesia, concelho e distrito; a terceira denomina-se localização geográfica e abrange as coordenadas geográficas no sistema WGS 84, no formato graus decimais, e a altitude; a quarta parte trata a localização física e ambiental; a quinta intitula-se descrição física do afloramento gravado, compreendendo os seguintes itens: orientação, comprimento, inclinação da superfície gravada, tipo de rocha, diaclases, encraves e outras particularidades; a sexta parte, designada descrição do afloramento gravado: motivos, abrange os seguintes campos: tipo de arte, número de painéis, localização dos painéis e tipo de motivos por painel; a sétima intitula-se descrição do afloramento gravado:

técnicas; a oitava é designada por lendas associadas; a nona parte destina-se á referência, caso se comprove, de que o lugar é cristianizado; a décima intitula-se estado de conservação; a décima primeira está reservada á descrição das condições de acesso; a décima segunda às condições de visitação e, por último, a décima terceira está reservada às referências bibliográficas, caso seja pertinente e possível.

Resolveu-se criar uma nova e adequada tipologia de podomorfos para o Noroeste, após a análise dos dados recolhidos. Com isto, optou-se então por não seguir qualquer tipologia avançada anteriormente por outro autor, apesar destas terem sido levadas em consideração.

Visto ser importante fazer uma calendarização das diferentes etapas que se ligam a este estudo, a planificação prévia das saídas de campo, ou seja, da prospeção, foi igualmente alvo de atenção nesta etapa. Para tal socorremo-nos da Cartografia Militar de Portugal, na escala 1:25 000 e da Cartografia Geológica de 1:50.000 e suas respetivas notícias explicativas.

1.3.2. Trabalho de campo

A partir do inventário preliminar efetuado foi executada a relocalização de sítios já inventariados anteriormente por outros investigadores, de forma a confirmar a existência dos podomorfos e a analisar, mais em detalhe, outras perspetivas, que descreveremos abaixo. Optou-se, então, pela realização de uma prospeção direcionada, a partir de fontes escritas e orais, embora, sempre que possível e conveniente, fossem, também, recolhidas tradições orais e\ou outras informações relevantes que as populações locais pudessem fornecer e que auxiliassem na identificação e na localização de novas gravuras, ou até mesmo, que permitissem sugerir possíveis interpretações e ou significados para o fenómeno podomórfico.

Toda esta informação foi registada na base de dados, de forma a ser possível fazer análises comparativas e retirar possíveis interpretações.

A relocalização foi feita através de idas ao terreno, de forma a comprovar a existência das gravuras e do seu estado de conservação. Estas foram inventariadas segundo as coordenadas geográficas decimais, no sistema WGS 84; foi recolhido o microtopónimo do local; outros dados toponímicos relevantes e a localização administrativa onde os mesmos se inserem. Outro parâmetro da prospeção essencial para este estudo foi o registo das características geomorfológicas e físicas dos afloramentos; a localização topográfica das gravuras no afloramento; as suas dimensões; orientações e especificidades. Foi, também, efetuado o registo do contexto

físico em que se inseriam os afloramentos gravados e do horizonte alcançado com o olhar, assim como de algum eventual elemento que se destacasse na paisagem e fosse visível a partir do local onde se encontram as gravuras.

Todos os locais foram fotografados, assim como os pormenores das referentes gravuras. Foram igualmente tiradas fotografias de contexto geral do sítio.

Os levantamentos fotográficos dos afloramentos gravados foram realizados de forma a ser possível efetuar a fotogrametria dos locais.

1.3.3. Trabalho avançado de gabinete

Aquando a posse de todos os dados e o término da base de dados, foi efetuado o tratamento, a análise e a inter-relação da totalidade dos dados.

Como forma de realizar uma análise espacial dos sítios e referentes gravuras recorreu-se a um Sistema de Informação Geográfica (SIG), nomeadamente o "*ArcGis*". Por via deste *software* informático foi possível construir vários mapas com a localização dos afloramentos que contêm podomorfos, devidamente georreferenciados, sendo estes bastante úteis para a interpretação dos dados.

Para a realização da fotogrametria optou-se por utilizar um *software* informático denominado "Agisoft Photoscan". Trata-se de um programa informático utilizado na fotogrametria, ou seja, numa técnica de obtenção de imagens 3D a partir de imagens 2D, que permite realizar medições rigorosas a partir de fotografias. Uma das mais-valias do referido programa é a sua enorme precisão.

Procedeu-se á análise dos afloramentos rochosos gravados e referentes motivos, tendo a fotogrametria permitido identificar gravuras que de outra forma podiam ser impercetíveis, assim como confirmar a real existência e forma de alguns motivos. Esta informação foi posteriormente cruzada com a informação que constava nas fichas de inventariação para a sua atualização, no caso de ser necessário.

Na posse de todos os dados e após o trabalho de análise dos mesmos foi redigida esta dissertação.

PARTE III. ESPAÇO DE TRABALHO

1. O Noroeste português. Breve caraterização física

Em **termos geomorfológicos**, o Noroeste de Portugal é caraterizado por ser uma das áreas com mais relevos que á medida que se aproximam do litoral, são progressivamente trocadas por acidentes de relevo de menores dimensões (Ribeiro *et al*., 1987). Esta descida em escadaria até ao litoral assume a forma de um anfiteatro natural, virado a oeste, sendo os referentes degraus cortados por diversos rios (Ribeiro *et al*., 1987). Para nascente ficam as serras do Alvão, Marão e Montemuro, formando uma espécie de "muralha acidentada", que isola eficientemente o litoral do interior trasmontano, podendo atingir uma altitude superior a 1400 m (Ribeiro *et al.,* 1987).

Os vales largos da região de Entre Douro e Minho demonstram um grande paralelismo, o que poderá indicar que a sua origem é tectónica (Ribeiro *et al.,* 1987: 178). A Norte do país as áreas sísmicas representam-se maioritariamente por linhas epicentrais, criando uma rede que se relaciona com as formas de relevo (Ribeiro *et al.,* 1987: 130). Conforme Orlando Ribeiro *et al.* (1987: 130-131) afirma:

> As linhas sismo-tectónicas perpendiculares ao eixo de Culminação Principal acompanham grande parte dos vales paralelos do extremo Noroeste de Portugal: o Rio Minho, de Melgaço a Valença, o Lima, de Ponte da Barca até cerca de Deão, o Cávado, de Amares a Barcelos, o Ave, de Guilhofrei a Taipas, o Sousa, da nascente até perto da foz, o Tâmega, de Chaves a Cavês e no seu trajeto inferior.

Os **rios** mais importantes no Noroeste português são os rios Minho, Lima, Cávado, Ave e Douro e Tâmega.

O rio Minho nasce na serra de Meira, em Espanha, e desagua no oceano Atlântico, em Caminha. Tem cerca de 300 km de extensão e os seus principais afluentes são os rios Trancoso, Mouro, Gadanha e Coura (Lascata *et al*., 2016a: 20). Apesar de ser um dos grandes rios do Noroeste, da sua bacia, só cerca de 5% está localizada em Portugal (Ribeiro *et al.,* 1988: 520). Orlando Ribeiro diz que este é um:

> (…) rio de montanha, alimentado por um conjunto de serras muito chuvosas da fachada atlântica, numa latitude onde a seca estival é já bastante atenuada, o Rio Minho tem caudal abundante e regime sensivelmente menos irregular do que os outros grandes rios portugueses.

O rio Lima nasce, igualmente, em Espanha, na serra de S. Mamede, e desagua em Viana do Castelo, no oceano Atlântico. Percorre cerca de 108 km, tendo como principais afluentes os rios Vez e Castro Laboreiro (Lascata *et al.*, 2016a: 20).

O Cávado nasce na serra do Larouco, afluindo em Esposende, após cerca de 129 km. Os seus afluentes mais importantes são os rios Homem e Rabagão (Lascata *et al.*, 2016b: 20).

Já o rio Ave tem a sua nascente na serra da Cabreira e desagua no oceano atlântico, em Vila do Conde. Percorre um percurso de cerca de 85 km e os seus afluentes mais significativos são os rios Vizela e Este (Lascata *et al.*, 2016b: 20).

Por fim, o rio Douro nasce na serra de Urbion, em Espanha, e desagua no Porto, no oceano Atlântico. Estende-se por cerca 927 km, tendo como principais afluentes, em Portugal, os rios Sabor, Tua e Tâmega, e em Espanha, os rios Pisuerga, Valderaduey e Esla. O Tâmega, importante neste trabalho, na medida em que limita o Noroeste de Portugal, a este, tem a sua nascente na serra de S. Mamede, em Espanha, e desagua no Douro, em Entre-os-Rios. Tem uma extensão de 145 km e os seus tributários mais influentes são os rios Ovelha, Olo, Louredo, Beça, Terva, Vidago e Babul (Espanha) (Lascata *et al.*, 2016c: 20). Um dos maiores rios desta região portuguesa é evidentemente o Douro. Por isso importa dizer que este corre sobre uma "garganta" estreita e de grande profundidade, até ao oceano ou próximo deste (Ribeiro *et al.,* 1987: 265). A sua bacia afeta toda a Meseta Norte, atingindo a sua largura cerca de 300 km, entre os Montes Cantábricos (a norte) a Serra de Urbion (a leste) e a Cordilheira Central (a sul) (Ribeiro *et al.,* 1988: 505). A área desta bacia hidrográfica é maior do que Portugal, formando a unidade natural maior e mais bem definida da Península Ibérica (Ribeiro *et al.,* 1988: 506).

Por norma a orientação dos grandes rios condiz com a dos maiores alinhamentos tectónicos, estando muitos alojados no fundo de semi-grabens, como por exemplo, o rio Cávado (Ribeiro *et al.,* 1987: 271) (Fig. 4).

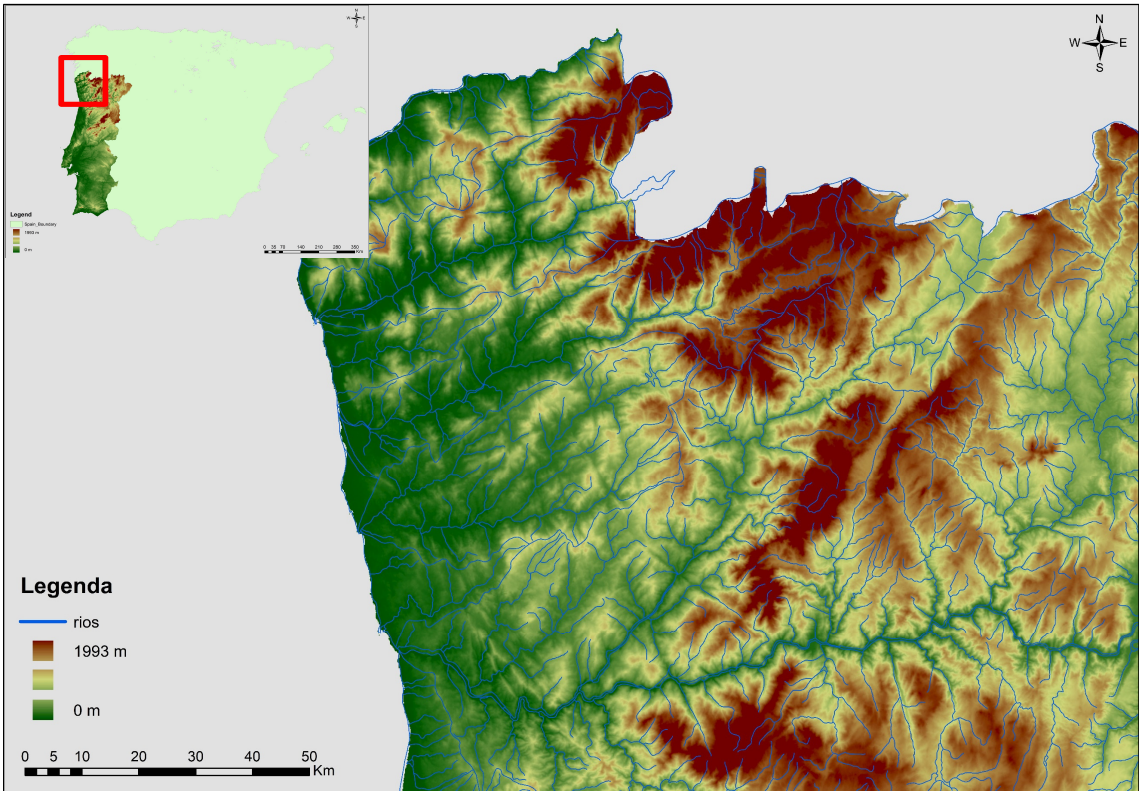


Figura 4: Mapa do noroeste de Portugal, no contexto da Península Ibérica.

Em **termos geológicos**, o Noroeste português é composto essencialmente por granitoides hercínicos, cuja génese é magmática (Sampaio, 2005: 18), sendo que se localiza no Maciço Hespérico, incorporando assim rochas do Orogeno Hercínico Europeu (Ribeiro *et al.,* 1987). Além dos granitos, constitui-se também por xistos cristalinos, xistos argilosos pré-câmbricos, xistos calcários, mármores, filites, micaxistos e quartzitos (Ribeiro *et al.,* 1987: 8, 137). Quanto aos xistos argilosos, estes apresentam uma composição e uma textura bastante uniformes (Ribeiro *et al.,* 1987: 173).

Segundo O. Ribeiro (1987: 174), as "manchas de granito e de xisto" são importantes, devido á sua vastidão e a determinarem "estilos de paisagem cujos caracteres importa precisar":

> O granito, cortado por uma rede apertada de diaclases, coberto por um manto de alteração *in situ*, é muito mais permeável que os xistos argilosos. Estes cobrem-se, portanto, de uma cabeleira de sulcos por onde correm as águas das chuvas; a rocha parte-se e esfolheia-se, reduz-se a fragmentos ínfimos evacuados pela escorrência difusa e pelo escoamento torrencial. Todas as escarpas se esbatem, todas as superfícies se degradam (...) No granito, a alteração penetra profundamente na rocha sem modificar as formas da superfície; a arenização conserva, ou até exagera, uma topografia de maturidade, com vales escarpados, fundos largos e vertentes esbatidas (...) (Ribeiro *et al.*, 1987: 174).

O Noroeste de Portugal é rico **em recursos mineiros metálicos**, sendo isso já referido por Estrabão (Cardoso, 1994: 68).

No distrito de Viana do Castelo destacam-se muitas ocorrências de estanho e tungsténio, existindo, ainda, algum ouro, ferro e quartzo. Deste distrito são os jazigos de Azevedo nº4 (estanho), do Chã do Virialho (tungsténio), da Serra de Arga (estanho, tungsténio, ouro, prata) (Filipe *et. al.*, 2010: 34-35) e de Valdarcas (tungsténio).

No distrito de Braga detetaram-se, igualmente, muitas ocorrências de estanho e tungsténio, assim como, algumas de ouro e ferro.

Já no que toca ao distrito do Porto, a maioria das ocorrências minerais compreendem algum estanho e tungsténio, e, em menor quantidade, ouro e ferro.

Para Finalizar, no distrito de Vila Real a maioria dos recursos minerais compreendem estanho e tungsténio. Apontam-se, ainda, mesmo que em menor número, a presença de ouro, ferro e cobre. Quanto a jazigos relevantes neste distrito, destacam-se os da Adoria (estanho e tungsténio), o de Bessa (estanho e tungsténio), o da Borralha (estanho e tungsténio), o da Facuca (chumbo) e o de Jales (ouro e prata) (Filipe *et. al.*, 2010: 20-21), o de Lagos da Ribeirinha/ Ribeira/ Três Minas (ouro e prata) (Filipe *et. al.*, 2010: 20-21), o do Monte das Rosárias (chumbo e ferro), o de Muragalha (estanho), o de Pedroselos (estanho), o de Polo das Freitas (ouro), e o do Vale das Gatas (tungsténio, estanho e prata).

A **costa**, no Noroeste, faz parte do tipo de costas de levantamento, sendo que o mar bate numa "linha direita, estável, onde faltam quaisquer vestígios de ingressão" (Ribeiro *et al.,* 1987: 77). As arribas e promontórios, onde as ondas do mar do pliocénico batiam, distam somente alguns quilómetros do mar recente, tendo-se criado uma praia ou um cordão de seixos em frente a estas. A subida a partir desse ponto, até à antiga linha de costa, é feita através de degraus largos e irregulares (Ribeiro *et al.,* 1987: 77). Os rios inserem-se no litoral noroeste português na forma de estuários amplos, mas de pequena profundidade. O rio Douro é o único que "conserva, até à foz, as suas escarpadas vertentes de canhão, talhadas na espessura do maciço granítico" (Ribeiro *et al.,* 1987: 77). Entre o rio Lima e o rio Minho, "o vigor do traçado da escarpa que acompanha o litoral, (…) sugere um degrau de falha retocado recentemente pela abrasão" (Ribeiro *et al.,* 1987: 77-78).

Orlando Ribeiro (1987: 78) afirma que na costa do Noroeste de Portugal, não existem abras, recessos e abrigos de promontórios, sendo que os portos se localizam na foz dos rios.

2. Breve caraterização ambiental

Nesta região nota-se que o **clima** sofre forte influência do oceano Atlântico. A pluviosidade é regular, devido á orografia da região e á passagem de superfícies frontais. É caraterístico o nevoeiro pela manhã e pela noite, mesmo no verão, sendo as temperaturas moderadas e as amplitudes térmicas baixas e pouco oscilantes (Ribeiro *et al.,* 1988: 365).

Nos locais do interior, de altitudes mais acentuadas, o verão é fresco e o inverno rigoroso; nas localizações de altitudes médias, o verão é mais quente e o inverno um pouco menos frio; enquanto a altitudes mais baixas, o verão é menos quente e o inverno mais ameno (Ribeiro *et al.,* 1988: 365).

No que tem a ver com a pluviosidade, o Noroeste regista precipitação superior a 1000 mm em quase toda a sua área, existindo geralmente dois meses secos, com menos de 30 mm de precipitação (Ribeiro *et al.,* 1988: 365; 376). As trovoadas são frequentes e o ar é húmido durante todas as épocas do ano (Ribeiro *et al.,* 1988: 365).

Nas montanhas que compõem o Noroeste há precipitação em mais de 150 dias por ano (Ribeiro *et al.,* 1988: 402), enquanto as suas bacias hidrográficas arrecadam por ano uma média de cerca de 2000 mm de precipitação (Ribeiro *et al.,* 1988: 398). Nestas montanhas podem suceder-se chuvas, mesmo no verão (Ribeiro *et al.,* 1988: 404).

Em algumas regiões montanhosas, tais como Montalegre, o verão apresenta-se relativamente quente e o inverno frio, havendo a ocorrência de neve e podendo a precipitação anual transpor 3000 mm no cume de algumas serras, sendo este valor um dos mais altos da Europa (Ribeiro *et al.,* 1988: 365-366; 368; 376). As tempestades são constantes e a humidade do ar é circunstancialmente baixa (cerca de 65%) nestas zonas de montanha (Ribeiro *et al.,* 1988: 365-366), ao contrário do que se passa com o restante Noroeste, onde a humidade relativa é muito alta durante o ano todo (Ribeiro, 1945: 154).

"Nas terras altas do Noroeste nenhum mês se pode considerar seco á escala temporal da normal. É o único espaço português que escapa realmente á típica secura do Verão mediterrâneo" (Ribeiro *et al.,* 1988: 454).

Algumas das caraterísticas principais do Noroeste português e que dessa forma o ligam á Galiza, são a "tonalidade húmida do clima", a policultura (assumindo especial realce o milho) e a população, que se apresenta dispersa e densa (Ribeiro *et al.,* 1987: 27).

PARTE IV. PODOMORFOS NA FACHADA OCIDENTAL DO NOROESTE PORTUGUÊS: OS DADOS

1. Introdução

Os critérios usados na descrição das fichas deste inventário são os utilizados para a ficha de arte rupestre da base de dados do *Corpus Virtual da Arte Rupestre do Noroeste Português – CVARN* e especificadas em Bettencourt *et al.,* (2017). Apenas se adaptou essa ficha às particularidades dos podomorfos. Ou seja, criaram-se mais subitens. Todas as medidas apresentadas (comprimento, largura, altura e profundidade) representam medidas máximas e aproximadas. O inventario está organizado por distritos e, dentro destes, pelos concelhos, ordenados alfabeticamente. Dentro de cada concelho os sítios arqueológicos são apresentados por ordem alfabética.

2. Inventário

2.1. DISTRITO DE BRAGA

2.1.1. BARCELOS

(1) MONTE DE S. GONÇALO - CURRO

Localização administrativa:

Freguesia: União de Freguesias de Vila Cova e Feitos.

Lugar: Monte do Cerro.

Localização geográfica (sistema: WGS 84; formato: graus decimais):

Latitude: 41.583464. Longitude: -8.683580. Altitude: cerca de 372 metros (Fig. 5).

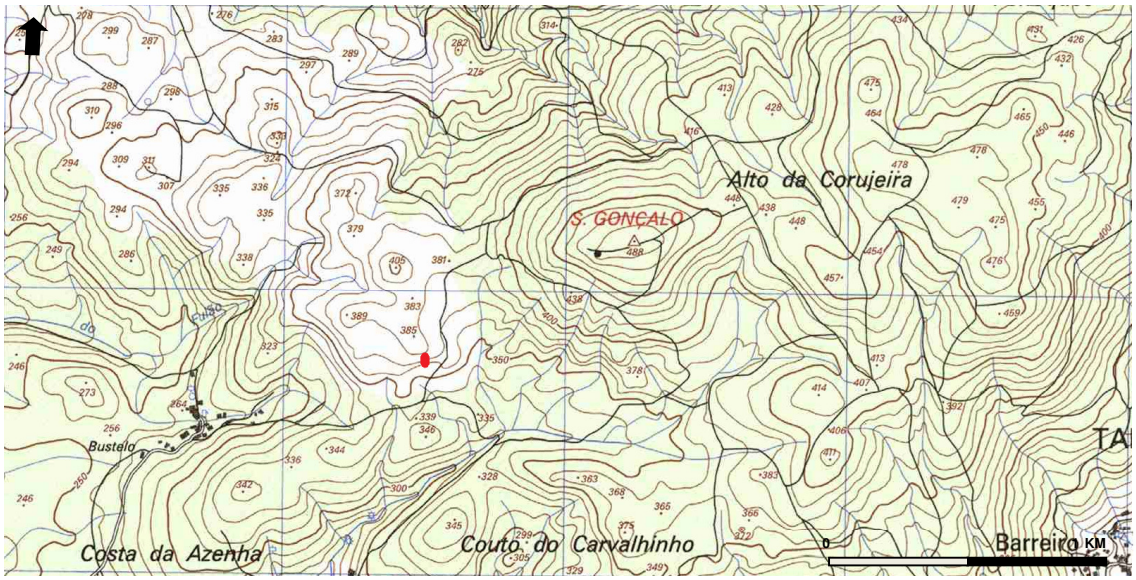


Figura 5: Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 55, à escala 1/ 25 000, com localização da rocha 2 do Curro, no monte de S. Gonçalo.

Fontes bibliográficas:

Não se conhecem.

Contexto arqueológico:

Segundo Bettencourt *et al.* (2016) ocorrem nas imediações inúmeras gravuras rupestres de arte atlântica, um outro afloramento com um podomorfo, quatro núcleos de monumentos megalíticos neolíticos, três povoados fortificados da Idade do Bronze e Ferro.

Localização física e ambiental:

A rocha 2, situa-se a meio da vertente sudoeste do monte de S. Gonçalo. Deste afloramento obtém-se uma boa visibilidade sobre a envolvente (Figs. 6 e 7), em especial para o vale da ribeira de Feitos, que se encontra para sudeste-este. Para além desta ribeira, o local fica, também, relativamente próximo do ribeiro do Fulão. Estas duas linhas de água são tributarias da bacia fluvial do rio Cávado. Deste afloramento é possível visualizar a capela de S. Gonçalo, localizada a nordeste, e a vertente ingreme até ao topo. Trata.se de uma zona natural de passagem e de boa acessibilidade a partir do vale (SE).



Figura 6: Vista para sudeste-este, obtida a partir do podomorfo do Curro.



Figura 7: Vista para nordeste-este, onde se pode ver parte da vertente do Monte de S. Gonçalo.

Descrição física do afloramento gravado:

Este afloramento granítico tem um contorno tendencialmente retangular, sendo pouco visível na paisagem, pois é rasante ao solo e encontrar-se numa área onde abundam conjuntos de afloramentos de variadíssimas dimensões. Orienta-se para nordeste, tendo como dimensões máximas 1,6 m de comprimento e 1,5 m de largura. A superfície gravada é aplanada.

Descrição dos motivos gravados:

Os motivos (Fig. 8) gravados neste afloramento limitam-se a um podomorfo, localizado sensivelmente no centro da rocha. Trata-se de um pé direito que foi realizado em baixo relevo, com recurso à percussão seguida de abrasão. Orienta-se de NO e mede 18 cm de comprimento por 8 cm de largura máxima. Entra dentro da tipologia de podomorfo descalço.

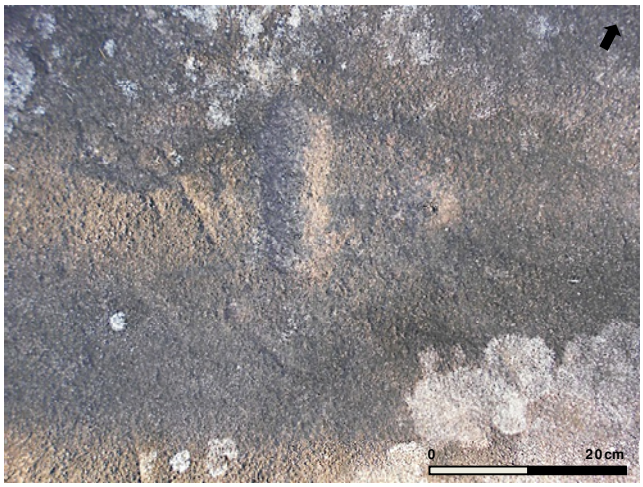


Figura 8: Podomorfo do Curro.

Lendas associadas:

Não se conhecem.

Afloramento/ Lugar cristianizado:

Não sabemos se o afloramento foi cristianizado, mas a capela e o monte onde se implanta foram cristianizados.

Estado de conservação:

Em razoável estado de conservação.

Via de acesso:

A partir da União de Freguesias de Vila Cova e Feitos, aceder por caminhos carreteiros ao monte de S. Gonçalo. Em seguida aconselha-se a utilização de um GPS e referentes coordenadas geográficas para chegar às rochas.

Condições de visitação:

Não se encontra musealizado.

Referências bibliográficas:

Inédito.

(2) MONTE DE S. GONÇALO - PEDREIRAS DE BALTASAR/ MONTE DO CRAVO

Localização administrativa:

Freguesia: Fragoso;

Lugar: Monte do Cravo.

Localização geográfica (sistema: WGS 84; formato: graus decimais):

Latitude: 41.592296. Longitude: -8.691576. Altitude: cerca de 290 metros (Fig. 9).

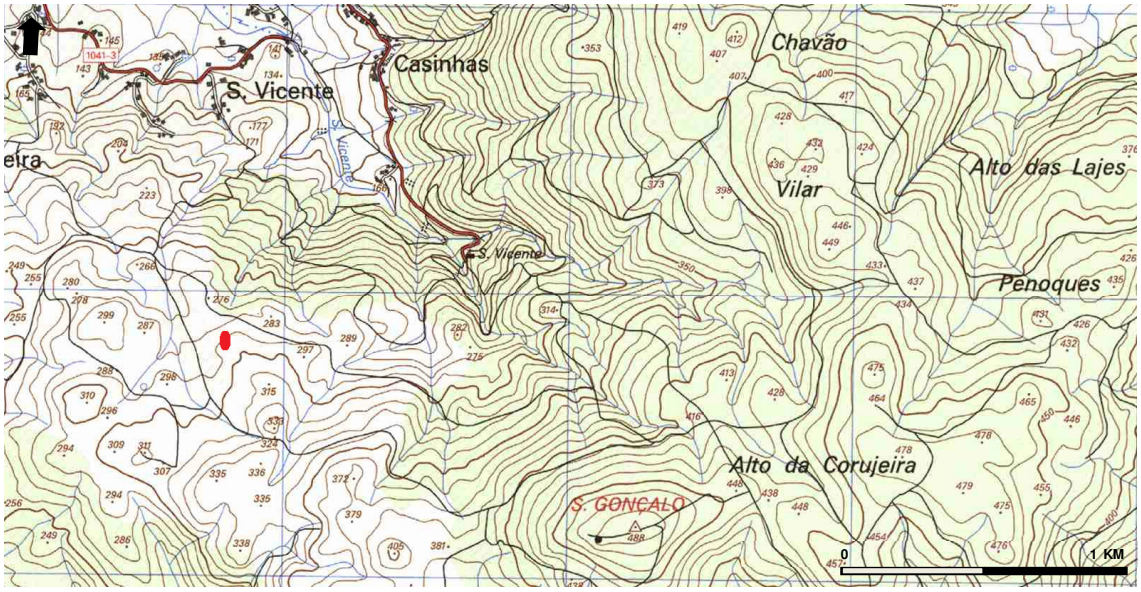


Figura 9: Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 55, à escala 1/ 25 000, com localização da rocha das Pedreiras de Baltasar, no monte de S. Gonçalo.

Fontes bibliográficas:

Não se conhecem.

Contexto arqueológico:

Nas imediações do podomorfo do Curro, segundo Bettencourt *et al.* (2016), ocorrem inúmeras gravuras rupestres da arte atlântica, 1 outro podomorfo, três povoados e quatro núcleos de monumentos megalíticos neolíticos.

Localização física e ambiental:

Este afloramento localiza-se a meio da vertente noroeste do monte de S. Gonçalo. A partir dele tem-se um bom domínio visual sobre toda a paisagem que o envolve (Fig. 10). Nas proximidades deste afloramento, para norte e nordeste, corre a ribeira de S. Vicente, assim como, para sul, o ribeiro do Fulão. Existe, ainda, uma pequena linha de água. Estes cursos de água fazem parte da bacial fluvial do Cávado. Ao lugar chamam Monte do Cravo, talvez por se tratar de uma pequena elevação.



Figura 10: Vista para nordeste, obtida a partir da rocha 1 (Pedreiras de Baltasar).

Descrição física do afloramento gravado:

Trata-se de um afloramento granítico de grandes dimensões, no entanto, pouco impressivo na paisagem. Orienta-se de nordeste para sudoeste. As suas dimensões são de 10,15 m de comprimento e 4 m de largura. A superfície gravada é de tendência horizontalizada.

Descrição dos motivos gravados:

Os motivos gravados neste afloramento compreendem uma covinha e um podomorfo, localizados sensivelmente a meio da rocha, numa zona mais elevada, mas de topo aplanado. Foram realizados em baixo relevo, com recurso à percussão seguida de abrasão. A covinha situa-se contigua á zona frontal do pé. O podomorfo representa um pé direito com uma curvatura lateral muito acentuada,

o que poderá representar um pé deformado. Está orientado para sudeste (Fig. 11). Mede 17 cm de comprimento por 7 cm de largura máxima. Entra dentro da tipologia de podomorfo descalço.

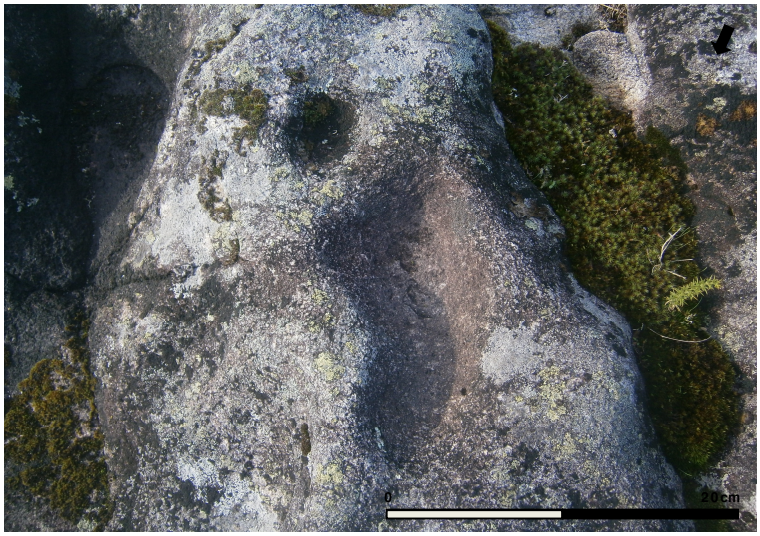


Figura 11: Petróglifos da rocha 1 do monte de S. Gonçalo.

Lendas associadas:

Não se conhecem.

Afloramento/ Lugar cristianizado:

O monte onde se insere a gravura foi cristianizado.

Estado de conservação:

Em razoável estado de conservação.

Via de acesso:

A partir da União de Freguesias de Vila Cova e Feitos, aceder por caminhos carreteiros ao monte de S. Gonçalo. Em seguida aconselha-se a utilização de um GPS e referentes coordenadas geográficas para chegar às rochas.

Condições de visitação:

Não se encontra musealizado.

Referências bibliográficas:

Inédito.

(3) MONTE DO FACHO - CNS: 3316

Localização administrativa:

Lugar: Castro de Roriz.

Freguesia: Oliveira.

Localização geográfica (sistema: WGS 84; formato: graus decimais):

Latitude: 41.57845. Longitude: -8.56093 (coordenadas aproximadas). Altitude aproximada: cerca de 311 metros (Fig. 12).

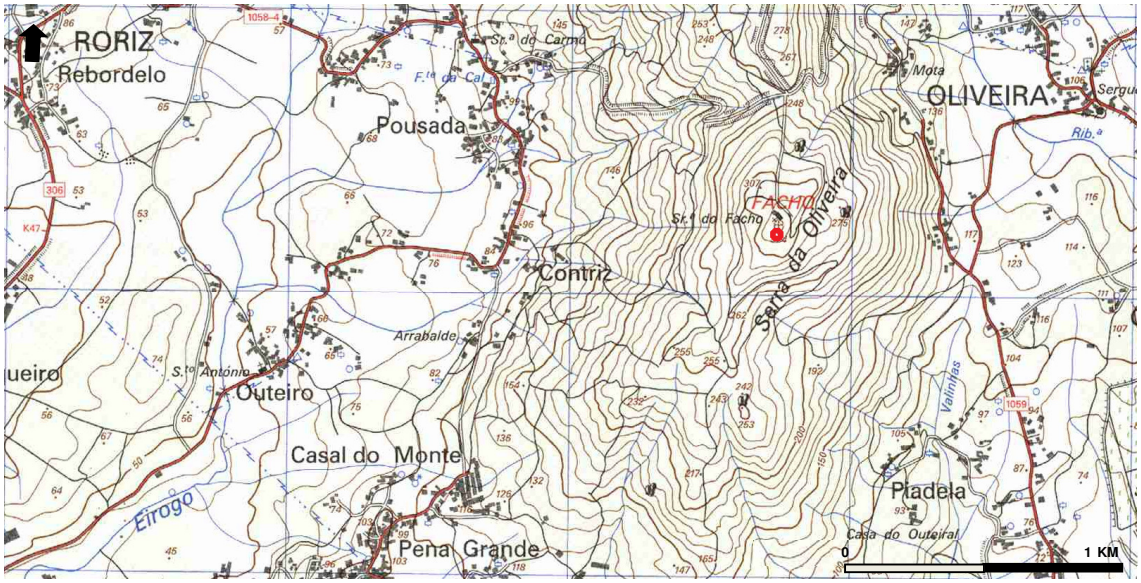


Figura 12: Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 55, à escala 1/25 000, com localização aproximada do afloramento com podomorfos do Monte de Roriz.

Fontes bibliográficas:

Desde a década de 90 que são conhecidas gravuras rupestres no Monte do Facho. Bettencourt (1999) refere afloramentos no topo, com algumas covinhas, por vezes formando motivos circulares e sulcos. Coimbra (2004: 50-53) refere seis afloramentos gravados, existentes no topo e início das vertentes, onde ocorrem sulcos isolados, sulcos que ligam covinhas entre si e várias covinhas,

algumas isoladas, outras desenhando segmentos de reta. Na rocha 1 indica a existência de três podomorfos relacionados com oito covinhas.

Contexto arqueológico:

O local onde se encontra o afloramento com os podomorfos foi ocupado durante o Bronze Final, a Idade do Ferro e a romanização (Almeida e Soeiro, 1980; Bettencourt, 1999, 2000). É conhecido por Castro ou Citânia de Roriz.

Localização física e ambiental:

Apesar de nos termos deslocado, por duas vezes, uma delas acompanhados pelo arqueólogo da câmara de Barcelos, Cláudio Brochado, ao monte do Facho, as nossas tentativas de relocalizar e observar os podomorfos da rocha 1, aí referidos pela bibliografia, foram infrutíferas, devido à vegetação intensa do local.

Sabe-se que o afloramento gravado com podomorfos fica entre o topo e o início da vertente oeste deste monte (Coimbra, 2004: 51). Segundo Cláudio Brochado este encontrava-se entre 5 a 10 m, para oeste da entrada da capela de Nossa Senhora do Facho.

O monte do Facho corresponde a um relevo residual, de substrato granítico que aflora abundantemente à superfície. Coimbra (2004: 51) afirma que a partir da rocha gravada há domínio visual sobre um extenso vale. Trata-se do vale do ribeiro do Eirogo, afluente do ribeiro do Lombão que dá origem à ribeira das Pontes, afluente da margem norte do Cávado. O afloramento encontra-se numa zona de chegada.

Descrição física do afloramento gravado:

Não foi possível determinar a descrição física do afloramento. No entanto, sabemos, pelo decalque efetuado, que a superfície gravada é aplanada (Coimbra, 2004: 47).

Descrição dos motivos gravados:

Segundo Coimbra (2004: 51), na rocha 1 existem três podomorfos relacionados com oito covinhas. As suas dimensões são de 20, 16 e 15 centímetros de comprimento. O autor não dá mais informações, mas, a partir do decalque realizado (Fig. 13), conseguimos verificar que eles se encontram agrupados e se orientam para direções distintas. O maior e o mais pequeno estão orientados para sudeste, enquanto o de 16 cm está orientado para nordeste. Os dois podomorfos

maiores, representam pés esquerdos. O menor, parece ser um pé direito, embora apresente uma curvatura lateral muito acentuada. Corresponderá a um pé deformado? As covinhas associam-se ao podomorfo maior, embora uma delas se relacione com o podomorfo de 16 cm.

Pelo decalque consegue apurar-se que os podomorfos foram gravados em baixo-relevo. O esquerdo de menores dimensões e o direito representam pés descalços, enquanto o de maiores dimensões representa um pé calçado.

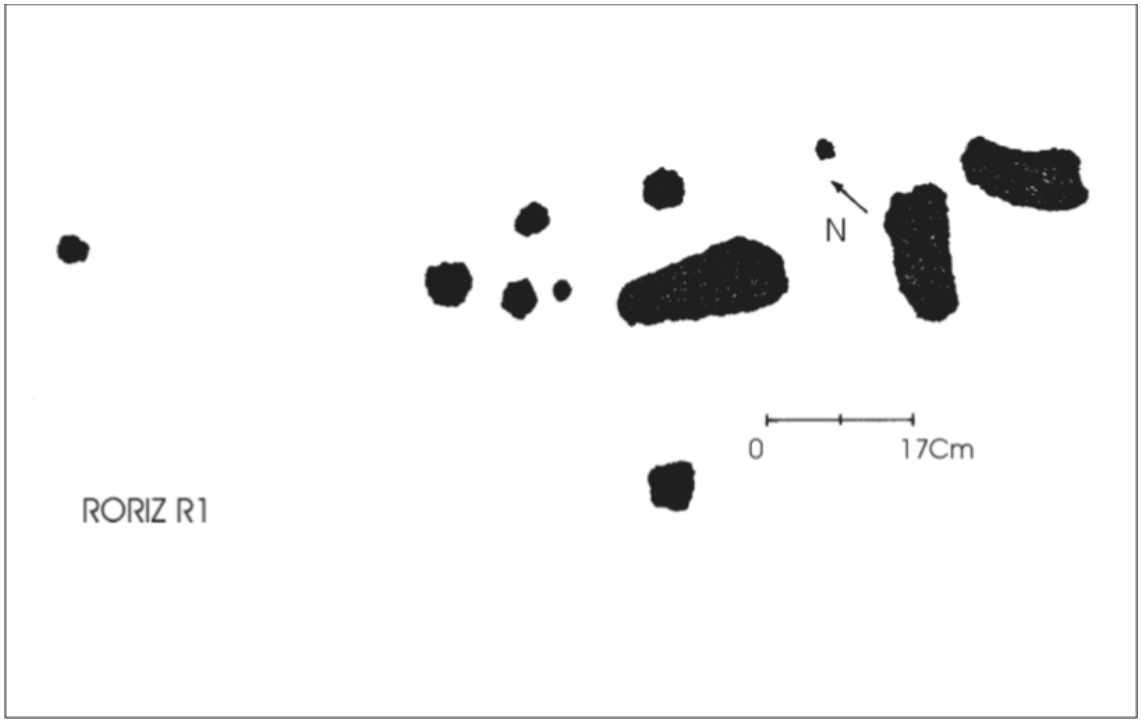


Figura 13: Levantamento da rocha 1 (Fonte: Coimbra, 2004: 47).

Lendas associadas:

Não se conhecem.

Afloramento/ Lugar cristianizado:

Não sabemos se o afloramento foi cristianizado, mas a proximidade da capela indicia cristianização do lugar.

Estado de conservação:

Desconhecido

Via de acesso:

A via de acesso ao topo do monte encontra-se sinalizada.

Condições de visitação:

Não se encontra musealizado.

Referências bibliográficas:

ALMEIDA e SOEIRO, 1980; BETTENCOURT, 1999, 2000; COIMBRA, 2004; dados inéditos.

2.1.2. CELORICO DE BASTOS

(4) PEGADA DA SENHORA/ SENHORA DO CALVELO - CNS: 32757

Localização administrativa:

Lugar: Alto da Forca.

Freguesia: Arnoia.

Localização geográfica (sistema: WGS 84; formato: graus decimais):

Latitude: 41.36541. Longitude: -8.06204. Altitude: cerca de 676 metros (Fig. 14).

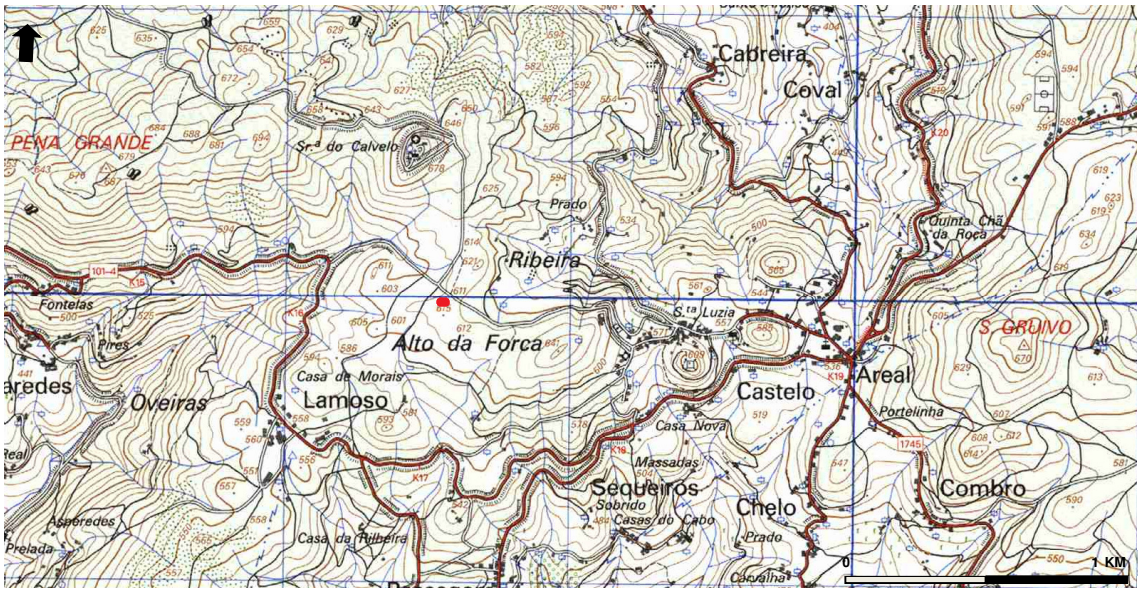


Figura 14: Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 100, à escala 1/25 000, com localização da Pegada da Senhora/ Senhora do Calvelo.

Fontes bibliográficas:

Não se conhecem.

Contexto arqueológico:

Não se conhecem vestígios arqueológico pré-históricos ou proto-históricos nas imediações do afloramento.

Localização física e ambiental:

O local situa-se num patamar da vertente média, localizado a sudeste da Pena Grande. É visível, para norte, a partir deste afloramento, a capela da Nossa Senhora do Calvelo, localizada no topo do monte com o mesmo nome. O castelo de Arnoia, situado a este, seria também visível, não fosse o imenso eucaliptal que, de momento, existe em volta da Pegada da Senhora/ Senhora do Calvelo. Para sul, pode observar-se a serra do Marão.

Foi possível, também, notar algumas linhas de água próximas, tais como a nascente de um pequeno curso de água, denominado Ribeira. A sul deste afloramento, a cerca de 1 km, existe, ainda, a ribeira da Regada.

O terreno onde se implanta a Pegada da Senhora/ Senhora do Calvelo é uma área desprovida de grandes afloramentos graníticos, sendo que o referente se destaca na paisagem. Existe algum quartzo na zona circundante.

A sudeste da rocha, existe pequeno abrigo natural, junto a uma zona de cruzamento de caminhos. Trata-se de uma zona de fácil circulação e de fácil acesso a partir do vale.

Descrição física do afloramento gravado:

Afloramento granítico de grão fino, bem visível na paisagem, fundamentalmente para quem se aproxima vindo de este. Encontra-se orientado para norte. As suas dimensões são de 9,70 m de comprimento, 5,30 m de largura e 2,64 m de altura, na sua face mais alta. As gravuras distribuem-se pelo topo do afloramento, superfície ligeiramente inclinada (Fig. 15).



Figura 15: Afloramento da Pegada da Senhora/ Senhora do Calvelo, com a localização de onde se encontram os podomorfos.

Descrição dos motivos gravados:

Os motivos gravados presentes neste afloramento distribuem-se por todo o seu topo, na área mais aplanada, voltada a oeste. Esses motivos compreendem a 2 motivos em U designados "ferraduras", 2 podomorfos e vários sulcos e covinhas. Foram utilizadas, como técnicas de execução das gravuras, a percussão seguida de abrasão.

Um dos podomorfos é de pequenas dimensões e representa um pé esquerdo orientado para norte, ou seja, para onde se situa a capela da Nossa Senhora do Calvelo. Foi escavado em baixo relevo (Fig. 16, Tab. 1). Uma das "ferraduras" encontra-se na sua proximidade. O segundo é de grandes dimensões, representa, igualmente, um pé esquerdo, com curvatura, podendo ser um pé deformado. Orienta-se, também, para norte e para o referido monte onde existe um santuário. Foi gravado em profundidade, através de percussão seguida de abrasão (Fig. 17).

De salientar, ainda, a existência de 1 sulco longo, com aproximadamente 32 cm de comprimento, que parece terminar, nas duas extremidades, com uma covinha.

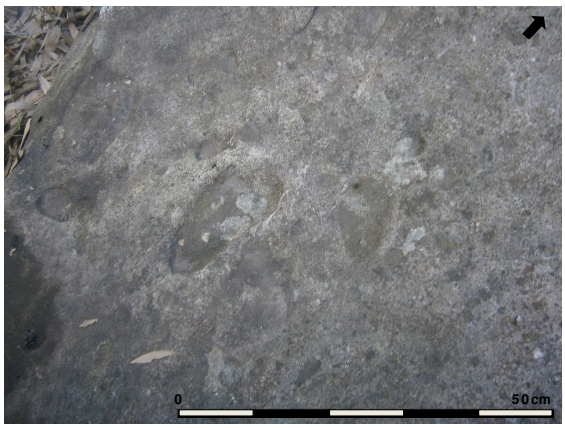


Figura 16: Pormenor do podomorfo de menores dimensões da Pegada da Senhora/ Senhora do Calvelo.

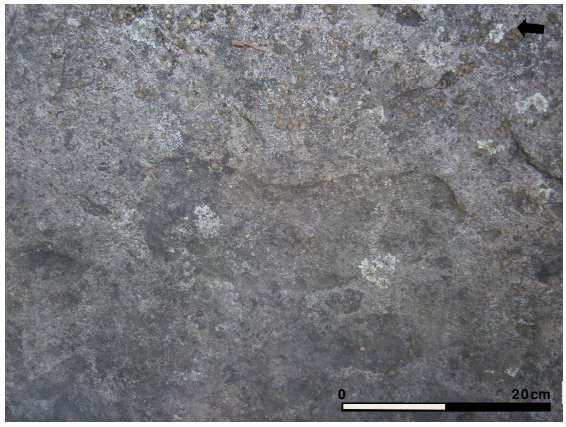


Figura 17: Pormenor do podomorfo de maiores dimensões da Pegada da Senhora/ Senhora do Calvelo.

Tabela 1: Caraterísticas gerais dos podomorfos da Pegada da Senhora

nº	Comprimento	Largura	Profundidade	Orientação	Pé	Tipologia
1	16 cm	9 cm	-	S-N	Esquerdo	Descalço
2	31,5 cm	11 cm	-	S-N	Esquerdo	Descalço

Lendas associadas:

Não se conhecem.

Afloramento/ Lugar cristianizado:

O afloramento foi cristianizado, como comprova a sua toponímia. A proximidade para com a capela da Nossa Senhora do Calvelo reforça a cristianização do lugar.

Estado de conservação:

Em razoável estado de conservação.

Via de acesso:

A partir de Arnoia seguir para a Nossa Senhora do Calvelo, primeiramente pela estrada nacional 101-4, posteriormente por caminhos carreteiros que levam ao santuário. Ao chegar a uma primeira encruzilhada, depois de entrar nos caminhos de terra-batida, a partir da qual se toma o caminho que sobe para o santuário, é aconselhável utilizar um GPS. A rocha com gravuras encontra-se

numa propriedade privada, próxima a essa encruzilhada, onde se pode também visualizar um placard com informações relativas ao património histórico-cultural da região.

Condições de visitação:

Não se encontra musealizado.

Referências bibliográficas:

www.arqueologia.patrimoniocultural.pt, CNS: 32757; dados inéditos.

2.1.3. FAFE

(5) PENEDO DA PEGADINHA / SENHORA DE ANTIME

Localização administrativa:

Lugar: não se conhece.

Freguesia: União de Freguesias de Antime e Silvares (São Clemente)

Localização geográfica (sistema: WGS 84; formato: graus decimais):

Latitude: 41.43823; Longitude: -8.15175; Altitude: cerca de 437 m (Fig. 18).

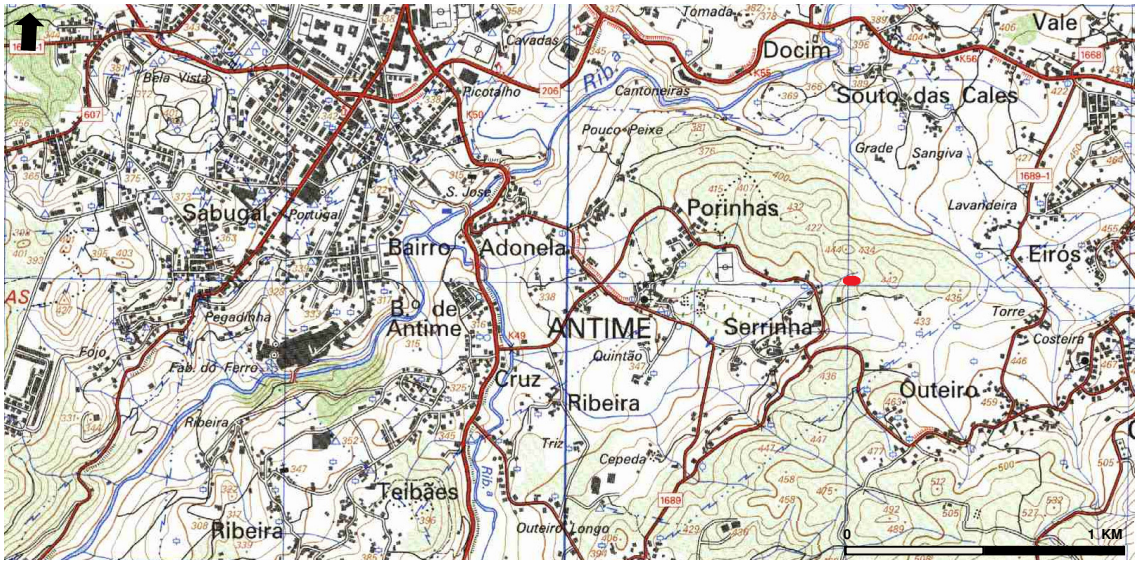


Figura 18: Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 85, à escala 1/25 000, com localização do Penedo da Pegadinha/ Senhora de Antime.

Fontes bibliográficas:

Martins Sarmento (1999: 87) refere, a cerca de 400 ou 500 m do lugar do Outeiro das Freiras, numa chã, a existência de várias gravuras que descreve do seguinte modo: "uma pegadinha que era a do menino; outra maior, que era da Senhora de Antime; uma ferradura; um tacho e uma bengala...".

Contexto arqueológico:

Não foi possível determinar o contexto arqueológico do afloramento.

Localização física e ambiental:

Implanta-se num patamar, a meio da vertente noroeste do monte do Santinho, dominando visualmente o vale da ribeira das Ínsuas, afluente do rio Ferro, que, por sua vez, desagua no rio Vizela, afluente do Ave. Deste local usufrui-se, igualmente, de uma boa visibilidade sobre a restante área circundante. Local de fácil acessibilidade a partir do vale. Sítio de boa acessibilidade a partir do vale.

Descrição física do afloramento gravado:

O Penedo da Pegadinha corresponde a um caos de blocos graníticos, de onde irrompem dois grandes afloramentos, muito destacados na paisagem, um sobreposto ao outro, estando o superior orientado no sentido NNE, como se de uma tampa se tratasse. De facto, trata-se de um conjunto de blocos impactante (Fig. 19). A este destes, existe um pequeno curso de água. Em toda a envolvente prevalecem inúmeros afloramentos graníticos, de variadíssimas dimensões. Nota-se, em todos, bastantes inclusões quartzíticas de distintas dimensões.



Figura 19: Penedo da Pegadinha/ Senhora de Antime.

Descrição dos motivos gravados:

Apesar da população local indicar a existência de podomorfos no Penedo da Pegadinha/ Senhora de Antime, não foi possível identificar aí qualquer gravura rupestre. O facto dos afloramentos se encontrarem impregnados de líquenes e de ao seu redor existir imensa vegetação arbustiva e arbórea (eucaliptos e pinheiros), impediu a sua visualização. No entanto, pela descrição de Sarmento (1999), sabemos que eram, pelo menos, dois, um de pequenas dimensões, associados ao que cremos serem motivos de arte esquemática, nomeadamente ao que vulgarmente se designa por ferraduras, ou seja, motivos em forma de "U" ou em semicírculo. Um dos podomorfos figurará um pé de criança ou juvenil.

Lendas associadas:

Segundo se percebe do relato de Martins Sarmento (1999) existiria a crença de que as pegadas eram do menino (Jesus) e da senhora de Antime.

Afloramento/ Lugar cristianizado:

O afloramento foi cristianizado, como comprova a sua toponímia e lenda.

Estado de conservação:

Em razoável estado de conservação.

Via de acesso:

Para aceder ao local deve-se passar a Igreja da Nossa Senhora de Antime e continuar a subir pela rua do Carvalhal. Após alguns metros deve-se seguir para a rua de Folgoso, passando-se assim a entrada do campo de futebol da freguesia. Após passar este ponto é aconselhável a utilização de um GPS e devidas coordenadas geográficas do sítio. O Penedo da Pegadinha/ Senhora de Antime localiza-se próximo a uma estrada que parte da rua de Folgoso em direção a apenas algumas moradias.

Condições de visitação:

Não se encontra musealizado.

Referências bibliográficas:

SARMENTO, 1999: 87; dados inéditos.

2.1.4. GUIMARÃES

(6) LUGAR DE VINHAS (17)

Localização administrativa:

Lugar: Vinhas.

Freguesia: União de Freguesias de Briteiros (Santo Estevão) e Donim.

Localização geográfica (sistema: WGS 84; formato: graus decimais):

Latitude: 41.53421. Longitude: -8.30603. Altitude aproximada: 198 metros (Fig. 20).



Figura 20: Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 71, à escala 1/ 25 000, com localização de Donim.

Fontes bibliográficas:

As gravuras foram identificadas em 2006, em contexto de um Seminário de Arqueologia da Universidade do Minho, tendo sido então, tiradas algumas fotografias (Cardoso, 2015: 94; 196). Em 2011 foram estudadas por Cardoso e Cruz, tendo sido, novamente abordadas por Cardoso (2015), no âmbito da sua tese de doutoramento. Esta autora fala na existência de um cavalo, inúmeras covinhas, sulcos meandriformes, outros sulcos e um podomorfo (Cardoso, 2015: 198-199).

Contexto arqueológico:

Daniela Cardoso (2015: 197) afirma não se conhecerem vestígios arqueológico da Pré-História Antiga, identificados na área, apesar de colocar o equídeo como sendo, possivelmente, do Paleolítico Superior. A este propósito refere:

> As gravuras rupestres do lugar de Vinhas encontram-se próximas de outros vestígios arqueológicos. Da Pré-história Recente assinalam-se o monumento megalítico localizado na Bouça Nova e a mamoa da Bouça da Agrela, ambos na freguesia de Barco. Ainda dispersos pelo Monte de S. Romão há a mencionar vários afloramentos gravados cronologicamente inseríveis entre o Neolítico e a Idade do Ferro (Cardoso, 2015: 197).

Localização física e ambiental:

O afloramento encontra-se "no fundo do vale [do Ave] que se abre entre o monte de Santa Iria, na Póvoa de Lanhoso, e o Monte de S. Romão onde se encontra implantada a Citânia de Briteiros" (Cardoso, 2015: 94; 196-197). Segundo Cardoso (2015: 197), o local toma forma de um anfiteatro natural "provocado pela bacia de receção do rio Febras". As gravuras encontram-se próximas de algumas nascentes e linhas de água, como por exemplo, o já mencionado, rio Febras, afluente do Ave (Cardoso, 2015: 197).

Descrição física do afloramento gravado:

Tratava-se de um afloramento granítico de grandes dimensões, rasante ao solo e que estava, antes de iniciado o processo da sua destruição[8], parcialmente soterrado (Cardoso, 2015: 197). Pela fotografia pode ver-se que tinha diversas diáclases e as superfícies superiores tendencialmente aplanadas (Fig.21).

[8] Segundo Cardoso (2015: 94; 196) "Após a sua deteção, técnicos da Sociedade Martins Sarmento realizaram algumas visitas ao local, tentando contactar o proprietário da moradia, mas não o conseguindo optaram então por explicar aos seus familiares o valor arqueológico do conjunto. Esta sensibilização não obteve o efeito desejado e o afloramento gravado foi parcialmente destruído pelo seu proprietário, através de meios mecânicos, em Janeiro de 2010".



Figura 21: Vista geral do afloramento, já muito perturbado pelo quintal de uma moradia particular (Fot. da Sociedade Martins Sarmento, em Cardoso, 2015, adaptado). A seta indica o afloramento com o podomorfo gravado.

Descrição dos motivos gravados:

Não obstante a destruição a que foi sujeito o afloramento, este tinha sido parcialmente inventariado por Cardoso e Cruz (2011), pelo que conseguimos recolher algumas informações sobre o podomorfo.

Os cerca de 70 motivos identificados em diversos painéis compreendiam covinhas, meandriformes, motivos indeterminados, um podomorfo e uma figuração equídea de proporções notáveis, considerado por Cardoso, eventualmente, Paleolítico (Cruz e Cardoso, 2011: 161; Cardoso, 2015: 93-94; 197; 199). As gravuras foram feitas recorrendo à técnica da percussão. Segundo a fotografia a que tivemos acesso, o podomorfo encontrava-se num pequeno painel, delimitado por duas diáclases e associava-se a covinhas agrupadas, a algumas dispersas e a sulcos, paralelos entre si. O podomorfo, que parece ser de um pé direito, foi escavado em profundidade, parecendo ter no seu interior uma covinha (Fig. 22). Enquadra-se tipologicamente nos podomorfos calçados.



Figura 22: Aspeto do painel onde se encontrava o podomorfo (Fot. da Sociedade Martins Sarmento, em Cardoso, 2015).

Lendas associadas:

Não se conhecem.

Afloramento/Lugar cristianizado:

Não sabemos se o afloramento ou o lugar foram cristianizados.

Estado de conservação:

Parcialmente destruído.

Via de acesso:

"Para aceder ao afloramento gravado situado no lugar de Vinhas, segue-se pela EN 310, na direção Taipas – Póvoa de Lanhoso e desvia-se para Donim" (Cardoso, 2015: 195).

Condições de visitação:

Não se encontra musealizado. Localizado em propriedade privada.

Referências bibliográficas:

CRUZ e CARDOSO, 2011; CARDOSO, 2015.

(7) QUINTA DO PAÇO

Localização administrativa:

Lugar: Não se conhece.

Freguesia: União de Freguesias de Briteiros (São Salvador) e Briteiros (Sta. Leocádia).

Localização geográfica (sistema: WGS 84; formato: graus decimais):

Latitude: 41.52590. Longitude: -8.31520 (coordenadas aproximadas). Altitude aproximada: cerca de 270 metros (Fig. 23).

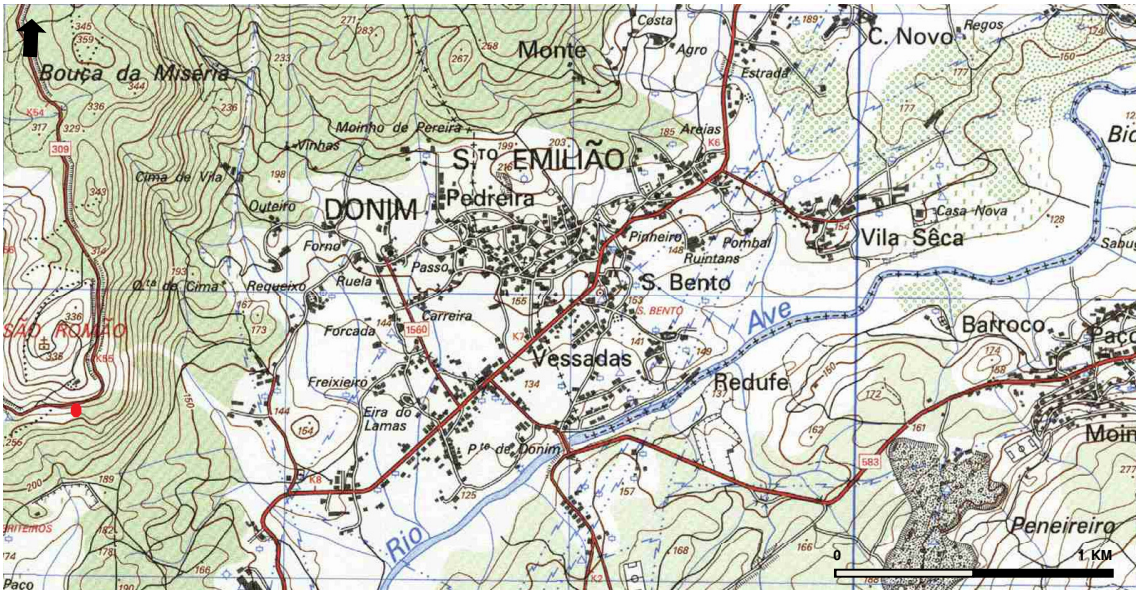


Figura 23: Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 71, à escala 1/25 000, com localização das gravuras da Quinta do Paço.

Fontes bibliográficas:

Estas gravuras rupestres foram identificadas em 2006, em contexto do seminário de Arqueologia da Universidade do Minho, que contou com o apoio da Sociedade Martins Sarmento e do CNART (Centro Nacional de Arte Rupestre), sob orientação de Daniela Cardoso (2015: 94; 145). A investigadora identificou, então, dois afloramentos gravados, com "combinações circulares, motivos espiraliformes, meandriformes, covinhas, um podomorfo e alguns indeterminados" (Cardoso, 2015: 94). Estes correspondem à rocha 1 e rocha 2, sendo que a rocha 1 foi subdividida

em 4 painéis (Cardoso, 2015: 146). Em 2011, foram realizados trabalhos de levantamento fotográfico e gráfico deste local (Cardoso, 2015: 94).

Contexto arqueológico:

A arte rupestre da Quinta do Paço situa-se a cerca de 250 m do Penedo dos Sinais e do Penedo da Moura, dois locais que contêm, igualmente, gravuras de estilo atlântico (Cardoso, 2015: 145). A citânia de Briteiros implanta-se, também, a algumas centenas de metros dos afloramentos da Quinta do Paço. Existem nas proximidades outros afloramentos com podomorfos

Localização física e ambiental:

As gravuras rupestres da Quinta do Paço localizam-se a meia vertente su-sudeste do monte de S. Romão. Do local tem-se um bom domínio visual sobre o vale do Ave e seus afluentes, sobre a serra da Cabreira, sobre o Monte da Penha, entre outros. O local é sobranceiro ao ribeiro de Febras. A flora é composta, essencialmente, por eucaliptos e vegetação rasteira e arbustiva (Fig. 24). Trata-se de um sítio de fácil acesso a partir do vale.



Figura 24: Vista para o vale do Ave, obtida a partir das gravuras da Quinta do Paço (seg. Cardoso, 2015: 145).

Descrição física do afloramento gravado:

O painel 3 da rocha 1, onde se localiza o podomorfo da Quinta do Paço, mede 2,61 m de comprimento e 2,50 m de largura (Cardoso, 2015: 151). Orienta-se para sul e é pouco impressivo na paisagem. O podomorfo encontra-se no topo do referente afloramento granítico, de forma sub-quadrangular, na superfície de tendência horizontal.

Descrição dos motivos gravados:

Segundo Cardoso (2015: 151), as gravuras do painel 3 representam uma "composição composta por cinco figuras circulares" e um podomorfo. As gravuras foram realizadas recorrendo às técnicas da percussão e abrasão. A autora diz que o podomorfo, que se encontra em posição periférica quanto à arte Atlântica, se situa na extremidade do lado norte do painel, correspondendo a um pé esquerdo de adulto, que foi escavado, parcialmente, em profundidade (Cardoso, 2015: 151). Está orientado para oeste-noroeste e mede à volta de 28 cm de comprimento e 11 cm de largura. É muito pouco percetível, ao contrário das restantes gravuras, pelo facto de ter sido gravado com pouca profundidade (Fig. 25 e 26). Parece pertencer à tipologia de podomorfo calçado.

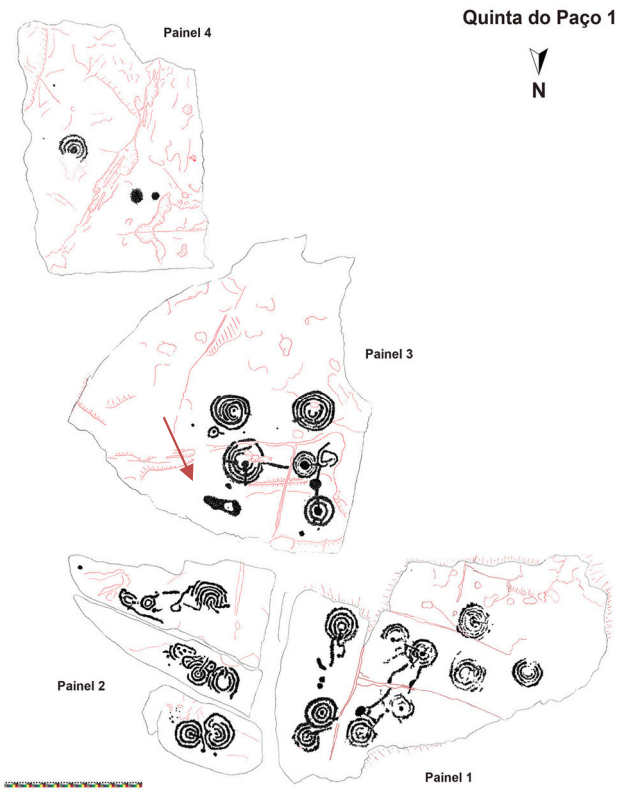


Figura 25: Levantamento das gravuras da Quinta do Paço, com o podomorfo assinalado (seg. Cardoso, 2015: 147, adaptado).



Figura 26: Fotografia noturna do painel 3, onde se insere o podomorfos (se. Cardoso, 2015: 151, adaptado).

Lendas associadas:

Não se conhecem.

Afloramento/ Lugar cristianizado:

Não sabemos se o afloramento ou o lugar foram cristianizados, mas encontram-se no monte de S. Romão.

Estado de conservação:

Em razoável estado de conservação, no entanto, o podomorfo é praticamente impercetível.

Via de acesso:

"Para aceder às gravuras rupestres da Quinta do Paço, segue-se pela estrada EN 309, na direção Briteiros – Braga. Estas localizam-se no Monte de S. Romão, a uma altitude entre os 264 e os 266 m, numa vertente orientada para sudeste" (Cardoso, 2015: 144).

Condições de visitação:

Não se encontra musealizado.

Referências bibliográficas:

CARDOSO, 2014, 2015; dados inéditos.

(8) QUINTA DOS LARANJAIS

Localização administrativa:

Lugar: Lugar das Pegadinhas.

Freguesia: União das freguesias de Sande (São Lourenço) e Balazar.

Localização geográfica (sistema: WGS 84; formato: graus decimais):

Latitude: 41.50912. Longitude: -8.34300. Altitude aproximada: 191 metros (Fig. 27).



Figura 27: Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 70, à escala 1/25 000, com localização da Quinta dos Laranjais.

Fontes bibliográficas:

A primeira alusão a esta rocha é feita por José Leite de Vasconcelos (1897), que diz existirem duas pegadas nas imediações do castro de Sabroso. No entanto só é localizada e estudada no séc. XXI, por Daniela Cardoso (2015:187-188) que refere a existência de diversas covinhas, um motivo indeterminado, e um par de podomorfos na Quinta dos Laranjais.

Contexto arqueológico:

Este afloramento situa-se nas proximidades de outros com arte rupestre, nomeadamente arte atlântica, que existem no Monte do Coto de Sabroso e "a sul do Castro de Sabroso, no limite exterior da sua área de proteção" (Vasconcelos, 1897: 381; Cardoso, 2015: 187). Este povoado foi habitado, pelo menos, durante a Idade do Ferro.

Localização física e ambiental:

Os podomorfos da Quinta dos Laranjais situam-se num afloramento da base da vertente su-sudoeste do monte do Coto de Sabroso. Encontra-se próximo da ribeira de Canhota, afluente do rio Ave. É um local de fácil acessibilidade.

Descrição física do afloramento gravado:

Segundo Cardoso (2015: 187), este afloramento granítico posiciona-se horizontalmente, sendo raso ao solo. "Como se encontra num local mais aplanado e a rocha tem dimensões apreciáveis é de considerar que, do ponto de vista da audiência, aí se poderia concentrar um grande número de pessoas em todo o seu entorno" (Cardoso, 2015: 188).

Descrição dos motivos gravados:

O afloramento gravado da Quinta dos Laranjais contém várias covinhas, um motivo indeterminado e um par de podomorfos, com um pouco menos do que 20 cm de comprimento, escavados em baixo relevo, que parecem estar calçados. Segundo observação realizada no local, nas imediações destes dois motivos, existem outras duas depressões que poderiam corresponder a outros podomorfos delidos (Fig. 28). As técnicas empregues na execução destes motivos rupestres foram a percussão e abrasão (Cardoso, 2015: 187-188).



Figura 28: À esquerda: par de podomorfos (seg. Cruz e Cardoso, 2011) e outras depressões. À direita: par de podomorfos vistos de cima (cortesia de D. Cardoso).

Lendas associadas:

Não se conhecem.

Afloramento/ Lugar cristianizado:

Não sabemos se o afloramento ou o lugar foram cristianizados.

Estado de conservação:

Bom estado de conservação.

Via de acesso:

Para ceder ao local, a partir de Sande (São Lourenço), deve-se seguir as indicações até à Quinta dos Laranjais. Aconselha-se o uso de um GPS e das referentes coordenadas geográficas.

Condições de visitação:

Não se encontra musealizado.

Referências bibliográficas:

VASCONCELOS, 1897; CRUZ e CARDOSO, 2011; CARDOSO, 2015; dados inéditos.

(9.1) S. ROMÃO 4

Localização administrativa:

Lugar: Citânia de Briteiros.

Freguesia: União de Freguesias de Briteiros (São Salvador) e Briteiros (Santa Leocádia).

Localização geográfica (sistema: WGS 84; formato: graus decimais):

Latitude: 41.52772. Longitude: -8.31597. Altitude aproximada: cerca de 339 metros (Fig. 29).

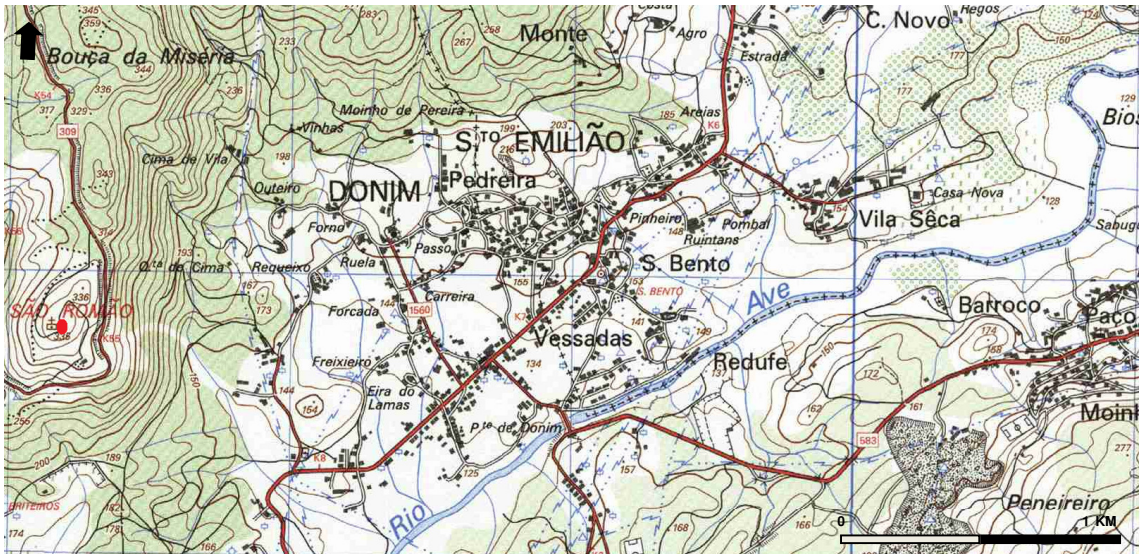


Figura 29: Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 71, à escala 1/25 000, com localização de S. Romão IV.

Fontes bibliográficas:

A descoberta da maioria das gravuras rupestres do monte de S. Romão decorreu durante as escavações realizadas na Citânia de Briteiros, nos séculos XIX e XX, por parte de Martins Sarmento. Outras foram identificadas, em 2006, no decorrer do seminário de Arqueologia da Universidade do Minho, que contou com o apoio da Sociedade Martins Sarmento e do CNART (Centro Nacional de Arte Rupestre). Apenas em 2011, foi feito o levantamento fotográfico e gráfico deste afloramento gravado (Cardoso, 2015: 135).

Contexto arqueológico:

S. Romão 4 localiza-se no monte de S. Romão, onde existem inúmeras gravuras rupestres de arte atlântica, vários podomorfos, um eventual depósito metálico do Bronze Final e um povoado da

Idade do Ferro - a Citânia de Briteiros. O local foi ainda ocupado durante o período romano e na Idade Média. No seu topo tem uma capela de invocação a S. Romão (Cardoso, 2015).

Localização física e ambiental:

S. Romão IV situa-se no topo do monte de S. Romão. Encontra-se em frente à chamada "Casa de Coronero", a alguns metros da capela de S. Romão, no setor 5 da Citânia (Cardoso, 2015: 136). O local aufere de uma ampla visibilidade sobre toda a envolvente, em especial para o vale do Ave, a sul e sudeste. Para sudoeste, observa-se o monte do Coto de Sabroso e respetivo povoado fortificado da Idade do Ferro (Fig. 30). Localiza-se em um local de fácil acesso.



Figura 30: Paisagem para sudeste (vale do Ave), visualizada a partir a rocha 4 do monte de S. Romão.

Descrição física do afloramento gravado:

Trata-se de um afloramento granítico de grão fino, de contorno sub-quadrangular, de cor cinzenta. É pouco impressivo na paisagem, sendo raso ao solo. Apresenta-se fraturado, possivelmente devido à construção do lajeado do pátio da "Casa do Coronero" (Cardoso, 2015: 136). Está

orientado para nordeste, tendo como dimensões 2,01 m de comprimento por 1,46 m de largura. A sua superfície gravada é horizontalizada.

Descrição dos motivos gravados:

As gravuras presentes neste afloramento representam uma covinha e um podomorfo (Figs. 31 e 32). Este, feito em linha de contorno, exibe um pé direito, que se orienta para sudoeste e se situa na extremidade norte do painel. Mede 26 cm de comprimento, 13 cm de largura e 2 mm de profundidade. As técnicas empregues na elaboração desta gravura foram a percussão seguida de abrasão. Entra na tipologia de podomorfo calçado, talvez com uma saliência interna (correia?). Na visita ao local notámos a possível existência de outro podomorfo calçado, parcialmente destruído pelo estalamento da rocha (Fig. 33).

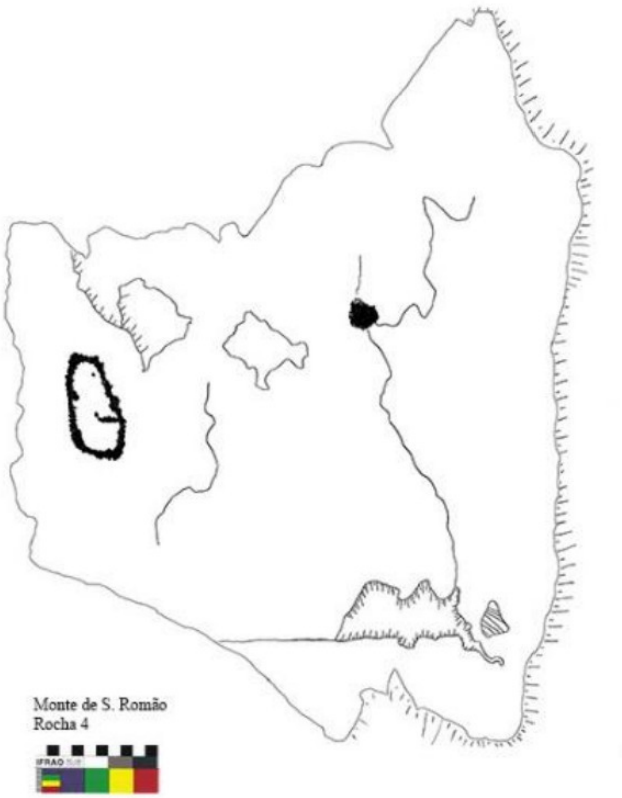


Figura 31: Decalque de S. Romão IV (Cardoso, 2015).



Figura 32: S. Romão 4 (Cardoso, 2015).



Figura 33: Podomorfo presente na rocha 4 do monte de S. Romão.

Lendas associadas:

Não se conhecem.

Afloramento/ Lugar cristianizado:

Não foi possível determinar se o afloramento foi cristianizado, mas a proximidade para com a capela de S. Romão indicia cristianização do lugar.

Estado de conservação:

Em estado de conservação regular.

Via de acesso:

A partir de Briteiros (São Salvador) deve-se seguir as indicações em direção à Citânia de Briteiros. O afloramento localiza-se no setor 5 da Citânia, em frente à "Casa do Coronero".

Condições de visitação:

Boas, o afloramento insere-se na Citânia de Briteiros, que se encontra musealizada e a cargo da Sociedade Martins Sarmento.

Referências bibliográficas:

CARDOSO, 2014, 2015; dados inéditos.

(9.2) S. ROMÃO 11

Localização administrativa:

Lugar: Citânia de Briteiros.

Freguesia: União de Freguesias de Briteiros (São Salvador) e Briteiros (Santa Leocádia).

Localização geográfica (sistema: WGS 84; formato: graus decimais):

Latitude: 41.52600. Longitude: -8.31675. Altitude aproximada: cerca de 292 metros (Fig. 34).

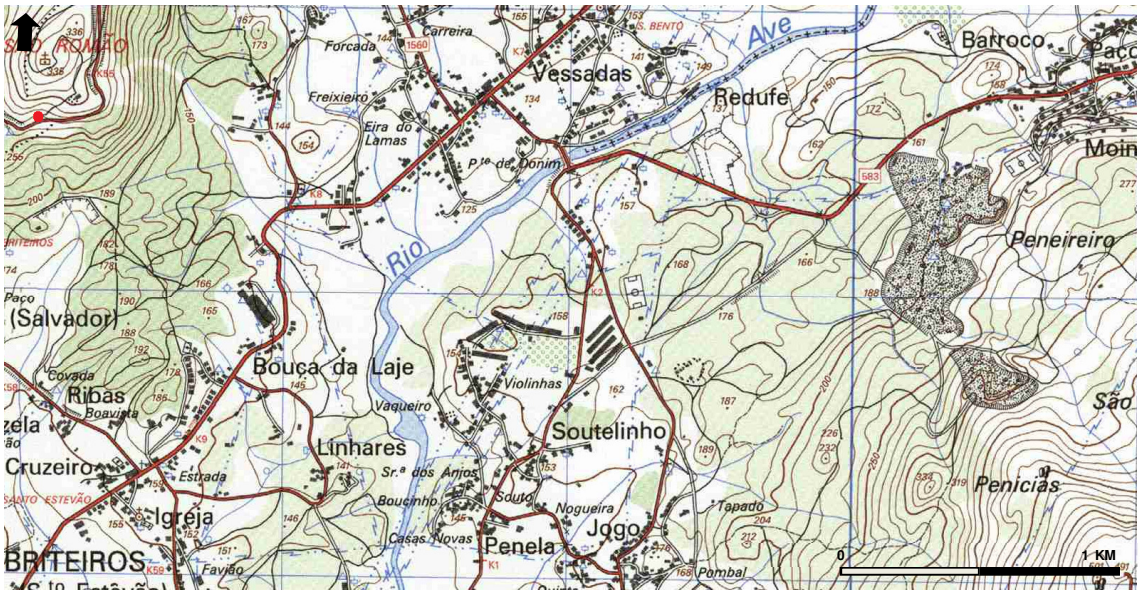


Figura 34: Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 71, à escala 1/25 000, com localização de S. Romão XI.

Fontes bibliográficas:

A descoberta da maioria das gravuras rupestres do monte de S. Romão decorreu durante as escavações realizadas na Citânia de Briteiros, nos séculos XIX e XX, por parte de Martins Sarmento. Outras foram identificadas, em 2006, no decorrer do seminário de Arqueologia da Universidade do Minho, que contou com o apoio da Sociedade Martins Sarmento e do CNART (Centro Nacional de Arte Rupestre). Apenas em 2011, foi feito o levantamento fotográfico e gráfico deste afloramento gravado (Cardoso, 2015: 142).

Contexto arqueológico:

S. Romão 11 localiza-se no monte de S. Romão, onde existem inúmeras gravuras rupestres de arte atlântica, vários podomorfos, um eventual depósito metálico do Bronze Final e um povoado da Idade do Ferro - a Citânia de Briteiros. Insere-se na via principal da Citânia, encontrando-se muito próximo ao balneário sul (Cardoso, 2015: 143). O local foi ocupado, pelo menos, durante o período romano e na Idade Média. No seu topo tem uma capela de invocação a S. Romão (Cardoso, 2015).

Localização física e ambiental:

O referido afloramento rochoso localiza-se a meio da vertente virada a sul, do monte de S. Romão. Do local é possível observar-se, para sudeste, este e nordeste, o vale do Ave, seus afluentes e montes circundantes (Fig. 35). Já para sul, oeste e noroeste, a visibilidade encontra-se interditada pela encosta do monte de S. Romão. Zona de boa acessibilidade a partir do vale.



Figura 35: Vista obtida a partir de S. Romão 11. O arvoredo tapa o vale do Ave, ao fundo.

Descrição física do afloramento gravado:

S. Romão 11 é um afloramento granítico de grão fino e de cor acinzentada, de contorno sensivelmente triangular, apesar de se encontrar fraturado, situação que parece ter acontecido aquando de um lajeamento de acesso ao balneário, realizado durante a Idade do Ferro (Cardoso, 2015: 285). Orienta-se para sudeste, medindo cerca de 1,77 m de comprimento, 0,55 m de largura e 0,27 m de altura. A superfície gravada é plana. Visto que o penedo é constituído por muitas micas, talvez obtenha um certo brilho quando os raios solares lhe embatem.

A rocha foi parcialmente cortada e utilizada no lajeado de acesso ao balneário, na Idade do Ferro.

Descrição dos motivos gravados:

O único motivo representado é um podomorfo, escavado em profundidade e representativo de um pé esquerdo. Tem 27,5 cm de comprimento por 11,7 cm de largura máxima e 12 mm de profundidade. As técnicas empregues na sua realização foram a percussão seguida de abrasão. Encontra-se orientado para sudoeste e pertence à tipologia de podomorfo descalço. Quem se posicionar sobre este, fica com o olhar direcionado para o vale do Ave, num posicionamento de descida da vertente (Figs. 36, 37 e 38).



Figura 36: Vista geral de S. Romão XI.



Figura 37: Pormenor da gravura de S. Romão XI.



Figura 38: Decalque da rocha 11 (Cardoso, 2015).

Lendas associadas:

Não se conhecem.

Afloramento/ Lugar cristianizado:

O nome do monte indicia cristianização.

Estado de conservação:

Em estado de conservação regular.

Via de acesso:

A partir de Briteiros (São Salvador) deve-se seguir as indicações em direção à Citânia de Briteiros. O afloramento localiza-se próximo ao balneário sul da Citânia.

Condições de visitação:

Boas, o afloramento insere-se na Citânia de Briteiros, que se encontra musealizada e a cargo da Sociedade Martins Sarmento.

Condições de visitação:

Boas, o afloramento insere-se na Citânia de Briteiros, que se encontra musealizada e a cargo da Sociedade Martins Sarmento.

Referências bibliográficas:

CARDOSO, 2014, 2015; dados inéditos.

2.1.5. TERRAS DO BOURO

(10) PENEDO DE SANTA EUFÉMIA - CNS: 4509

Localização administrativa:

Lugar: Não se conhece.

Freguesia: Covide.

Localização geográfica (sistema: WGS 84; formato: graus decimais):

Latitude: 41.73533. Longitude: -8.21340. Altitude aproximada: cerca de 552 metros (Fig. 39).

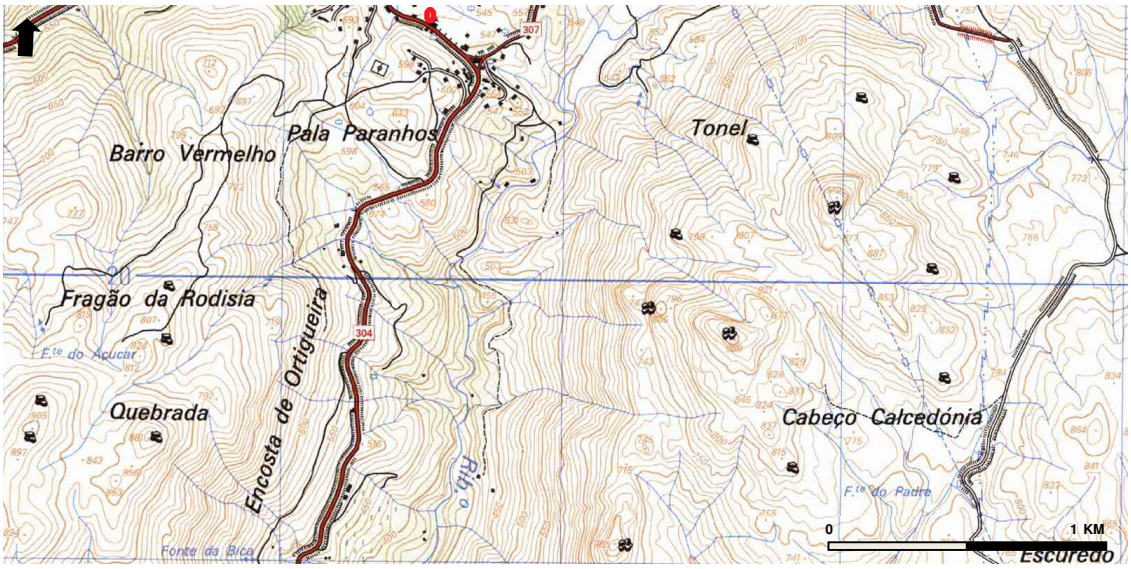


Figura 39: Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 43, à escala 1/25 000, com localização do Penedo de Santa Eufémia.

Fontes bibliográficas:

A primeira referência ao local é de Pinho Leal (1873b, 1873c), que descreve uma lenda que se lhe associa. Posteriormente é referido por José Augusto Vieira (1886: 470), que precisa um pouco mais o local, dizendo que este se situa próximo da capela "d'esta festejada santa". Estas informações são repetidas e precisadas no trabalho monográfico de Domingos M. da Silva (1958). Apesar de se terem equivocado quanto ao nome do afloramento, designando-o por Santa Eugénia, Varela Gomes e Pinho Monteiro (1974-1977) também o referem. Mais recentemente, Sampaio e Bettencourt (2017: 77), a propósito da arte rupestre da bacia do Cávado, referem este afloramento e transcrevem a lenda que se lhe associa. Apesar de todas estas referências, a sua descrição detalhada nunca foi efetuada.

Contexto arqueológico:

Não foi possível determinar o contexto arqueológico da área de implantação do afloramento.

Localização física e ambiental:

O afloramento emerge, isolado, no vale provocado pela confluência de vários ribeiros. A norte e noroeste corre o ribeiro da Roda e a su-sudeste o de Freitas, afluentes dos rios Homem e Cávado, respetivamente. Existem, ainda, algumas fontes e nascentes na região, pelo que o local é profundamente irrigado, motivo pelo qual está hoje transformado num campo agrícola, inserido na área do Parque Nacional da Peneda-Gerês. A visibilidade a partir do afloramento gravado não

é muito ampla, circunscrevendo-se à veiga de Santa Eufémia, que lhe fica a norte, noroeste e a oeste. Está muito próximo da capela de Santa Eufémia, que avista a su-sudeste (Fig. 40). Trata-se de uma zona de fácil acessibilidade.



Figura 40: Localização do Penedo de Santa Eufémia, na veiga de Santa Eufémia.

O Penedo de Santa Eufémia é um afloramento granítico de consideráveis dimensões, com alguns encraves quartzíticos. Mede cerca de 5,20 m de comprimento por 4,55 m de largura, com uma altura máxima aproximada de 1,63 m. Apesar do seu tamanho, não se destaca muito na paisagem, para quem se apresenta vindo de sul e sudoeste, devido à sedimentação atual. Já para quem vem de norte e nordeste, o afloramento demarca-se notavelmente. Esta disparidade justifica-se pelo facto de o penedo apresentar um maior declive para sul, sendo, portanto, menos alto por esse lado. A sul eleva-se pouco perante o solo, enquanto a norte eleva-se 1,63 m. A sua orientação é sudeste-noroeste. Já quanto á superfície gravada, esta é ligeiramente inclinada, excetuando o seu topo, a norte, de tendência mais plana.

Descrição dos motivos gravados:

Apesar de no seu topo ter sido implantada uma cruz de granito, de razoáveis dimensões, e uma outra edificação pétrea de difícil interpretação, assim como, destas estruturas terem sido parcialmente cercadas por grades metálicas e um pequeno portão (Fig. 41), ainda é possível visualizar algumas gravuras.



Figura 41: Estruturas pétreas e grades metálicas do Penedo de Santa Eufémia.

Este afloramento rochoso contém como motivos gravados, covinhas, sulcos, motivos indeterminados e podomorfos. Algumas covinhas aparecem agrupadas e alguns sulcos ligam estas entre si. Apesar de alguns dos podomorfos parecerem encontrar-se aos pares, visto estarem lado-a-lado, o facto de o "par" ser sempre formado por um pé direito situado do lado esquerdo e vice-versa, comprova que não se trata da representação de um par de pés humanos, mas sim de vários pés individualizados. Todos os podomorfos presentes no Penedo de Santa Eufémia têm o polegar representado em baixo relevo, pelo que deverão corresponder a pés descalços, apesar da forma muito arredondada na extremidade do pé. Foi possível contabilizar 12 podomorfos isolados, que se distribuem, essencialmente, pela zona sul do topo do penedo, como se tivessem chegado ali vindos dessa direção. A grande maioria orienta-se para norte, no entanto, 4 deles orientam-se para

noroeste e 1 para este. São de várias dimensões, entre os 15 cm e os 23 cm de comprimento, pelo que deverão representar pessoas de diferentes idades. As gravuras foram feitas por percussão, em alguns casos seguidas de abrasão. Os podomorfos foram gravados em baixo relevo. De realçar, ainda, que as gravuras se encontram bastante erodida, pelo que a sua análise foi de extrema dificuldade (Tab. 2 e Fig. 42).

Tabela 2: Caraterísticas gerais dos podomorfos do Penedo de Santa Eufémia

nº	Comprimento	Largura	Profundidade	Orientação	Pé	Tipologia
1	22 cm	8 cm	1 cm	SE-NO	Direito	Descalços
2	21 cm	8 cm	1 cm	SE-NO	Esquerdo	Descalços
3	22 cm	7 cm	1 cm	SE-NO	Direito	Descalços
4	22 cm	8 cm	1 cm	S-N	Direito	Descalços
5	19 cm	6,5 cm	1 cm	S-N	Direito	Descalços
6	15 cm	4 cm	1 cm	S-N	Esquerdo	Calçados com tacão
7	15,5 cm	4,5 cm	1 cm	S-N	Direito	Calçados com tacão
8	19,5 cm	7 cm	1 cm	O-E	Esquerdo	Descalços
9	18 cm	5,5 cm	1 cm	S-N	Esquerdo	Calçados com tacão
10	18 cm	6 cm	1 cm	S-N	Esquerdo	Calçados com tacão
11	17,5 cm	6 cm	1 cm	S-N	Esquerdo	Calçados com tacão
12	23 cm	8 cm	1 cm	SE-NO	Esquerdo	Descalços

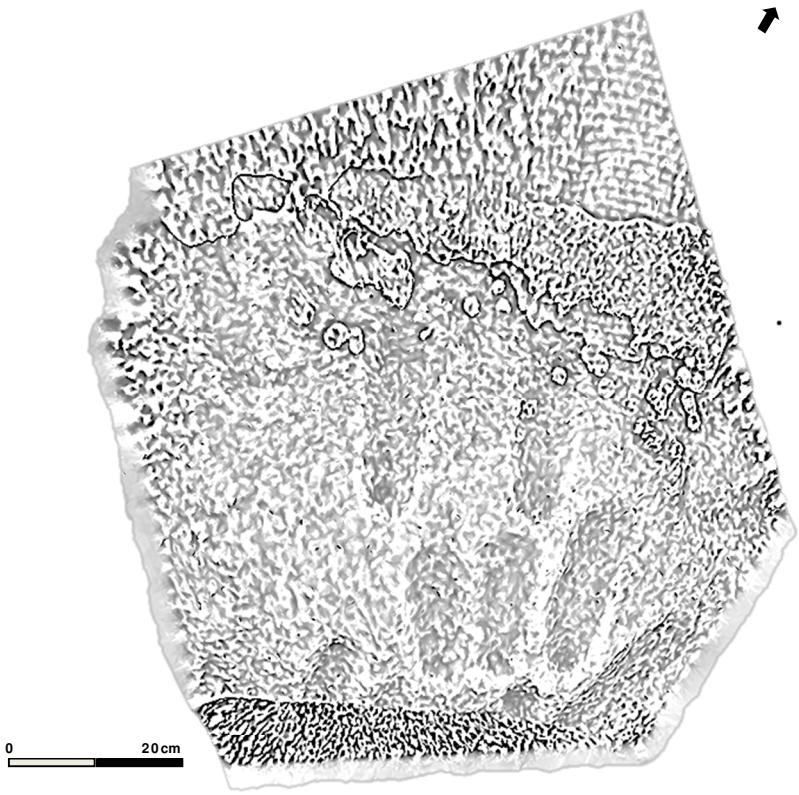


Figura 42: Fotogrametria de alguns dos podomorfos do Penedo de Santa Eufémia.

Lendas associadas:

Segundo Pinho Leal (1873b: 431) a propósito de Covide pode ler-se:

> A pequena distancia a E. de Covide, está a capella de Santa Eufemia, e junto a ella um penedinho de fórma espheroidal, para o qual se sobe por alguns degraus de cantaria e dominado por uma pequena cruz de granito. Chama-se Penedo da Santa, ou Penedo de Santa Eufemia. N'elle se vêem vestígios de muitas pégadas de um pé delicado. É tradição que fugindo Santa Eufemia á perseguição de seu pae, governador romano de Braga, vagára por estas serras e que fazendo oração sobre este penedo, ahi deixou gravados os signaes de seus pés.

O mesmo autor (1873c: 275), a propósito do Gerês, embora tratando-se do mesmo local, refere:

> Na Veiga de Santa Eufemia, está um grande penedo (chamado da Santa) em que se veem impressos, signaes de joelhos e pés, pequenos. É tradição que foram feitos por Santa Eufemia, quando aqui orou prompta a padecer pela fé de Jesus Christo. (Andava fugida á perseguição de seu pae, que era idolatra, e governador romano de Braga).

Afloramento/Lugar cristianizado:

O afloramento encontra-se cristianizado pela toponímia, pela cruz e pela lenda.

Estado de conservação:

Em razoável estado de conservação.

Via de acesso:

Chega-se à freguesia de Covide e procura-se a capela de Santa Eufémia. O afloramento gravado fica na lateral esquerda da capela, em um campo agrícola, junto ao portão de entrada deste. É fácil identifica-lo, pois trata-se do único afloramento de consideráveis dimensões existente neste campo.

Condições de visitação:

Não se encontra musealizado, mas é visitável. Está em propriedade privada, apesar de ter um "banquinho" para repouso, nas suas imediações.

Referências bibliográficas:

PINHO LEAL, 1873b, 1873c; VIEIRA, 1886; SILVA, 1958; GOMES e MONTEIRO, 1974-1977; SAMPAIO e BETTENCOURT, 2017; dados inéditos.

2.1.6. VIEIRA DO MINHO

(11) ALMAS 1 - CNS: 31754

Localização administrativa:

Lugar: Não se conhece.

Freguesia: Salamonde.

Localização geográfica (sistema: WGS 84; formato: graus decimais):

Latitude: 41.68029. Longitude: -8.084181. Altitude aproximada: cerca de 613 metros (Fig. 43).

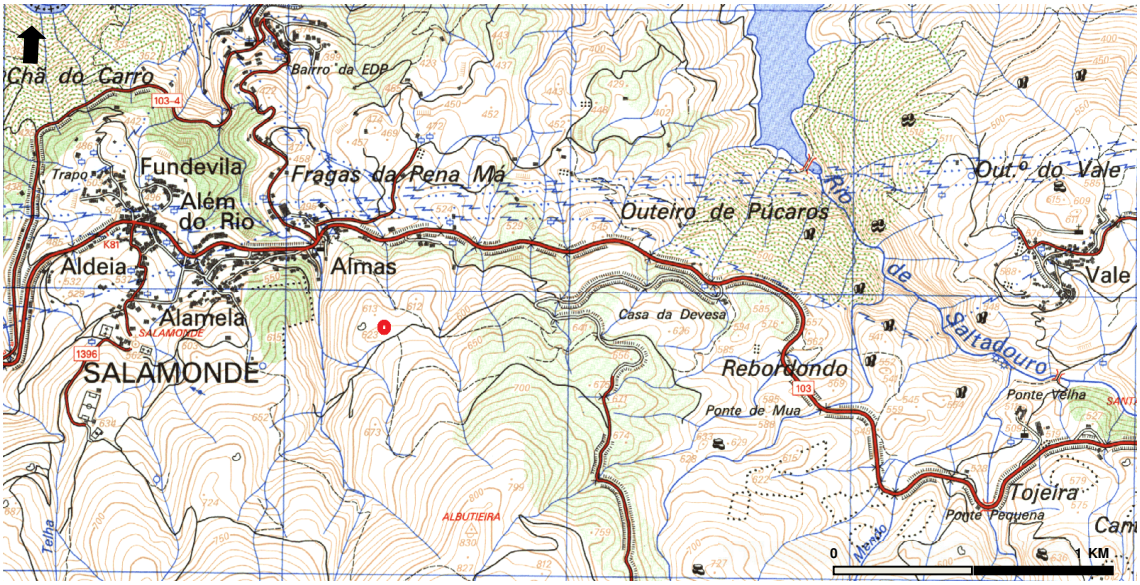


Figura 43: Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 44, à escala 1/ 25 000, com localização de Almas 1.

Fontes bibliográficas:

O local foi descoberto «por Alexandre Canha no âmbito do projeto "EIA - Modificação da Linha Vila Nova/ Riba de Ave de 150 Kv para 400Kv"» (Bettencourt, 2014a). Foi sumariamente referenciado no Portal do Arqueólogo (www.arqueologia-património cultural.pt).

Contexto arqueológico:

Não foi possível determinar o contexto arqueológico da área de implantação do afloramento.

Localização física e ambiental:

O local fica na plataforma a meio da vertente, ingreme, nor-noroeste do monte da Albutieira, em área de fácil acessibilidade a partir dos pequenos vales de afluentes do Cávado.

Em deslocação ao local e seguindo-se as coordenadas geográficas disponíveis, estas conduziram-nos por um estradão que, em determinado ponto, se encontrava interdito, não existindo forma de prosseguir. Após conversa com um residente de Salamonde, antigo Presidente da Junta de Freguesia, ficou-se a saber da existência de gravuras próximas ao lugar das Almas 1. No entanto, não nos soube indicar uma outra forma de alcançar os afloramentos, a não ser a que já tinha sido tentada anteriormente. Assim, sabe-se apenas que as gravuras rupestres se implantam numa plataforma da vertente norte da serra da Cabreira, dominando o Cávado.

Descrição física do afloramento gravado:

Sabe-se apenas que se trata de um afloramento granítico.

Descrição dos motivos gravados:

Alexandre Canha refere que o afloramento está gravado com motivos geométricos reticulados, antropomorfos em fi (?), covinhas e eventuais podomorfos muito erodidos, pelo que, tal como afirma Sampaio e Bettencourt (2017), devemos estar perante um afloramento com arte esquemática.

O referido informante confirmou a existência de gravuras rupestres no local, embora tenha dito que não existiam pegadas no afloramento. A dúvida persiste, motivo pelo qual, quando oportuno, este afloramento deveria ser observado com detalhe e metodologias adequadas a um estudo mais profundo.

Lendas associadas:

Desconhecem-se.

Afloramento/ Lugar cristianizado:

Desconhece-se.

Estado de conservação:

Desconhecido.

Via de acesso:

No lugar das Almas 1, tomar estrada que sobe o monte. Após passar a última casa, no momento da prospeção, o caminho encontrava-se interdito.

Condições de visitação:

Não se encontra musealizado.

Referências bibliográficas:

CANHA, 2008; BETTENCOURT, 2014; SAMPAIO e BETTENCOURT, 2017.

(12) PENEDO DA PEGADINHA - CNS: 30023

Localização administrativa:

Lugar: Alto das Pedras Brancas.

Freguesia: Pinheiro.

Localização geográfica (sistema: WGS 84; formato: graus decimais):

Latitude: 41.637160. Longitude: -8.097990. Altitude aproximada: cerca de 645 metros (Fig. 44).

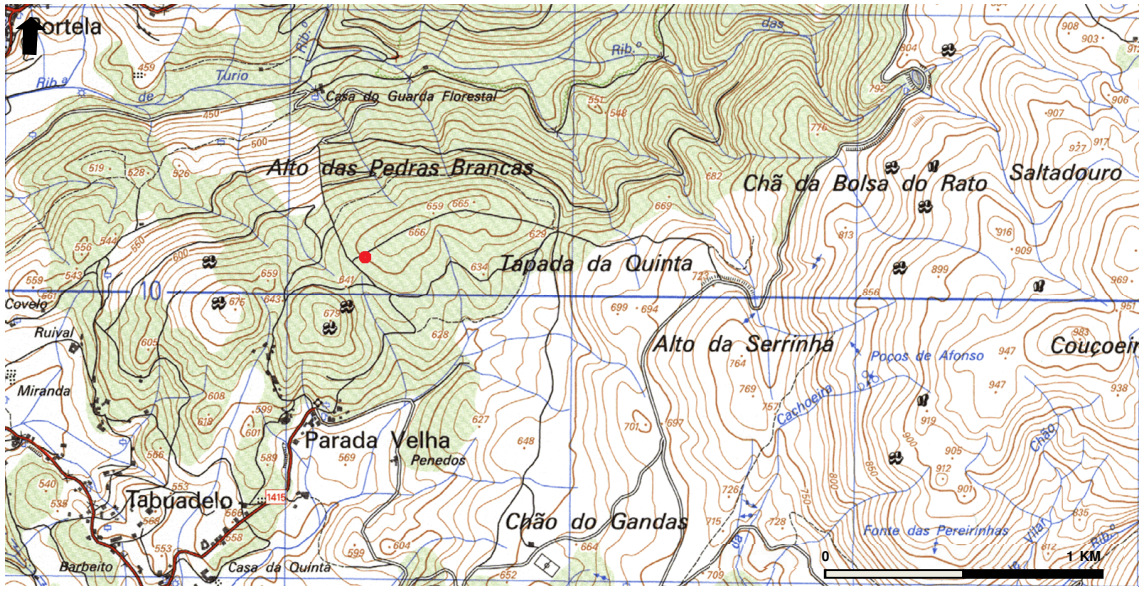


Figura 44: Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 58, à escala 1/25 000, com localização do Penedo da Pegadinha.

Fontes bibliográficas:

A primeira menção a esta rocha foi feita por Luís Fontes em 1998. Em 2007, o mesmo autor, em conjunto com Ana Roriz, volta a abordar o Penedo da Pegadinha, fazendo apenas uma descrição sumária do mesmo. Mais recentemente, em 2015, Daniela Cardoso cita a obra anterior.

Contexto arqueológico:

Luís Fontes e Ana Roriz (2007: 99) colocam este local nas proximidades da necrópole megalítica do Chão de Gandas e do Abrigo da Pedra Bela, a su-sudoeste. Uma residente da freguesia de Pinheiro, que nos auxiliou na localização do Penedo da Pegadinha, diz haver outras gravuras

rupestres com, pelo menos, covinhas, situadas nos terrenos do campo de tiro que existe nas imediações. Porém, não tivemos a oportunidade de as visitar.

Localização física e ambiental:

Segundo Fontes e Roriz (2007: 99) sabia-se apenas que o afloramento se localizava "na bordadura de uma mata (...), junto a um aceiro «corta-fogo»" e adjacente a uma zona de cruzamento de antigos caminhos. Além destes pormenores, este situa-se num patamar, a meio da vertente oeste da serra da Cabreira, nomeadamente na vertente nor-noroeste de um outeiro aqui existente. A visibilidade, a partir deste local, é relativamente fechada, abrindo-se apenas para su-sudeste. A noroeste, nor-noroeste e nordeste corre a ribeira de Túrio e os ribeiros do Cortiço e das Campainhas, respetivamente. Estes desaguam na ribeira de Cantelães, que aflui na albufeira do Ermal.

A área envolvente é constituída por vegetação arbórea, constituída por muitos pinheiros e por arbustivas. Trata-se de uma zona onde é, ainda, praticada alguma pastorícia (Fig. 45).



Figura 45: Vista para su-sudeste, obtida a partir do Penedo da Pegadinha.

Descrição física do afloramento gravado:

Laje granítica sub-quadrangular, de grandes dimensões, orientada para noroeste. Mede cerca de 6,30 m de comprimento, por 5,23 m de largura. É particamente rasa ao solo, porém, na sua zona mis alta, tem 0,63 m de altura. Encontra-se em parte soterrada, pelo que as dimensões que acabamos de referir compreendem apenas a área visível do afloramento. A superfície gravada é horizontalizada (Fig. 46).



Figura 46: Penedo da Pegadinha.

Descrição dos motivos gravados:

A iconografia presente neste local passa pelos motivos reticulados, covinhas, grupos de covinhas, sulcos, sulcos que ligam covinhas entre si, motivos indeterminados, possivelmente uma "ferradura" e dois podomorfos (Fontes e Roriz, 2007: 99; Cardoso, 2015: 110; Portal do Arqueólogo, CNS: 30023; dados inéditos). Podem inscrever-se na arte esquemática de ar livre. As covinhas distribuem-se praticamente por toda a superfície rochosa visível, assumindo variadas dimensões, que podem ir até aos 13 cm de diâmetro. Quanto aos dois podomorfos, estes situam-se no centro da rocha, ou seja, na zona aplanada e são os responsáveis pela toponímia do afloramento. Enquanto um se orienta para este e representa um pé direito de um humano adulto, o outro orienta-se para sudoeste e representa um pé esquerdo humano (Tab. 3 e Figs. 47 e 48). Foram gravados em baixo relevo.

Tabela 3: Caraterísticas gerais dos podomorfos do Penedo da Pegadinha

nº	Comprimento	Largura	Profundidade	Orientação	Pé	Tipologia
1	25 cm	9 cm	10 mm	O-E	Direito	Descalço
2	19 cm	6,5 cm	5 mm	NE-SO	Esquerdo	Descalço



Figura 47: Podomorfo nº 1 do Penedo da Pegadinha.



Figura 48: Podomorfo nº 2 do Penedo da Pegadinha.

Lendas associadas:

A população local atribui as pegadas e covinhas à passagem da Nossa Senhora e sua "burrinha", respetivamente, pelo Penedo da Pegadinha. As marcas de seus pés e patas ficaram impressas na rocha (inédita).

Afloramento/Lugar cristianizado:

O afloramento e o lugar foram cristianizados pela lenda.

Estado de conservação:

Em razoável estado de conservação.

Via de acesso:

Para aceder ao local, "de Pinheiro, segue-se pela EM 526 e, posteriormente, pela EM 1415, para Parada Velha. Segue-se estradão até ao Alto das Pedras Brancas" (Portal do Arqueólogo, CNS: 30023).

Condições de visitação:

Não se encontra musealizado.

Observações:

Realizámos um levantamento fotogramétrico deste local, mas apenas da área visível da rocha. Foi efetuada sem que uma limpeza intensiva e cuidadosa do afloramento fosse feita, pois não tínhamos autorização da tutela para tal. A laje encontra-se coberta por muitos musgos e líquenes.

Referências bibliográficas:

FONTES, 1998; FONTES e RORIZ, 2007; CARDOSO, 2015; dados inéditos.

2.1.7. OUTRAS REFERÊNCIAS A AFLORAMENTOS COM PODOMORFOS NO DISTRITO DE BRAGA

2.1.7.1. CABECEIRAS DE BASTO

PEGADA DE JESUS

Daniela Cardoso (2015: 259), ao enumerar algumas rochas com podomorfos que José Leite de Vasconcelos (1897) identificou, fala na Pegada de Jesus. Após leitura da obra deste último autor, não encontramos qualquer referência a esta pegada, situada em Cabeceiras de Basto, Braga. Deslocamo-nos à vila, mais propriamente à *Casa do Tempo* e, posteriormente, falámos com o antigo arqueólogo da Câmara Municipal de Cabeceiras de Bastos, neste momento a exercer outras funções no seio do organismo. O próprio desconhecia qualquer referência a esse podomorfo e, inclusivamente, disse não conhecer qualquer podomorfo no concelho. Tivemos a oportunidade de consultar, em conjunto, algumas obras acerca dos elementos arqueológicos do concelho, mas não encontrámos qualquer menção a "pegadas". Após termo-nos deslocado a alguns locais, dentro do

concelho, que nos indicaram como sítios com arte rupestre, não conseguimos identificar nenhuma gravura que pudesse representar um pé humano.

Referências bibliográficas:

VASCONCELOS, 1897; CARDOSO, 2015: 259.

2.1.7.2. FAFE

PENEDO DA PEGADINHA

A primeira referência a estas pegadas encontra-se Pinho Leal (1873c: 132). A propósito de Fafe diz este autor:

> No monte de S. Jorge Magno ha grandes pedreiras de granito metamorphico e porphiroide, optimo para construcções. É proximo da villa. N'este monte venera o povo o Penêdo de Pégadinha, no qual deixára impressas as suas santas patas, a jumentinha da Nossa Senhora, quando esta aqui passou a cavallo, na fugida para o Egypto!!!

Em 1997, Artur Coimbra, numa monografia local, refere a lenda com algumas alterações:

> Para fugir à perseguição que os dominadores da Judeia faziam ao Menino Jesus, a Virgem, na sua ida para o Egipto, passou... em Fafe. No trajecto, foi obrigada a atravessar o monte de S. Jorge, muito íngreme e pedregoso. A burrinha, já ajoujada ao peso de Nossa Senhora e do Menino, fazia um esforço enorme para vencer a aspereza do caminho. E tão grande foi que as impressões das suas patas por lá ficaram bem distintas no Penedo da Pégadinha... (Coimbra, 1997: 324).

Durante o trabalho de campo que realizámos no concelho de Fafe, conseguimos detetar que o Monte de S. Jorge Magno fica na freguesia de Fafe, hoje no perímetro urbano da cidade, estando, por isso, profundamente urbanizado. Conseguimos identificar a existência da Rua da Pegadinha, que fica na base da vertente sul deste monte. No entanto não foi possível localizar o referido penedo, pois este já desapareceu da memória das populações locais[9].

[9] Agradecemos a Isabel Sousa e Silva as ajudas prestadas nos trabalhos realizados em Fafe.

Referências bibliográficas:

PINHO LEAL, 1873c; COIMBRA, 1997.

PENEDO DOS MOUROS OU MONTIM - CNS: 5263

Este local está referenciado no (Portal do Arqueólogo, CNS: 5263), como correspondendo aos alicerces, talhados na rocha, de uma atalaia que teria existido, talvez da Idade Média, localizada na freguesia de Quinchães. No entanto, aquando de prospeções arqueológicas no concelho de Fafe, foi-nos dito, por alguns residentes da União de Freguesias de Antime e Silvares (São Clemente), que ali existiam "pegadas" que seriam da Santa ou do seu cavalo, quando passaram por lá. Contaram-nos, ainda, que as pessoas consideram que o local é uma antiga habitação dos Mouros e que lá existe ouro enterrado.

Estas informações levaram-nos ao local (Fig. 49), mas a natureza dos dados arqueológicos encontrados não confirmou a informação. Na verdade, o que encontrámos foram inúmeros entalhes abertos nas rochas, a pico, que teriam servido para a colocação de estruturas de madeira. Além destes, existem cerca de 5 entalhes de tendência triangular gravadas em profundidade (Figs. 50 e 51) que são, certamente, o que a população local afirma serem pegadas. Existem, ainda, algumas figuras quadrangulares e várias pias, de múltiplas dimensões, umas naturais e outras que deixam dúvidas quanto à sua natureza.

Alertamos para o facto das rochas se encontrarem muito erodidas e densamente cobertas de musgos e líquenes, pelo que uma limpeza cuidada e aprofundada do local poderá vir a revelar mais informações.

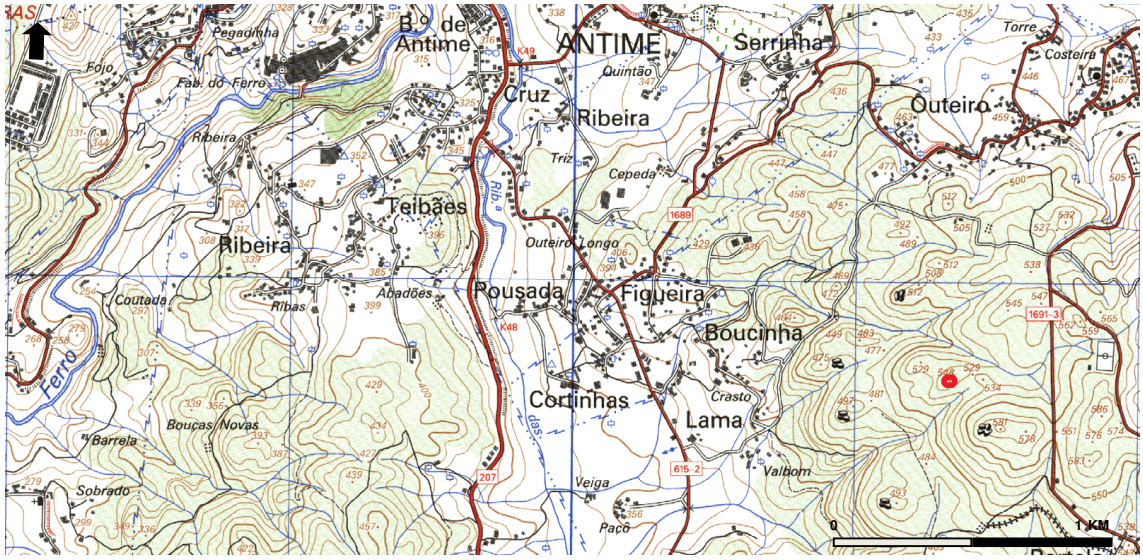


Figura 49: Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 85, à escala 1/ 25 000, com localização de Penedo dos Mouros ou Montim.



Figura 50: Alguns entalhes presentes no Penedo dos Mouros/ Montim. Os entalhes estendem-se até à última rocha visível.



Figura 51: Duas das figuras de tendência triangular.

Referências bibliográficas:

www.arqueologia.patrimoniocultural.pt, CNS: 5263; fonte popular; dados inéditos.

2.1.7.3. GUIMARÃES

PENEDO DA ORCA

O Penedo da Orca localiza-se na freguesia da Costa. Segundo Martins Sarmento, este afloramento tinha pegadas e pias, mas foi destruído (Sarmento 1933: 279). Não foi possível recolher quaisquer outras informações acerca do mesmo. Porém, é curioso constatar que é nesta freguesia que se

localiza grande parte da vertente oeste e o topo do monte da Penha, onde foram detetados inúmeros achados calcolíticos e da Idade do Bronze (Sampaio, 2014).

Referências bibliográficas:

SARMENTO, 1933: 279.

PENEDO DA SANTA

Localização administrativa:

Lugar: Paraíso.

Freguesia: Selho (São Jorge).

Localização geográfica (sistema: WGS 84; formato: graus decimais):

Latitude: 41.43075. Longitude: -8.36243; Altitude: cerca de 258 metros. (Fig. 52)

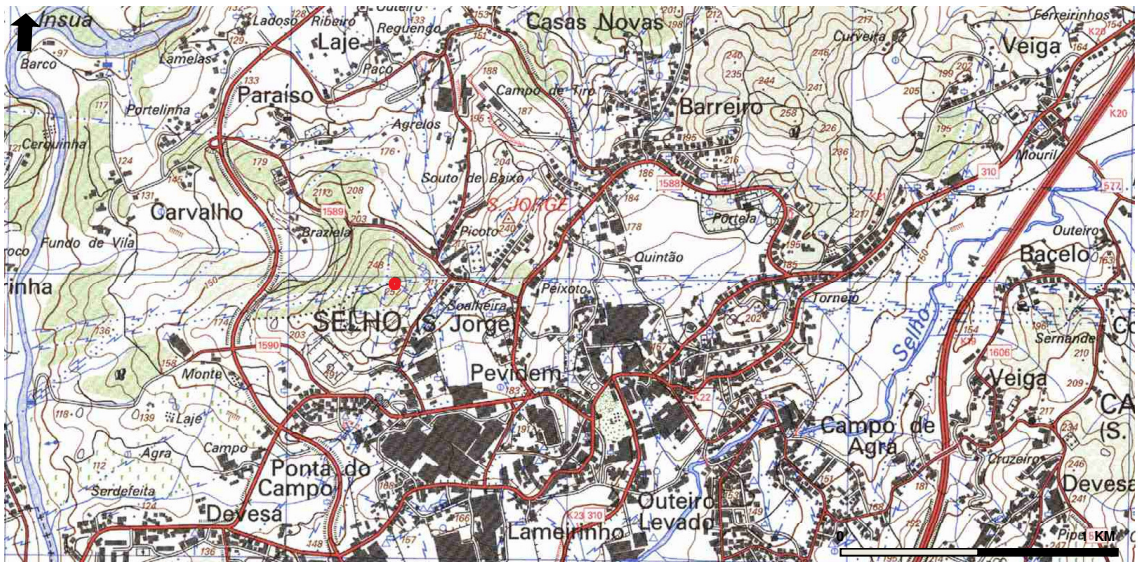


Figura 52: Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 84, à escala 1/ 25 000, com localização do Penedo da Santa.

Fontes bibliográficas:

Segundo Martins Sarmento (1999: 212), o Penedo da Santa localiza-se no Monte da Santa, no lugar do Paraíso, freguesia de Selho (São Jorge). Este autor diz existir aí "o penedo com a pegada não só da jumenta, mas [também] de um galo...". Alerta para o facto de ser "...preciso ter os olhos da fé para ver as pegadas...". O autor não precisa mais nenhuma informação que nos seja útil.

Contexto arqueológico:

Não foi possível determinar o contexto arqueológico do afloramento.

Localização física e ambiental:

O Penedo da Santa está implantado no topo da vertente voltada a este do Monte da Santa, em local onde existem imensos afloramentos graníticos, de variadas dimensões. Trata-se de um sítio de grande visibilidade sobre toda a envolvente, estando, no entanto, a visibilidade atualmente limitada a NNO e a O, devido ao denso eucaliptal existente. A vegetação do local compreende, ainda, acácias e alguns carvalhos. O local é de fácil acessibilidade.

Descrição física do afloramento gravado:

Trata-se de um grande afloramento granítico, de grão fino a médio. Mede cerca de 7,40 m de comprimento máximo, 6 m de largura máxima e 5,02 m de altura máxima. Encontra-se orientada para nor-noroeste e destaca-se notavelmente na paisagem (Figs. 53 e 54).



Figura 53: Penedo da Santa visto de oeste.



Figura 54: Penedo da Santa visto de oeste-noroeste.

Descrição dos motivos gravados:

Após prospeção atenta e cuidada no Penedo da Santa, que tem uma placa identificadora do seu nome, apenas foi possível identificar cerca de 3 covinhas, de origem antrópica, não tendo sido possível reconhecer as gravuras referidas. O penedo encontra-se em muito mau estado, estando o seu topo bastante erodido. Um residente de Pevidém informou que a gravura do podomorfo pode já ter desaparecido. Os líquenes impossibilitaram também um olhar mais atento. Note-se, que a área envolvente mostra sinais de vandalismo. Porém, pelas poucas informações que Sarmento (1999) nos dá, pensamos que as duas pegadas assinaladas não se tratem, na verdade, de podomorfos, estando documentas como tal, erroneamente por outros investigadores.

Lendas associadas:

Não se conhecem.

Afloramento/ Lugar cristianizado:

O nome indicia cristianização.

Estado de conservação:

Mau. O topo do afloramento encontra-se muito erodido.

Via de acesso:

Para aceder ao local basta chegar ao Monte da Senhora, em Pevidém, e procurar a rocha em questão. Encontra-se sinalizada.

Condições de visitação:

Não se encontra musealizado, porém existe uma placa a sinalizar a rocha.

Referências bibliográficas:

SARMENTO, 1999; ABREU, 2012b; CARDOSO, 2015; dados inéditos.

PRAZINS

Aquando de prospeções no concelho de Guimarães, dois membros dos escuteiros de São Cláudio de Barco, informaram-nos da possível existência de um podomorfo, na área ou imediações de uma pedreira, situada num monte da freguesia de Prazins (Santo Tirso), ou seja, no monte de Santiago, na base da sua vertente oeste. O monte situa-se por trás da escola primária (Fig. 55). Aí existiria uma rocha com uma pegada, atribuída, pela população local, a um dinossauro. Infelizmente as informações que nos forneceram mostraram-se insuficientes para a identificação da rocha gravada, existindo abundantes afloramentos graníticos no local.

Um casal que habita na freguesia de Prazins (Santo Tirso) informou-nos que, antigamente, se falava de uma rocha com uma pegada de dinossauro, mas que, devido à imensa e intensiva extração de pedra ocorrida no monte, esse afloramento já não deveria existir. Testemunhámos que toda a zona foi alvo de muita extração de pedra, existindo, inclusive, maquinaria, já em desuso, ligada a essa atividade.

De qualquer modo deveriam efetuar-se novas prospeções no local.

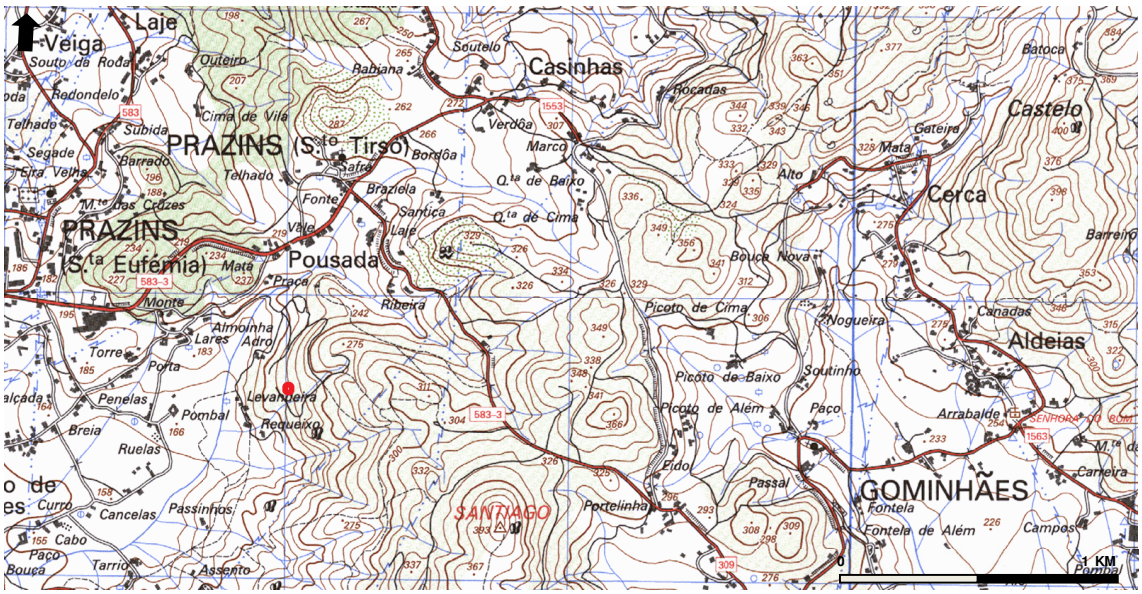


Figura 55: Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 71, à escala 1/ 25 000, com localização aproximada da pedreira onde se poderá encontrar a referente gravura.

Referências bibliográficas:

Dados inéditos.

SÃO CLAUDIO DE BARCO

Maria Emília Abreu (2012b: 21), no inventário apresentado na sua tese de doutoramento, coloca a possibilidade da existência de podomorfos próximos da Igreja de São Cláudio de Barco. Identificámos a dita igreja, pertencente à freguesia de Barco, no entanto, ao deslocarmo-nos ao local, não nos foi possível identificar nenhum afloramento gravado nas imediações, sendo que, mesmo a população local mais idosa, não tinha conhecimento de nenhum indício de arte rupestre nas proximidades.

Segundo nos conta Leite de Vasconcelos (1897: 377), o afloramento em questão continha "mais de 200 covinhas" e, infelizmente, já há época deste ilustre investigador, tinha sido destruído. Este autor, à semelhança de Martins Sarmento (1999), não refere qualquer podomorfo nesta rocha.

Referências bibliográficas:

VASCONCELOS, 1897; SARMENTO, 1999; ABREU, 2012b.

2.1.7.4. VIZELA

PEGADINHAS DE S. GONÇALO OU DE CRISTO - CNS: 6974

A referência ao afloramento gravado das Pegadinhas de S. Gonçalo ou de Cristo encontra-se em Martins Sarmento (1884:187), que o localiza a oeste da igreja de Vizela (São Paio), hoje pertencente à União de Freguesias de Tagilde e Vizela (São Paio).

A este propósito, diz-nos Sarmento que as supostas pegadas, referidas pelo povo, não passam de covinhas, gravadas em dois penedos, junto de um caminho que vai ao encontro de uma fonte (junto a esta fonte existe um afloramento que expõe "tambem as marcas dos joelhos do santo"). O investigador afirma que as covinhas têm cerca de uma polegada (Sarmento, 1884: 187).

Apesar deste investigador ter constatado que as pegadas referidas pelo povo não passavam de covinhas, diz que "por honra da tradição popular, que nunca é tão imbecil, como alguns a fazem, quero crêr que as «pégadinhas» desappareceram já e só ficou a memoria d'ellas" (Sarmento, 1884: 187). O facto de, por vezes, podomorfos e covinhas aparecerem juntos e de que "resta apenas uma muito pequena parte" de uma das rochas, tendo já desaparecido, há muito, a outra, parece ir de encontro a esta última afirmação (Sarmento, 1884: 187).

Não foi possível identificar este afloramento rochoso (Fig. 56).

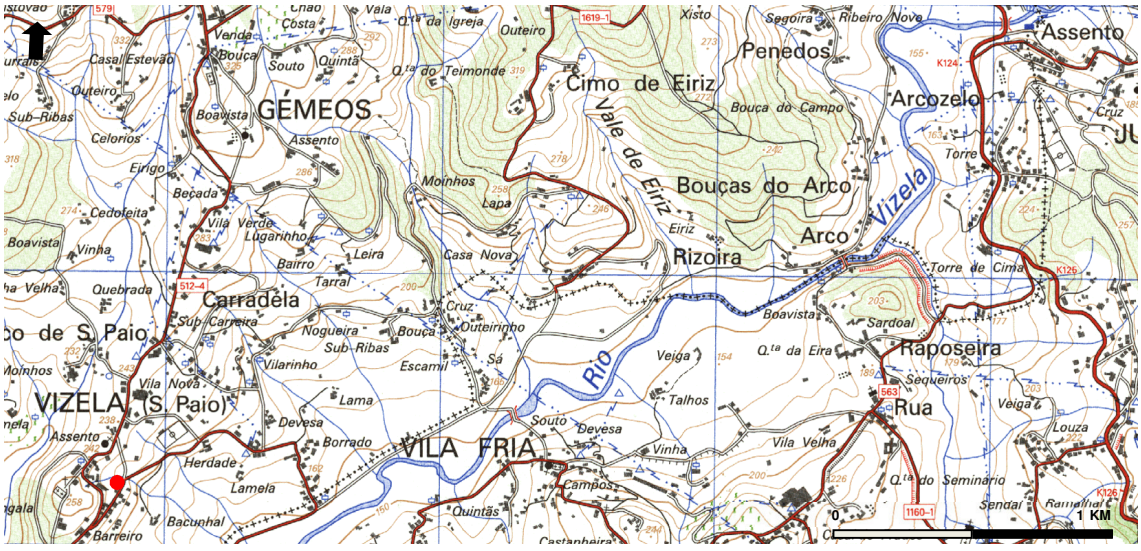


Figura 56: Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 85, à escala 1/ 25 000, com localização da igreja de São Paio de Vizela.

Referências bibliográficas:

SARMENTO, 1884.

PENEDO OU PENEDINHO DE S. GONÇALO - CNS: 6954

Localização administrativa:

Lugar: Boco.

Freguesia: União de Freguesias de Tagilde e Vizela (São Paio).

Localização geográfica (sistema: WGS 84; formato: graus decimais):

Latitude: 41.38253. Longitude: -8.27138. Altitude aproximada: cerca de 208 metros (Fig. 57).



Figura 57: Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 85, à escala 1/25 000, com localização do Penedo ou Penedinho de S. Gonçalo.

Fontes bibliográficas:

Em 1884, Martins Sarmento referia a crença, por parte da população de Tagilde, de que as marcas dos joelhos e de alguns utensílios de S. Gonçalo, estavam gravadas no penedo a que o santo dá o nome. Ao visitar o local, diz ter apenas encontrado covinhas (Sarmento, 1884: 188). Em 1897, José de Leite Vasconcelos, na sua obra "Religiões da Lusitânia", volta a referenciar esta rocha, porém não acrescenta nada de novo ao que Martins Sarmento já tinha divulgado.

Contexto arqueológico:

Não se conhecem outros vestígios arqueológicos nas imediações deste afloramento, a não ser as referências de Martins Sarmento a outros penedos com covinhas e pegadas, a cerca de 1,5 km para nordeste (ver ficha anterior).

Localização física e ambiental:

O Penedo ou Penedinho de S. Gonçalo situa-se numa zona de vale, na margem direita do rio Vizela, próximo da capela/ ermida de S. Gonçalo, que se encontra a sudoeste. Implanta-se numa zona agrícola, abundantemente irrigada por várias pequenas linhas de água, algumas delas, afluentes do Vizela. Do local é visível, para oeste, o monte de São Bento e, para nor-nordeste, o monte de São Paio. O domínio sobre a paisagem circundante é relativamente bom, sendo interrompido pelos montes que ladeiam o vale. A rocha situa-se na região limítrofe de duas freguesias. Marca presença num caminho, que adota o nome do penedo. Este, situado na borda do campo do "Pecegueiro", segundo nos diz Sarmento (1884: 188).

Descrição física do afloramento gravado:

Afloramento granítico de medias dimensões. Distingue-se na paisagem, pois está isolado de afloramentos de igual ou superior tamanho. As suas dimensões são 2,60 m de comprimento, 1,74 m de largura e 1,67 m de altura. Orienta-se de sudoeste para nordeste, tendo, pelo menos, duas superfícies gravadas, uma mais alta e outra em patamar contíguo. Foi possível detetar bastantes encraves quartzíticos (Fig. 58).



Figura 58: Penedo ou Penedinho de S. Gonçalo.

Descrição dos motivos gravados:

Na deslocação ao local, foi possível confirmar, tal como Martins Sarmento em 1884, que as pegadas e marcas dos joelhos do santo, não são mais do que várias covinhas (Fig.59). Existe, no entanto, a possibilidade de já terem existido podomorfos no local, hoje destruídos, pois nota-se que a rocha está fraturada. Fontes populares informaram que a mesma se fraturou, quando foi deslocada, dois a três metros para norte, num passado relativamente próximo (cerca de 15 a 20 anos).

Atualmente as gravuras compreendem cerca de 35 covinhas. Algumas encontram-se agrupadas.



Figura 59: Pormenor das gravuras do Penedo ou Penedinho de S. Gonçalo.

Lendas associadas:

Segundo o que M. Sarmento apurou "Ninguem duvida que na corôa do penedo estão as marcas dos joelhos do santo, quando rezava; a cavidade, onde punha o pucarinho do caldo; outra que lhe servia de soleira" (Sarmento, 1884: 188).

Segundo relatos da população local, ao tempo de S. Gonçalo, os habitantes da aldeia, ao deslocarem-se para as romarias locais, deixavam o santo encarregue de tomar conta dos pardais, de forma a que estes não comessem o milho dos campos. S. Gonçalo, após ter conseguido prender todos os pardais, deslocou-se á festa, para se encontrar com os seus pais. Os pais do jovem santo ficaram incrédulos, quando este lhes contou a proeza que tinha conseguido. Quando os mesmos verificaram que realmente os pardais se encontravam todos enclausurados, quiseram, de

imediato, alimentar-se dos pássaros. Com isto, S. Gonçalo, ao não querer que os pobres animais servissem de alimento á família, decidiu soltá-los.

Ainda, segundo um "placard" informativo que se localiza perto da rocha esta estaria gravada "...com cachos de uvas, onde S. Gonçalo jogava à bugalha".

Afloramento/ Lugar cristianizado:

O afloramento e o lugar foram cristianizados pelas lendas de S. Gonçalo e pela proximidade para com a capela/ ermida em honra deste santo.

Estado de conservação:

Em mau estado de conservação.

Via de acesso:

Trilho, não sinalizado. Ao chegar a Tagilde procurar a rua de S. Gonçalo, que leva a um pequeno santuário em honra a este santo. Ao descer em direção ao santuário, virar na primeira rua, à esquerda, seguindo, posteriormente, pela primeira, à direita.

Condições de visitação:

Não se encontra musealizado.

Observações:

Trata-se do penedo que fica nas imediações dos referidos anteriormente.

Ainda hoje a rocha é objeto de culto, sendo que, segundo informações de habitantes locais, alguns emigrantes portugueses, no verão, costumam-se deslocar ao afloramento de S. Gonçalo, para aí rezarem, colocando uma mão e a cabeça encostados ao penedo.

Algumas informações foram obtidas por parte de alguns moradores locais, nomeadamente, o senhor Júlio França, a sua esposa, Beatriz França e a senhora Ana Costa.

A rocha teria tido em tempos uma cruz, colocada, no seu topo, por um morador de uma das casas próximas da mesma. Entretanto, por concelho do senhor Júlio, a cruz foi retirada.

Referências bibliográficas:

SARMENTO, 1884: 188-189; VASCONCELOS, 1897: 375; dados inéditos.

2.2. DISTRITO DO PORTO

2.2.1. FELGUEIRAS

(13) PENEDO DE S. GONÇALO OU PEGADINHAS DE S. GONÇALO

Localização administrativa:

Lugar: primeiramente designado por Boca, posteriormente, à mais ou menos 40 anos, passou a designar-se Espadilha.

Freguesia: União de Freguesias de Margaride (Santa Eulália), Várzea, Lagares, Varziela e Moure.

Localização geográfica (sistema: WGS 84; formato: graus decimais):

Latitude: 41.342591. Longitude: -8.225396. Altitude aproximada: cerca de 225 metros (Fig. 60).

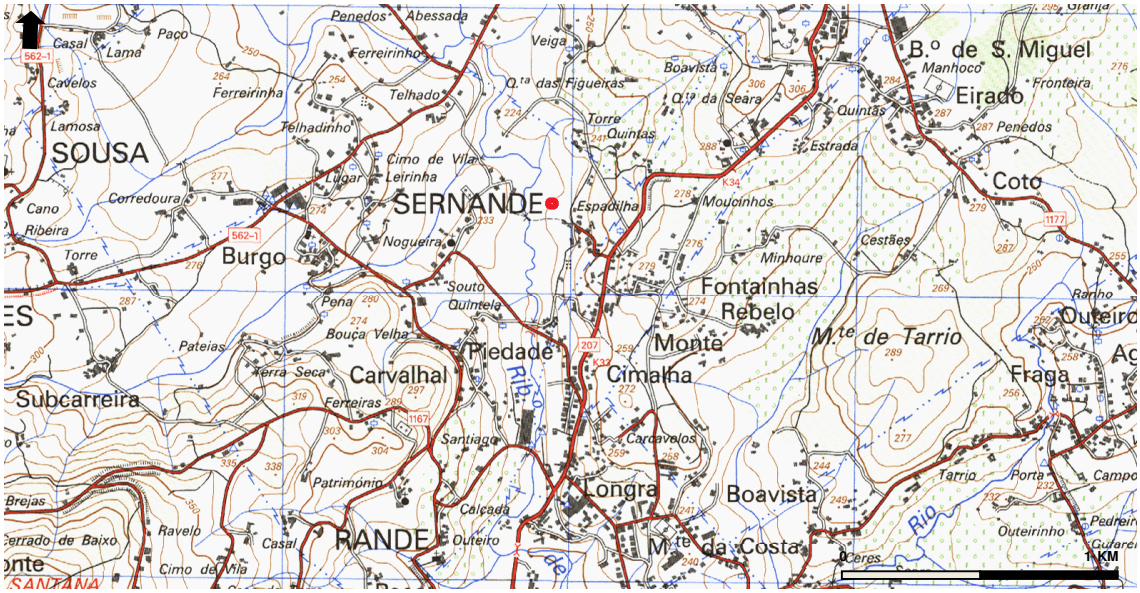


Figura 60: Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 99, à escala 1/25 000, com localização do Penedo de S. Gonçalo.

Fontes bibliográficas:

A primeira referencia a esta rocha é dada por Sarmento (1999: 411, 415). Mais tarde, em 1996, é mencionada na obra coordenada por Paulino Gomes, sobre o município de Felgueiras, referindo que o sítio contém algumas covinhas e mostrando uma fotografia do local. Posteriormente,

Armando Pinto (1998) também refere este local, num livro sobre folclore. Emília Abreu (2012b: 359) também lhe faz alusão.

Contexto arqueológico:

Não se conhecem na área outros vestígios arqueológicos.

Localização física e ambiental:

O Penedo de S. Gonçalo está situado numa zona de vale, junto à margem esquerda do ribeiro de Longra de Sousa, afluente do rio Sousa, pertencente, portanto, à bacia do Douro, pelo que, do afloramento, é perfeitamente audível o som da água a correr (Fig. 61).

Este corresponde ao afloramento mais destacado de um pequeno amontoado granítico que ocorre no local, onde escasseiam afloramentos. Implanta-se no seio de alguns campos vinícolas, propriedade da Casa das Figueiras, nas proximidades de um cruzamento de dois caminhos, na região limítrofe entre as freguesias de Varziela e Sernande, motivo, pelo qual, no passado, foi atribuído a esta ultima freguesia. Segundo a população local, as fronteiras não tiveram sempre as mesmas definições.

A partir do referido afloramento, obtém-se uma grande visibilidade sobre toda a envolvente, incluindo o vale onde este se insere. O menor domínio visual é para sul. Do local, são visíveis a serra dos Perdidos e o Alto das Barrancas, a noroeste, a serra do Maninho, a oeste, o Alto de Santana, a sudoeste e o Monte de Tárrio, a este.

Trata-se de um local de fácil acesso.



Figura 61: Vista obtida a partir do topo do Penedo de S. Gonçalo, para noroeste.

Descrição física do afloramento gravado:

Trata-se de um afloramento granítico de grandes dimensões, impressivo na paisagem, sendo o único de grandes dimensões nas imediações. Orienta-se de sudeste para noroeste, tendo cerca de 4,70 m de comprimento, 4,20 m de largura e 2,40 m de altura. A superfície gravada é muito inclinada a su-sudoeste, razoavelmente inclinada a sudeste e horizontalizada no topo e no patamar existente perto deste. Contém algumas diaclases e encraves de quartzo de reduzidas dimensões. Encontra-se partido a nordeste, norte, noroeste, oeste e sudoeste.

Descrição dos motivos gravados:

Os motivos rupestres presentes no Penedo de S. Gonçalo são inúmeros e diversificados. Encontram-se distribuídos por diversos painéis que serão estudados mais detalhadamente no capítulo dedicado aos casos de estudo. De destacar, entre eles, 59 podomorfos calçados e descalços. Estes, de várias dimensões e representativos de diferentes pés, orientam-se, na sua maioria, para noroeste, mas também para oeste e, no topo da rocha, para sul e para sudeste. Os podomorfos distribuem-se, essencialmente, pela superfície inclinada, todos em direção ascendente, insinuando um percurso de subida, existindo alguns no topo Fig. 62). As gravuras foram elaboras por percussão seguida de abrasão.



Figura 62: Penedo de S. Gonçalo, com destaque para alguns dos seus podomorfos.

Lendas associadas:

Não se sabe se o caso estará relacionado com ancestral ocupação. Será contudo réstia de antiga característica local, ainda que indefinida. Por mor das dúvidas, o povo desde longos tempos que conta história a explicar o facto, em molde imaginário popular. São Gonçalo (resumindo o que explanamos na referida publicação – depois de peripécias de ocorrência em que perdeu sua igreja, ou seja lugar de pároco, andou como pregador até que resolveu fixar-se num sítio, decidindo então efectuar a edificação de um templo, pelo que) começou a planear a construção, estudando local apropriado. Foi assim que ao passar nesta região, verificando as penedias da zona, esteve naquele penedo. Mas como a pedra existente ali e nos arredores era pouca para o que pretendia, em vista a construção de proporções dignas de uma antiga abadia, desistiu da ideia e acabou por, mais longe, construir o mosteiro de Amarante. Dos projectos aludidos terão então resultado as marcas que ficaram esculpidas naquela pedra mediana, contendo diversas gravuras de relevo profundo, ouvindo-se na tradição popular que essas mesmas marcas, que ali ficaram gravadas, eram as suas próprias pegadas e as marcas da aba do chapéu, bem como da sua bengala que havia caído ali, lançada de longe pelo santo. Como parece que não gostou, aí foi ele rumo a Amarante, em demanda do local para onde havia de seguida atirado a mesma bengala, tendo então escolhido a terra em que ela caíra, onde pelos seus desígnios Deus demonstrou. Sua vontade…. Ficaram contudo na referida pedra vestígios da sua estada no local, segundo a tradição. (http:/ / terrasdeportugal.wikidot.com/ penedo-das-pegadas-de-sao-goncalo, lenda reconfirmada diante a população local).

Afloramento/ Lugar cristianizado:

O afloramento e o lugar foram cristianizados pela toponímia e pela lenda de S. Gonçalo.

Estado de conservação:

Depende das gravuras. Algumas encontram-se em muito bom estado de conservação, enquanto outras sofreram bastante os efeitos erosivos.

Via de acesso:

Na A42, sentido Vila Real, sair para Longra. Circular até à nacional 207, que passa nesta freguesia. Ai, transitar na direção Longra-Varziela. Após passar por baixo da ponte da A42, virar na segunda à esquerda e descer a rua até ao seu fim. Segue-se por um caminho carreteiro, a pé, que fica logo em frente à estrada, cerca de 200 m. A rocha fica num campo de cultivo de vinhas (Casa das Figueiras).

Condições de visitação:

Não se encontra musealizado.

Observações:

Apesar de Martins Sarmento (1999: 411-415) o designar por Penedo da Varziela ou das Pegadinhas, hoje é conhecido pela população local como Penedo de S. Gonçalo ou Pegadinhas de S. Gonçalo. De notar que é costume que as populações toquem no penedo, enquanto executam as suas preces, de forma a se conectarem mais intrinsecamente ao referido santo popular.
Muitas das informações recolhidas foram transmitidas pela população local, tal como o Sr. José Ferreira e a Sra. Maria Ferreira, um casal residente numa habitação muito próxima da rocha.

Referências bibliográficas:

GOMES, 1996; SARMENTO, 1999; FREITAS, 1985; ABREU, 2012b: 359; dados inéditos; http:// terrasdeportugal.wikidot.com.

2.2.2. LOUSADA

(14.1) (14.2) SERRA DOS CAMPELOS 2 e 14 - CNS: 30672/30686

Localização administrativa:

Lugar: Serra dos Campelos.

Freguesia: União de Freguesias de Lustosa e Barrosas (Santo Estevão).

Localização geográfica (sistema: WGS 84; formato: graus decimais):

Latitude: 41.31847/ -. Longitude: -8.30692[10]/ -. Altitude aproximada: 468/ - metros (Fig. 63).

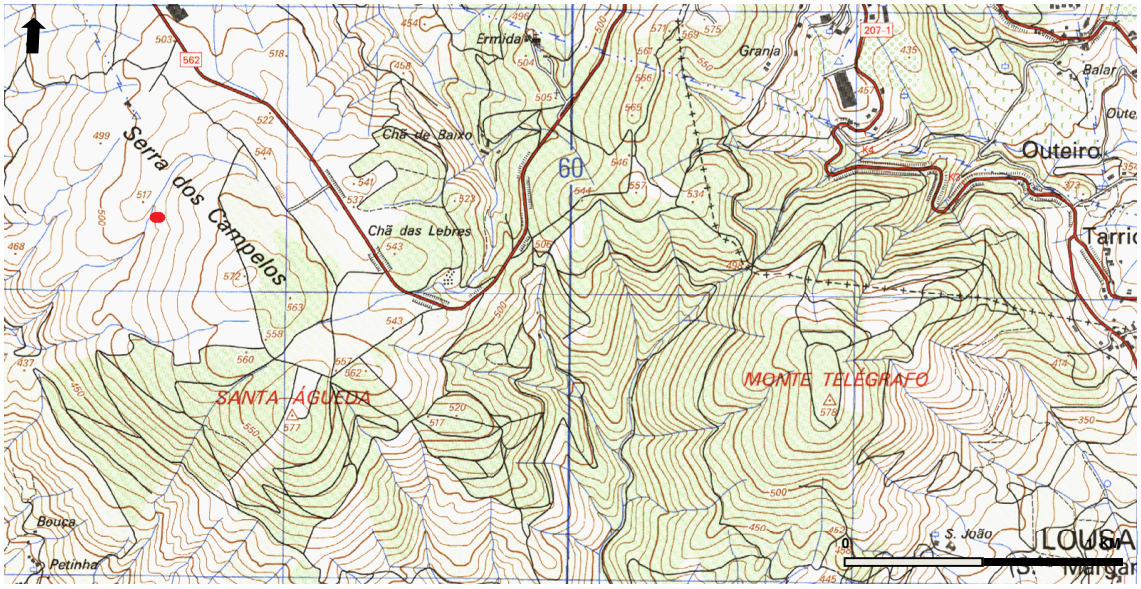


Figura 63: Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 99, à escala 1/25 000, com localização da Serra dos Campelos.

Fontes bibliográficas:

As primeiras referências ao núcleo rupestre da serra dos Campelos, foram feitas por Paulo Lemos *et. al.* (2007: 22), que refere serem os motivos aí representados, subdivisíveis apenas em três grupos: covinhas, cruciformes e podomorfos. Segundo os autores, dos dezassete penedos com arte rupestre identificados nesta serra, dois deles, nomeadamente o número 2 e o número 14, contêm podomorfos. Mais tarde, Hugo Novais *et al.* faz um estudo geoarqueológico dos penedos gravados com arte rupestre da Serra dos Campelos, acrescentando mais alguns dados a estas rochas.

Contexto arqueológico:

As gravuras encontram-se a cerca de 350 m do núcleo 1 da necrópole megalítica da serra dos Campelos. De realçar, ainda, a particularidade de a partir de um penedo gravado ser visível o penedo vizinho e assim sucessivamente (Lemos *et. al.*, 2008: 19).

[10] As coordenadas retiradas de Lemos *et. al.* (2007: 21; 24) foram convertidas para o formato utilizado na presente dissertação.

Localização física e ambiental:

Apesar de nos termos deslocado à serra dos Campelos, por duas vezes, em busca dos referidos podomorfos, não fomos capazes de os identificar. Seguiu-se as referentes coordenadas geográficas, no entanto, as mesmas levaram-nos, constantemente a "becos sem saída". Apesar disso, foi possível recolher informações valiosas acerca destas rochas.

Sabemos que se implantam em patamares da vertente noroeste do monte de Santa Águeda, pertencente à serra dos Campelos e usufruem de uma larga visibilidade sobre toda a envolvente, pelo que deverá existir visibilidade para o vale do rio Mezio, que corre a oeste, a uma quota inferior. Segundo estes autores, o penedo 2 localiza-se numa zona de "terrenos de pedregosidade elevada e solo pobre" (Lemos *et. al.*, 2007: 24; Lemos *et al.,* 2008: 19-20, 23). Quanto ao penedo 14, há a informação de que este não se encontra *in situ* (Lemos *et. al.*, 2007, 2008). As gravuras implantam-se numa área de fácil acessibilidade e circulação.

Descrição física do afloramento gravado:

O penedo 2 tem 10 m de comprimento por 10 m de largura (Novais *et al.*, 2010: 36) e "uma altura máxima de 1,25 m no seu lado poente" (Lemos *et. al.*, 2007: 25). Pela descrição e fotografia do local, é possível afirmar que é algo impressivo no patamar onde se encontra, por ser sobrelevado em relação ao solo e ter uma configuração diferente dos demais afloramentos. Irrompe, aparentemente, de forma isolada.

Sabemos que o penedo 14 era de xisto e não estava *in situ* (Lemos *et. al.*, 2007: 23). Tinha "cerca de 1,80 m de comprimento por 0,95 m de largura e uma altura máxima de 0,85 m" (Portal do Arqueólogo - CN: 30686).

Descrição dos motivos gravados:

Por todo o penedo 2 existem inúmeras covinhas, assim como um podomorfo representativo de um pé esquerdo, localizado "na face mais gravada do penedo, aplanada, rente ao solo, e voltada a poente". Este, representa um pé calçado e encontra-se orientado para oeste. As suas dimensões são de 23 cm de comprimento máximo, por 12 cm de largura máxima e 0,24 cm de profundidade (Lemos *et. al.*, 2007: 25; Novais *et al.*, 2010: 36). À sua volta existem várias covinhas (Lemos *et. al.*, 2008: 21). De notar, ainda, que "o arranque do calcanhar apresenta um esboço de uma covinha" (Lemos *et. al.*, 2008: 21) (Figs. 64 e 65).

O penedo 14 continha várias covinhas, duas delas ligadas por um pequeno sulco; 2 cruciformes e 1 podomorfo, localizado na "face voltada a norte", no seu limite nordeste (Portal do Arqueólogo). Mede 21 cm de comprimento máximo, por 7 cm de largura máxima (Portal do Arqueólogo) e representa um pé esquerdo, descalço, como se pode ver pelo decalque (Fig. 66). A técnica empregue na sua execução foi a percussão (Portal do Arqueólogo).



Figura 64: Penedo 2 da Serra dos Campelos.

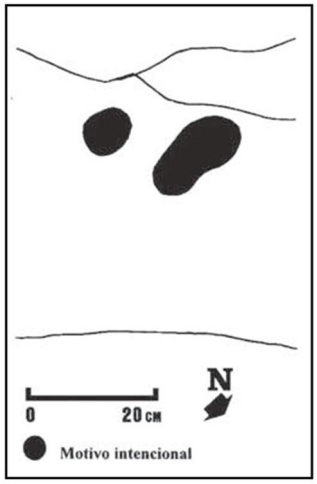


Figura 65: Gravura de podomorfo. Esta, localiza-se na plataforma inferior e aplanada do afloramento (Seg. Lemos *et. al.*, 2008: 21).

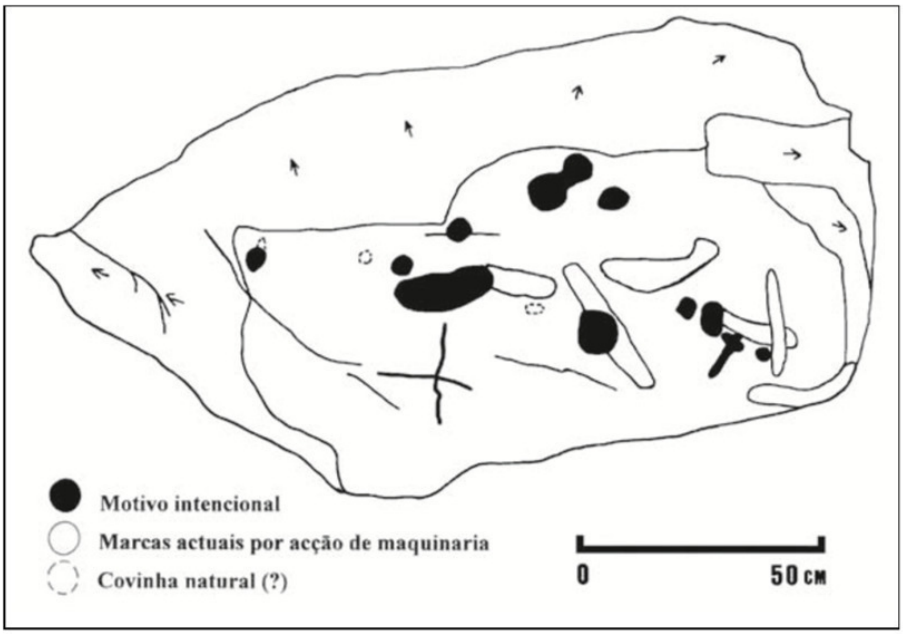


Figura 66: Gravuras do penedo 14 da Serra dos Campelos (Seg. Lemos *et. al.*, 2007: 23).

.

Lendas associadas:

Não se conhecem.

Afloramento/ Lugar cristianizado:

Não sabemos se o afloramento ou o lugar foram cristianizados.

Estado de conservação:

Desconhecido.

Via de acesso:

Para aceder ao penedo 2, "na Estrada Nacional 106, nos sentido Guimarães Penafiel, sensivelmente ao km 11+260, corta-se à esquerda seguindo-se então pela estrada Municipal 562, durante cerca de 1750 m até se atingir uma estrada asfaltada que conduz à área habitacional/ industrial de Rebordelos durante 240 m, onde seguidamente se segue na direção sul por um caminho de terra batida durante sensivelmente 260 m, continuando posteriormente no sentido oeste pelo mesmo caminho durante mais de 300 m até se atingir o monumento que se situava à direita, a cerca de 5 m do caminho" (Portal do Arqueólogo).

Para aceder ao penedo 14, "na Estrada Nacional 106, no sentido Guimarães Penafiel, sensivelmente ao km 11+260, corta-se à esquerda seguindo-se então pela estrada Municipal 562, durante cerca de 3550 m até se atingir o monumento que se encontra na faixa esquerda da estrada, a menos de 1 metro da mesma" (Portal do Arqueólogo).

Condições de visitação:

Não se encontra musealizado.

Referências bibliográficas:

LEMOS *et. al.*, 2007; LEMOS *et. al.*, 2008; NOVAIS *et. al.*, 2010; ABREU, 2012b; Portal do Arqueólogo; dados inéditos.

2.2.3. MARCO DE CANAVESES

(15) MONTE EIRÓ IV - CNS: 1002

Localização administrativa:

Lugar: Piares.

Freguesia: União de Freguesias de Penhalonga e Paços de Gaiolo

Localização geográfica (sistema: WGS 84; formato: graus decimais):

Latitude: 41.10086; Longitude: -8.14526. Altitude aproximada: 432 metros (Fig. 67).

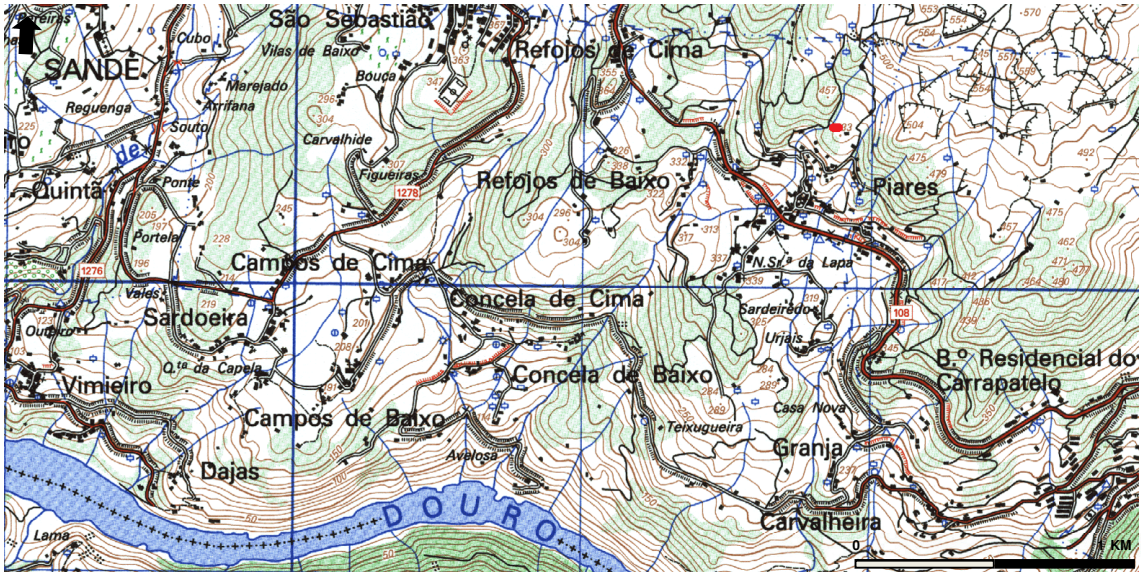


Figura 67: Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 135, à escala 1/25 000, com localização das gravuras de Monte Eiró.

Fontes bibliográficas:

É a Pedro Vitorino (1923/24: 22) que se deve a informação de que, ao lado do painel 5 do núcleo de gravuras de Monte Eiró IV, existia um outro penedo que "mostrava alguns sinais: covinhas de vários tamanhos, uma marca de pegada e linhas serpeantes". Este conjunto foi considerado desaparecido por Pinto da Silva (1992: 95). Luís Sousa (2014) irá designá-lo por painel 6 e coloca a hipótese de que possa ainda estar no local, oculto por sedimentos e por vegetação.

Contexto Arqueológico

Existe na freguesia uma necrópole, de época indeterminada (Portal do Arqueólogo, CNS: 4998).

Localização física e ambiental:

O afloramento gravado corresponde a uma plataforma, profusamente irrigada, situada a meio da vertente sudoeste do Monte Eiró, no topo de Piares. Avista-se ao fundo o Douro, estando o local situado na sua margem direita. Próximo, existem algumas linhas de água e nascentes, tais como a Fonte Eiró (Fig. 68). O sítio é de fácil acesso, a partir dos núcleos urbanos, situados a conta inferior.



Figura 68: Localização espacial dos diferentes núcleos com gravuras de Monte Eiró (seg. Sousa, 2017).

Descrição física do afloramento gravado:

Dos afloramentos com gravuras identificados por Pedro Vitorino (1923/24: 22), sabe-se que este se encontrava "já cortado em parte pelos pedreiros e com marcas de guilhos para sacrifício completo...". Tendo em conta que se trata de um painel de um afloramento maior, com cerca de 40 cm de altura (Sousa, 2017), seria pouco elevado.

Descrição dos motivos gravados:

Sabe-se apenas que o podomorfo se encontrava no que Luís Sousa (2014) designou por painel 6, do núcleo IV de Monte Eiró, associado a covinhas de diferentes dimensões e a sulcos serpenteantes, conforme descrição de Pedro Vitorino (1923/24: 22), já referida. Nos restantes painéis, separados por pequenas diaclases, existem espirais, reticulados, sulcos meandriformes,

covinhas, entre outros motivos muito erodidos. As restantes gravuras foram efetuadas por percussão seguida de abrasão[11].

Na nossa deslocação a Monte Eiró, também não conseguimos identificar o painel 6, que pode já ter sido destruído, estar encoberto no meio da densa vegetação ou encontrar-se soterrado (Fig. 69).



Figura 69: Gravuras de Monte Eiró IV (seg. Luís, 2014).

Lendas associadas:

Não se conhecem.

Afloramento/ Lugar cristianizado:

Não sabemos se o afloramento ou o lugar foram cristianizados.

Estado de conservação:

Desconhecido.

Via de acesso:

Para aceder ao local deve-se seguir pela Estrada Municipal 584 no sentido Fornos/ Tuías-Manhuncelos, até ao parque de merendas de Montedeiras. Neste local deve virar-se à esquerda,

[11] Não podemos deixar de agradecer ao Sr. Moreira, habitante local e proprietário de grande parte das terras onde se implantam as referidas gravuras, pelo incansável apoio que nos prestou.

pelo Caminho Municipal 1280 que segue para Paços de Gaiolo. À entrada do lugar de Fandinhães, imediatamente após a capela de Nossa Senhora da Livração, deve virar-se à direita, por caminho empedrado e andar cerca de 2,3 km, até a momento em que surge, à esquerda, a rua de Eiró que conduz à aldeia de Piares. Nesta rua, descer cerca de 216 m, até encontrar, à esquerda, um morro elevado relativamente ao caminho. Nesse ponto, deve subir-se por um corte provocado por maquinaria pesada, aquando da consecução do referido arruamento. Ao fazer-se isso, avista-se um patamar, à volta do qual, se encontram as gravuras rupestres de Monte Eiró conhecidos como de Eiró 2. A partir deste ponto facilmente se avistam os restantes conjuntos rupestres existentes no local.

Condições de visitação:

Não se encontra musealizado.

Referências bibliográficas:

VITORINO, 1923/24; PINTO DA SILVA, 1992: SOUSA, 2014, 2017.

(16) PENEDO DA PEGADA

Localização administrativa:

Lugar: Alto de Quires.

Freguesia: União de Freguesias de Vila Boa de Quires e Maureles.

Localização geográfica (sistema: WGS 84; formato: graus decimais):

Latitude: 41.20935. Longitude: -8.21739. Altitude aproximada: cerca de 412 metros (Fig. 70).

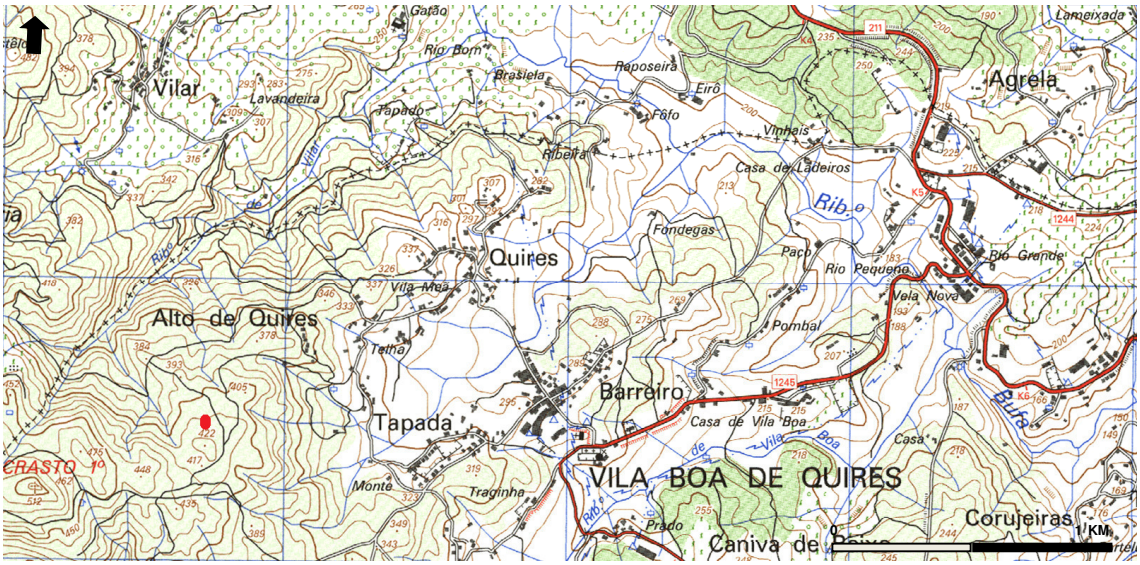


Figura 70: Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 112, à escala 1/ 25 000, com localização do Penedo da Pegada.

Fontes bibliográficas:

A menção a esta rocha encontra-se em Monteiro, 1978, em Sousa 2014 e no Plano Diretor Municipal de Marco de Canaveses (2015: 69).

Contexto arqueológico:

O afloramento situa-se nas proximidades do Castro de Vila Boa de Quires ou de São Domingos.

Localização física e ambiental:

O Penedo da Pegada situa-se numa plataforma da meia vertente este-nordeste do Monte do Crasto. O local é bem irrigado, por várias pequenas linhas de água, sendo que o ribeiro de Vilarelho e o ribeiro de Vilar correm nas proximidades do penedo, a sul e a norte, respetivamente. Aquando a visita ao local, as imediações do afloramento apresentavam sinais da ação do fogo. A partir do afloramento gravado obtém-se uma boa visibilidade para norte e nordeste. Está próximo de um caminho florestal, que lhe dá acesso. Acesso facilitado a partir do vale do ribeiro Bufa.

Descrição física do afloramento gravado:

Afloramento granítico que se demarca notavelmente na paisagem, sendo o único de grandes dimensões no local. As suas dimensões são de 8,55 m de comprimento, por 7,60 m de largura e 2,60 m de altura. Está orientado para norte e o podomorfo está gravado a meio da pendente do

afloramento. Trata-se de uma pendente prenunciada. Por toda a rocha foi possível identificar vários encraves de quartzo, de grandes dimensões (Figs. 71 e 72).



Figura 71: Penedo da Pegada, com o local do podomorfo assinalado.



Figura 72: Penedo da Pegada, de um outro angulo.

Descrição dos motivos gravados:

A única gravura existente no Penedo da Pegada é um podomorfo, bastante erodido, escavado em baixo relevo, e localizado a sudeste do afloramento. Representa um pé esquerdo, que está orientado para norte, como se caminhasse para o vale. Foi gravado em profundidade, através das técnicas da percussão e abrasão. As suas dimensões são de 23 cm de comprimento, por 9 cm de largura e 0,8 cm de profundidade (Fig. 73). Enquadra-se tipologicamente nos podomorfos calçados.

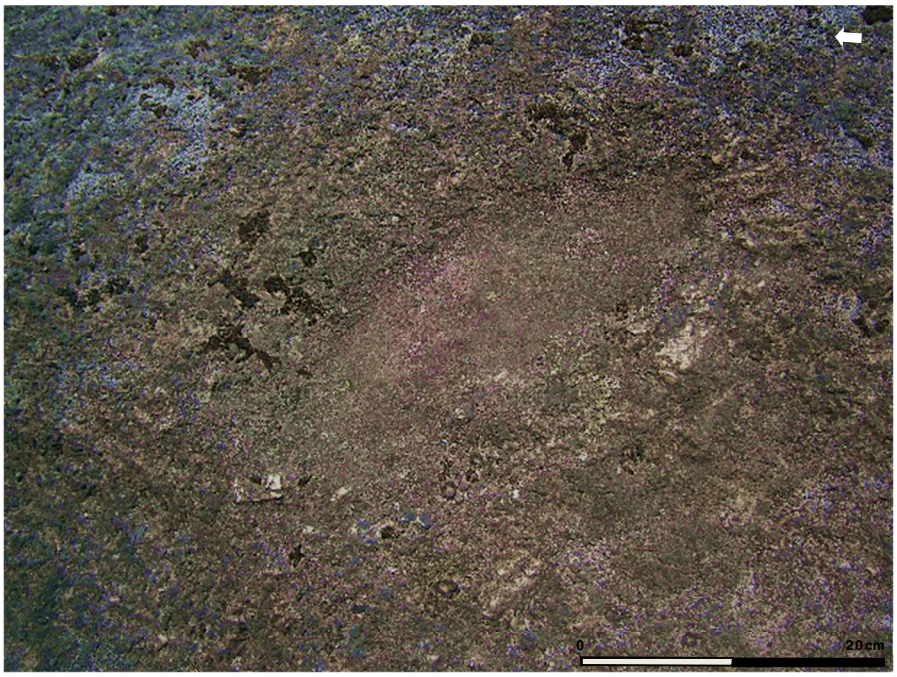


Figura 73: Podomorfo presente no Penedo da Pegada.

Lendas associadas:

Não se conhecem.

Afloramento/ Lugar cristianizado:

Não sabemos se o afloramento ou o lugar foram cristianizados.

Estado de conservação:

Em mau estado de conservação.

Via de acesso:

A partir de Vila Boa de Quires seguir até ao Alto de Quires. Dai, seguir por um estradão em terra batida que sobe para o Castro de Vila Boa de Quires. Executada a primeira grande curva à esquerda, a cerca de 350 m á direita, visualiza-se, a cerca de 10 m do estradão, o Penedo da Pegada.

Condições de visitação:

Não se encontra musealizado.

Referências bibliográficas:

MONTEIRO, 1978; SOUSA, 2014; S/ A (2015). *Revisão do Plano Diretor Municipal de Marco de Canaveses. Proposta de Plano – Regulamento*. Câmara Municipal do Marco de Canaveses; dados inéditos.

2.2.4. PENAFIEL

(17) PEGADINHAS DE SÃO GONÇALO - CNS: 788

Localização administrativa:

Lugar: Tapada de Sequeiros.

Freguesia: União de Freguesias de Luzim e Vila Cova.

Localização geográfica (sistema: WGS 84; formato: graus decimais):

Latitude: 41.14520. Longitude: -8.25546. Altitude aproximada: cerca de 379 metros (Fig. 74).

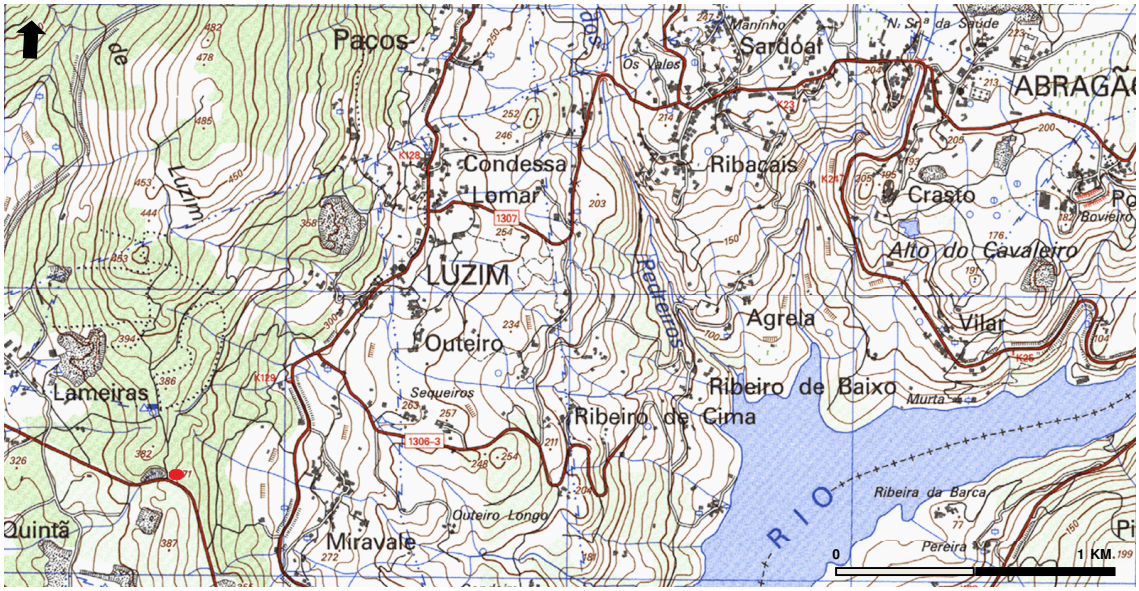


Figura 74: Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 124, à escala 1/ 25 000, com localização das Pegadinhas de S. Gonçalo.

Fontes bibliográficas:

A primeira referência a esta rocha é feita por Santos Júnior, em 1940. Mais tarde, em 1978, o mesmo investigador realiza trabalhos arqueológicos no local. Em 1993, este sítio é referido no inventário realizado pelo IPPAR, "Património Arquitectónico e Arqueológico Classificado".

Contexto arqueológico:

As Pegadinhas de São Gonçalo encontram-se próximas do menir de Luzim. Para além deste menir, que lhes é praticamente contíguo, também as gravuras rupestres de Lomar não ficam muito longe, situando-se a menos de 2 km para nordeste. Estão também próximas da necrópole megalítica da Tapada de Sequeiras/ Luzim (Stockler, 2000).

Localização física e ambiental:

As gravuras localizam-se na plataforma aplanada da vertente norte do monte de Rio de Moinhos, particularmente na linha de cumeada que divide os vales da ribeira das Lajes, a oeste, e um curso de água que desagua diretamente no Tâmega, a este. A partir do local ter-se-ia uma boa visibilidade sobre a envolvente, em especial para o vale do Tâmega, a este, caso não existissem os inúmeros eucaliptos visíveis na imagem (Fig. 75).

O local é de fácil acesso, a partir do vale. Área de circulação e de ligação entre corredores naturais.



Figura 75: Vista sobre o vale do Tâmega, interrompida pelos eucaliptos que existem no local.

Descrição física do afloramento gravado:

O afloramento granítico gravado é pouco impressivo na paisagem, pois é praticamente rasante ao solo. O seu comprimento é de 9,60 m e a sua largura de 2,55 m. A sua superfície gravada é horizontalizada, existindo alguns encraves de quartzo, de pequenas dimensões. Orienta-se para nordeste.

Descrição dos motivos gravados:

Apesar da toponímia apontar para a existências de podomorfos, a nosso ver, das quatro gravuras que poderiam representar pés humanos, duas são problemáticas por serem demasiado esquematizadas (Fig. 76).



Figura 76: Pormenor de um dos pares de figuras presentes nas Pegadinhas de S. Gonçalo. À direita encontram-se dois podomorfos de contorno trapezoidal assimétrico, com representação do dedo grande do pé. À esquerda notam-se sulcos similares, mas menos realistas, o que nos levanta dúvidas sobre a sua atribuição como podomorfos.

Os motivos gravados distribuem-se pelo centro do afloramento. Foi possível identificar 4 covinhas e 4 figuras alongadas. Os dois motivos, em baixo relevo, que consideramos podomorfos, parecem corresponder a dois pés direitos, descalços, que se orientam em direções opostas. Têm cerca de 17 cm e 19 cm de comprimento por 6,5 cm e 7 cm de largura. As suas profundidades são de 1,7 cm e 0,5 cm. Encontram-se orientados para sul e para sudoeste. Foram utilizadas as técnicas da percussão e abrasão na sua execução (Fig. 77). Quanto às restantes duas figuras alongadas, poderão igualmente corresponder a podomorfos, no entanto, o seu estado de conservação não permite afirma-lo com segurança. Mesmo após a análise fotogrametrica as duvidas persistem.



Figura 77: Pormenor dos dois motivos considerados podomorfos.

Lendas associadas:

Não se conhecem.

Afloramento/ Lugar cristianizado:

O afloramento e o lugar foram cristianizados pela toponímia.

Estado de conservação:

Em bom estado de conservação. Imóvel de Interesse Publico, pelo decreto nº 251/70 DG,I série nº 123 de 3-06 de 1970.

Via de acesso:

Próximo da estrada que liga a EM 589 e a EM 312. A cerca de 15 metros para nordeste do menir de Luzim.

Condições de visitação:

Não se encontra musealizado.

Referências bibliográficas:

SANTOS JUNIOR, 1940; STOCKLER, 2000; dados inéditos.

2.2.5. PÓVOA DE VARZIM

(18) PEGADAS DE SANTO ANDRÉ

Localização administrativa:

Lugar: Não se conhece.

Freguesia: A ver-o-mar.

Localização geográfica (sistema: WGS 84; formato: graus decimais):

Latitude: 41.41553; longitude: -8.78313. Encontra-se a cerca de 24 metros de altitude (Fig. 78).

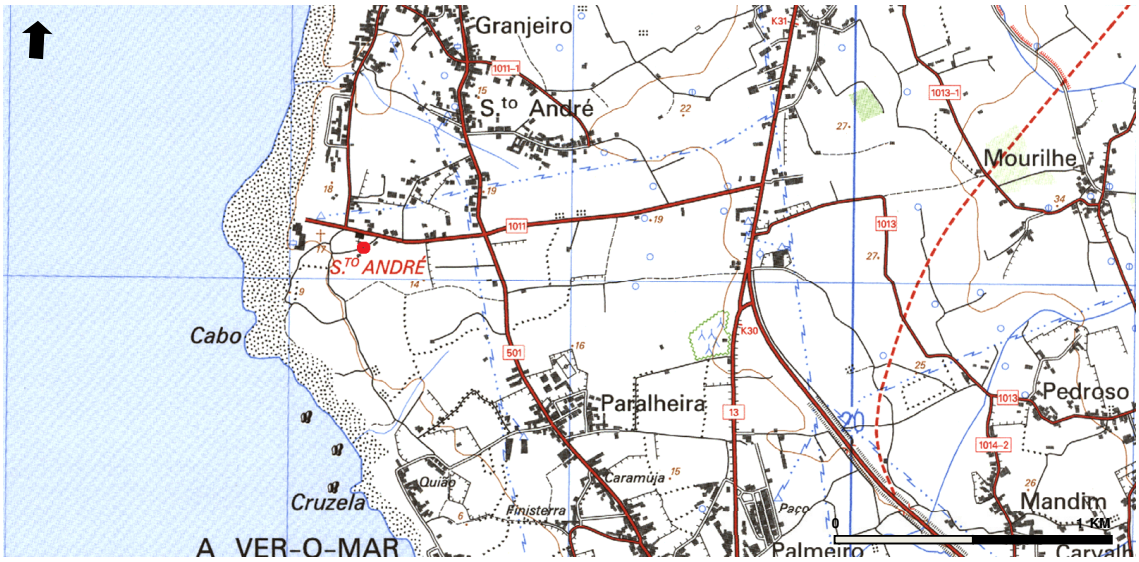


Figura 78: Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 82, à escala 1/25 000, com localização do Penedo de Santo André.

Fontes bibliográficas:

As primeiras referências deste local são de Martins Sarmento (1999: 255), que diz:

> Adiante de Avre-mar. Outro homem mostrou-me, para o lado do mar uma capela de Santo André, onde se viam as pegadas do Santo num penedo, e noutro, um quarto. Fui lá e tive a fortuna de encontrar quem mos mostrasse. O penedo a pegada, aliás pegadas, fica a norte da capela. São precisos olhos de fé para as descobrir.

Contexto arqueológico:

Conhece-se na área um afloramento sobrelevado, gravado com cerca de 20 covinhas agrupadas, dispostas, essencialmente, a este do topo do afloramento, com cerca de 3 cm a 6 cm de diâmetro

e cerca de 0.5 cm a 1 cm de profundidade. A superfície gravada está bastante erodida, pelo que é difícil analisar com precisão a iconografia existente. Fica a cerca de 5 metros a sudeste da porta da capela de Santo André, na parte de trás de uma estrutura em tijolo que serve para depositar oferendas de velas ou de ex-votos, em cera (Figs. 79 e 80).



Figura 79: Vista geral do penedo com covinhas.



Figura 80: Covinhas situadas próximas da capela de Santo André.

Há a registar, ainda, um caos de blocos graníticos, de grandes dimensões e bastante impressivo, a cerca de 200 m para oeste da capela. No topo de um dos afloramentos foi construído um cruzeiro. Nesta rocha não se identificou qualquer gravura rupestre. Existe sim, o que parecem ser duas marcas de cunhas, possivelmente utilizadas para extração de pedra. Na face oeste deste afloramento há um nicho escavado onde se praticam alguns ritos de origem pagã (Fig. 81).



Figura 81: Aglomerado granítico onde estão presentes o cruzeiro, as marcas de cunha e o nicho ritual.

Localização física e ambiental:

Aglomerado de imponentes afloramentos graníticos existentes na plataforma litoral, em área agricultada e urbanizada. O local fica no litoral, com boa visibilidade para todos os quadrantes e para o oceano (Fig. 82). Trata-se de um sítio de boa acessibilidade.



Figura 82: Área envolvente da capela de Santo André (Fonte: *Google Maps*).

Descrição física do afloramento gravado:

Sabemos apenas que ficava a norte da capela e que era grande. Na prospeção efetuada, em afloramentos a norte da capela, não detetamos as gravuras. Trata-se de uma zona urbana e agrícola, encontrando-se muitos afloramentos em propriedade privada. Alguns podem estar soterrados pelas areias. Foram inquiridas várias pessoas sobre a localização das pegadas, mas nenhuma as soube situar.

Descrição dos motivos gravados:

Pelo que diz Martins Sarmento (1999: 255) o afloramento tinha vários podomorfos, mas muito erodidos. Refere que "Há seis ou sete e o singular é que todas têm o mesmo feitio – uma pegada larga e curta, mas em diferentes direções".

Lendas associadas:

Segundo o "placard" informativo, situado em frente à capela de Santo André, atribui-se a este santo, reconhecidos dotes casamenteiros e boas pescarias. Refere-se, que a "Crença popular afirma que «quem não for a Santo André em vida lá terá que passar depois de morto».

Segundo a população local, no afloramento que fica a cerca de 200 m para oeste da capela, há outra crença que passa por atirar uma pedra para uma cavidade artificial que se encontra na sua face oeste. Caso a pedra acerte e se mantenha nessa cavidade, o lançador casar-se-á, sendo esse casamento abençoado por Santo André.

Afloramento/ Lugar cristianizado:

O afloramento e o lugar foram cristianizados pela toponímia e pela capela de S. Gonçalo.

Estado de conservação:

Desconhecido

Via de acesso:

Não se conhece.

Condições de visitação:

Não se encontra musealizado.

Referências bibliográficas:

SARMENTO,1999: 255; dados inéditos

2.2.6. OUTRAS REFERÊNCIAS A AFLORAMENTOS COM PODOMORFOS NO DISTRITO DO PORTO

2.2.6.1. FELGUEIRAS

PENEDO DA MOIRA

Fontes bibliográficas:

O Penedo da Moira, segundo Leite de Vasconcelos (1897), situado nas proximidades de Felgueiras, teria podomorfos. Com tão poucos dados não fomos capazes de o localizar.

Referências bibliográficas:

VASCONCELOS, 1897; CARDOSO, 2015.

PENEDO DAS PEGADAS

Localização administrativa:

Lugar: Ribeiral.

Freguesia: União de Freguesias de Vila Fria e Vizela (São Jorge).

Localização geográfica (sistema: WGS 84; formato: graus decimais):

Latitude: 41.37993. Longitude: -8.25135. Altitude aproximada: cerca de 213 metros (Fig.83).



Figura 83: Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 85, à escala 1/25 000, com localização do Penedo das Pegadas.

Fontes bibliográficas:

A primeira referencia a estas gravuras é feita por Sarmento (1884: 183-184), que diz ter-se deslocado a S. Jorge fundamentalmente pela "curiosidade de vêr as pégadas do cavallo do santo…".

Contexto arqueológico:

À época de M. Sarmento (1884: 185), existia junto da igreja de S. Jorge, situada a nordeste das gravuras, algumas "tampas de sepulturas antigas, mas já de época christã". Próximas a estas, o autor encontrou "uma das celebres estatuas, que alguns chamam de gallegas e [ele] de lusitanas", inseridas no período romano.

Localização física e ambiental:

O afloramento está localizado em "uma espécie de encruzilhada que se encontra, antes de chegar á egreja de S. Jorge…" (Sarmento, 1884: 184), num local depressionário, na margem direita de um pequeno curso de água, tributário do rio Vizela. Este encontra-se próximo, a aproximadamente 300/500 m para noroeste e norte. Trata-se de um local de pouco domínio da paisagem (Fig. 84). Não existem outros afloramentos rochosos na envolvente.



Figura 84: Contexto envolvente do Penedo das Pegadas.

Descrição física do afloramento gravado:

O afloramento granítico tem pequenas dimensões, cerca de 76 cm de comprimento máximo e 47 cm de largura máxima, sendo praticamente rente ao solo.

Descrição dos motivos gravados:

Na zona superior e horizontalizada da rocha existem "Duas cavidades de desigoal profundidade, em que ninguem repararia, se lhe não soubesse a historia", orientadas no sentido noroeste-sudeste (Sarmento, 1884: 184). Estão fragmentados em toda a sua largura e referente largura da laje. Existe, ainda, uma pia natural, ao centro, com um grande sulco natural, que parte desta no sentido noroeste (Fig. 85).

Após a deslocação ao local, não se confirmou a existência de podomorfos, mas sim de dois grandes sulcos, fragmentados, que, apesar de aparentarem estar polidos, talvez, possam ser naturais.



Figura 85: Depressões designadas po Pegadinhas do Ribeiral.

Lendas associadas:

Nesta terra, no séc. XI, outrora conhecido por "Cello" e posteriormente por S. Jorge de Cela (séc. XIII), nasceu a lenda, que diz o seguinte: - Há muitos anos, o povo desta aldeia vivia dias difíceis devido ao tormento causado por uma grande serpente que ameaçava e matava as crianças. Diz a lenda que, a mesma serpente, tendo de comer um ser vivo por dia, na falta de animais, exigia que as pessoas lhes trouxessem os próprios filhos, alimentando assim a sua voracidade e só assim a população conseguia evitar as ameaças de morte.

Um dia, aconteceu que, uma mãe ao trazer a sua filha ao Ribeiral, para satisfazer a serpente, chorava e pedia ajuda a Deus. Chegada ao local, aguardava com amargura a vinda do monstro, quando deparou com um cavaleiro que lhe perguntou: - O que fazes mulher? - Porque choras? Enquanto a mulher lhe descrevia a razão da sua tristeza, surgiu, repentinamente, a fera. O desconhecido ordenou que ambas se afastassem,

> dizendo: ajoelha-te cavalo. Pegou na lança e num golpe certeiro trespassou a serpente, matando-a e pondo assim fim ao sofrimento dos habitantes da aldeia. Veio então a saber-se que o misterioso cavaleiro era S. Jorge. Na pedra ficaram moldadas as pegadas do cavalo para que todos recordassem a passagem do Santo por estas terras (Fonte: placard informativo situado no local e exposto pela freguesia de Vizela [S. Jorge]).

A mesma lenda, ainda que de forma ligeiramente distinta, é descrita por M. Sarmento (1884: 184), que afirma ter sido um "*cicerone*" local a contar-lha. Segundo este investigador, existia na igreja de S. Jorge um antigo quadro, "muitíssimo deteriorado", que retratava a lenda. O teto desta mesma igreja albergava, igualmente, uma pintura representativa desta cena, porém mais moderna. Usando as palavras de Sarmento, "a lenda deu origem ao quadro, ou o quadro á lenda?" (Sarmento, 1884: 185).

Afloramento/Lugar cristianizado:

Afloramento e lugar cristianizados pela lenda de S. Jorge.

Estado de conservação:

Em bom estado de conservação.

Via de acesso:

Para aceder ao Penedo das Pegadas basta chegar à freguesia de Vizela (São Jorge) e procurar o lugar do Ribeiral. A população local é boa conhecedora do sítio.

Condições de visitação:

Não se encontra musealizado.

Referências bibliográficas:

SARMENTO, 1884: 183-186; dados inéditos.

2.2.6.2. PENAFIEL

LOMAR - CNS: 996

Localização administrativa:

Lugar: Lomar.

Freguesia: União de Freguesias de Luzim e Vila Cova.

Localização geográfica (sistema: WGS 84; formato: graus decimais):

Latitude: 41.15300. Longitude: -8.24949. Altitude aproximada: cerca de 359 metros (Fig. 86).

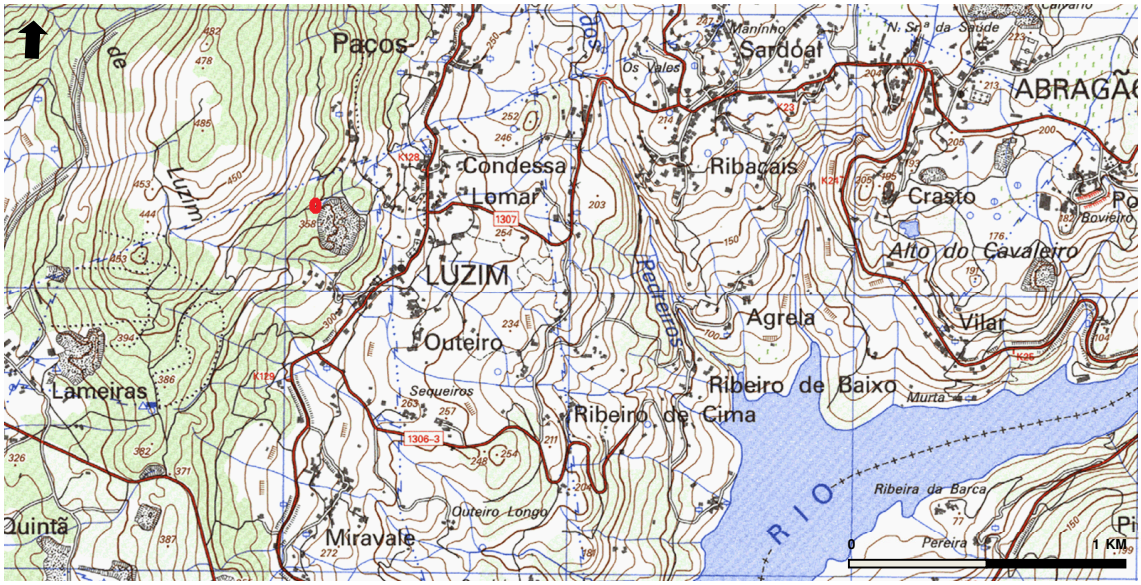


Figura 86: Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 124, à escala 1/ 25 000, com localização das gravuras de Lomar.

Fontes bibliográficas:

A primeira alusão a este conjunto de gravuras rupestre é feita por Joaquim Santos Júnior, em 1942. Mais recentemente, em 2001, o "afloramento granítico ligeiramente elevado em relação ao solo com diversas figurações podomórficas e "fossettes" é relocalizado, ao abrigo do projeto "Relocalização, identificação e inspeção de sítios pela Extensão do IPA - Vila do Conde". Em 2008, Maria José Santos volta a mencionar este local, na revista *OPPIDUM*, referindo-o, apenas, no âmbito de um trilho/ percurso que passa pelas gravuras.

Contexto arqueológico:

A cerca de 1 km para sudoeste, encontram-se as Pegadinhas de São Gonçalo e o menir de Luzim.

Localização física e ambiental:

Situadas num patamar da vertente sudeste da serra de Luzim, a partir destas gravuras avista-se o Tâmega, para sudeste, assim como o seu extenso vale. Nas outras direções a visibilidade é interrompida, geralmente, pelas muitas árvores existentes. Estas compreendem principalmente pinheiros e eucaliptos.

Trata-se de um local de convergência de alguns caminhos naturais.

Descrição física do afloramento gravado:

Afloramento granítico de grandes dimensões, no entanto não muito impressivo na envolvente, pois eleva-se pouco em relação ao solo. Tem o topo aplanado e é de contorno sub-quadrangular (Fig. 87).



Figura 87: Gravuras rupestres de Lomar (Seg. Santos, 2008).

Descrição dos motivos gravados:

Este sítio contem dezenas de gravuras, sendo estas compostas essencialmente por sulcos alongados, covinhas, covinhas interligadas por sulcos e retângulos escavados em profundidade (Figs. 88 e 89).

As várias gravuras existentes, espalhadas por um único afloramento granítico, e a possibilidade de existir sobreposição de motivos, indiciam que durante um longo período cronológico este lugar auferiu uma grande importância por parte das comunidades que o frequentaram.

Dos muitos motivos gravados, de forma alongada, pelo menos alguns estão indicados como sendo podomorfos ou possíveis podomorfos. No nosso entender, nenhum motivo observado respeita as caraterísticas tipológicas que definimos para a representação de pés humanos normais.

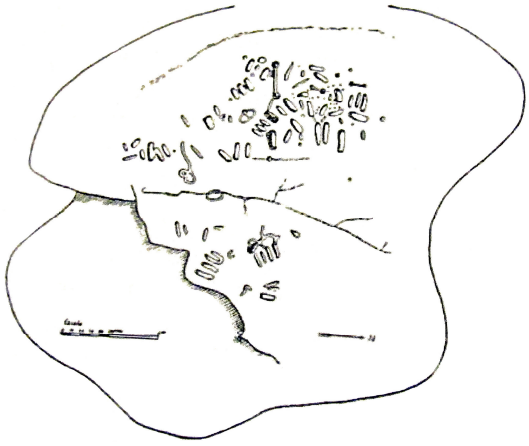


Figura 88: Decalque das Pegadinhas de São Gonçalo (Fonte: Santos Júnior, 1945 *in* CVARN).



Figura 89: Pormenor de alguns dos sulcos alongados.

Lendas associadas:

Não se conhecem.

Afloramento/Lugar cristianizado:

Sim. Pela toponímia das gravuras.

Estado de conservação:

Em bom estado de conservação.

Via de acesso:

Para aceder ao local, a partir do menir de Luzim, que se encontra devidamente sinalizado, é só seguir o caminho carreteiro até deparar com um passadiço em madeira, as gravuras encontram-se junto a este, do seu lado esquerdo.

Condições de visitação:

Encontra-se musealizado, estando reunidas condições para o visitante observar as gravuras.

Referências bibliográficas:

SANTOS JÚNIOR, 1942, 1945; SANTOS, 2008; www.arqueologia.patrimoniocultural.pt, CNS: 996;

2.2.6.3. PÓVOA DE VARZIM

FONTE DE S. PEDRO DE RATES

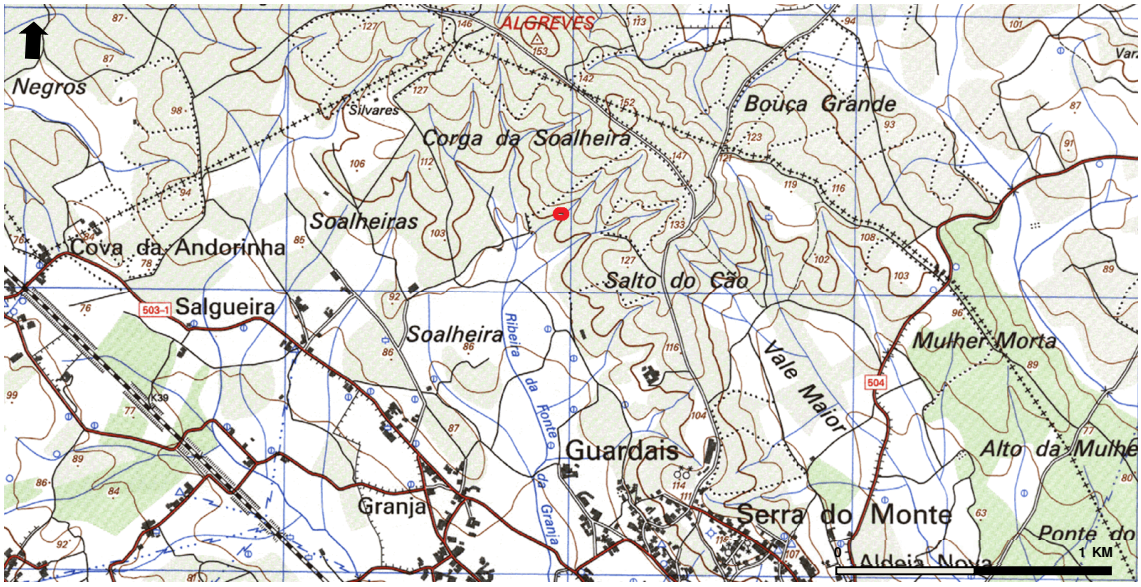


Figura 90: Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 83, à escala 1/25 000, com localização da fonte de S. Pedro de Rates.

A fonte de São Pedro de Rates localiza-se na freguesia a que lhe dá o nome. As suas coordenadas geográficas são: latitude: 41.44302; longitude: -8.67767. Encontra-se a cerca de 109 metros de altitude (Fig. 90).

Situa-se no vale de um pequeno curso de água, localizado nos chamados Montes do Sisto (possivelmente devido aos grandes aglomerados de xisto aí presentes) (Pinho Leal, 2006a [1873]). Implanta-se num pequeno outeiro, sendo que, sem os muitos eucaliptos, pinheiros e carvalhos existentes, possivelmente se teria uma boa visibilidade para sudoeste e noroeste. A vegetação densa em volta do curso de água e da referente fonte, impossibilitou a identificação de qualquer gravura.

A Fonte de S. Pedro de Rates está sinalizada, no entanto, a placa informativa encontra-se em muito mau estado, não sendo possível visualizar a sua informação.

Para ceder ao local existe um trilho, devidamente sinalizado. Não foi possível confirmar a existência de uma pegada no local.

Lendas associadas:

Lenda de Balazar

> Ha aqui os montes do Sisto, que teem muita caça. Ha tambem n'esta freguezia uma fonte chamada de S. Pedro de Rates, e n'ella uma pedra com uma pégada que dizem ser do dito santo, que n'ella estava bebendo, quando os inimigos da religião o foram procurar para o martyrisarem.
>
> É tradição que, tirando-se esta pedra, seccou a fonte e não tornou a deitar agua senão quando restituiram a pedra ao seu antigo logar.
>
> Dizem os d'aqui, que a agua d'esta fonte cura as maleitas (Pinho Leal, 1873a: 311).

Referências bibliográficas:

PINHO LEAL, 1873a; dados inéditos.

2.2.6.4. SANTO TIRSO

S. JOÃO DE BURGÃES

Localização administrativa:

Lugar: não se conhece.

Freguesia: União de Freguesias de Santo Tirso, Couto (S. Cristina e S. Miguel) e Burgães.

Localização geográfica (sistema: WGS 84; formato: graus decimais):

Latitude:41.350566. Longitude: -8.441684. Altitude aproximada: cerca de 249 metros (Fig. 91).

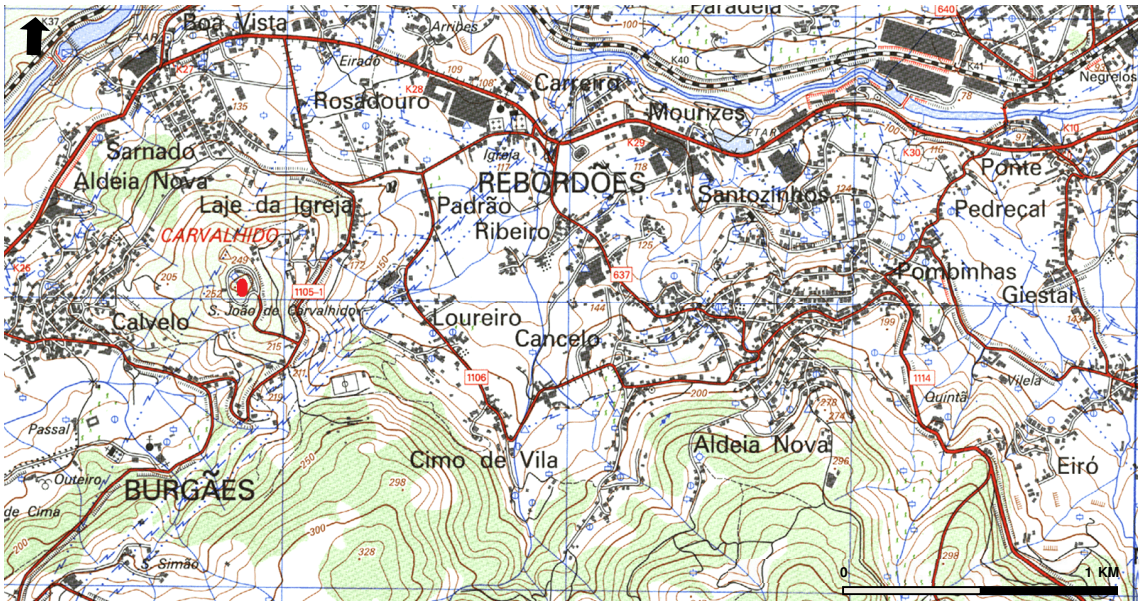


Figura 91: Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 98, à escala 1/ 25 000, com localização da capela de S. João.

Fontes bibliográficas

As primeiras referências ao local são de Martins Sarmento, numa carta enviada ao Padre Joaquim Pedrosa, antigo abade de Santo Tirso (Lima, 1940: 97-100). Sarmento diz que na(s) rocha(s) gravada(s) existem vários círculos concêntricos, espirais, labirintiformes, uma suástica, covinhas e podomorfos, segundo ele, quase sempre aos pares.

Contexto arqueológico:

Pelo texto de Sarmento fica-se com a ideia de que existiriam vários afloramentos gravados no local, alguns deles com motivos inseríveis na arte atlântica, entre outros mais recentes, já da Idade do Ferro, como a suástica.

Localização física e ambiental:

O referido penedo encontra-se nas imediações da Capela de S. João do Carvalhido, no topo do Monte do Carvalhido, sobranceiro ao rio Ave e com visibilidade sobre toda a envolvente, em especial para norte e noroeste. Na área existem imensos afloramentos graníticos, de variadas dimensões. Trata-se de uma zona bastante arborizada, em que as rochas estão abundantemente cobertas por musgos.

Descrição física do afloramento gravado:

Não foi possível determinar a descrição física do afloramento.

Descrição dos motivos gravados:

Após algumas horas de prospeção, não foi possível identificar qualquer rocha gravada com podomorfos.

Segundo Martins Sarmento teriam existido afloramentos gravados com podomorfos, quase sempre aos pares.

Falamos com o pároco da freguesia, com uma professora da escola primária e com alguns residentes locais. Infelizmente nenhum deles tem conhecimento deste afloramento.

Lendas associadas:

Não se conhecem.

Afloramento/ Lugar cristianizado:

Sim, através da capela de S. João do Carvalhido.

Estado de conservação:

Desconhecido.

Via de Acesso:

Para aceder ao local, basta seguir as placas informativas em direção à capela de S. João do Carvalhido, a partir de Burgães.

Condições de visitação:

Não se encontra musealizado.

Referências bibliográficas:

LIMA, 1940: 97-100.

2.3. DISTRITO DE VIANA DO CASTELO

2.3.1. CAMINHA

(19.1) (19.2) CASTELHÃO 4 e 9 - CNS: 32411/32416

Localização administrativa:

Lugar: não se conhece.

Freguesia: Vilar de Mouros.

Localização geográfica (sistema: WGS 84; formato: graus decimais):

Latitude: 41.88700/41.89018. Longitude: -8.77835/-8.77470. Altitude aproximada: cerca de 24/31 metros (Fig. 92).

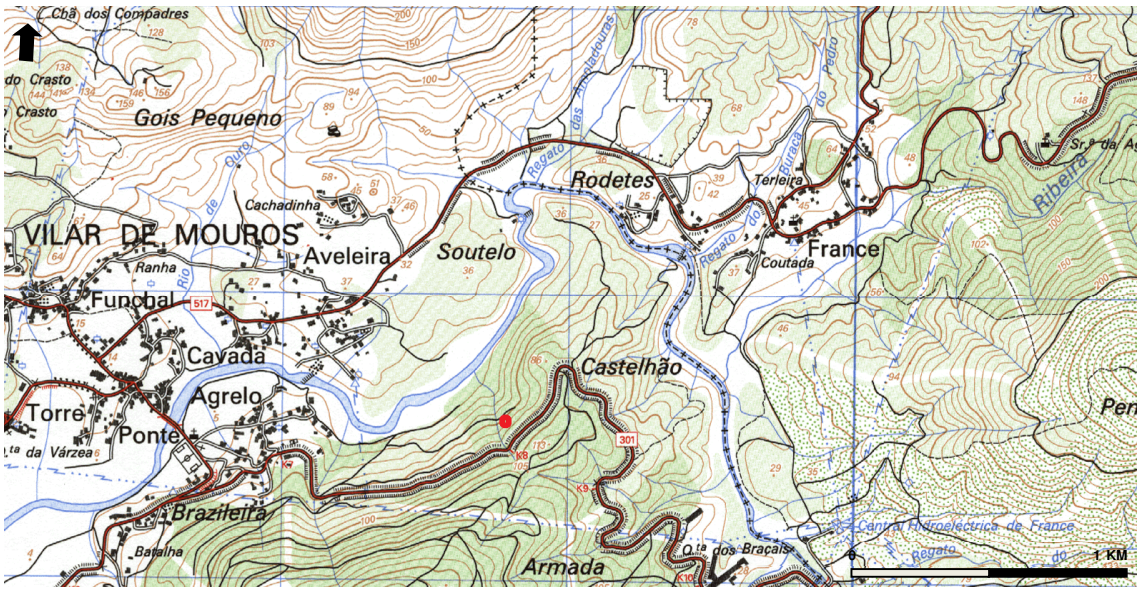


Figura 92: Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 14, à escala 1/25 000, com localização aproximada do sítio do Castelhão.

Fontes bibliográficas:

O local foi descoberto por Mário Augusto Santos Varela Gomes e Telmo Alexandre Pinheiro da Silva no âmbito EIA - IC1 - Caminha/ Valença e está registado na base de dados – Endovélico, com o CNS: 32411/32416, estando referenciados, no local, 14 afloramentos gravados, dois deles com podomorfos: Castelhão 4 e 9.

Contexto arqueológico:

Além das outras gravuras referenciadas no local, a freguesia de Vilar de Mouros é conhecida por aí terem aparecido depósitos metálicos do Bronze Final (Monteagudo, 1977). Existem também outros afloramentos com gravuras.

Localização física e ambiental:

O conjunto rupestre do Castelhão implanta-se na base da vertente norte-noroeste do Monte da Cruz da Facha, no declive suave sobranceiro ao rio Coura, afluente da margem sul do Minho. Possivelmente, a partir destas gravuras deverá existir visibilidade para o vale deste rio e para o Monte de Gois. Da zona onde está presente a arte rupestre, partem algumas linhas de água que afluem ao rio Coura.

No local existe imensa vegetação arbustiva e arbórea, o que impede a circulação e a relocalização das gravuras (Fig. 93). No entanto, a zona é de fácil acesso, seguindo as margens do Coura.



Figura 93: Vista da área onde se situam as gravuras do Castelhão.

Descrição física do afloramento gravado:

Seguiram-se as coordenadas geográficas do local, nas duas deslocações efetuadas a Vilar de Mouros, porém, a densa vegetação que se encontrou, já muito perto das gravuras, não permitiu a progressão até às rochas gravadas. Seria necessária uma limpeza desta área para se poder analisar os motivos rupestres aí contidos.

No entanto, pelas descrições apresentadas no Portal do Arqueólogo, sabe-se que Castelhão 4 corresponde a uma laje sub-horizontal, em granito e Castelhão 9 a um afloramento granítico de grandes dimensões.

Descrição dos motivos gravados:

Em Castelhão 4 existe um par de podomorfos, quase geminados, de contorno ovalado e orientados no sentido sul-norte, com 25 cm de comprimento. Pela descrição podemos classifica-los como calçados. Entre eles existe uma covinha (Portal do Arqueólogo, Gomes e Silva). Em Castelhão 9 foram gravados dois podomorfos.

Lendas associadas:

Não se conhecem.

Afloramento/ Lugar cristianizado:

Não sabemos se o afloramento foi cristianizado.

Estado de conservação:

Desconhecido.

Via de acesso:

Para aceder ao local deve-se, à saída de Vilar de Mouros, após a ponte, virar à esquerda por um caminho calcetado e seguir até ao fim deste. Aí virar à direita para caminho de terra batida e andar cerca de 800 m.

Condições de visitação:

Não se encontram musealizados.

Referências bibliográficas:

www.arqueologia.patrimoniocultural.pt, CNS: 32411/ 32416.

(20) CHÃO DO CANO

Localização administrativa:

Lugar: Aspra.

Freguesia: Âncora.

Localização geográfica (sistema: WGS 84; formato: graus decimais):

Latitude: 41.79111. Longitude: -8.83775. Altitude aproximada: cerca de 155 metros (Fig. 94).

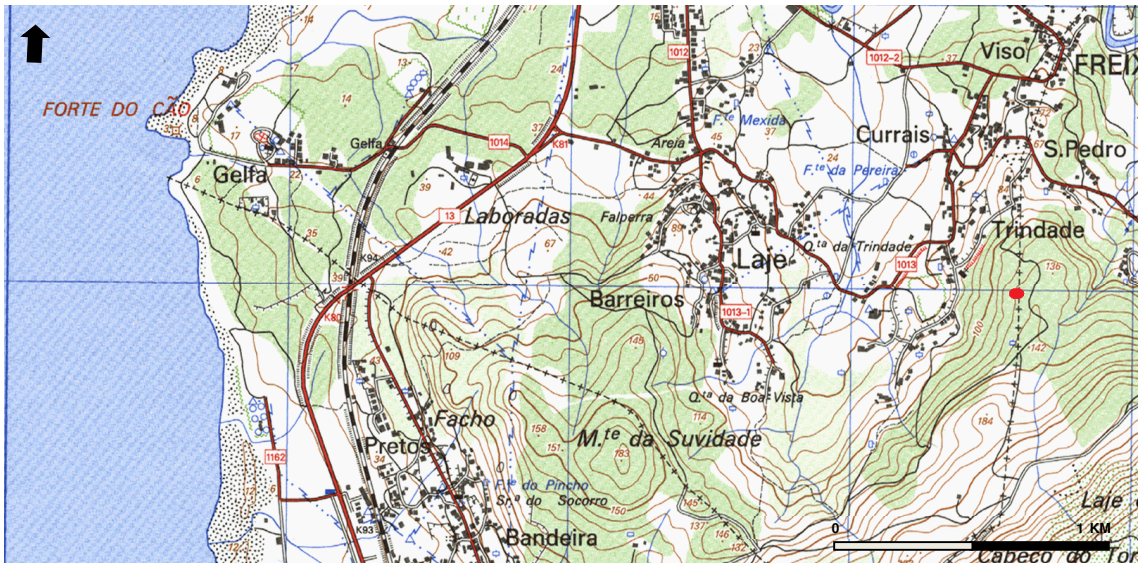


Figura 94: Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 27, à escala 1/ 25 000, com localização de Chão do Cano.

Fontes bibliográficas:

As referências a este conjunto rupestre são de Bettencourt e Amorim (2014), que realizaram o estudo do local no âmbito do projeto Enardas. Os autores identificaram 3 afloramentos gravados, um deles com arte de estilo atlântico, entre outros motivos, onde se encontra o podomorfo. Trata-se de Chão do Cano 1.

Contexto arqueológico:

Posteriormente ao trabalho realizado no local, foram descobertos dois novos afloramentos com gravuras de estilo atlântico[12]. No aro da freguesia há ainda a registar as gravuras rupestres de Santo Adrião (Santos Estévez e Bettencourt, 2017), onde ocorrem motivos atlânticos, armas, quadrúpedes, etc. Conhecem-se, ainda, monumentos sob *tumuli e* um povoado da Idade do Ferro (Santos Estévez e Bettencourt, 2017).

Localização física e ambiental:

As gravuras do Chão do Cano situam-se numa plataforma intermédia da serra de Santa Luzia, na sua vertente noroeste. O local domina visualmente, para oeste e noroeste, o mar e a foz do rio

[12] Informação que agradecemos a Ana M. S. Bettencourt.

Âncora. Existe, pelo menos, uma linha de água nas imediações das gravuras, que foi parcialmente encanada, sendo audível o som da água, em algumas alturas do ano. A área é bastante pedregosa, havendo muitos afloramentos graníticos, assim como, alguns filões de quartzo. Quanto à flora local, a zona é rica em vegetação arbórea, composta por acácias e alguns pinheiros, e vegetação arbustiva, composta por silvas, giestas, tojo, etc. Trata-se de um local de fácil acesso e de passagem entre o vale e o topo da serra de Santa Luzia.

Descrição física do afloramento gravado:

Chão do Cano 1, é um afloramento granítico que causa alguma impressão na paisagem. Tem a superfície superior aplanada e está orientado no sentido este-oeste. Mede cerca de 3 m de comprimento por 1,62 m de largura, tendo uma altura de 0,54 m. Neste, observam-se duas diaclases, orientadas para sudoeste e para sul (Fig. 95). Notou-se, ainda, alguns encraves de quartzo e mica. O afloramento está fraturado na sua extremidade norte. A sua forma é sub-retangular.



Figura 95: Afloramento do Chão do Cano com um podomorfo ao lado do reticulado e motivos de arte atlântica.

Descrição dos motivos gravados:

Os petróglifos presentes neste penedo e gravados no seu topo, compreendem várias composições circulares, um zoomorfo, um reticulado e um podomorfo. O podomorfo foi escavado em profundidade, por percussão seguida de abrasão, estando orientado para su-sudeste. Trata-se de um pé direito, com 23 cm de comprimento, 8,5 cm de largura e 0,2 cm de profundidade. Encontra-

se associado ao reticulado e a um cavaleiro, entrando na tipologia de podomorfo calçado. Encontra-se no topo da rocha, na sua extremidade sul (Fig. 96).



Figura 96: Pormenor do podomorfo, ente um cavaleiro (à esquerda) e um reticulado (à direita).

Lendas associadas:

Não se conhecem.

Afloramento/Lugar cristianizado:

Não sabemos se o afloramento foi cristianizado, mas o lugar foi cristianizado pela inscrição de uma cruz num afloramento contíguo.

Estado de conservação:

Em bom estado de conservação.

Via de acesso:

Partindo da antiga Quinta das Trindades, seguir caminho carreteiro até visualizar o local do lado direito. O sítio encontra-se vedado por uma cerca de madeira, sendo assim facilmente identificável.

Condições de visitação:

Foi construída uma cerca, com troncos e ramos, em volta da área das gravuras. A vegetação foi cortada por forma a permitir a visitação do local.

Referências bibliográficas:

BETTENCOURT e AMORIM, 2014; SANTOS ESTÉVEZ e BETTENCOURT, 2017; dados inéditos.

2.3.2. MELGAÇO

(21) FIEIRAL 2 - CNS: 15561

Localização administrativa:

Lugar: Alto dos Piornais.

Freguesia: União de Freguesias de Castro de Laboreiro e Lamas do Mouro.

Localização geográfica (sistema: WGS 84; formato: graus decimais):

Latitude: 42.05542. Longitude: -8.11978. Altitude aproximada: cerca de 1178 metros (Fig. 97).

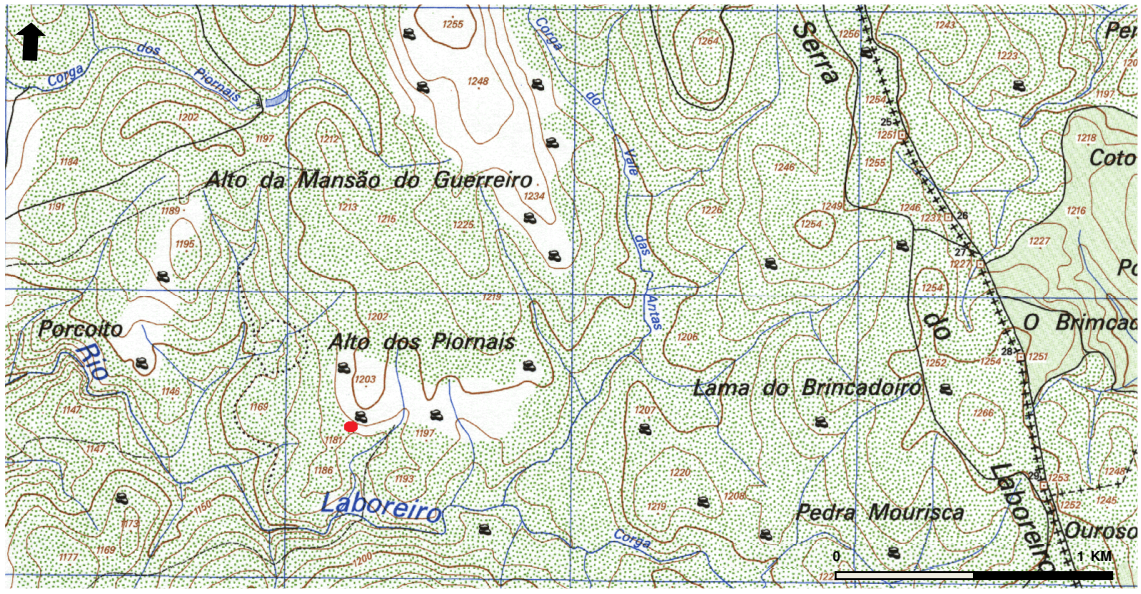


Figura 97: Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 5, à escala 1/ 25 000, com localização do Fieiral.

Fontes bibliográficas:

A primeira menção a este local gravado é feita por António Martinho Baptista, em 1986. Bettencourt e Rodrigues (2013) fazem uma descrição mais detalhada deste conjunto de dois

afloramentos gravados, designando-os por Fieiral 1 e 2. É a estas autoras que se deve a notícia de que existiam podomorfos no Fieiral 2.

Contexto arqueológico:

As gravuras rupestres do Fieiral inserem-se na arte esquemática de ar livre, na área da necrópole megalítica existente no planalto de Castro de Laboreiro. Estão "a cerca de 500 m para nascente da mamoa de Porcoito 1 e a, aproximadamente, 450 m da mamoa do Alto dos Piornais 1" (Bettencourt e Rodrigues, 2013: 132). Pelo tipo de motivos existentes e pelas diversas adições e sobreposições, as autoras consideram que este conjunto de gravuras deve estender-se, provavelmente, desde pelo menos o Neolítico até à Idade do Ferro (Bettencourt e Rodrigues, 2013).

Localização física e ambiental:

As gravuras do Fieiral localizam-se em pleno planalto de Castro de Laboreiro, inseridas no Parque Nacional da Peneda-Gerês. O rio Laboreiro passa a poucos metros a sul e a oeste, sendo visível do local. Toda a região é bastante irrigada, existindo várias corgas no planalto. A partir do Fieiral tem-se um bom domínio visual sobre o vale do Laboreiro. A vegetação existente é constituída, essencialmente, por urzes e tojo, não existindo vegetação arbórea (Fig. 98). A área é de fácil circulação. Contigua ao afloramento 2 existe uma nascente.



Figura 98: Fieiral 1 (nas proximidades) e Fieiral 2 (ao longe).

Descrição física do afloramento gravado:

O Fieiral 2 é um afloramento granítico de grandes dimensões, mas pouco destacado do solo. Orienta-se para sudoeste e mede 29,30 m de comprimento, 10,30 m de largura e 0,92 m de altura. A sua superfície gravada é relativamente plana, na sua maioria, ocorrendo, apesar disso, áreas mais irregulares.

Seria possível juntar-se uma grande audiência em volta das gravuras.

Descrição dos motivos gravados:

Quanto aos motivos gravados, estes são de variada tipologia, inserindo-se, essencialmente, na arte esquemática de ar livre. A este grupo pertencem os quadrados e retângulos segmentados e os antropomorfos (Bettencourt e Rodrigues, 2013). Um machado, um círculo segmentado e paletas quadrangulares, que deverão pertencer à Idade do Bronze. Os podomorfos deverão ser mais recentes (Bettencourt e Rodrigues, 2013). Quanto a estes, existe um isolado e um par (Fig. 99). O podomorfo isolado localiza-se no topo do afloramento (área aplanada), a nordeste, e representa um pé esquerdo, escavado em profundidade, sendo nítido o dedo polegar. Orienta-se para sul e mede cerca de 22,5 cm de comprimento por 8,5 cm de largura, tendo uma profundidade de 1,3 cm. Foi executado por percussão seguida de abrasão. Enquadra-se nos podomorfos descalços e sem decoração (Fig. 100). Quanto ao par de podomorfos, que se localiza na pendente virada para sudeste, orienta-se para sudeste e são apenas delineados por sulcos executados por percussão seguida de abrasão. As dimensões do pé direito são de 19 por 6 cm, tendo 0,6 cm de profundidade. O pé esquerdo mede 18 cm de comprimento e 5,5 cm de largura. Tem uma profundidade de 0,5 cm. Enquadram-se nos podomorfos calçados (Fig. 101).



Figura 99: Vista aérea do Fieiral, com os podomorfos marcados (Fonte: *Google Maps*, adaptado).

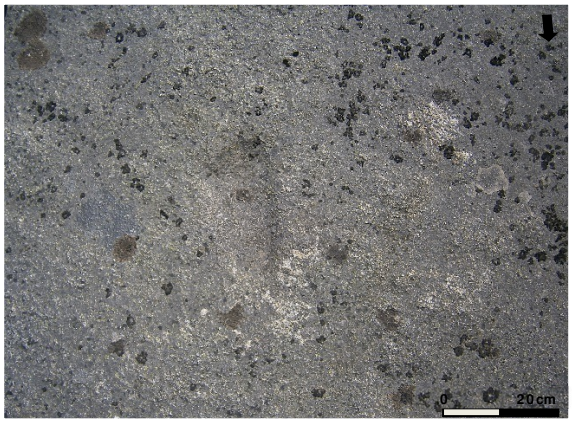


Figura 100: Pormenor do podomorfo de Fieiral 2.



Figura 101: Par de podomorfos assimétricos.

Lendas associadas:

Não se conhecem.

Afloramento/ Lugar cristianizado:

Não sabemos se o afloramento ou o lugar foram cristianizados.

Estado de conservação:

Em razoável estado de conservação.

Via de acesso:

À saída de Castro Laboreiro, viajando em direção a Melgaço (EN 202-3), encontramos, do lado direito, a Estrada Municipal 1158. Deve-se seguir por essa estrada até à branda do Rodeiro (onde a mesma termina). A partir deste lugar, deve-se ir para norte, progredindo pelo estradão de terra-batida que dá acesso ao topo do planalto de Castro Laboreiro. Após subir alguns metros, encontramos uma encruzilhada de caminhos, sendo que se deve prosseguir pelo da direita, para nordeste. Após cerca de 1,5 km (optando-se, na próxima bifurcação, pelo caminho da direita e passando-se, assim, abaixo de umas instalações ligadas ao armazenamento ou tratamento de águas), deve-se tomar um outro caminho, á direita, que segue para sudeste, durante aproximadamente 500 m. Neste ponto (Latitude: 42.05822; Longitude: -8.11446) está-se numa pequena elevação, da qual, ao olhar para a direita (sudoeste) já se visualiza as duas rochas que compõem as gravuras do Fieiral. Assim, é só seguir por um pequeno caminho que desce para as gravuras, para sul/ sudoeste, por aproximadamente 400 m.

O Núcleo Museológico de Castro Laboreiro poderá prestar auxílio para chegar às gravuras.

Condições de visitação:

Não se encontra musealizado.

Referências bibliográficas:

BETTENCOURT e RODRIGUES, 2013; dados inéditos.

(22) BURACO DA MOURA

Localização administrativa:

Lugar: Lugar de Baixo

Freguesia: União de Freguesias de Parada do Monte e Cubalhão.

Localização geográfica (sistema: WGS 84; formato: graus decimais):

Aproximadas: Latitude: 42.05284. Longitude: -8.25956. Altitude aproximada: cerca de 578 metros (Fig. 102).

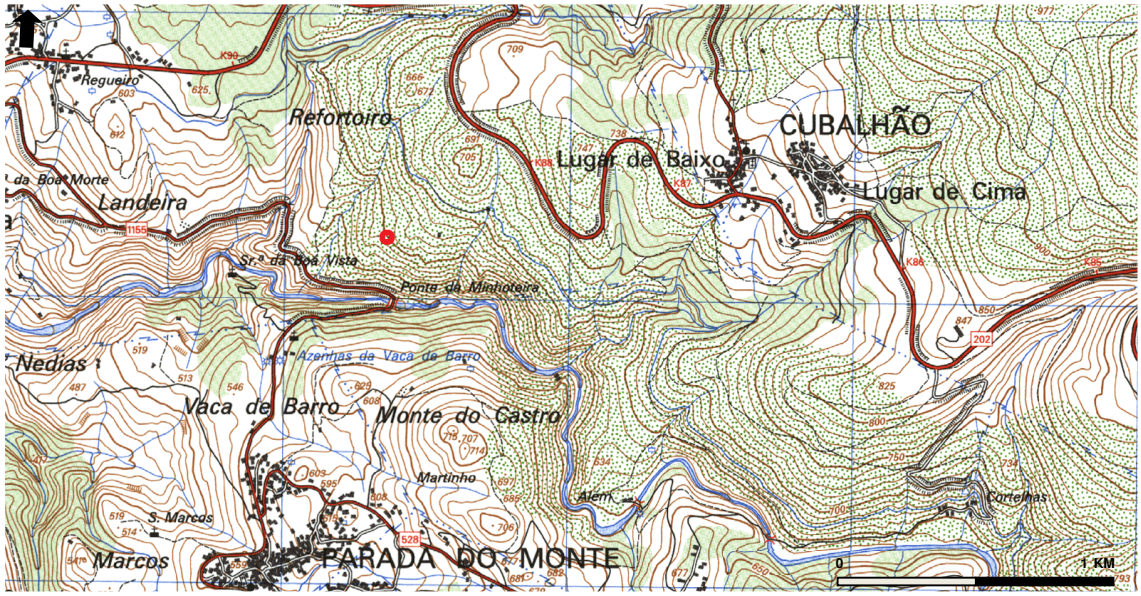


Figura 102: Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 4, à escala 1/25 000, com a localização da zona onde se devem situar as gravuras do Buraco da Moura.

Fontes bibliográficas:

Maia Marques (1986a: 341) diz que existem "A oeste da povoação, próximo ao «Lugar de Baixo», dois grupos [de gravuras] junto da E. N. N.º 202. O primeiro, na parte de cima daquela via, apresenta, num afloramento granítico, um conjunto de covinhas dispostas em quadrado, com sulcos de união. Noutro, uma pequena pia quadrangular e um provável podomorfo."

Contexto Arqueológico

Segundo Maia Marques (1986a: 341) "Na freguesia do Cubalhão detectaram-se três núcleos de gravuras rupestres."

Localização física e ambiental:

O local situa-se na base da vertente sudeste do Monte de Jaz, sobranceira à margem direita do rio Mouro. Deve-se ter vista privilegiada sobre o rio Mouro e o Monte do Castro, para sul, no entanto, a visibilidade deverá ser exígua nas outras direções.

Descrição física do afloramento gravado:

Não conseguimos aceder ao afloramento devido a um intenso incêndio que ocorria no dia em que nos deslocamos a Cubalhão. Apesar disso, após falarmos com algumas pessoas da freguesia, obtivemos algumas informações acerca do afloramento, que é bem conhecido. Segundo as

informações orais, o afloramento gravado corresponde ao que chamam Buraco da Moura ou a um existente nas imediações. Trata-se de um "penedo oco" (abrigo?), de dimensões consideráveis, pois várias pessoas disseram que já pernoitaram no seu interior ou lá se abrigaram de condições climatéricas mais adversas. Contaram-nos que existiam "prateleiras esculpidas" no seu interior, fazendo lembrar um louceiro, e uma "cama", igualmente esculpida na rocha.

Maia Marques (1986a) não descreve o afloramento.

Descrição dos motivos gravados:

Segundo as informações que recolhemos, apenas existe um podomorfo, situado "à entrada" do Buraco da Moura. O podomorfo deverá corresponder a um pé adulto normal, tendo cerca de 23 a 25 cm de comprimento. Maia Marques (1986a) apenas refere que existe um "provável podomorfo", junto a uma "pia quadrangular".

Lendas associadas:

A Moura ao entrar no seu Buraco torceu um pé, ficando o mesmo para sempre gravado na rocha (Fonte: população local).

Afloramento/ Lugar cristianizado:

Não sabemos se o afloramento ou o lugar foram cristianizados.

Estado de conservação:

Desconhecido

Via de acesso:

Para aceder a esta gravura, deve-se, partindo de Cubalhão, seguir a Estrada Nacional 202 em direção a Melgaço. Pouco após terminarem as habitações, seguir por caminho carreteiro, à esquerda, e, depois, pelo terreno baldio. A população conhece a localização exata da rocha.

Condições de visitação:

Não se encontra musealizado.

Referências bibliográficas:

MARQUES, 1986a, 1986b: 341-342; dados inéditos.

2.3.3. MONÇÃO

(23) NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO

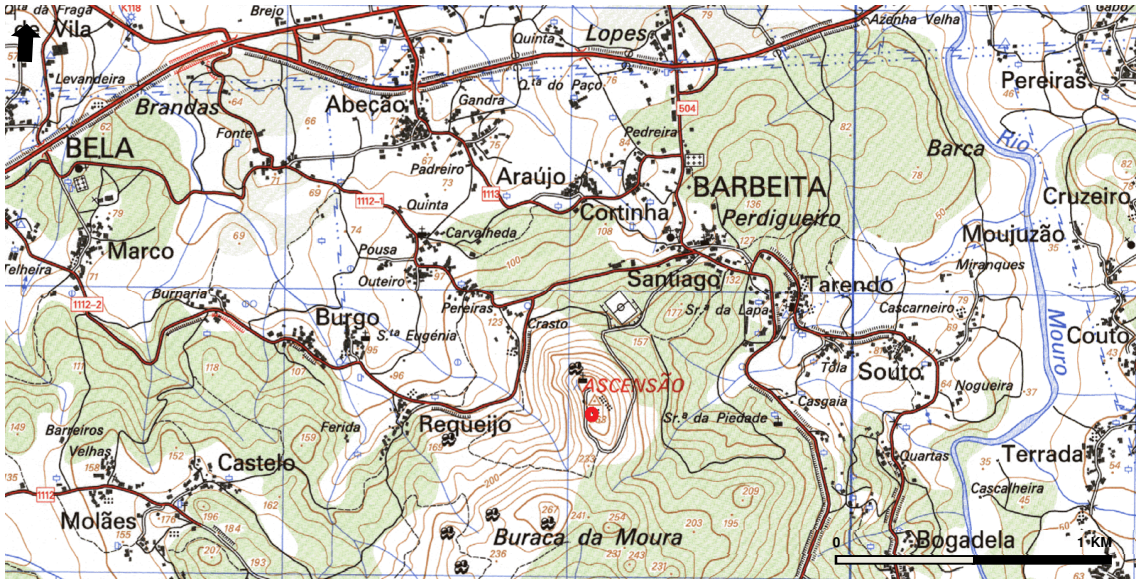


Figura 103: Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 4, à escala 1/25 000, com a localização da zona onde se devem situar as gravuras do Buraco da Moura.

Segundo informações que nos chegaram, próximas do término deste trabalho, no monte da Nossa Senhora da Assunção, localizado na freguesia da Barbeita, Monção, existe um podomorfo, que representa um pé esquerdo, descalço, de adulto e que se situa a meio da vertente este-sudeste desta elevação montanhosa. Este petróglifo foi elaborado em linha de contorno e compartilha o afloramento granítico, onde se implanta, com alguns círculos concêntricos (Fig. 103). Trata-se de um afloramento pouco destacado do solo, com a superfície onde está gravado o pé, aplanada. A área é bem irrigada.



Figura 104: Pormenor do podomorfo do monte da Nossa Senhora da Assunção (cortesia de Cândido Verde).

(24) REGUEIRAS 1

Localização administrativa:

Lugar: Outeiro.

Freguesia: Segude.

Localização geográfica (sistema: WGS 84; formato: graus decimais):

Latitude: 42.04940. Longitude: -8.37659. Altitude aproximada: cerca de 137 metros (Fig. 105).

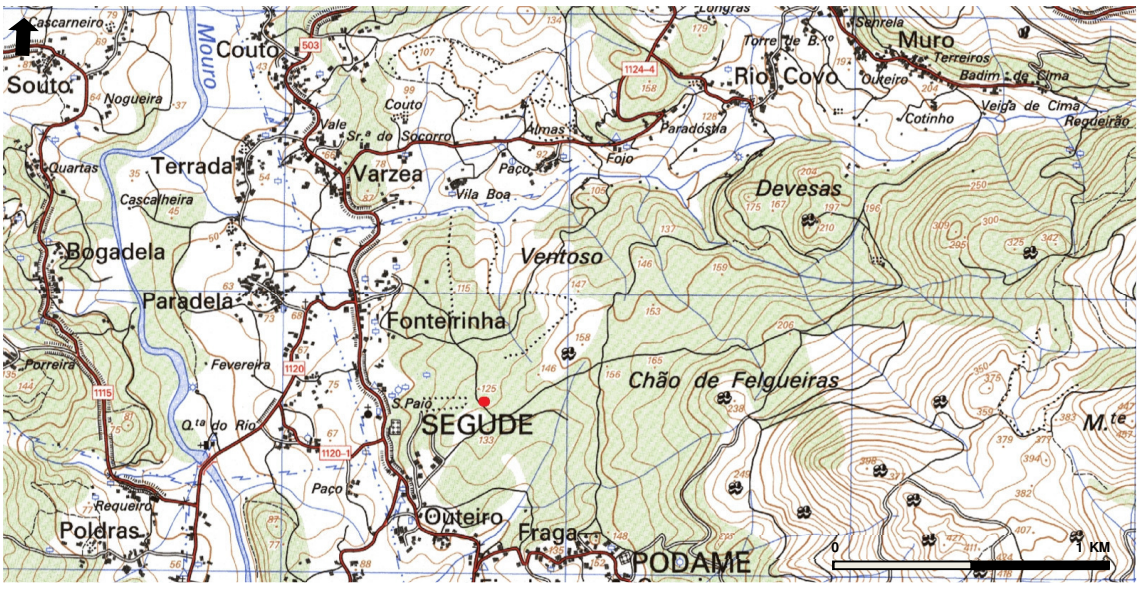


Figura 105: Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 3, à escala 1/25 000, com localização aproximada do sítio de Regueiras 1.

Fontes bibliográficas:

As gravuras foram identificadas em 2011, pelo Sr. Manuel Augusto Rodrigues, habitante no lugar do Outeiro. No entanto, as primeiras referências cientificamente validadas do local são dadas por Bettencourt (2014d). Esta autora refere que:

> Atendendo aos diferentes tipos de motivos e técnicas cremos que o lugar terá sido frequentado na longa duração, entre a Pré-história, momento da gravação das composições circulares, passando pela proto-história, onde provavelmente se gravou o podomorfo, até ao advento do cristianismo, momento a partir do qual se terá iniciado a gravação de cruciformes, sempre em posição periférica.

Contexto arqueológico:

Existem na área muitas outras gravuras rupestres de temática atlântica. De referir, ainda, Regueiras 2, a cerca de 6 m para oeste de Regueiras 1, contendo covinhas e covinhas ligadas por sulcos, numa composição em muito semelhante à do painel 4 do Penedo de S. Gonçalo (Varziela-Felgueiras), já anteriormente mencionado. Para além destas duas rochas, identificamos uma outra inédita, designando-a de Regueiras 3. Situa-se, aproximadamente, a 20 m para este de Regueiras 1 e contendo apenas algumas covinhas, de variadas dimensões.

Localização física e ambiental:

Este afloramento implanta-se na base do monte do Cótaro, na margem direita do rio Mouro, numa área aplanada e que usufrui de uma grande visibilidade sobre toda a área envolvente (Fig. 106). A zona onde está implantada é bastante irrigada. Nas imediações existem muitas lajes graníticas, todas elas pouco destacadas do solo. Existem, igualmente, muitos filões de quartzo na região. A vegetação, no momento da visita ao local, era constituída, fundamentalmente, por pinheiros, alguns eucaliptos e vegetação arbustiva, como urzes e tojo. Trata-se de uma área de fácil circulação natural.



Figura 106: Vista para nordeste, obtida a partir do sítio rupestre de Regueiras.

Descrição física do afloramento gravado:

Trata-se de um afloramento granítico de grão fino, em algumas áreas, e mais grosseiro, noutras. É de grandes dimensões e, praticamente, raso ao solo, medindo 7,10 m de comprimento, por 1,90 m de largura (Fig. 107). Foi possível identificar 7 diaclases e bastantes encraves quartzíticos. Orienta-se para nor-nordeste, encontrando-se, em parte, soterrado, pelo que uma limpeza séria e cuidada deverá por à vista muitas outras gravuras de eventual interesse científico. Sendo uma rocha pouco homogénea, contém zonas depressionárias onde se acumulam águas nos períodos invernais.



Figura 107: Regueiras 1.

Descrição dos motivos gravados:

Trata-se de um afloramento granítico profusamente gravado (Fig. 108) A área gravada é maioritariamente aplanada e estende-se, essencialmente, pela zona de grão mais fino, porém, também existem algumas gravuras nas áreas em que o granito apresenta um grão mais grosseiro. Os motivos enquadram-se, na sua maioria, na Arte Atlântica. Compõem-se por círculos concêntricos com covinha central; círculos com covinhas no interior; conjuntos de covinhas; sulcos; cruciformes e dois possíveis podomorfos (Bettencourt, 2014). Estes, de difícil visualização, localizam-se no extremo su-sudoeste do afloramento e orientam-se para nordeste e para nor-noroeste. Têm dimensões muito aproximadas, sendo elas 24 cm de comprimento, 9 e 10 cm de largura e 1 cm de profundidade. As gravuras foram escavadas em profundidade, recorrendo à percussão e abrasão. Tratam-se de 2 possíveis podomorfos calçados, provavelmente com tacão. Porém, existe também a hipótese de serem dois moinhos rupestres.



Figura 108: Fotogrametria de Regueiras 1, com a localização dos dois possíveis podomorfos assinalada.

Lendas associadas:

Não se conhecem.

Afloramento/ Lugar cristianizado:

O afloramento e o lugar foram cristianizados pelas cruzes que lhe foram inscritas.

Estado de conservação:

Em razoável estado de conservação, à exceção de alguns motivos, tais como os possíveis podomorfos. De notar, porém, que os afloramentos se encontram em perigo, por um lado devido às imensas árvores que existem em volta destes, as quais, devido às suas raízes, podem fraturar as rochas. Por outro, existe uma zona de aterros muito próxima dos petróglifos.

Via de acesso:

Em Segude, seguir até ao lugar do Outeiro, ou seja, o local onde está o campo de futebol/ hipódromo. As gravuras ficam por trás deste espaço, a cerca de 20/ 30 m. As gravuras são do conhecimento da Junta de Freguesia.

Condições de visitação:

Não se encontra musealizado.

Referências bibliográficas:

BETTENCOURT, 2014d; dados inéditos.

2.3.4. VIANA DO CASTELO

(25) BREIA 1 - CNS: 13508

Localização administrativa:

Lugar: Portela.

Freguesia: União de Freguesias de Cardielos e Serreleis.

Localização geográfica (sistema: WGS 84; formato: graus decimais):

Latitude: 41.746075. Longitude: -8.721952. Altitude aproximada: cerca de 54 metros (Fig. 109).

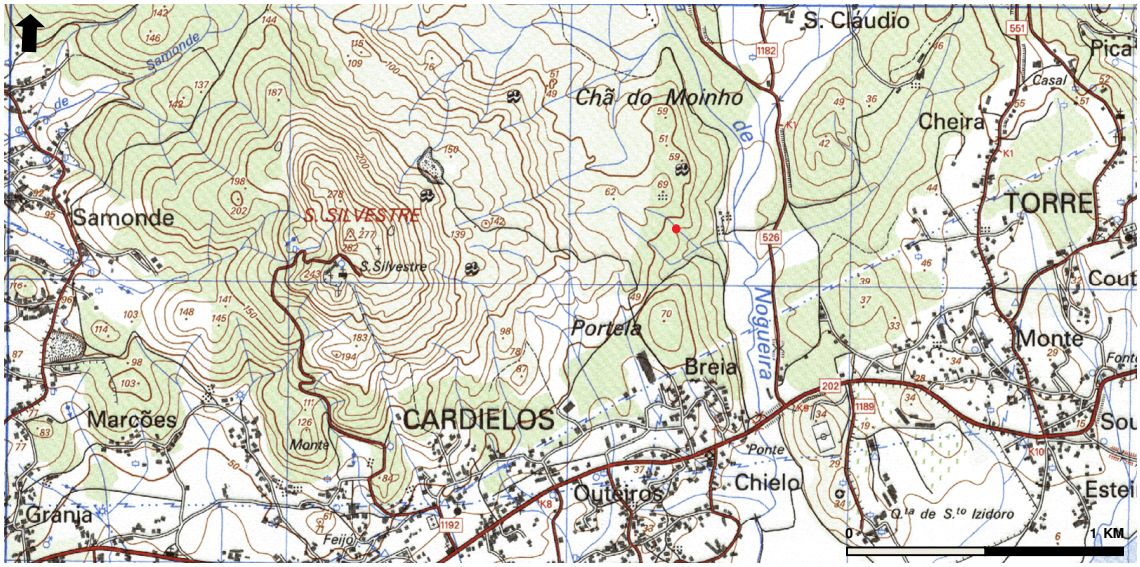


Figura 109: Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 40, à escala 1/25 000, com a localização aproximada da Breia 1.

Fontes bibliográficas:

Este local foi identificado por Francisco Queiroga, em 1999 (Portal do Arqueólogo, CNS: 13508), aquando os trabalhos de construção da A27. É estudado, mais tarde, por A. M. S. Bettencourt (2013b: 207-215), que divide a Breia 1 em 3 painéis, identificando os motivos gravados.

Contexto arqueológico:

Na União de Freguesias de Cardielos e Serreleis temos a apontar o Castro de Terronha, datado a Idade do Ferro e Período Romano, relocalizado por Leonor Faria, em 2000 (Portal do Arqueólogo, CNS: 15751); o Castro de Cardielos – Monte, também da Idade do Ferro, identificado por Francisco Queiroga, em 1999 (Portal do Arqueólogo, CNS: 2611) e o Castro de São Silvestre, uma vez mais, da Idade do Ferro e relocalizado em 2000, por Leonor Faria (Portal do Arqueólogo, CNS:15783).

Localização física e ambiental:

localiza-se num patamar na base da vertente sudeste do Monte de S. Silvestre, junto à autoestrada. Encontra-se sobranceira a um curso de água intermitente, que vai desaguar à ribeira de Nogueira, sendo esta um afluente do rio Lima. Trata-se de uma área com substrato predominantemente granítico com a presença de veios de quartzo leitoso. Nas proximidades encontram-se minas de estanho (Minas do Fugadouro). O local contém vegetação arbustiva (tojos), arbórea (eucaliptos, sobreiros e acácias) e herbácea (fetos e giestas).

No que diz respeito à visibilidade a partir do local, esta traduz-se a sul para o Vale do Lima, a norte para a Serra d'Arga, a noroeste para o Monte de S. Silvestre e uma visibilidade fechada para sudoeste.

Descrição física do afloramento gravado:

Afloramento granítico de grão médio, de grandes dimensões, rasante ao solo. Apresenta diaclases que se orientam para oeste, preenchidas por quartzos leitosos. O afloramento apresenta também alguns cortes indicativos de que foi usado para extração de pedra. Orienta-se para oeste, medindo 16,4 m de comprimento e 11,8 m de largura (Fig. 110).



Figura 110: Breia 1, com indicação do painel 7 (cortesia de M. Santos Estévez).

Descrição dos motivos gravados:

O afloramento foi dividido em sete painéis. No painel 7, o mais a sul da rocha, estão presentes dois zoomorfos quadrupedes, um deles com um círculo no dorso, uma figura ondulante e um podomorfo. Este representa um pé direito, calçado e com tacão, gravado por linha de contorno. Está orientado para nordeste e mede 14 cm de comprimento por 6 cm de largura máxima (Figs. 111 e 112).



Figura 111: Podomorfo do painel 7 da Breia 1.

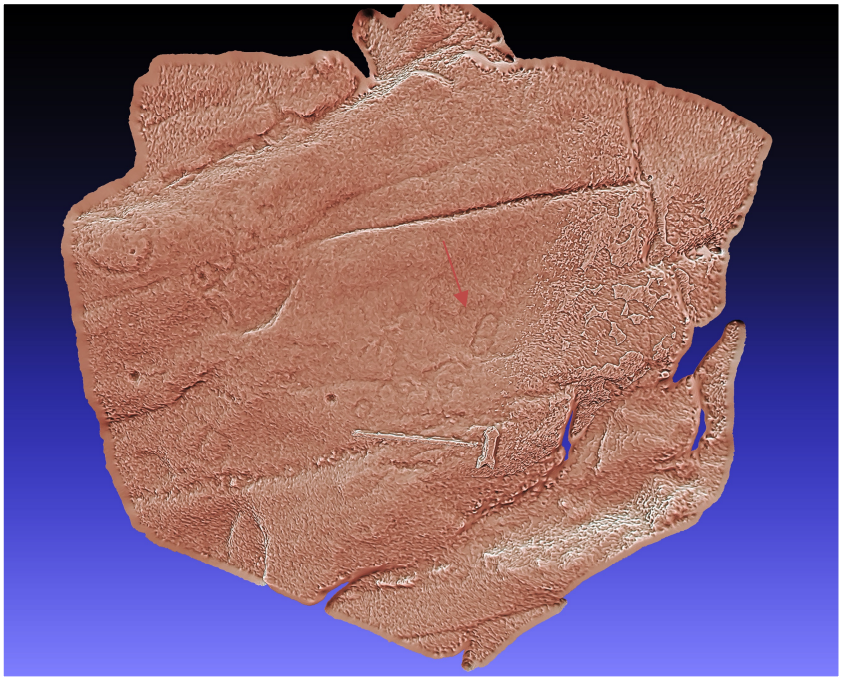


Figura 112: Fotogrametria da Breia 1.

Lendas associadas:

Não se conhecem.

Afloramento/ Lugar cristianizado:

Sim, por uma cruz inscrita no painel 4.

Estado de conservação:

Em razoável estado de conservação.

Via de acesso:

Seguindo a A27 no sentido Viana do Castelo – Ponte de Lima, sair para Nogueira (saída 1). Na primeira rotunda virar em direção a Cardielos. Após a placa de início de freguesia, cortar na segunda rua à direita, denominada Rua da Breia. Após o casario do Lugar da Breia, deve-se seguir em frente e atravessar o viaduto que passa por cima da A27. Aí, virar à direita no caminho de terra batida, encontrando-se a Breia 1 a cerca de 100 metros, do lado direito.

Condições de visitação:

Não se encontra musealizado.

Referências bibliográficas:

www.arqueologia.patrimoniocultural.pt (CNS: 13508); BETTENCOURT, 2013b: 207-215; dados inéditos.

(26) SALGUEIRO 1

Localização administrativa:

Lugar: Largo da Costureira.

Freguesia: Carreço.

Localização geográfica (sistema: WGS 84; formato: graus decimais):

Latitude: 41.73611. Longitude: -8.85753. Altitude aproximada: cerca de 56 metros (Fig. 113).

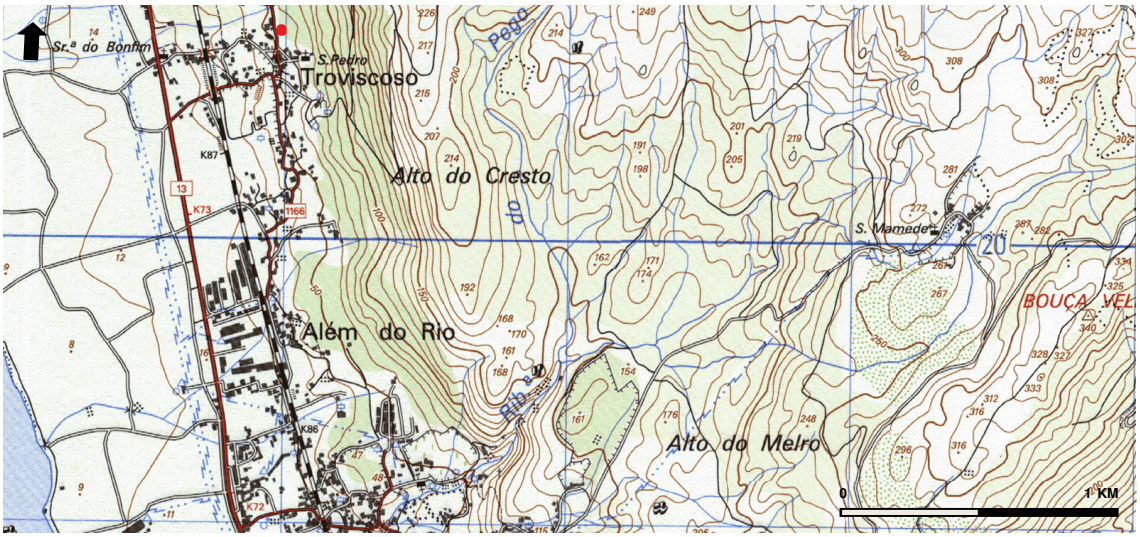


Figura 113: Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 40, à escala 1/25 000, com localização aproximada da Salgueiro 1

Fontes bibliográficas:

Não se conhecem.

Contexto arqueológico:

Na freguesia de Carreço destacam-se o Castro da Gandra, da Idade do Ferro (Portal do Arqueólogo, CNS: 2898); o monumento megalítico da Cova da Moura, Neo-Calcolítico (Portal do Arqueólogo, CNS: 4335); a necrópole da Idade do Bronze/Ferro, de Montedor (Portal do Arqueólogo, CNS: 36334) e afloramentos com arte rupestre (Portal do Arqueólogo, CNS: 859, 4346).

Localização física e ambiental:

localiza-se na base da vertente este e sudeste do Monte de Santa Luzia. Trata-se de uma área com um coberto vegetal maioritariamente arbustivo (tojo) e arbóreo (pinheiro, eucalipto, sobreiro, carvalho) e algumas herbáceas. Importa ainda referir que a escassez de herbáceas se deve à extensa manta morta que se observa no terreno.

No que diz respeito à visibilidade a partir do afloramento, esta é aberta para nordeste, oeste e sudoeste, e fechada para sudeste, este e nordeste, encontrando-se a este e a sudeste o Monte de Santa. Luzia.

O afloramento gravado encontra-se no limite de um caminho (rua do Salgueiro), apoiando o muro de delimitação do mesmo.

Atualmente a utilização do terreno é florestal, no entanto os terrenos existentes na envolvente destinam-se à prática da agricultura.

Descrição física do afloramento gravado:

Trata-se de um afloramento granítico de grão médio e de grandes dimensões. Apresenta uma superfície horizontal, sobrelevada em relação ao solo, orientando-se para noroeste. O afloramento possuí, ainda, uma pia natural, a sudeste (Fig. 114).



Figura 114: Salgueiro 1.

Descrição dos motivos gravados:

O afloramento foi dividido em dois painéis, encontrando-se estes a uma diferença de cota de certa de 50 centímetros um do outro.

O painel 1 apresenta covinhas; dois zoomorfos quadrúpedes, sendo um deles do sexo masculino (orientados com a cabeça para noroeste); um círculo concêntrico com uma covinha central; um possível reticulado; uns motivos muito idênticos às patas dos cães e um podomorfo. Este representa um pé esquerdo, calçado e com tacão, com uma covinha junto à zona do dedo grande. Orienta-se para sudoeste, medindo 30 cm de comprimento e 15 cm de largura. Foi gravado em linha de contorno (Fig. 115).

O painel 2 encontra-se num patamar a sul do painel 1, e apresenta um círculo concêntrico sem covinha central (com três voltas completas e uma incompleta), típico da arte atlântica.



Figura 115: Podomorfo de Salgueiro 1.

Lendas associadas:

Não se conhecem.

Afloramento/ Lugar cristianizado:

Não sabemos se o afloramento ou o lugar foram cristianizados.

Estado de conservação:

Em razoável estado de conservação.

Via de acesso:

Seguir pela estrada nacional 13 na direção Viana do Castelo – Vila Nova de Cerveira e na freguesia de Carreço virar à direita na rua das Cachadas. Seguir sempre em frente atravessando a passagem de nível. Depois de percorridos cerca de 75 metros, virar à direita na curva da rua do Salgueiro, permanecendo sempre nesta. No cruzamento com a rua da Canela, seguir sempre em frente, continuando, assim, na rua do Salgueiro. A rocha encontra-se do lado esquerdo da rua, sob o muro de proteção do caminho, mesmo em frente a um casario abandonado, com um portão verde escuro.

Condições de visitação:

Não se encontra musealizado.

Referências bibliográficas:

Dados inéditos.

2.3.5. OUTRAS REFERÊNCIAS A AFLORAMENTOS COM PODOMORFOS NO DISTRITO DE VIANA DO CASTELO

2.3.5.1. CAMINHA

ALTO DA COROA

Localização administrativa:

Lugar: Alto da Coroa.

Freguesia: União de Freguesias de Arga (Baixo, Cima e São João).

Referências orais:

O Padre Artur Coutinho, pároco da paróquia de Nossa Senhora de Fátima, em Viana do Castelo, informou-nos, já no término deste trabalho, de que há podomorfos no Alto da Coroa, em Arga de S. João.

Não nos foi possível confirmar esta informação, mas consideramos útil divulgá-la.

ENCOSTA DO CARVALHO

Localização administrativa:

Lugar: não se conhece.

Freguesia: Dem.

Localização geográfica (sistema: WGS 84; formato: graus decimais):

Latitude: 41.83441. Longitude: -8.75690. Altitude aproximada: cerca de 494 metros (Fig. 116).

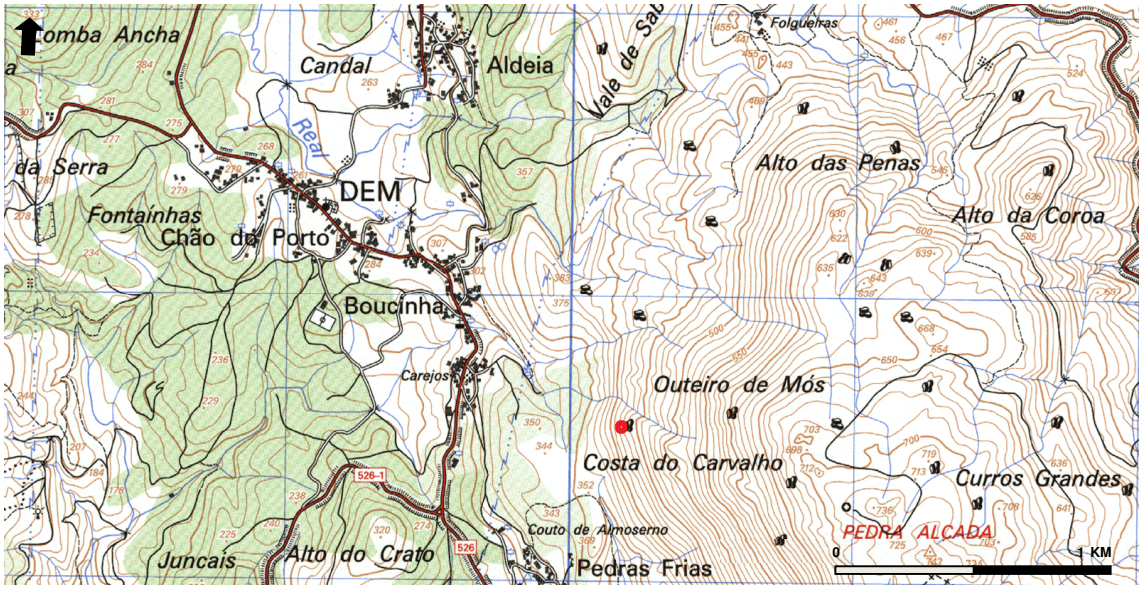


Figura 116: Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 14, à escala 1/25 000, com localização da rocha com gravuras da Encosta do Carvalho.

Fontes bibliográficas:

Tomámos conhecimento destas gravuras a partir da página da internet da junta de freguesia de Dem, onde se localizam. Neste portal diz-se que:

> O P. Artur Coutinho, que quando paroquiava esta freguesia, descobriu num penedo, situado na costa do Carvalho, uns sinais característicos.
>
> Visitado o local estavam esses sinais, ainda bem conservados! Foram fotografados e os relatórios publicados no Notícias de Viana (Ano I, 4a série Nº,° 12.
>
> O penedo de configuração redonda, medindo, na parte superior, no sentido nascente-poente 6,80 m de diâmetro e no sentido norte-sul 5 m. É de granito granulado, de cor esbranquiçada. A partir da base vai aumentando de volume, atingindo na parte mais bojuda um perímetro de 25 m.

Há, pelo menos duas séries de insculturas. Um conjunto é fácil de identificar e quase todas elas se referem a manifestações antropomórficas; o outro conjunto, muito delido, embora se note bem, não é fácil individualizá-lo.

Além dos antropomorfos, há outros sinais como podomorfos, suásticas, fossetes, etc.

A poucos metros deste penedo, na direcção do poente, foram descobertas em 1983, por um grupo de estudantes do Liceu de Viana, sob a orientação do P. Artur Coutinho, outro conjunto, sendo uma figura facilmente identificada como serpentiforme (www.jf-dem.com/ historia/).

Observações:

Contatámos o Sr. Padre Artur Coutinho e, posteriormente, tivemos com ele pessoalmente. O mesmo falou-nos apenas em uma rocha gravada no lugar da Costa do Carvalho, que não contém nenhum podomorfo, o que também comprovámos em deslocação ao local e leitura de bibliográfica (Coutinho, 1997). Trata-se de um afloramento com apenas motivos inseríveis na Arte Esquemática de ar livre, com círculos simples com covinha, antropomorfos, motivos em U com sulco no interior, covinhas, etc. (Fig. 117).



Figura 117: Pormenor das gravuras esquemáticas da Costa do Carvalho (Coutinho, 1997).

Referências bibliográficas:

COUTINHO, 1997; www.jf-dem.com/ historia/ .

2.3.5.2. MONÇÃO

PEGADINHAS DE S. TIAGO

Localização administrativa:

Lugar: Lugar de Milagres

Freguesia: Cambeses.

Fontes bibliográficas:

Segundo refere José Leite de Vasconcelos (1902-1903: 285-287), existe no sítio conhecido por "Cova", "Penedo" ou "Castelo da Moura/ dos Milagres", um penedo com "uma serie de pequenas excavações" com 10 centímetros de diâmetro. A população refere-se a estas gravuras como Pegadinhas de S. Tiago.

Observações:

Apesar de nos termos deslocado até relativamente próximo do local onde se situam gravuras, não nos foi possível alcançá-las, pois, mesmo existindo caminhos que passam perto, a grande intensidade de mato não permitiu a progressão. Mais tarde, graças ao Sr. Paulo Lobato Costa, morador em Milagres, Cambeses, tivemos oportunidade de observar várias fotografias sobre as gravuras rupestres aí existentes, no topo de um grande afloramento. A partir destas, foi possível verificar que não correspondem a podomorfos, mas sim a sulcos profundos, de carácter distinto (Figs. 118 e 119).



Figura 118: Penedo onde estão presentes as gravuras e paisagem envolvente (cortesia do Sr. Paulo Lobato Costa).



Figura 119: Pegadinhas de S. Tiago (cortesia do Sr. Paulo Lobato Costa).

Lendas associadas:

José Leite de Vasconcelos (1902-1903: 285-287) diz-nos que o povo afirma que as gravuras são as marcas das pegadas de S. Tiago, quando este, atrás dos Mouros, subiu a referente rocha.

Afloramento/ Lugar cristianizado:

Este local encontra-se cristianizado pela toponímia e pela lenda associada.

Estado de conservação:

Em razoável estado de conservação.

Via de acesso:

Para aceder ao local basta, após estar no Lugar dos Milagres, em Cambeses, questionar a população local. A rocha é bem conhecida em Cambeses.

Condições de visitação:

Não se encontra musealizado.

Referências bibliográficas:

VASCONCELOS, 1902-1903; dados inéditos.

2.3.5.3. VALENÇA

TAIÃO

Localização administrativa:

Lugar: não se conhece.

Freguesia: União de Freguesias de Gandra e Taião.

Fontes bibliográficas:

Pablo Novoa Alvarez, *et. al.* (2006) afirmam ter encontrado, em finais de 2004, "num monte perto da freguesia de Taião", cerca de 12 rochas que contêm gravuras (demarcando-se as "combinações circulares de 80 cm de diâmetro"), existindo numa delas podomorfos. Infelizmente,

esta é a única informação prestada, pelo que obviamente não nos foi possível localizar o referido sítio. No local existem inúmeros afloramentos gravados, inventariados no Portal do Arqueólogo, mas em nenhum deles se conhecem podomorfos.

Referências bibliográficas:

NOVOA ALVAREZ, 2006.

2.3.5.4. VIANA DO CASTELO

MONTE DE ROQUES - CNS: 169

Localização administrativa:

Lugar: Alto da Pegada.

Freguesia: União de Freguesias de Subportela, Deocriste e Portela Susã/ Vila Franca.

Localização geográfica (sistema: WGS 84; formato: graus decimais):

Latitude: 41.67687. Longitude: -8.72530. Altitude aproximada: cerca de 275 metros (Fig. 120).

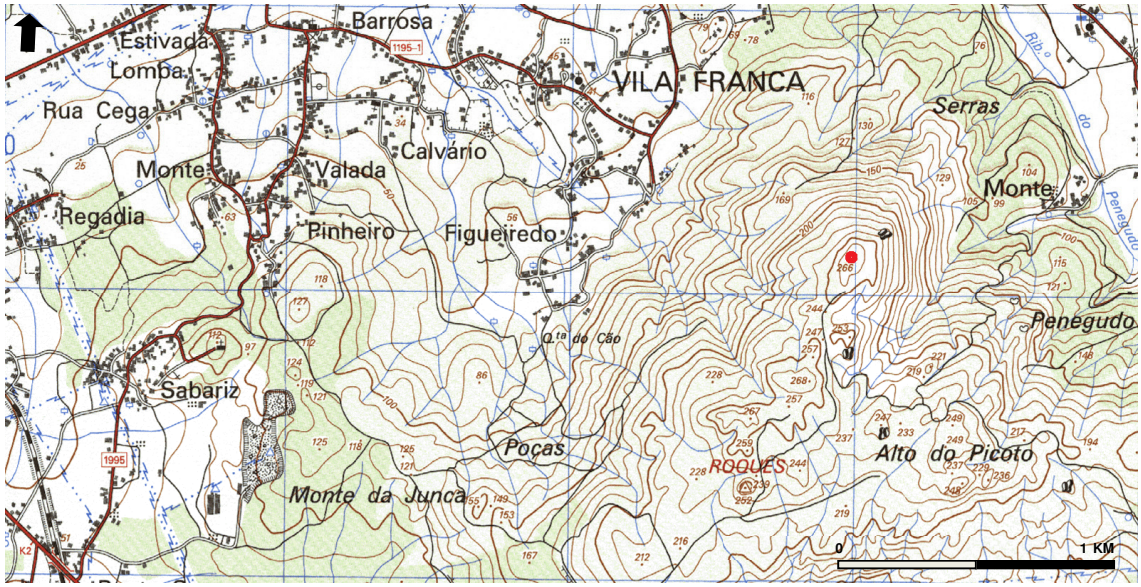


Figura 120: Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 40, à escala 1/25 000, com localização do afloramento gravado com o motivo similar a um podomorfo do Monte de Roques.

Fontes bibliográficas:

As primeiras referências bibliográficas a este sítio partem de Martins Sarmento (1999 < 1881) e, algum tempo depois, de Pinho Leal (1886). Posteriormente, a Pegada do Santinho é referida em muitas obras, entre as quais se destacam as de Arlindo Cunha (1945), Henrique B. Nunes (1979), Armando Coelho Ferreira da Silva (1986) e Carlos Alberto Brochado Almeida (1990). A partir de Cunha (1945), reconhece-se que este afloramento contém, apenas, infraestruturas de um edifício em madeira, cuja cronologia e função varia, consoante os investigadores. António Viana (2002) regista uma lenda que se associa a esta gravura, de forma muito erudita.

Contexto arqueológico:

O afloramento gravado encontra-se no seio do Castro de Roques.

Localização física e ambiental:

Localiza-se no topo do monte de Roques, com ampla visibilidade sobre toda a envolvente, tendo-se um ótimo controle visual sobre a foz e bacia do rio Lima. É notório que no momento da escolha do local para implementação do castro o fator estratégico teve um peso enorme (Fig. 121).



Figura 121: Vista sobre o vale do Lima, obtida a partir do Castro de Roques.

Descrição física do afloramento gravado:

Afloramento granítico composto por grão médio e mais grosseiro, de cor acinzentada e pouco impressivo na paisagem. Encontra-se orientado de nordeste para sudoeste, medindo 4,56 m de comprimento por 2,32 m de largura e 0,56 m de altura. A sua superfície gravada é horizontalizada. Parte do afloramento contem uma diaclase.

Descrição dos motivos gravados:

Trata-se de um motivo similar a um podomorfo, mas muito profundo, orientado de nordeste para sudoeste, com 34,5 cm de comprimento, 11 cm de largura e 9,5 cm de profundidade. Foi gravado sobre uma diaclase do afloramento, estando muito polido. Desde 1945 que este entalhe é considerado como sendo atribuível aos alicerces de uma estrutura romana ou medieval (Fig. 122).

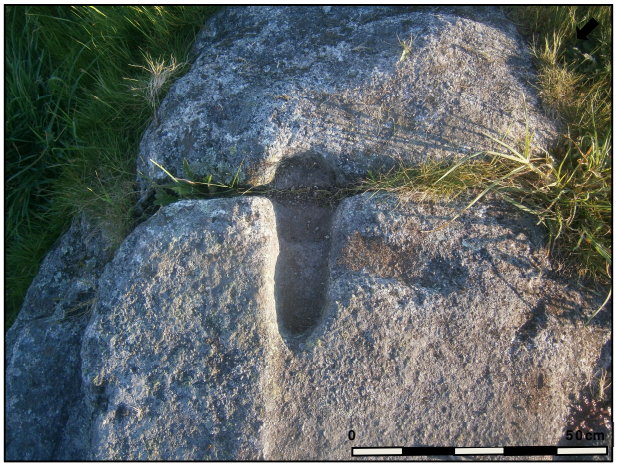


Figura 122: Entalhe identificado como podomorfo, existente no monte de Roques.

Lendas associadas:

Segundo António Viana (2002: 68-71), a lenda associada à Pegada do Santinho é a seguinte:

> Era uma vez um monte a quem chamavam Monte de Roques e ficava situado para os lados de Vila Franca, Mujães e Subportela, por onde desliza o rio Lima. Nos seus cimos, existira uma pequena povoação castreja, habitada por povos primitivos, dedicados ao pastoreio e à caça, pois, por aqueles píncaros, haviam-se ocultado, no escuro do arvoredo, a ferocidade do urso, a elegância da corça e o ímpeto sanguinário do javali. O clã adorava, numa grande pedra erecta, o deus da fertilidade, e adorava, também, o Sol, como criador da vida, presidindo às colheitas, amadurando os frutos, aquecendo homens e animais.
>
> Por vezes, a cobiça e a fome obrigavam aquela gente a empunhar o tosco das armas, em combates com outros castros mais prósperos, edificados em montes próximos, quer na margem direita, quer na margem esquerda do rio repousado.
>
> No decorrer dos séculos, várias gerações destes clãs escutaram, alarmadas, vindo da fundura do vale, a cavalgada desordenada das hordas bárbaras, a disciplina cadenciada das legiões de Roma e o desfilar branco dos albornozes islamitas.
>
> Mas todos estes invasores belicosos passavam ao largo do Monte de Roques, perdendo-se na distância, sem, todavia, deixarem um rasto de desolação, searas queimadas, pomares e vinhedos devastados, rebanhos dizimados.

Ora, um dia, trepou aquele monte um homem estranho, encanecido pela idade, de grandes barbas revoltas, vestindo uns farrapos de estamenha e calçando umas sandálias gastas e empoeiradas.

Vinha apoiando o corpo trémulo a um bordão grosso e nodoso, com que ia tacteando os córregos ásperos e tortuosos. Ninguém lhe sabia o nome, nem de onde vinha, nem para onde ia. Com falas mansas mas firmes, pediu pousada na choupana mais humilde da aldeia. Embora ignorantes de todo o seu passado, as crianças, os velhos e os doentes souberam estar na presença de um homem bom e piedoso, pois que tinha, para eles, sempre a simpatia de um sorriso, o carinho de um afago e a ciência de um unguento para alívio das dores e cura de feridas.

Pouco a pouco, todos os habitantes do castro começaram a ver, nele, um espírito ardente de fé e caridade.

Pelas noites calmas, quando o povo se reunia ao redor de uma fogueira, para um convívio alegre, onde comentava a vida familiar, os trabalhos do campo, os episódios da caça, evocando, ainda, lances de antigas guerrilhas, entre vitórias e derrotas, o estranho homem erguia-se do seu lugar mais apagado e falava. Falava de quê?

De prodígios e mistérios. De um Deus clemente, único e universal, cujo filho, Jesus Cristo, enviara à terra para salvação das almas 1. Falava-lhes dos seus milagres e das suas parábolas santas que eram o Caminho, a Verdade e a Vida. Escutavam-no em silêncio, com estima e com respeito.

Ninguém lhes havia falado assim, do mundo e do além, do bem e do mal, com tal convicção, com tal fervor. E começaram a ver na santidade daquele homem, que lhes despertava a alma com tal doutrina sublime, igualmente o perfil de um chefe que os orientasse nas lides quotidianas, que os guiasse na paz e na guerra.

E logo o convidaram para tão alto cargo que os honraria.

O santo homem ouviu, com seriedade, o convite, mas recusou-se a aceitá-lo, dizendo-lhes que a sua missão, ali, havia terminado. E que partia satisfeito por deixar, naquele castro do Monte de Roques, mais uma comunidade cristã, consciente do seu credo e disposta a defendê-lo e a divulgá-lo. Nascia um dia primaveril, radioso, com o Sol a iluminar, mais verde, a paisagem de pinheirais, a florir de oiro as austrálias e as mimosas, a reflectir o azul do céu nas águas do rio, O homem trepou para um enorme rochedo, que lhe era miradoiro maravilhoso sobre tudo em redor, e, ante o arrebatamento de todos, ergueu ao alto o seu cajado de madeira, lançando-o para longe, em direcção ao monte vizinho, onde outro castro espreitava, sombrio e hostil.

Depois, sem hesitar, desceu até ao vale, entre alas comovidas, e desapareceu, num brilho fulgurante de Sol, para as bandas do mar. Na rocha que calcara, nesse dia do adeus, ficaram-lhe gravadas, com nitidez, as marcas das sandálias.

São as "pegadas do Santinho", como lhes chama a tradição devota.

E aquele monte, para onde arremessara o cajado, passou a chamar-se Monte do Santinho, pois também ali passou a reinar a paz e a felicidade.

É pena que não se conheça o nome deste Santinho. Se se conhecesse, fazíamos-lhe subir a imagem aos altares e, em data certa, havíamos de festejá-lo com missa solene e procissão, ao bimbalhar dos sinos, e, pela noite, com um arraial radiante de foguetório e do balancear dos viras.

E punhamos-lhe aos pés, cestos de rosas. De muitas rosas.

Afloramento/ Lugar cristianizado:

O afloramento e o lugar foram cristianizados pela toponímia e pela lenda associada.

Estado de conservação:

Em bom estado de conservação.

Via de acesso:

Existe um caminho, não sinalizado, a partir de Vila Franca, que leva ao topo do Castro de Roques. Percurso de subida muito íngreme, até ao topo.

A junta de freguesia de Vila de Punhe e a Câmara Municipal de Viana do Castelo, disponibilizam, ainda, um roteiro do Trilho do Castro de Roques (com toda a informação necessária detalhada), que passa pelo Alto da Pegada, onde se situa a Pegada do Santinho (www.jf-viladepunhe.com; www.cm-viana-castelo.pt).

Condições de visitação:

Não se encontra musealizado.

Referências bibliográficas:

CUNHA, 1945; NUNES, 1979; SILVA, 1986; ALMEIDA, 1990; SARMENTO, 1999; VIANA, 2002.

PEGADA DO MEZIEIRO

Maria Emília Abreu (2012a: 404) afirma, em relação aos podomorfos, que "The name of many rocks and sites makes clear reference to the presence of these image, for exemple, Pegada do Mezieiro, Outeiro, in the district of Viana do Castelo…". Porém, ao ler a fonte original (Paço, 1942: 127), ficamos a saber que "O grupo [rupestre] do Outeiro fica na encosta da Chã, sobranceira ao lugar de Mezieiro, no sítio da Pégada…". Apesar deste topónimo do lugar, as únicas gravuras referidas são "umas treze cruzes" (Paço, 1942: 127).

Referências bibliográficas:

PAÇO, 1942; ABREU, 2012a, 2012b;

2.3.5.5. VILA NOVA DE CERVEIRA

GÁVEA 2 e 3 - CNS: 32392/32393

Localização administrativa:

Lugar: não se conhece.

Freguesia: União de Freguesias de Vila Nova de Cerveira e Lovelhe.

Localização geográfica (sistema: WGS 84; formato: graus decimais):

Latitude: 41.934609. Longitude: -8.720172 (Bettencourt, 2014b; 2014c). Altitude aproximada: cerca de 261 metros (Fig. 123).



Figura 123: Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 6, à escala 1/25 000, com a localização da área da Gávea.

Fontes bibliográficas:

As referências a podomorfos na serra da Gávea constam do Portal do Arqueólogo. Aí, Mário Varela Gomes e Telmo Silva referem que no vale, entre o Penedo do Meio Dia e o Alto Grande (Portal do Arqueólogo, CNS: 32392/32393), na zona sul da serra da Gávea, há a possibilidade de existir um podomorfo no afloramento gravado que designaram por Gávea 2 e um outro na Gávea 3. Referem-nos como sendo duas figuras retangulares ou ovaladas.

Observações:

Fizemos três deslocações à serra da Gávea, pois em duas delas não conseguimos identificar o caminho que levava às gravuras. Na terceira tentativa, percorreu-se cerca de 1 km em direção ao

local assinalado. Estando já a apenas algumas dezenas de metros das gravuras, segundo as coordenadas geográficas disponíveis, deparamo-nos com um grande lamaçal pelo meio, o que nos impossibilitou de continuar (Fig. 124). Seria necessária uma limpeza da área para as gravuras se tornarem acessíveis. Assim sendo, não fomos capazes de confirmar a existência destes dois podomorfos.



Figura 124: Provável local onde se inserem as gravuras da Gávea.

Via de Acesso:

Para aceder ao local deve-se sair de Vila Nova de Cerveira, pela Estrada Nacional nº 13, e apanhar a estrada que dá acesso à Senhora da Encarnação. Seguir pela esquerda nos dois primeiros entroncamentos e seguir pela direita no terceiro. Após se andar cerca de 150 m, virar por um caminho de terra batida, à direita. No entroncamento, seguir pelo caminho da direita, atingindo-se, assim, a área onde se localizam as gravuras.

Referências bibliográficas:

BETTENCOURT, 2014b, 2014c; www.arqueologia.patrimoniocultural.pt, CNS: 32392/ 32393.

2.4. DISTRITO DE VILA REAL

2.4.1. BOTICAS

(27) QUILHOSO - CNS: 19781

Localização administrativa:

Lugar: Campos.

Freguesia: União de Freguesias de Vilar e Viveiro (São Salvador).

Localização geográfica (sistema: WGS 84; formato: graus decimais):

Latitude: 41.65599. Longitude: -7.73877 (www.cm-boticas.pt/ patrimonio/). Altitude aproximada: cerca de 918 metros (Fig. 125).

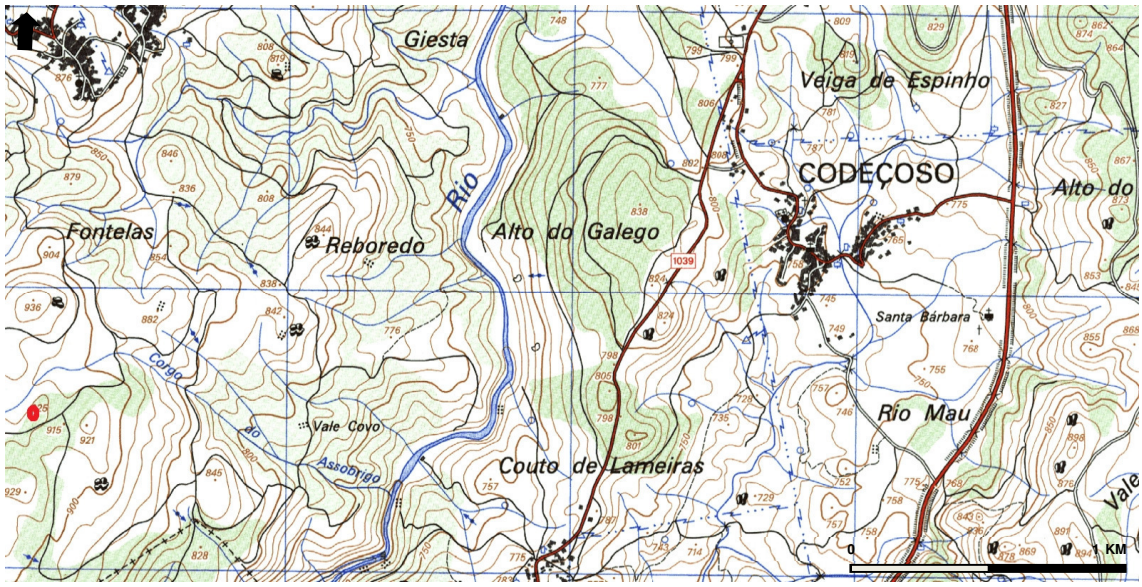


Figura 125: Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 46, à escala 1/ 25 000, com a localização das Gravuras do Quilhoso.

Fontes bibliográficas:

Este afloramento gravado foi descoberto no âmbito de prospeções arqueológicas realizadas por Mário Reis, em 2004, que afirma que o "topo apresenta pelo menos duas pegadas gravadas, pouco visíveis" (Portal do Arqueólogo, CNS: 19781). Luís Fontes e Francisco Andrade (2005)

confirmam esta informação, acrescentando que estas se encontram perpendiculares uma em relação à outra.

Contexto arqueológico:

A este de Vilar, implantado no seio de alguns campos agrícolas, "num cabeço rochoso", existe o Castelo dos Mouros, um castro datado da Idade do Ferro. Para sudoeste da aldeia, temos o Castro do Lesenho, um grande povoado fortificado da Idade do Ferro/ Período Romano. Nas imediações deste castro estão presentes, também, a Chã do Lesenho, um monumento megalítico, e o Lesenho 2, um conjunto de três afloramentos, um deles com arte atlântica. Próximo das Gravuras do Quilhoso, a cerca de 650 m para sul, implantam-se, ainda, as gravuras rupestres do Quilhoso/ Penedo dos Lobos, com "… duas cruzes de grandes dimensões gravadas recentemente com rebarbadeira (…), covinhas e alguns sulcos bastante largos e fundos." (Fontes e Andrade, 2010). Além destes, em 2004 e segundo Mário Reis, a população referiu que existia um outro afloramento, próximo do penedo de Quilhoso, onde estariam um ou dois podomorfos gravados, atribuídos a Nossa Senhora de Fátima. O autor diz não os ter localizado.

Localização física e ambiental:

Este afloramento está situado na margem direita de uma linha de água, o Corgo do Assobrigo, que desagua no rio Beça, tributário do Tâmega, na vertente de um pequeno outeiro, a sudoeste da aldeia de Vilar (Fontes e Andrade, 2005).

Descrição física do afloramento gravado:

Trata-se de um afloramento granítico, sobrelevado, bem percetível, dado o seu isolamento. Tem cerca de 7 m de comprimento, 4 m de largura e 2 m de altura (Fig. 126) (Fontes e Andrade, 2005).



Figura 126: Penedo com as Gravuras do Quilhoso (www.cm-boticas.pt/ patrimonio/).

Descrição dos motivos gravados:

Quanto aos motivos existentes neste penedo, destaca-se a existência de, pelo menos, dois podomorfos, situados no topo do afloramento e perpendiculares um em relação ao outro (Fontes e Andrade, 2005). Foram realizados em baixo relevo, recorrendo à percussão. Um terá cerca de 25 cm de comprimento e representará um pé calçado, enquanto outro terá cerca de 40 cm e representará um pé descalço (Fig. 127).

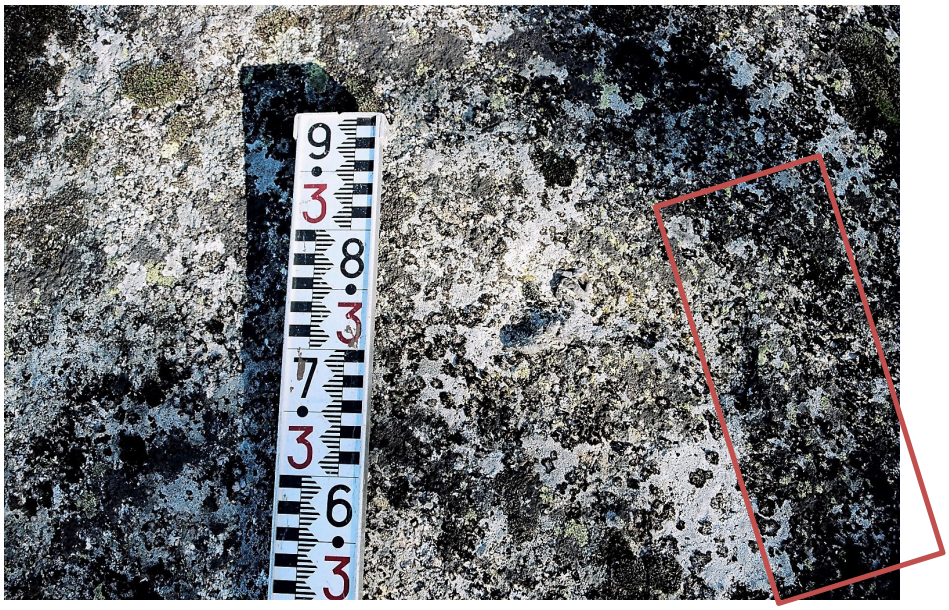


Figura 127: Um dos podomorfos de Quilhoso (cortesia de Bruno Delfim, alterado).

Lendas associadas:

Não se conhecem.

Afloramento/ Lugar cristianizado:

Não sabemos se este afloramento foi cristianizado, mas o existente nas proximidades teria sido, pela lenda que associa as pegadas a Nossa Senhora de Fátima.

Estado de conservação:

Bom (Fontes e Andrade, 2005).

Via de acesso:

"Pela estrada R-311, em direcção a Vilar. Na aldeia, por estradão que passa junto a uma exploração de gado" (Fontes e Andrade, 2005).

Condições de visitação:

Não se encontra musealizado.

Referências bibliográficas:

FONTES e ANDRADE 2005, 2010; www.arqueologia.patrimoniocultural.pt, CNS: 19781; www.cm-boticas.pt/ patrimonio/ ; dados inéditos.

(28) SENHOR DO MONTE - CNS: 19745

Localização administrativa:

Lugar: não se conhece.

Freguesia: Pinho.

Localização geográfica (sistema: WGS 84; formato: graus decimais):

Latitude: 41.67745. Longitude: -7.62151. Altitude aproximada: cerca de 646 metros (Fig. 128).

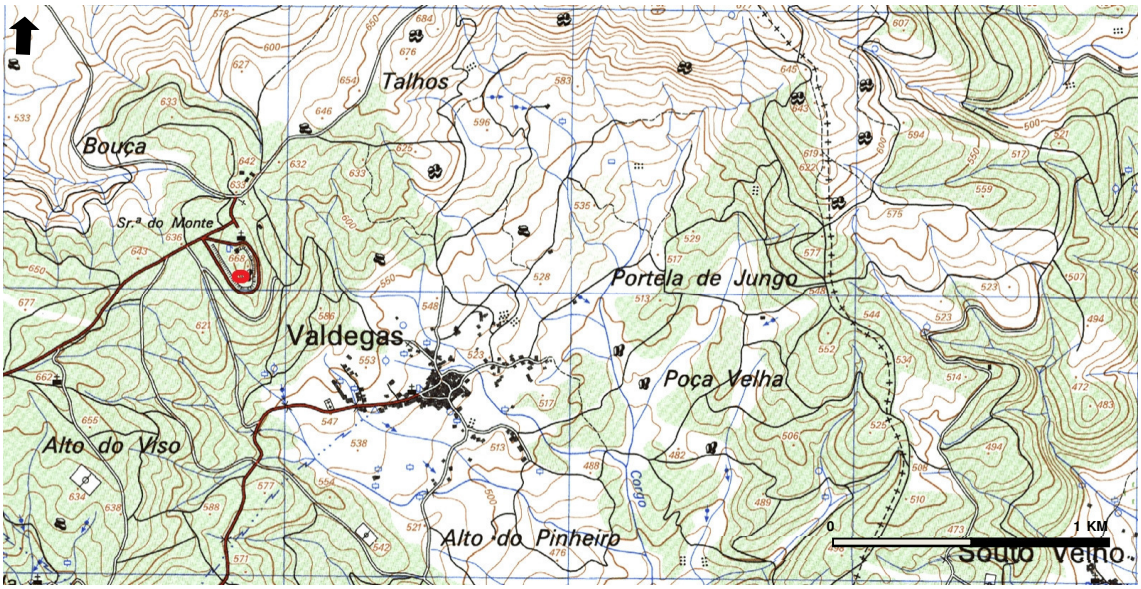


Figura 128: Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 46, à escala 1/25 000, com a localização do Senhor do Monte.

Fontes bibliográficas:

Estas gravuras estão mencionadas no Portal do Arqueólogo (CNS: 19745), tendo sido identificadas por Mário Rui, em 2004. O autor fala em abundância de "pegadas", tanto isoladas, como aos pares.

Contexto arqueológico:

A alguns quilómetros a sudoeste das gravuras do Senhor do Monte existe o Alto da Coroa, um pequeno povoado da Idade do Ferro, localizado em Codessoso. Em Granja, a poucos quilómetros a noroeste do Senhor do Monte, existe o castro do Cabeço, datado da Idade do Ferro e do Período Romano, assim como, uma rocha com covinhas e sulcos. Para sul, ainda em Pinho, existe o castro de Mouril 1, um povoado fortificado de pequenas dimensões, atribuído à Idade do Ferro, e o castro de Mouril 3, um afloramento granítico com covinhas e sulcos. Para noroeste, temos também, o outeiro do Pardo, localizado na freguesia da Granja, um povoado fortificado da Idade do Ferro.

Localização física e ambiental:

O grande afloramento gravado, situa-se no cimo do monte onde se localiza o santuário do Senhor do Monte. Esta rocha corresponde a uma crista quartzítica de grandes dimensões, que se destaca, notavelmente, no meio circundante. Daqui tem-se visibilidade de 360 graus. A norte do Senhor do Monte corre o rio Terva, afluente do Tâmega, que corre a sul. Apesar disso, atualmente, não se

tem visibilidade sobre estes dois rios, que distam do Senhor do Monte cerca de 1,5 km e 2 km, respetivamente.

Descrição física do afloramento gravado:

Os podomorfos ficam num amontoado de blocos quartzíticos, de grande impressividade, alguns deles de altura considerável e de pendentes íngremes (Figs. 129 e 130).



Figura 129: Senhor do Monte.



Figura 130: Zona de maior facilidade de acesso ao topo.

Descrição dos motivos gravados:

Segundo informação de Mário Reis (2004), existem dois grandes painéis no Senhor do Monte, localizados na zona norte do afloramento e separados por uma grande fenda. Nestes, existem algumas covinhas, motivos subcirculares (às vezes aos pares, podendo representar cascos) e vários podomorfos, isolados e formando pares. Por esta descrição os podomorfos estarão associados a arte esquemática.

Após subirmos ao cimo do referido afloramento, apenas identificámos algumas covinhas, podendo as restantes gravuras terem desaparecido, estarem por baixo dos inúmeros líquenes e musgos, abundantes no local, ou da área que foi cimentada em 2009, para colocação de uma cruz metálica.

Lendas associadas:

"A tradição local confere poderes milagreiros a estas pegadas por altura da festa, e estas gravuras estão fortemente associadas ao santuário, sendo possível que lhe estejam na origem" (Portal do Arqueólogo, CNS: 19745). Essa informação foi confirmada por algumas pessoas que, pela altura da prospeção, se encontravam pelas redondezas. Tratando-se de pessoas de idade já avançada, disseram-nos que em jovens chegaram a subir o penedo e a ver os podomorfos.

Afloramento/ Lugar cristianizado:

O lugar encontra-se cristianizado pela toponímia e pela proximidade para com o santuário.

Estado de conservação:

Desconhecido

Via de acesso:

Para aceder ao Senhor do Monte basta, a partir da freguesia de Pinho, seguir a sinalização em direção ao santuário. O afloramento gravado encontra-se sobranceiro a este, sendo bastante impressivo. As gravuras encontram-se no cimo desta rocha, porém, a subida ao seu topo é perigosa e, em certas zonas, é imprescindível material adequado à prática de escalada.

Condições de visitação:

Não se encontra musealizado.

Referências bibliográficas:

www.arqueologia.patrimoniocultural.pt, CNS: 19745; dados inéditos.

2.4.2. CHAVES

(29) FRAGA DAS PASSADAS - CNS: 20078

Localização administrativa:

Lugar: Souto/ Barrosa.

Freguesia: Bustelo.

Localização geográfica (sistema: WGS 84; formato: graus decimais):

Latitude: 41.79919. Longitude: -7.49523. Altitude aproximada: cerca de 644 metros (Fig. 131).

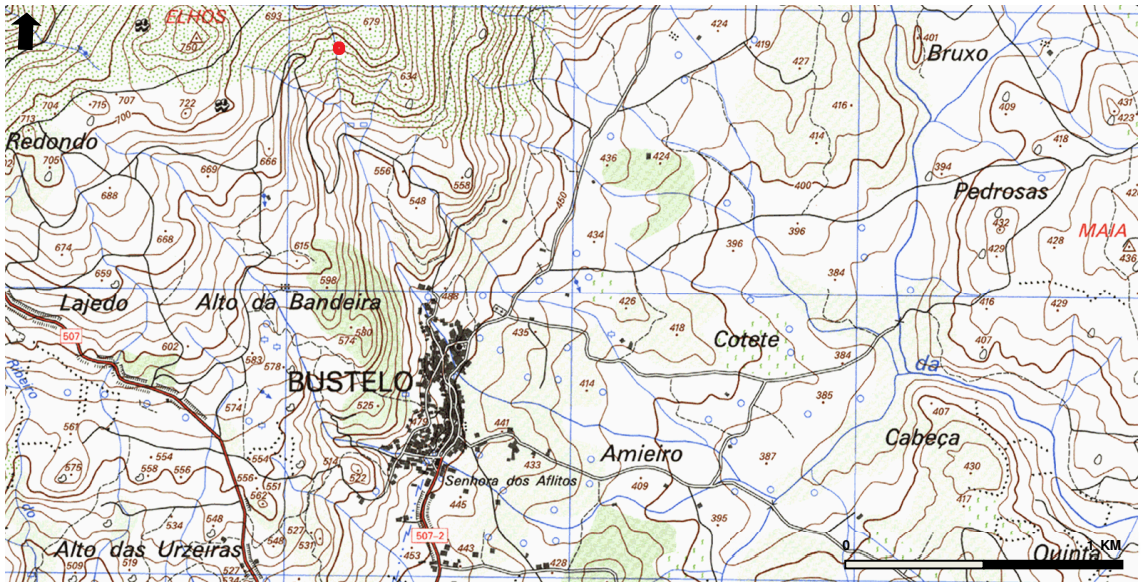


Figura 131: Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 34, à escala 1/ 25 000, com a localização da Fraga das Passadas.

Fontes bibliográficas:

As primeiras referências à Fraga das Passadas foram feitas por João Baptista Martins, em 1984 e, posteriormente, pelo mesmo autor, em 1995. Foram registadas, posteriormente, no Portal do Arqueólogo, por António Luís Pereira, em 2004.

Contexto arqueológico:

Nas proximidades existe o Alto da Bandeira/ Santa Bárbara (CNS: 20075), que se avista do local. Trata-se de um castelo medieval.

Localização física e ambiental:

A Fraga das Passadas situa-se na vertente sul do Alto da Sobreira, num anfiteatro natural. Do local usufrui-se de um bom domínio visual sobre a paisagem, apenas para sul, este e sudeste, ou seja, para o vale do Tâmega. Deste rio, é afluente o ribeiro da Torre, situado a poucos quilómetros para este da Fraga das Passadas. A zona onde se implantam as gravuras rupestres é bastante irrigada, existindo algumas pequenas linhas de água, fundamentalmente no inverno. Há uma nascente um pouco abaixo da laje.

A vegetação envolvente é composta, essencialmente, por herbáceas e arbustivas, existindo nas imediações acácias, pinheiros, carvalhos e medronheiros (Fig. 132).



Figura 132: Fraga das Passadas no meio envolvente.

Descrição física do afloramento gravado:

Laje granítica de grandes dimensões, rasante ao solo atual. Orienta-se para noroeste, medindo 24,40 m de comprimento por 8 m de largura. A extremidade noroeste é aplanada, tendo, posteriormente, inclinação para sudeste (Fig. 133). Existem alguns encraves de quartzo e mica. Pelo lado este, há vestígios do rodado de rodas de carro de bois, no local onde o afloramento serviu de base a um caminho.



Figura 133: Vista da zona superior da Fraga das Passadas.

Descrição dos motivos gravados:

A Fraga das Passadas será estudada em profundidade como caso de estudo, no âmbito deste trabalho, pelo que a descrição aqui realizada será resumida. Trata-se de um afloramento gravado com, pelo menos[13], 99 podomorfos de distintas dimensões, tipologias e técnicas de gravação, que se distribuem-se por toda a superfície visível da rocha. Ocorrem aos pares ou individualmente. Os podomorfos são de pés calçados e descalços, desde os 11 cm aos 43,1 cm de comprimento (Figs. 134 e 135)



Figura 134: Podomorfo isolado, calçado com tacão e picotado, à esquerda. Podomorfo isolado, calçado com tacão, à direita.



Figura 135: Par de podomorfos descalços da Fraga das Passadas.

[13] Por se tratar de um afloramento ainda muito soterrado e com imensos musgos em parte dele, não foi possível contabilizar a totalidade do número de podomorfos existentes.

Lendas associadas:

Segundo a população local, as pegadas de maiores dimensões são atribuídas ao judeu errante, que perseguia o menino Jesus. A este último, atribuem-se as pegadas de menores dimensões. Dizem, ainda, que os equídeos que acompanhavam estas duas figuras mitológicas, tinham as ferraduras viradas ao contrário, e que estas são as que estão impressas na Fraga das Passadas.

Uma outra lenda, contada pela população local, relacionada com este afloramento é a de que estas pegadas se relacionam com a fuga da Nossa Senhora para o Egito, na tentativa de escapar a Herodes.

Afloramento/ Lugar cristianizado:

O afloramento e o lugar foram cristianizados pelas lendas.

Estado de conservação:

Em razoável estado de conservação.

Via de acesso:

O sítio é bem conhecido pela população local, sendo que, em princípio, qualquer morador da aldeia saberá indicar o caminho até ao afloramento.

Atravessando a aldeia até quase á sua extremidade norte, chega-se a um local onde a rua da Igreja e a rua do Paço convergem. Segue-se pela esquerda, pela rua do Rigueiral, até chegar a uma grande casa, de momento pintada de amarelo, sendo essa, em conjunto com mais duas edificações, as últimas da área habitacional de Bustelo, nesse extremo. Vira-se então à direita e segue-se, até chegar a um caminho carreteiro. Inicia-se a subida por esse caminho, sendo que quando aparecer uma bifurcação, segue-se pelo caminho da esquerda. Quando o mesmo deixar de subir e começar a ficar relativamente plano, encontra-se um cruzamento, onde existem dois caminhos à direita, um em frente e um à esquerda (que leva novamente à aldeia). Nesse cruzamento opta-se pelo 2º caminho à direita, subindo até se avistar, do lado esquerdo, uma grande fraga rasa ao solo, a cerca de 1 m, ou menos, do caminho.

Condições de visitação:

Não se encontra musealizado.

Observações:

Pelo número de podomorfos, este afloramento comporta um grande valor de carácter científico, pelo que se justifica um estudo mais aprofundado do mesmo.

Referências bibliográficas:

MARTINS, 1984a, 1984b, 1995; www.arqueologia.patrimoniocultural.pt, CNS: 20078; dados inéditos.

(30.1) (30.2) OUTEIRO DO TRIPE 1 - ROCHA 3 e 12 - CNS: 3618

Localização administrativa:

Lugar: Castelanchos[14].

Freguesia: Mairos.

Localização geográfica (sistema: WGS 84; formato: graus decimais):

Latitude: 41.84031. Longitude: -7.35136. Altitude aproximada: cerca de 821 metros, muito próximo da fronteira com Espanha (Fig. 136).

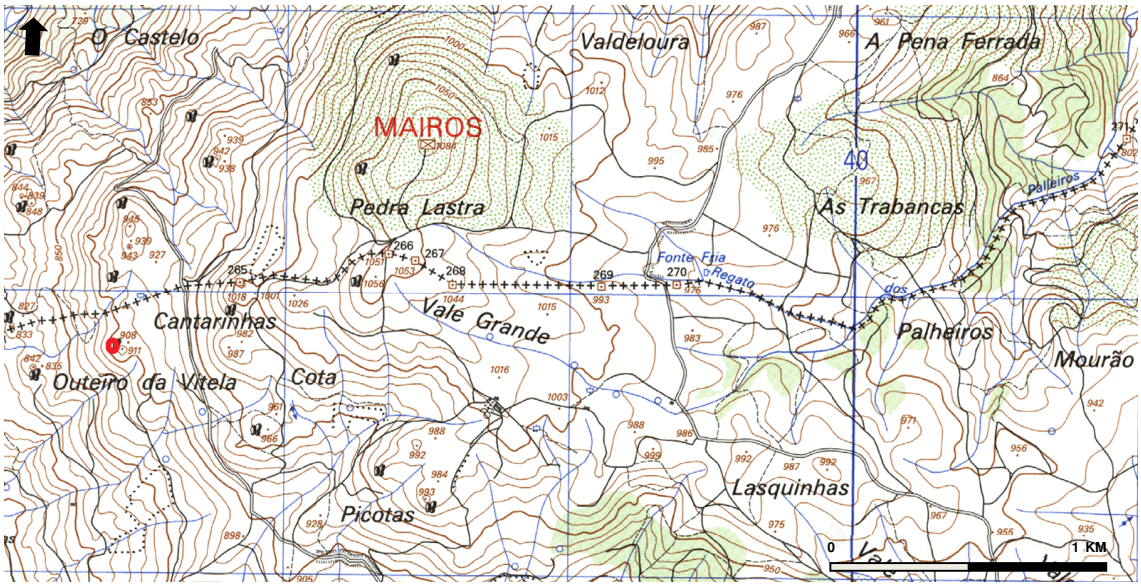


Figura 136: Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 22, à escala 1/25 000, com a localização do Outeiro do Tripe 1.

[14] Foi-nos dada a informação que o nome se refere aos muitos aglomerados graníticos que se dispõem em vários outeiros pela região, parecendo pequenos castelos ou fortalezas.

Fontes bibliográficas:

O primeiro investigador a abordar o Outeiro do Tripe foi João Baptista Martins, em 1982. Mais tarde, volta a referir, de forma mais específica, estas gravuras (Martins, 1984a, 1984b; 1995). Foi, no entanto, António Martinho Baptista (1983/1984), que estudou o local em termos científicos, tendo efetuado os primeiros decalques. Conforme as informações obtidas, identificaram-se cerca de 28 rochas gravadas no Outeiro do Tripe 1, sendo que algumas delas estão hoje no Museu de Chaves e no Museu de Mairos. Foram identificados três podomorfos neste conjunto rupestre, nomeadamente na rocha 3. Relativamente a dois deles, um par, e à rocha onde estão gravados, António Martinho Baptista (1986: 50) diz: "Nesta rocha [rocha 3], onde predominam os tipos antropomórficos, salienta-se um par de plantas de pés humanos, eventualmente relacionadas com quaisquer ritos de passagem."

Contexto arqueológico:

A zona envolvente está repleta de outros sítios arqueológicos, tais como inúmeros afloramentos gravados com arte esquemática de ar livre, estações arqueológicas pré-históricas, como o povoado da Vinha da Soutilha, com uma ocupação que vai "... desde, provavelmente, um momento indeterminado dos inícios do IIIº milénio (...) até finais do IIIº milénio..." (Jorge, 1986: 296) e o Castro de Tróia ou Muro, povoado fortificado da Idade do Ferro.

Localização física e ambiental:

O Outeiro do Tripe encontra-se num patamar, a meia vertente do Monte ou Serra de Mairos. Incorpora um anfiteatro natural, que se abre para sudoeste, pontuado por diversos afloramentos ou blocos soltos de granito (Fig. 137). Implanta-se numa área bastante irrigada por pequenas linhas de água. Trata-se de um local de visibilidade privilegiada sobre a paisagem circundante, excetuando a este e norte, onde ocupa lugar o cume do monte. Encontra-se num sítio com abundante vegetação herbácea e arbustiva. Do Outeiro do Tripe avista-se, um pouco para nordeste, o Outeiro do Salto, local de arte rupestre e que tem uma lenda associada; para sul, a Fraga da Moeda, igualmente um local com arte rupestre, e o povoado da Vinha da Soutilha; para sudoeste. Trata-se de um local de passagem natural.



Figura 137: Vista sudeste obtida a partir do Outeiro do Tripe 1.

Descrição física do afloramento gravado:

A rocha 3 do Outeiro do Tripe 1, onde se implantam os podomorfos, é um afloramento granítico, orientado para sul, sobrelevado em relação ao solo atual e fraturado em três partes, que designamos por painéis: o nº 1, o nº 2 e o nº 3. Os painéis onde se inscrevem os podomorfos são os nº 1 e 2. O painel 1 mede 2 m de comprimento, 1,04 m de largura e 0,74 m de altura, enquanto o painel 2 mede 2,21 m de comprimento, 1,34 m de largura e 0,49 m de altura. As superfícies que comportam as gravuras têm pouca inclinação, sendo de tendência plana (Fig. 138).



Figura 138: Painéis 1, 2 e 3, da rocha 3 do Outeiro do Tripe 1.

Descrição dos motivos gravados:

A iconografia dos diferentes afloramentos do Tripe 1 é bastante similar, tal como acontece entre os distintos painéis da rocha 3, onde se inserem os podomorfos. Compreende antropomorfos de variadas tipologias, nomeadamente em "phi", círculos simples, os motivos em U designados por ferraduras, covinhas, um zoomorfo montado, cruciformes, motivos indeterminados e podomorfos, sendo a maioria inseríveis na Arte Esquemática de ar livre. As gravuras foram feitas por percussão e, em alguns casos, seguida de abrasão.

Quanto aos podomorfos, identificaram-se dois a meio da extremidade oeste do **painel 1**, orientados no sentido oeste-este. Neles, figuram os dedos, pelo menos os polegares, tratando-se de podomorfos descalços. Encontram-se lado-a-lado, parecendo formar um par, mas, no entanto, o da esquerda representa um pé direito e o da direita um pé esquerdo (Tab. 4, figs. 139 e 140). O **painel 2** comporta um outro podomorfo, calçado com tacão, localizado na extremidade nordeste e orientado para oeste (Tab. 5, figs. 141 e 142). Encontra-se extremamente erodido, sendo praticamente impercetível à luz diurna. Apenas o conseguimos visualizar, devido á ajuda do Sr. António, morador na Quinta das Salgueirinhas, situada nas proximidades do Outeiro do Tripe, que nos prestou um enorme auxílio, pois conhece bem os sítios arqueológicos da região. Pudemos, ainda, visualizar uma fotografia que se encontra no museu de Mairos e que foi tirada num tempo em que a gravura era de mais fácil visualização.

Já na fase final deste estudo, obtivemos a informação[15] de que existe um outro podomorfo em Tripe 1, na rocha 12, identificado por Martinho Baptista, mas que se encontra inédita. Trata-se de um pé esquerdo, gravado em baixo relevo, com 23 cm de comprimento e enquadrado na tipologia de podomorfo calçado com traços irregulares.

Tabela 4: Caraterísticas gerais dos podomorfos do Outeiro do Tripe 1: Rocha 3, Painel 1

Nº	Comprimento	Largura	Profundidade	Orientação	Pé	Tipologia
1	20 cm	7 cm	-	O-E	Esquerdo	Descalços
2	16,5 cm	6,5 cm	-	O-E	Direito	Descalços

Tabela 5: Caraterísticas gerais dos podomorfos do Outeiro do Tripe 1: Rocha 3, Painel 2

Nº	Comprimento	Largura	Profundidade	Orientação	Pé	Tipologia
1	20,5 cm	9,3 cm	-	E-O	-	Calçado com tacão

[15] Cortesia de Vítor Rocha, aluno de arqueologia da Universidade do Minho, que se encontra a realizar um estudo sobre a arte rupestre de Mairos, sob orientação de Ana Bettencourt e António Martinho Baptista.

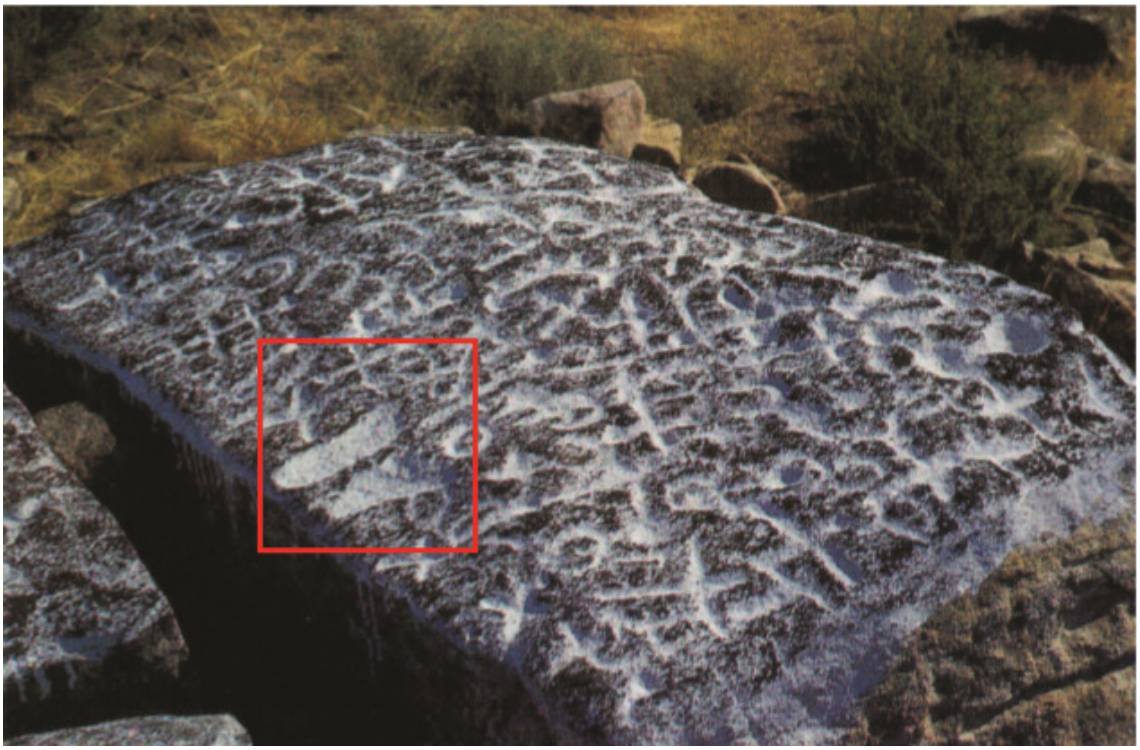


Figura 139: Painel 1 da rocha 3 do Outeiro do Tripe 1, com os podomorfos assinalados (Fonte: Baptista, 1986).



Figura 140: Pormenor dos podomorfos do painel 1 da rocha 3 do Outeiro do Tripe 1.

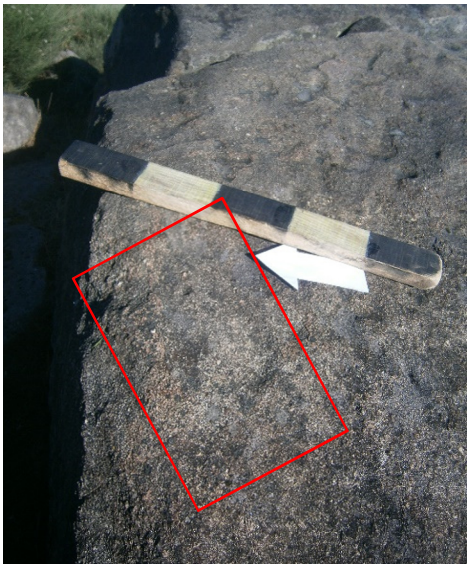


Figura 141: Podomorfo do painel 2 da rocha 3 do Outeiro do Tripe 1.

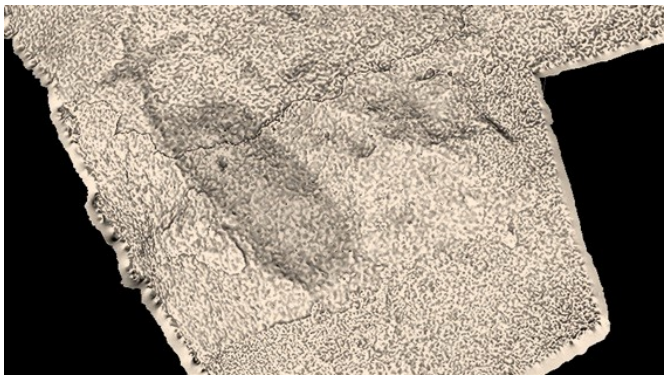


Figura 142: Fotogrametria do podomorfo do painel 2, onde é possível visualizar de melhor forma o motivo podomórfico.

Lendas associadas:

Não se conhecem.

Afloramento/ Lugar cristianizado:

O afloramento e o lugar foram cristianizados pela inscrição de cruzes.

Estado de conservação:

Em grande perigo de destruição e deterioração. Alguns motivos estão muito erodidos. Segundo fontes populares, de ano para ano as gravuras vêm-se com menor clareza.

Tem havido em Mairos sucessivos roubos e destruição de espólio arqueológico e rochas com arte rupestre. Nota-se, alias, em toda a região, o intenso saque de pedra, de que a mesma foi alvo.

Via de acesso:

Após o cemitério de Mairos, segue-se em frente, pela Avenida de S. Tiago, até se visualizar o santuário de S. Tiago, á esquerda. Um pouco mais á frente, chega-se ao caminho carreteiro que vai para a Quinta das Salgueirinhas e para Espanha. Este, logo no início, divide-se em dois. Se se seguir pelo da esquerda, ao passar-se a Quinta das Salgueirinhas, após uma curva para a direita, nota-se que existe um outro caminho, a partir deste último, na direção contrária (para norte/ Espanha). Segue-se nesse caminho cerca de 150 m, momento, a partir do qual, recomenda-

se o uso de GPS para encontrar o Outeiro do Tripe 1, pois este não está sinalizado e encontra-se a cerca de 300 m deste último ponto, do lado direito, ou seja, para este, em área que não está provida de qualquer caminho de acesso. A vegetação é densa.

Se se seguir pelo caminho carreteiro da direita, segue-se sempre em frente até aparecer uma bifurcação. O caminho da esquerda vai dar à Quinta das Salgueirinhas e o da direita, após cerca de 150 m, á base do Outeiro do Tripe. Após estes 150 m, voltamos a frisar que é recomendável o uso do GPS e referentes coordenadas geográficas.

Condições de visitação:

Não se encontra musealizado.

Observações:

Possivelmente, foi um local simbolicamente ativo, durante uma longa diacronia.

Parece haver indícios da existência de um lajeado e de muros em volta do local, parecendo indicar a existência de algum tipo de estrutura. Porém, só um estudo mais intensivo e detalhado do local poderá vir a confirmar ou a refutar estas hipóteses.

De todos os conjuntos de arte rupestre existentes na região, o Outeiro do Tripe distingue-se por comportar o conjunto maior e mais complexo de motivos gravados.

Referências bibliográficas:

MARTINS, 1982, 1984a, 1984b, 1995; BAPTISTA, 1983/1984; JORGE, 1986; dados inéditos.

2.4.3. OUTRAS REFERÊNCIAS A AFLORAMENTOS COM PODOMORFOS NO DISTRITO DE VILA REAL

2.4.3.1. BOTICAS

LESENHO 2

Fontes bibliográficas:

Maria Emília Abreu (2012b: 394) refere no corpus de arte rupestre que elabora em 2012 a existência de podomorfos em Lesenho 2, um conjunto de três rochas com gravuras rupestres que se situam na base do povoado fortificado com o mesmo nome. A autora, nesse mesmo corpus,

apenas refere o topónimo, a localização administrativa, o tipo de motivos gravados no local e o investigador e data da publicação que consultou.

Ao analisarmos a bibliografia que a autora cita como fonte (Santos Júnior, 1985 e 1989) não foi possível confirmar a existência de podomorfos no Outeiro do Lesenho. De notar, que apenas podemos consultar com precisão a bibliografia de 1985: 56-69, pois a referência bibliográfica completa da publicação de 1989, não se encontra no volume 3 da sua obra (Abreu, 2012c), dedicado a esse fim. Todas as publicações que conseguimos identificar de Santos Júnior - 1989, não abordam as gravuras rupestres do Outeiro do Lesenho ou não lhe associam podomorfos.

Observações:

Fomos ao local e também não encontrámos nenhuma rocha com podomorfos. Falámos com alguns arqueólogos que estiveram a trabalhar no Outeiro do Lesenho e que conheciam gravuras rupestres no local, mas nenhum deles tinha observado qualquer podomorfo.

Referências bibliográficas:

SANTOS JÚNIOR, 1985; ABREU, 2012.

2.4.3.2. CHAVES

CAMBEDO

Fontes bibliográficas:

Martins (1995: 171) diz que "Em Vilarelho da Raia - no Cambedo, na encosta da serra e, no caminho a norte da aldeia, numa laje há pegadas humanas" (Fig. 143).

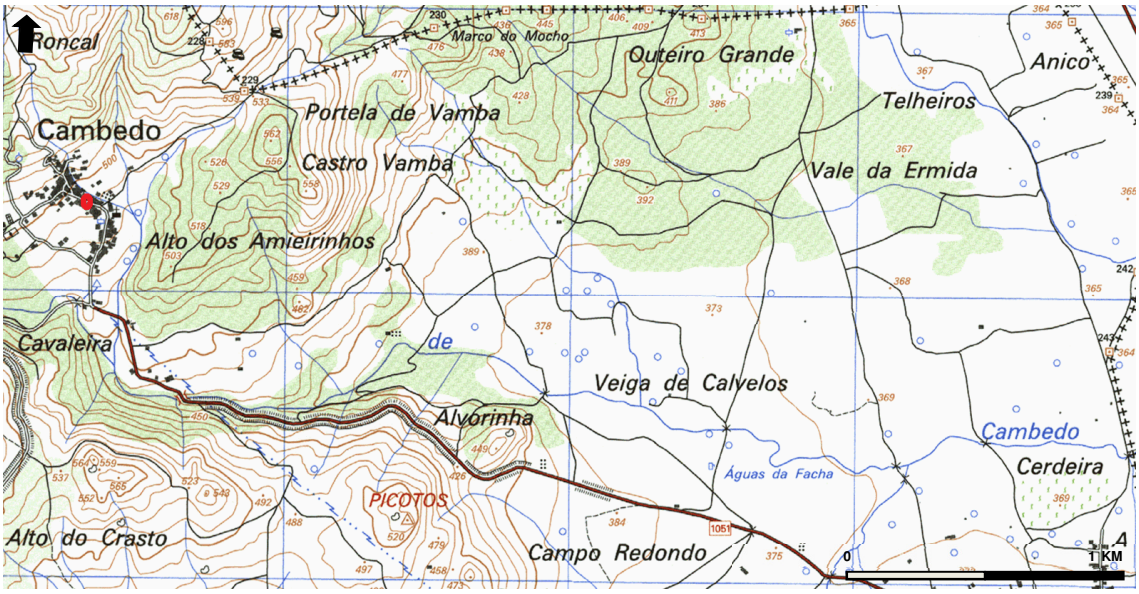


Figura 143: Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 21, à escala 1/ 25 000, com a localização de Cambedo.

Observações:

Apesar de se ter seguido a vaga informação geográfica disponível, não foi possível detetar os podomorfos. Tentamos, então, saber diante da população local se os podomorfos eram conhecidos deles. A única indicação que nos souberam facultar, foi que existia um povoado fortificado (Castro de Vamba, CNS: 410), a que apelidavam de Castelo dos Mouros, e que lá veríamos as marcas das patas de um grande cavalo, impressas na rocha. Ao deslocar-nos ao local deparamo-nos com um cenário calamitoso, de abandono completo. Foi possível verificar que a extensão e dimensões das muralhas eram significativamente grandes, existindo dois panos de muralha e um fosso escavado na rocha, o que aliás está assinalado no Portal do Arqueólogo (CNS: 410), tratando-se assim de um povoado de dimensões bem consideráveis (Fig. 144).



Figura 144: Vista do Castro de Vamba a partir de noroeste.

Quanto à arte rupestre, não conseguimos identificar qualquer vestígio desta. Identificamos apenas duas pias, que nos parecem de origem natural, num afloramento do topo do monte. Talvez sejam estas pias o que a população local considera serem marcas das patas de cavalo (Fig. 145).



Figura 145: Vista de uma das pias naturais e de vários estalamentos de um afloramento existente no topo do Castro de Vamba.

Lendas associadas:

Uma lenda local diz-nos que um cavalo gigante saltou do Monte de Alvorinha (provavelmente onde se situa o povoado fortificado com o mesmo nome, CNS: 408), que é visível a partir do topo do monte de Ribamba (onde se implanta o Castro de Vamba), deixando as marcas das suas patas impressas numa rocha (Fonte: População local).

Referências bibliográficas:

MARTINS, 1995; dados inéditos.

CASTELO DO MAU VIZINHO - CNS: 418

Localização administrativa:

Lugar: não se conhece.

Freguesia: Cimo de Vila da Castanheira.

Localização geográfica (sistema: WGS 84; formato: graus decimais):

Latitude: 41.81696. Longitude: -7.23317. Altitude aproximada: cerca de 535 metros, muito próximo da fronteira com Espanha (Fig. 146).

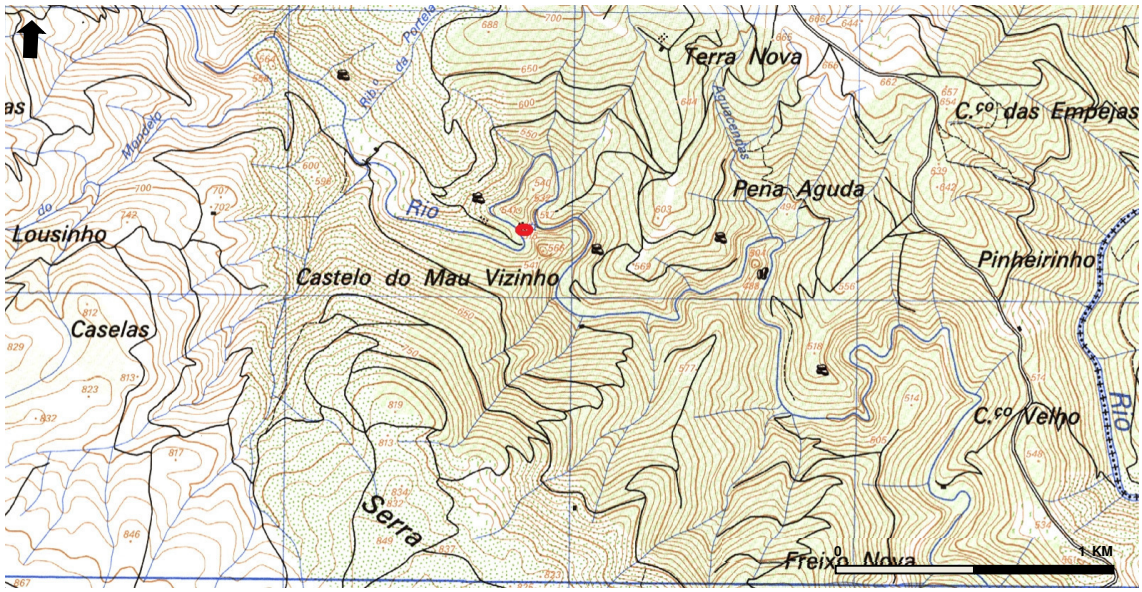


Figura 146: Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 55, à escala 1/25 000, com a localização do Castelo do Mau Vizinho.

Fontes bibliográficas:

As primeiras referências a este local estão em *Extractos archeológicos das "Memórias Parochiaes de 1758"*, publicação de Pedro A. de Azevedo (1902), em *O Arqueólogo Português*. Nestes extratos é feita referência ao Castelo do Mau Vizinho e aos "vestigios das paredes argamassadas e fortissimas do altar de quoazi dois homens" (Azevedo, 1902: 75-76). O autor salienta, também, que o "castello se tem por tradição hera dos Mouros...". Nos anos que se seguem, vários outros investigadores referiram o Castelo do Mau Vizinho (Alves, 1931; Santos Júnior. 1982; Martins, 1984a, 1984b; Silva, 1986; Martins, 1995; Parafita, 2008). Tomou-se conhecimento deste local a partir da lenda que a si se associa, referida por Alexandre Parafita (2008), e que se recolheu no Arquivo Português de Lendas (www.lendarium.org). Esta, indica que a marca da pata de um cavalo teria ficado gravada na "rampa de acesso" ao Castelo do Mau Vizinho.

Observações:

Esta lenda aponta para a aldeia de Dadim como sendo o lugar mais próximo deste sítio arqueológico, o que na verdade está incorreto, pois aí apenas existe o Castelo de Monforte. Não

houve possibilidade de visitar este local, mas achámos pertinente deixar aqui a informação e precisar alguns dados geográficos.

Lendas associadas:

Segundo Alexandre Parafita (2008: 16), a lenda sobre o Castelo do Mau Vizinho é a seguinte:

> Ao contrário da grande maioria dos castelos, que se situa no topo dos montes, o Castelo do Mau Vizinho avista-se à beira-rio, no fundo de uma serra, a serra do Candedo. É um castelo misterioso, já se sabe, ou não tivesse ele o nome que tem. Contam os antigos da aldeia de Dadim, uma das mais próximas do castelo, que os mouros, quando lá viviam, quiseram construir uma torre muito alta. Tão alta que subisse do fundo do vale até ficar ao nível da Fortaleza de São Sebastião, onde viviam então outros mouros, e que se situa junto à aldeia da Castanheira. Tudo isto porque queriam ver-se uns aos outros. Começaram então as obras, desenterrando e arrastando para o castelo quantas pedras e pedregulhos havia nas redondezas. Algumas das que lá estão até metem medo. Nisto, já a torre estava bem alta, eis que vem dos lados da Galiza o S. Tiago, montado num gigantesco cavalo branco, e destrói tudo quanto os mouros já tinham erguido. Conta a lenda que foi tão violento este ataque, que as patas dianteiras do cavalo — patas enormes, já se vê — ficaram gravadas no rochedo que serve de rampa de acesso ao castelo. Ainda estão, à vista de quem se atrever a subir-lhe. E também se conta que os mouros tiveram de fugir do castelo apenas com a roupa que tinham no corpo. Nem tempo tiveram de levar os tesouros. Por isso, com o poder mágico que só eles possuíam, encantaram-nos. É como lá continuam. Tal qual como o tão cobiçado bezerrinho de ouro que muitos já tentaram, em vão, retirar das ruínas do castelo (Parafita, 2008: 16).

Referências bibliográficas:

ALVES, 1931; SANTOS JÚNIOR, 1982; MARTINS, 1984a, 1984b; SILVA, 1986; MARTINS, 1995; PARAFITA, 2008.

3. Casos de Estudo

3.1. Introdução

Terminada a inventariação dos podomorfos do noroeste português, o capítulo 3 debruçar-se-á sobre os casos de estudo. Optou-se por realizar uma análise mais aprofundada de dois afloramentos gravados, justificada pela excecionalidade, em número e qualidade, dos motivos gravados, assim como na complexidade e variedade de outros motivos articulados com os podomorfos.

Com este estudo, pretende-se analisar os vários motivos representados no Penedo de S. Gonçalo e na Fraga das Passadas, tentando-se traçar cronologias aproximadas para cada tipo de motivo e estabelecer a biografia dos lugares, enquanto espaços socialmente significantes para diferentes populações. Neste contexto pretende-se entender como se articulam os podomorfos com as restantes gramáticas.

Cada caso de estudo foi estudado seguindo-se vários *itens,* como a localização administrativa e o contexto físico e ambiental, o contexto arqueológico, as metodologias de estudo, a descrição física do afloramento, a descrição dos motivos gravados e identificação dos diferentes painéis, as lendas atribuídas ao local e, por fim, a discussão dos dados e interpretações.

3.2. O Penedo de S. Gonçalo

3.2.1. Localização administrativa e contexto físico e ambiental

O Penedo de S. Gonçalo situa-se no lugar da Espadilha, arcaicamente chamado de lugar da Boca, atualmente na união de freguesias de Margaride (Santa Eulália), Várzea, Lagares, Varziela e Moure, concelho de Felgueiras, Porto. Encontra-se dentro dos antigos limites administrativos de Varziela. As coordenadas geográficas decimais, no sistema WGS84, do sítio são: latitude: 41.342591; longitude: -8.2254. Está a uma cota aproximada de 225 m.

Situa-se na margem esquerda do ribeiro de Longra[16], afluente ou uma das nascentes do rio Sousa, importante afluente da margem norte do Douro. O ribeiro corre a sudoeste do afloramento, sendo perfeitamente audível a partir deste.

A geomorfologia local integra-se dentro das caraterísticas do relevo do Minho Ocidental, marcado pelo contraste entre zonas elevadas, "culminando em planaltos descontínuos, e vales profundos, mas largos de fundo aplanado" (Pereira, 1992: 7).

Trata-se de uma região onde predominam os granodioritos porfiroides, biotíticos, com megacristais muito desenvolvidos (Pereira, 1992: 8). Os recursos mineiros de estanho ocorrem com abundância no concelho de Felgueiras, conhecendo-se minerações em Macieira da Lixa, Agilde, Friande e Moure (Pereira, 1992; LNEG – geoPortal/ SIORMINP).

Do Penedo de S. Gonçalo há uma boa visibilidade sobre o espaço circundante, excetuando o quadrante sul. É visível a bacia de receção do ribeiro de Longra, tal como se observa, a serra

[16] Por vezes, referido como "rio Sousa".

dos Perdidos e o Alto das Barrancas, a nordeste; a serra do Maninho, a oeste; o Alto de Santana, a sudoeste, e o monte de Tarrio, a este.

O local encontra-se nas imediações do casario e no seio de campos agrícolas.

É propriedade da Casa das Figueiras (Fig. 147).



Figura 147: Penedo de S. Gonçalo no seu contexto físico e ambiental. Em cima, à esquerda: visto de sul; à direita: visto de sudoeste. Em baixo, à esquerda: visto de este; à direita: visto de nordeste.

3.2.2. Contexto arqueológico

Nas imediações do afloramento não se conhecem outros vestígios arqueológicos, mas no concelho de Felgueiras pode destacar-se a anta ou dólmen da Cividade-Refontoura, na freguesia de Refontoura, a cerca de 3 km para sudeste das gravuras, pertencente ao período Neolítico. Ainda nesta freguesia, existe o povoado de São Simão, da Idade do Ferro. Em Pinheiro, a cerca de 3,5 km para norte, há o povoado da Senhora Aparecida, também da Idade do Ferro. Para Sul, a cerca de 5 km, fica o Castro da Pedreira, da Idade do Ferro, na união de freguesias de Pedreira, Rande e Sernande. Nesta mesma união de freguesias fica o povoado da Cimalha, da Idade do Bronze/ Ferro. A cerca de 2 km para oeste do Penedo de S. Gonçalo, localiza-se a Cidade das Pegas, um povoado fortificado da Idade do Ferro, inserido na freguesia de Penacova. Por fim, outro povoado da Idade do Ferro situado nesta freguesia é o Monte do Senhor do Perdidos.

Todas as freguesias e uniões de freguesias nomencladas são contíguas à união de freguesias de Margaride (Santa Eulália), Várzea, Lagares, Varziela e Moure, em Felgueiras, onde se localiza o Penedo de S. Gonçalo.

3.2.3. Metodologias de estudo

De forma a estudar o Penedo de S. Gonçalo e as suas gravuras, optou-se metodologicamente por realizar, em primeiro lugar, uma recolha bibliográfica, que permitisse tomar conhecimento do estado geral dos estudos ligados a este penedo. Após essa etapa, que, alias, nos possibilitou, numa fase ainda inicial, conhecer a existência de parte das gravuras (os podomorfos) e visitar o local, foi realizada a inventariação, a análise do contexto físico e ambiental do afloramento e a sua descrição exaustiva em termos físicos, o que contempla aspetos como o tipo de rocha, as suas dimensões, características, topografia, etc. Foram, ainda, referidos os diferentes pontos significantes observáveis a partir do topo do afloramento. Aquando a visita ao local, foram detetadas novas gravuras sob os musgos que cobriam o Penedo de S. Gonçalo e que necessitavam de ser limpos para uma análise global dos podomorfos. Para esse efeito agendou-se trabalho de campo, realizado em julho de 2016, devidamente autorizado pela tutela[17]. Neste, participaram o Doutor Manuel Santos-Estévez, três alunos[18] da Unidade Curricular de "Trabalho Práticos" do curso de Mestrado em Arqueologia da Universidade do Minho, uma aluna[19] do 3º ano do Curso de Arqueologia da Universidade do Minho e uma aluna de mestrado do Curso de Medicina Dentária da Universidade Fernando Pessoa (Porto)[20]. Durante estes trabalhos o afloramento rochoso foi limpo, por forma a serem identificáveis e estudáveis todas as gravuras. Após a limpeza, realizou-se uma observação de todas as superfícies gravadas, para a definição de painéis, acompanhada do levantamento fotográfico, tanto diurno como noturno, e fotogramétrico dos mesmos.

Posteriormente, tentou-se obter uma vista de cima do afloramento, com o auxílio de um drone, mas a existência de árvores encostadas ao mesmo dificultou em muito a tarefa. Por fim, na posse de todos os dados, realizou-se uma análise do local, por forma a tentarmos chegar a possibilidades interpretativas.

[17] Devidamente integrado, em termos legais, no projeto "Paisagem e representação do poder na Pré-História Recente: Arte Atlântica e Estátuas-Menir – PARES", projeto FCT de pós-doutoramento, com a referência (SFRH/ BPD/ 93700/ 2013), da responsabilidade de Manuel Santos-Estévez, coorientador deste trabalho.

[18] Referimo-nos a Vítor Santinho Roque, a Martim Lima e a Helder Mota.

[19] Referimo-nos a Marta Senra.

[20] Trata-se de Jéssica Carvalho Ferreira.

Limpeza

O processo de limpeza do afloramento foi efetuado a seco, utilizando escovas macias que, girando de forma circular, levemente sobre a rocha, permitiram retirar eficazmente a maioria dos musgos e líquenes nela presentes. Antes do começo dos trabalhos de limpeza, as gravuras visíveis circunscreviam-se aos podomorfos presentes na superfície inclinada sudeste, os únicos motivos referidos na bibliografia consultada (Fig. 148).



Figura 148: Penedo de S. Gonçalo, em 2016, antes do início dos trabalhos de limpeza sistemáticos (visto de sudeste). As gravuras que não correspondem a podomorfos foram diagnosticadas, após uma limpeza superficial, realizada durante a primeira visita ao local.

Com a limpeza dada por terminada, tornaram-se visíveis muitas outras gravuras, de diferentes tipologias (Fig. 149). Esta metodologia de trabalho aplicada, permitiu, por um lado, ter um olhar mais completo da iconografia presente no Penedo de S. Gonçalo, por outro, analisar todas as gravuras existentes de forma mais completa. Também o levantamento fotográfico (intensivo e pleno) e fotogramétrico, comentados de seguida, só foram exequíveis graças à limpeza previamente efetuada da pedra.



Figura 149: O Penedo de S. Gonçalo após a limpeza. A régua tem 1m.

Levantamento fotográfico

Quanto ao levantamento fotográfico, foram elaboradas fotografias gerais da rocha, do contexto da sua implantação dos diferentes painéis e do pormenor de alguns motivos. As fotografias foram tiradas durante o dia ou à noite, com luz rasante.

Para a fotogrametria, tiraram-se fotografias de toda a superfície gravada. Para que esta seja eficiente, cada uma das fotografias deve-se sobrepor, cerca de um terço, às anteriores que se situem, imediatamente, acima, abaixo e aos lados. É, ainda, necessário que toda a superfície rochosa esteja iluminada da mesma forma, sendo aconselhável que toda ela esteja na sombra.

Trabalho avançado de gabinete

Em gabinete, selecionaram-se as fotografias necessárias e aplicáveis à fotogrametria. Após inseri-las no programa *Agisoft PhotoScan*, seguiram-se os passos devidos para obter o modelo fotogramétrico pretendido. Estando a fotogrametria terminada, os resultados do processo anterior foram tratados de forma a dar maior nuance às diferentes gravuras, no programa *MeshLab*. De notar que se optou por realizar a fotogrametria dividida por painéis, pois a dimensão da área gravada, assim como a quantidade de fotos necessárias para a sua fotogrametria total, não seriam executáveis com o *software* utilizado. Depois de analisados os resultados, foi possível identificar, pelo menos, 11 podomorfos, antes não observados.

3.2.4. Descrição física do afloramento

O Penedo de S. Gonçalo corresponde a uma bola de granodiorito porfiroide, biotítico, com mega cristais muito desenvolvidos (Pereira, 1992). É de grandes dimensões e altura, o que o torna particularmente impressivo no espaço onde aflora. Nenhum outro afloramento da região tem similares proporções. Orienta-se de sudeste para noroeste, tendo cerca de 4,70 m de comprimento, 4,20 m de largura e 2,40 m de altura. De observar ainda, a existência de duas diaclases, orientadas de este para oeste e que atravessam o afloramento de uma extremidade à outra. Contém alguns encraves de quartzo, de pequenas dimensões.

Encontra-se fraturado, pelos lados sul, oeste, norte, noroeste, nordeste e este, embora a grande maioria dos blocos que se separaram dele se encontram junto ao mesmo. Conseguiram-se observar 10 fraturas, sendo que 3 danificaram, inclusivamente, algumas gravuras, nomeadamente pelos lados sul, noroeste e nordeste.

Topograficamente falando, o topo do afloramento, com tendência horizontal e que se estende de noroeste para sudeste, é estreito, sendo as restantes paredes caracterizadas por declives mais ou menos acentuados.

No topo da parede sul, ocorre um pequeno patamar, também de distribuição noroeste-sudeste, estreito e de tendência horizontal. As restantes paredes são declivosas, sendo menos declivosas as do quadrante sudeste.

3.2.5. Descrição dos motivos gravados e identificação dos diferentes painéis

A sua superfície gravada não é homogénea, tendo algumas áreas sido escolhidas intencionalmente devido a esse fator. Por esse motivo, optámos por dividir as gravuras em diferentes painéis. A divisão dos painéis foi realizada seguindo os seguintes critérios: distribuição espacial das gravuras, inclinação da superfície gravada e diaclases existentes.

3.2.5.1. Os diferentes painéis

O painel 1 individualiza-se dos painéis 2 e 3 por uma grande diaclase, que separa uma área mais inclinada do afloramento de uma área, acima desta, um pouco menos inclinada e de uma, ao lado desta, um pouco mais inclinada. Os painéis 2, 3 e 4 estão separados entre si por

diferenças tipológicas dos motivos neles gravados e pelas diferentes inclinações da superfície rochosa, sendo o painel 2 mais inclinado do que o 3 e o painel 4, praticamente horizontal. Já o painel 5 foi diferenciado do 4 pelo desigual conjunto iconográfico e pela segunda grande diáclase existente no Penedo de S. Gonçalo, que divide o topo da rocha da restante zona gravada.

Painel 1

O painel 1 localiza-se na base do declive este-sudeste da rocha. Delimita-se, a norte, noroeste e nordeste por uma diaclase e a sul e sudeste pelo início da parede vertical que se enterra no solo. Nele foram gravados dois quadrúpedes, próximos um do outro, que se orientam no sentido sudoeste-sudeste; 7 pares de podomorfos, estando o pé direito de um deles fraturado; um pé direito isolado, dois pés indeterminados isolados e cerca de 13 agrupamentos de 5 covinhas, estas associadas aos podomorfos e por vezes localizadas atrás dos calcanhares humanos. Estes conjuntos de covinhas fazem lembrar pegadas de canídeos. Quanto aos podomorfos, estes orientam-se de sudeste para noroeste. As suas dimensões variam entre os 16 e os 23 cm de comprimento, os 5 e os 9 cm de largura e os 2 e os 7 mm de profundidade. Foram gravados em baixo relevo (Figs. 150 e 151).



Figura 150: Painel 1 do Penedo de S. Gonçalo.

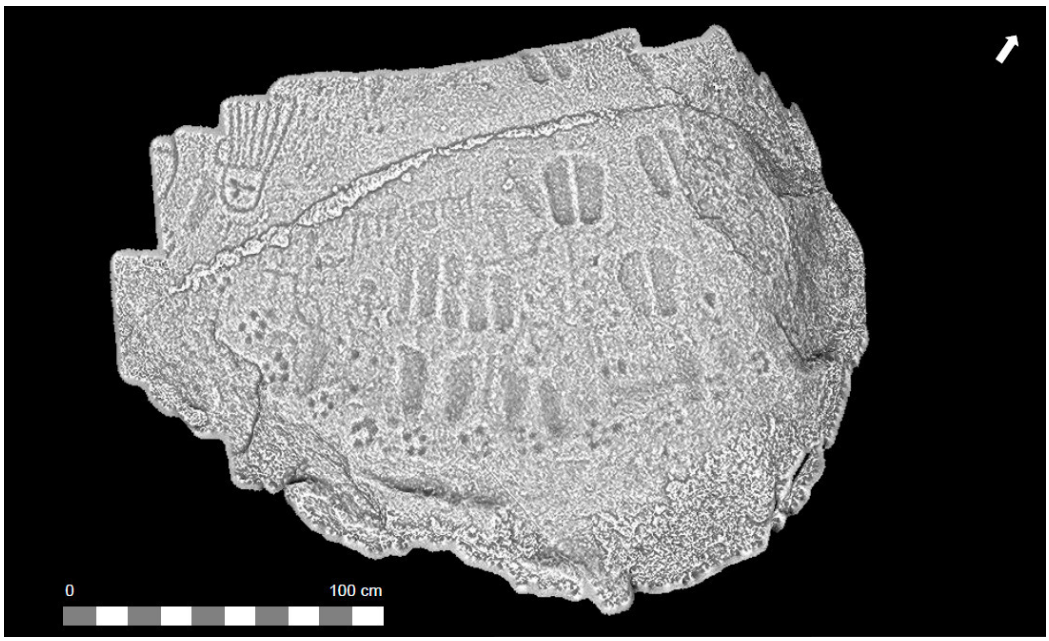


Figura 151: Fotogrametria do painel 1 do Penedo de S. Gonçalo

Painel 2

O painel 2 delimita-se, a sudeste, por uma diaclase que o separa do painel 1; a norte, pelo rebordo de um patamar; a noroeste e a oeste por uma diaclase, pouco profunda, que existe no afloramento, no sentido sudoeste-nordeste; a nordeste e este, por uma angulação, a partir do qual a parede do afloramento se vira para sudeste; e a sul, pelo início da parede vertical que se enterra no solo. Nos declives sudoeste e sul, de forte pendente, foram gravados 13 quadrúpedes, representados de forma muito esquemática, mas que pela forma da cabeça parecem estar em movimento. Tratam-se de cavalos, 3 deles montados, que se orientam de sudoeste para sudeste (em 7 casos) e vice-versa (em 6 casos). Um dos cavaleiros localiza-se na parte superior da composição, outro a meio e outro na parte inferior, como se guardassem a manada. O cavaleiro da parte inferior parece apresentar-se em perspetiva torcida, com os braços abertos, parecendo segurar rédeas na mão direita. Todos os cavalos foram realizados com sulcos de 1 cm a 2 cm de largura e de 0,1 a 0,3 cm de profundidade (Figs. 152-154).



Figura 152: Painel 2 do Penedo de S. Gonçalo, sobre luz rasante, ao anoitecer.

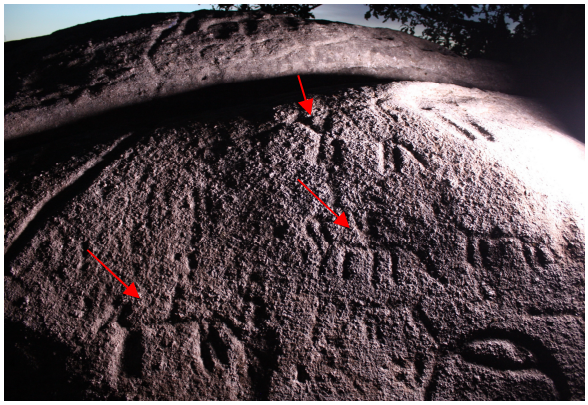


Figura 153: Cavalos com cavaleiros do painel 2 do Penedo de S. Gonçalo.

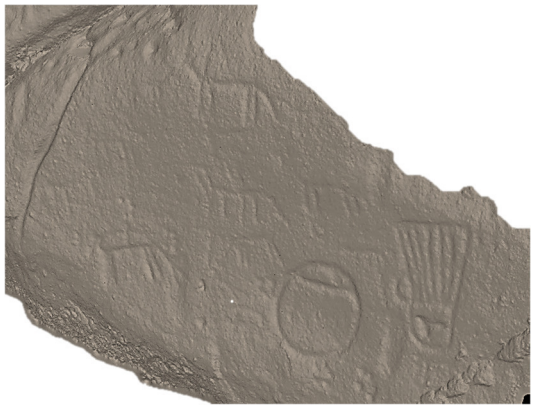


Figura 154: Fotogrametria desta área do poinel 2 do Penedo de S. Gonçalo.

Existem, ainda, 2 podomorfos isolados, no declive sul, um deles localizado entre dois grandes motivos (um circular e outro trapezoidal de base arredondada), orientado para noroeste, e com 15,5 cm de comprimento, 4,7 cm de largura e 12 mm de profundidade. O outro é praticamente impercetível, tendo sido identificado apenas com a fotogrametria. Está orientado para noroeste, tendo o que parece ser a cauda de um cavalo com cavaleiro sobreposta. Com este procedimento informático, conseguiu-se também reconhecer 1 par de podomorfos, orientado para oeste e localizado após um sulco que parte do painel 4 e, passando pelo painel 2, termina na base

da rocha. Estas duas "pegadas" têm cerca de 16 cm de comprimento por 5 cm de largura. Todos os podomorfos foram realizados em baixo relevo, por percussão, seguida de abrasão.

Sensivelmente a meio da pendente sul, destaca-se uma figura de tendência trapezoidal, disposta ao alto, com a parte inferior arredondada. Trata-se de um motivo que se divide em duas partes, por um sulco horizontal. A parte superior está preenchida com sete sulcos verticais, enquanto a inferior, contêm três covinhas. No lado esquerdo existe um semicírculo que faz lembrar uma pega. Associada a esta gravura encontra-se um motivo circular com cerca de 35 cm de diâmetro, subdividido internamente por um sulco, na sua extremidade superior. Estas duas figuras, feitas através de percussão, seguida de abrasão, apresentam sulcos de profundidade e largura semelhantes e diferem dos quadrúpedes, por terem sulcos mais largos (3 cm) e profundos (0,3 cm).

Existem, ainda, 2 grupamentos de 5 covinhas nas proximidades de um podomorfo (Figs. 155 e 156).

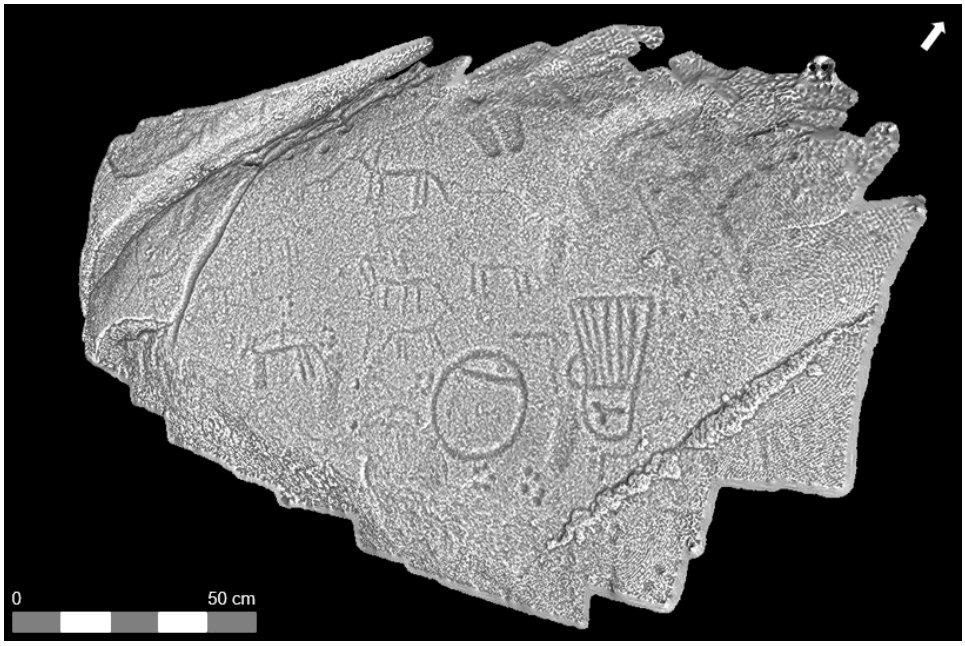


Figura 155: Fotogrametria do painel 2 do Penedo de S. Gonçalo.

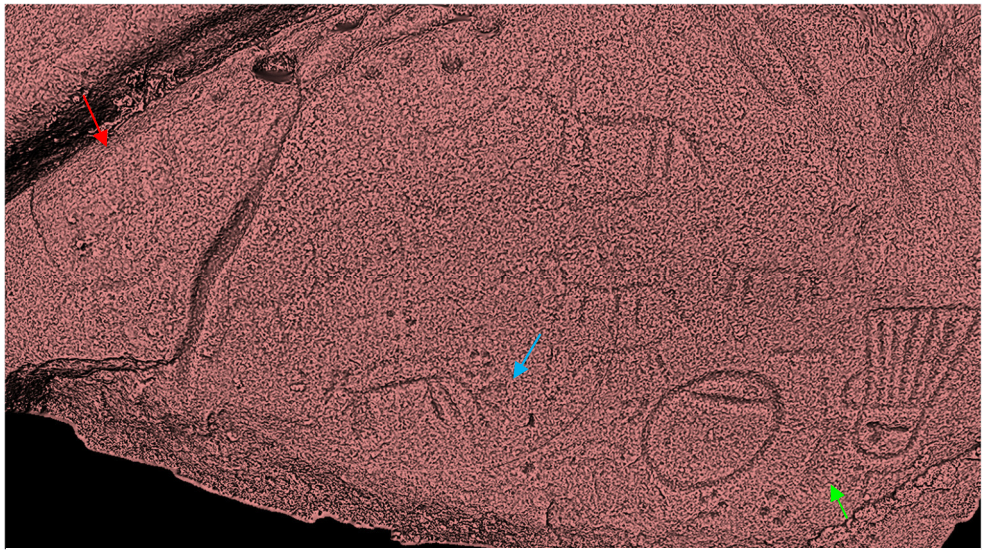


Figura 156: Fotogrametria do painel 2, com o par de podomorfos assinalado a vermelho, o podomorfo sobreposto pela cauda do zoomorfo a azul e o terceiro a verde.

Painel 3

O painel 3 localiza-se na zona declivosa, ainda assim menos acentuada, situada a sudeste da rocha, sobre o topo do painel 1 e a nordeste e este do painel 2. A norte é delimitado pelo rebordo de um patamar e a nascente, pelo rebordo de um painel verticalizado. Aí foi possível identificar 7 pares de podomorfos, estando o pé esquerdo de um deles fraturado, orientados no sentido sudeste-noroeste. As suas medidas estão entre os 15 e 22 cm de comprimento, os 5,4 e 8 cm de largura e os 3 e 18 mm de profundidade. Foram gravados por percussão seguida de abrasão (Figs. 157 e 158).



Figura 157: Painel 3 do Penedo de S. Gonçalo.



Figura 158: Fotogrametria do painel 3.

Painel 4

Este painel situa-se no patamar estreito, próxima do topo do afloramento, mas existente pelo seu lado sul. Delimita a sul com o painel 2 e a sudeste com o painel 3 (Fig. 159). Nele existem pequenas pias naturais (2) e covinhas (26) que se unem por um sulco ou o circundam. O grande sulco que atravessa todo este painel, vai terminar no painel 2, numa superfície de inclinação

bastante acentuada. As covinhas/ pias naturais existentes neste painel, têm medidas compreendidas entre os 1,5 e os 11 cm de diâmetro por 0,2 a 4,3 cm de profundidade. Os sulcos medem à volta de 2 e 5,5 cm de largura e 0,2 a 1,5 cm de profundidade. Foram executados por percussão e, pelo menos em alguns casos, abrasão (Figs. 160 e 161).

Na experiência efetuada, quando colocada água na pia maior, esta escorre pela pendente sudoeste. Não sabemos onde poderia terminar porque o afloramento foi partido nessa extremidade (Fig. 162).



Figura 159: Em cima, painel 4 antes de limpo, visto de sudoeste. Em baixo, fotografia noturna do painel 4.



Figura 160: Pormenor do painel 4 após limpeza, visto de cima.

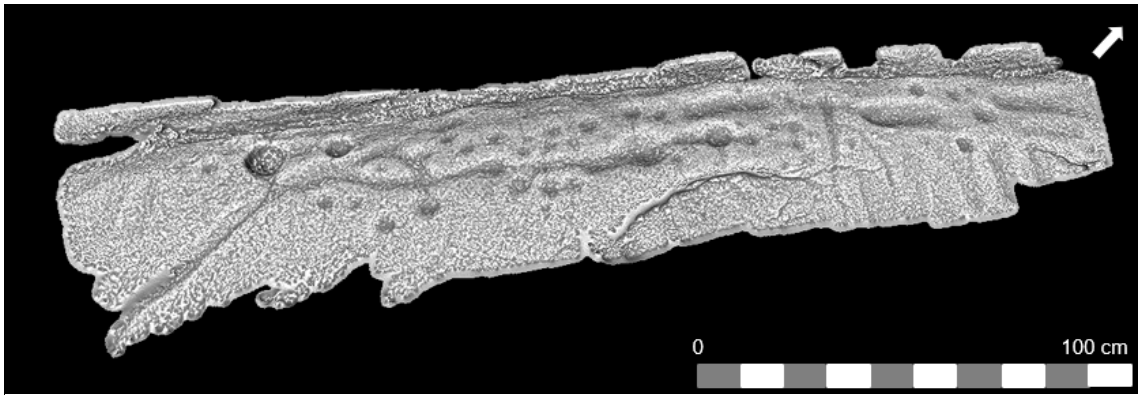


Figura 161: Fotogrametria do painel 4.



Figura 162: Experiência arqueológica levada a cabo.

Painel 5

Este painel corresponde a toda a superfície superior do afloramento que se caracteriza por uma parte aplanada e por pequenas pendentes para norte e sul. A sul, este painel limita com o 4 (Fig. 163).

No topo, existem três cavalos esquemáticos, sem cavaleiro, que se orientam de noroeste para nordeste. Encontram-se isolados dos restantes e um deles tem um conjunto de 5 covinhas a si associado. Foram gravados por percussão seguida de abrasão, formando sulcos em U.

Estão, ainda, gravados neste painel, 11 pares de podomorfos e 2 isolados, detetados a olho nu ou através da fotogrametria. Os podomorfos concentram-se a sudeste do painel, parte deles, em continuidade com os gravados no painel 3 e 1. Neste painel, os podomorfos parecem indiciar a subida ao afloramento, vindos de norte, nordeste, noroeste, sudeste, sudoeste e este. Parece existir, ainda, um quadrúpede esquemático, mas distinto dos anteriores. Apresenta o corpo delineado por um segmento de reta, três patas e uma cabeça esboçada através de uma covinha. Junto da eventual cabeça existe um conjunto de 5 pequenas covinhas, que parecem a pegada de um felino. Localiza-se a sudeste do painel, junto com vários pares de podomorfos (Fig. 164).

Na extremidade noroeste do topo, foi gravado um motivo abstrato, nomeadamente um círculo concêntrico de 2 voltas, com covinha central, que se associa a um sulco meandriforme. Os sulcos medem cerca de 2 cm de largura e 1 cm de profundidade e foram realizados por percussão seguida de abrasão. Este motivo está muito erodido (Fig. 165 e 166).



Figura 163: Painel 5 visto de cima.



Figura 164: Pormenor da extremidade sudeste do painel 5. Fotografias diurna e noturna.

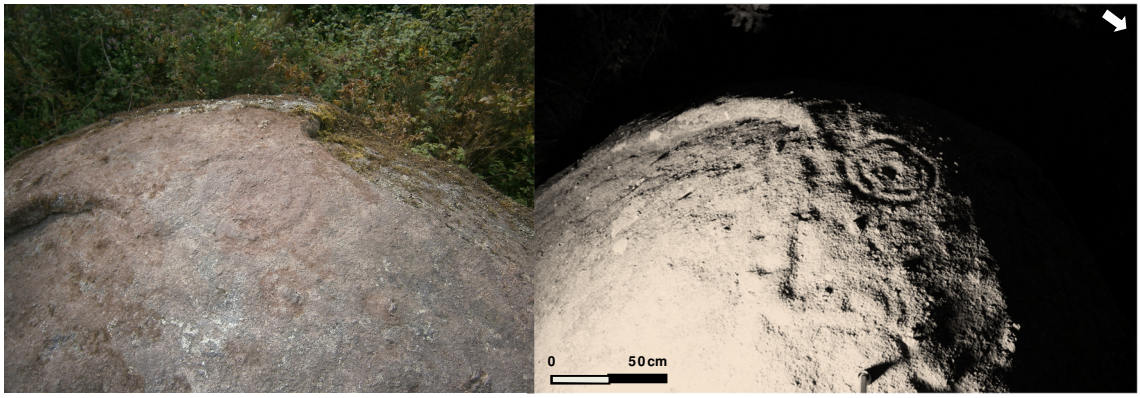


Figura 165: Pormenor da extremidade noroeste do painel 5. Fotografia diurna e noturna.

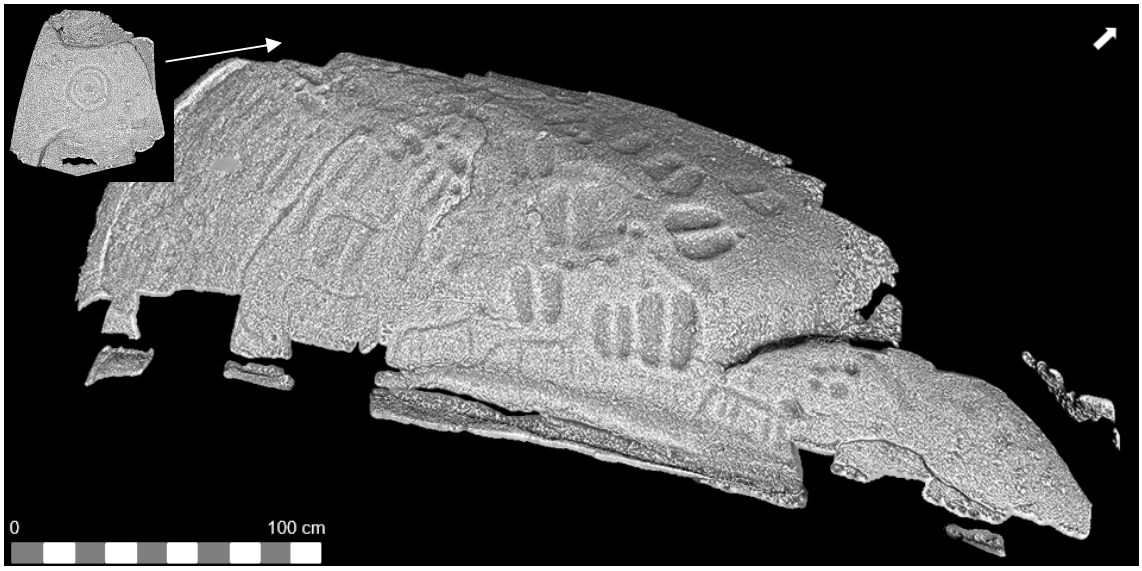


Figura 166: Fotogrametria do painel 5 do Penedo de S. Gonçalo, com o pormenor do círculo concêntrico.

3.2.6. Lenda atribuída ao local

Conta a lenda que S. Gonçalo, vindo de Vizela, ao chegar a Varziela e avistando o pequeno curso de água a que a população chama de Sousa (ribeiro de Longra), atira a sua bengala para este, tendo o utensilio ido parar a Amarante, de onde é hoje o santo padroeiro (Fonte: população local).

3.2.7. Discussão dos dados e interpretações

3.2.7.1. Gravuras e estilos

Quanto à iconografia presente no Penedo de S. Gonçalo, podemos dizer que esta se parece distribuir por 5 painéis, previamente estipulados, embora seja possível considerar que entre os painéis 1 e 3 existe continuidade.

De uma forma geral podemos considerar que existem aqui motivos de estilo atlântico, como é o caso do círculo concêntrico e do sulco meandriforme que se lhe parece associar, existente na parte mais elevada do afloramento, a noroeste. Talvez os motivos do painel 4, numa área aplanada do afloramento, com sulcos, várias covinhas e aproveitamento de uma pequena pia, se possa integrar no estilo atlântico.

Segundo M. Santos-Estévez (2007), os quadrúpedes esquemáticos inserem-se na mesma cronologia que os quadrúpedes do estilo atlântico. Sendo estes motivos muito raros no Esquemático Atlântico e mais frequentes na Arte Atlântica, este investigador levanta a possibilidade de poderem ser considerados uma variante regional da zona costeira do noroeste português e do sudoeste galego. A.M.S. Bettencourt (2017a) coloca-os na Arte Proto-histórica.

Associados aos podomorfos, com uma exceção (que se associa ao equídeo do painel 5), encontram-se os conjuntos de 5 covinhas que lembram patas de canídeos (cão, lobo, raposa, etc.).

Já o motivo subtrapezoidal do painel 2, pela sua raridade, não tem paralelos na arte do Noroeste. No entanto, motivos idênticos existem nas estelas do Sudoeste ibérico, onde foram identificados como liras (Díaz-Guardamino, 2010; Jiménez Pasalodos, 2012) (Figs.167-169). Assim, cremos que este motivo poderá ser, igualmente, uma lira do Bronze Final ou do Ferro Inicial, pelo que se podia inserir na arte Proto-histórica do Noroeste, definida recentemente por Bettencourt (2017a). O motivo circular que se lhe associa, pelo tipo de sulco, parece ser seu contemporâneo.

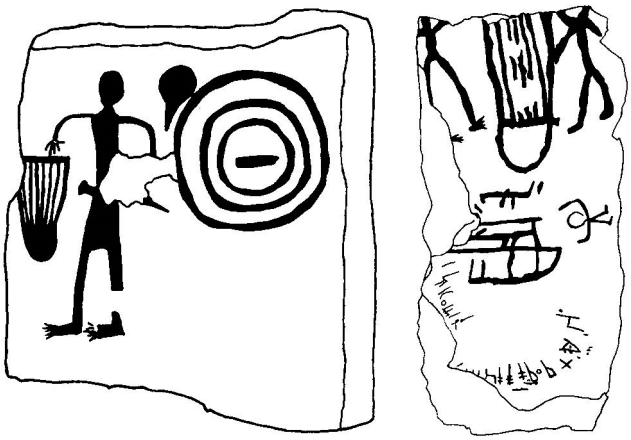


Figura 167: Estela de Quinterías-Herrera del Duque, à esquerda. Estela de Capote, à direita (Fonte: Díaz-Guardamino, 2010).



Figura 168: Motivo subtrapezoidal do painel 2 do Penedo de S. Gonçalo.



Figura 169:: Estela de Luna, Aragón (Fonte: Jiménez Pasalodos, 2012: 225).

Tipos de podomorfos

Os podomorfos, por serem o objeto deste trabalho, merecem destaque. Em todo o afloramento existem 59. Distribuem-se, essencialmente, pela extremidade sudeste e este do afloramento, desde a base até ao topo (painéis 1, 2, 3 e parte do 5), que, apesar de ser bastante declivosa, é, também, a área que mais facilmente permite atingir o topo. Ocorrem, alguns podomorfos dispersos no painel 2 (a sul), que é uma área de maior inclinação.

Os podomorfos organizam-se por 26 pares e 7 isolados. Nos painéis 1, 3, e parte su-sudeste do painel 5 (em áreas inclinadas), os podomorfos encontram-se orientados para noroeste, em todos os casos, ou seja, em direção ascendente, insinuando um percurso de subida e dando-nos a indicação de que é importante a subida deste afloramento ou do que ele significa metaforicamente. Ainda no painel 5, a oeste, norte e sudoeste, em área também inclinada, os podomorfos orientam-se em várias direções, dirigindo-se, igualmente, para o topo e acentuando assim a importância da subida. Propriamente no topo só existem 2 pares de podomorfos, orientados para noroeste.

São de várias dimensões (Tab. 6)., compreendidas entre os 15 e os 24 cm de comprimento e os 3 e os 9,5 cm de largura, o que indicia que representam pessoas de várias idades, entre crianças e adultos. No entanto são maioritariamente representações de pés de pequenas dimensões.

Tabela 6: Caraterísticas gerais dos podomorfos do Penedo de S. Gonçalo

nº	Comprimento	Largura	Prof.	Orientação	Pé	Tipologia
1	15,5 cm	4,7 cm	12 mm	SE-NO	-	Calçados
2	19 cm	5 cm	5 mm	SE-NO	Esquerdo	Calçados
3	16 cm	7 cm	6 mm	SE-NO	Direito	
4	22 cm	6 cm	5 mm	SE-NO	Esquerdo	Calçados
5	22 cm	6 cm	2 mm	SE-NO	Direito	
6	20 cm	7,5 cm	6 mm	SE-NO	Esquerdo	Descalços
7	19,5 cm	9 cm	4 mm	SE-NO	Direito	
8	16 cm	5,5 cm	6 mm	SE-NO	Esquerdo	Calçados
9	16,5 cm	5,5 cm	4 mm	SE-NO	Direito	
10	21,5 cm	9 cm	3 mm	SE-NO	Esquerdo	Descalços
11	22,4 cm	9 cm	5 mm	SE-NO	Direito	
12	19,5 cm	7 cm	9 mm	SE-NO	Esquerdo	Descalços
13	19,3 cm	7 cm	8 mm	SE-NO	Direito	
14	19,9 cm	6,6 cm	5 mm	SE-NO	Esquerdo	Descalços
15	20,3 cm	6 cm	6 mm	SE-NO	Direito	
16	17 cm	7,2 cm	10 mm	SE-NO	Esquerdo	Calçados
17	19,4 cm	6,5 cm	3 mm	SE-NO	Direito	
18	23 cm	8 cm	5 mm	SE-NO	Esquerdo	Descalços
19	22,5 cm	8,5 cm	11 mm	SE-NO	Direito	
20	21,4 cm	7,2 cm	7 mm	SE-NO	Esquerdo	Calçados
21	24 cm	Fraturado	4 mm	SE-NO	Direito	
22	Fraturado	7 cm	5 mm	SE-NO	Esquerdo	Calçados
23	15 cm	6 cm	18 mm	SE-NO	Direito	
24	19,2 cm	5,6 cm	5 mm	SE-NO	Esquerdo	Descalços
25	19,3 cm	6 cm	5 mm	SE-NO	Direito	
26	16,5 cm	6,5 cm	6 mm	SE-NO	Esquerdo	Calçados
27	17 cm	5,4 cm	4 mm	SE-NO	Direito	
28	19,4 cm	8 cm	5 mm	SE-NO	Esquerdo	Descalços
29	22 cm	8 cm	6 mm	SE-NO	Direito	

30	20,5 cm	6 cm	10 mm	SE-NO	Esquerdo	Descalços
31	21,2 cm	7 cm	11 mm	SE-NO	Direito	
32	13,6 cm	3 cm	10 mm	SE-NO	Esquerdo	Calçados
33	13,8 cm	3,3 cm	8 mm	SE-NO	Direito	
34	14,4 cm	3,3 cm	11 mm	E-O	Esquerdo	Descalços
35	14,6 cm	4,3 cm	14 mm	E-O	Direito	
36	19,5 cm	6 cm	8 mm	SE-NO	Esquerdo	Calçados
37	20,5 cm	5,9 cm	4 mm	SE-NO	Direito	
38	21 cm	7 cm	4 mm	NO-SE	Esquerdo	Descalços
39	21 cm	8 cm	6 mm	NO-SE	Direito	
40	20 cm	7,2 cm	5 mm	N-S	Esquerdo	Calçado/
41	Muito erodido			N-S	Direito	indeterminado
42	22 cm	8,5 cm	10 mm	N-S	Esquerdo	Descalços
43	21 cm	8,4 cm	2,4 mm	N-S	Direito	
44	18 cm	9,5 cm	2 mm	N-S	Esquerdo	Descalços
45	17,5 cm	8,5 cm	2 mm	N-S	Direito	
46	16 cm	5,5 cm	1 mm	SE-NO	Direito	Indeterminado
47	16,2 cm	5 cm	1 mm	SE-NO	-	Indeterminado
48	15 cm	5 cm	10 mm	SE-NO	-	Indeterminado
49	16 cm	5 cm	-	E-O	Esquerdo	Indeterminado
50	16 cm	5 cm	-	E-O	Direito	
51	19,5 cm	6 cm	-	SE-NO	-	Descalço
52	19 cm	6 cm	-	SE-NO	Esquerdo	Calçados
53	18.5 cm	5.5 cm	-	SE-NO	Direito	
54	19 cm	6 cm	-	SE-NO	Esquerdo	Descalços
55	18 cm	5 cm	-	SE-NO	Direito	
56	18.5 cm	5 cm	-	SE-NO	-	Indeterminado
57	16 cm	5 cm	-	SE-NO	-	Indeterminado
58	17 cm	5,5 cm	-	SE-NO	Esquerdo	Calçados
59	17.8 cm	6 cm	-	SE-NO	Direito	

3.2.7.2. Sobreposições

As sobreposições são raras. Esta parece ocorrer, apenas, num dos podomorfos identificado no painel 2, que parcialmente é sobreposto pela parte traseira de um cavalinho esquemático (Fig. 170).

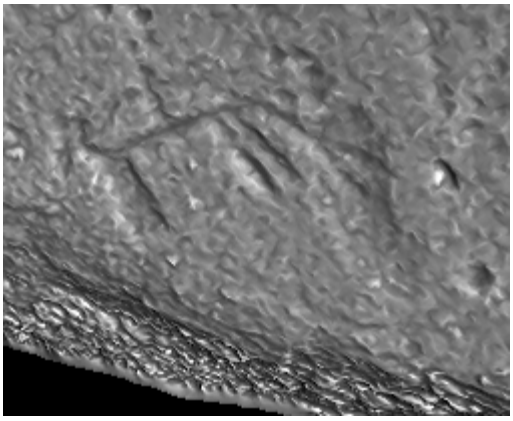


Figura 170: Fotogrametria do pormenor da sobreposição do podomorfo do painel 2.

3.2.7.3. Técnicas

Apesar de todos os motivos terem sido gravados por percussão, seguida de abrasão, as dimensões e profundidades dos sulcos são distintas, assim como a sua visibilidade.

O motivo da arte atlântica tem sulcos de 2 cm de largura por 1 cm de profundidade e é dos mais erodidos do conjunto.

Os quadrúpedes são os motivos de traço mais fino, com sulcos de 1 cm de largura por 0,1 a 0,3 cm de profundidade.

Por sua vez, os dois eventuais motivos musicais são os de traço mais largo (1 a 3 cm) e têm uma profundidade entre os 0,2 e os 0,3 cm.

Os podomorfos foram realizados todos em baixo relevo, com profundidades variadas, entre os 0,2 e 1 cm.

Os conjuntos de covinhas têm profundidades compreendidas entre os 0,4 e 1 cm.

3.2.8. Interpretações

Se quisermos traçar a biografia deste lugar, podemos admitir que os primeiros motivos gravados foram as composições circulares e as covinhas e sulcos pertencentes à denominada arte atlântica, que não eram visíveis para quem se encontrasse no exterior do afloramento, parecendo, assim, estar vinculadas com uma lógica de comunicação com o mundo celeste, dado a sua distribuição no topo do afloramento e em área aplanada. Admitimos que essa etapa se verificou

no Neolítico, mais concretamente no 4º milénio a.C., ao adotarmos a cronologia de L. Alves (2003) para a Arte Atlântica no Noroeste.

Não obstante esta ocupação antiga, parece ter sido só a partir da Idade do Bronze que este afloramento se tornou lugar de visitação cíclica, com a integração dos motivos atlânticos numa outra forma de "estar no mundo", materializada através de histórias onde estão presentes diversos cavalos e alguns cavaleiros (pastores?) que se movem, essencialmente, para nordeste (painel 2). No topo, cavalos, sem cavaleiros, distribuem-se, quase em parada, para nordeste. Esta nova gramática de signos obedece a outra lógica espacial. Os motivos dispõem-se no afloramento para serem vistos e "percebidos", durante o nascer do sol e o ocaso, pela audiência que estivesse colocada à frente do afloramento, pelos lados sul e sudoeste.

Já a distribuição dos podomorfos, maioritariamente existentes a sudeste do afloramento, altera a lógica de visibilidade anterior, por parte da audiência, e indicia, também, ações em que esta entra em contacto direto com o afloramento. Os podomorfos humanos que representam pés descalços de crianças, de jovens e de adultos indiciam, agora, a subida ao topo do afloramento ou do que ele simboliza (sítios altos e com boa visibilidade), acompanhados e/ ou perseguidos por canídeos.

Apesar das diferenças existentes entre as narrativas dos cavalos e as dos podomorfos, parece existir algo em comum entre elas. Em ambas se pretende alcançar o cume através de declives acentuados e custosos. No primeiro caso, os humanos são transportados e transportam cavalos para esse cume. No segundo, os humanos fazem essa "peregrinação" a pé, apesar de serem "perseguidos" ou "acompanhados" por um animal. Talvez, por esse motivo, possam não ser muito distantes no tempo, mas apenas materializar a mesma ideologia de forma distinta. Após nos termos tentado colocar sobre estes motivos, descalços, constatámos que o ato de subir o afloramento, através dos podomorfos dos painéis 1 e 3, é praticamente impossível ou muito custoso. No percurso final, na vertente sudeste do painel 5, imediatamente antes do topo, a dificuldade também existe. Apenas se está confortável no topo ou muito perto dele.

O facto de os podomorfos serem gravados em baixo relevo indicia grande investimento humano na perpetuação futura das ações e cerimónias que estão por detrás destes gestos.

Da última fase de gravação serão os dois grandes motivos, gravados de forma mais profunda do que os anteriores. A sua localização face a alguns cavalos faz pensar que terão sido gravados posteriormente, pois impedem a visualização da totalidade da cena equestre. O mesmo parece acontecer em relação aos podomorfos. O motivo de tendência triangular, parece

corresponder a uma lira de base arredondada, com paralelos em algumas "estelas" datadas dos finais do Bronze Final, inícios da Idade do Ferro, nomeadamente as de Valpalmas (Zaragoza) ou de Capote (Badajóz) (Jiménez Pasalodos, 2012). Nesta perspetiva, talvez o motivo circular possa representar um escudo, embora de morfologia distinta daquele que se associa à estela de Valpalmas, que é de "escotadura" em V e típico do Sudoeste ibérico. No entanto, não podemos descartar que seja, também, um instrumento musical, nomeadamente um menbranofone de percussão, como um tambor ou pandeireta, pelas suas dimensões em relação à lira de mão.

A gravação de uma lira, objeto de influência mediterrânica no Noroeste, associado à expansão do banquete e do festim religioso, segundo Jiménez Pasalodos (2016), representa mais um dado que evidencia a importância das influências mediterrânicas no Noroeste ibérico, nos finais da Idade do Bronze, inícios da Idade do Ferro, e demonstra a grande importância simbólica das cerimónias realizadas no lugar do Penedo de S. Gonçalo, durante este período, onde a música ou o seu significado, não estariam ausentes.

A arte rupestre no Penedo de S. Gonçalo aparece, na sua grande maioria, agrupada por tipologias de motivos. Juntando esta circunstância ao facto de praticamente não existirem sobreposições de gravuras colocamos a hipótese de que as populações, que durante milénios frequentaram este lugar, foram sucessivamente, e por norma, respeitando os motivos mais arcaicos, talvez os reconhecendo como simbolicamente importantes, embora reintegrando-os numa nova linguagem dos signos.

Ainda nos dias de hoje, o penedo usufrui de alguma importância para a população, em especial a imigrante, que ao voltar a Portugal e ao visitar a rocha, tem por hábito nela tocar, enquanto proferem orações de âmbito cristão.

O conjunto de dados recolhidos testemunha a grande importância simbólica e social que este afloramento teve na longa duração, apesar das diferentes significações a que foi sendo sujeito.

3.3. A Fraga das Passadas

3.3.1. Localização administrativa e contexto físico e ambiental

A Fraga das Passadas localiza-se no lugar de Souto/ Barrosa, na freguesia de Bustelo, concelho de Chaves, distrito de Vila Real. As suas coordenadas geográficas decimais, no sistema

WGS 84, são: latitude: 41.79919 N; longitude: -7.49523 W. Encontra-se a uma altitude aproximada de 644 m (Figs. 171 e 172).

Este afloramento situa-se na vertente sul do Alto da Sobreira, inserido no monte de Elhos, num anfiteatro natural onde nascem alguns cursos de água intermitentes, pelo que o local é bastante irrigado. A oeste, passa o rego do Gameiro que vai desaguar ao ribeiro da Torre, situado a poucos quilómetros para este da Fraga das Passadas, e que é afluente do Tâmega. Há, ainda a registar uma nascente, a alguns metros para sul.

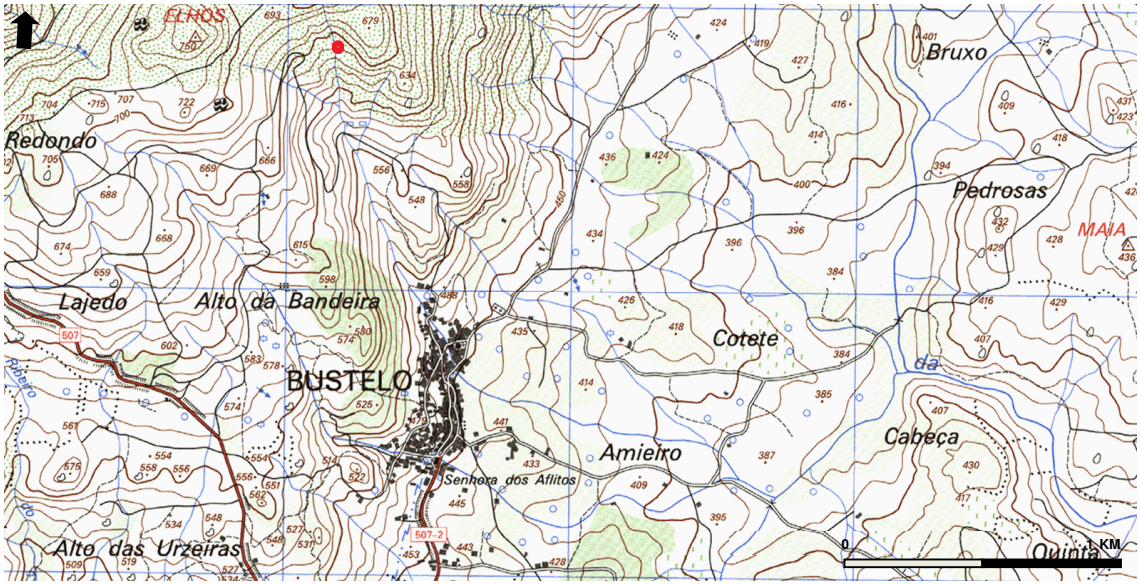


Figura 171: Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 34, à escala 1/ 25 000, com a localização da Fraga das Passadas.



Figura 172: Fraga das Passadas antes dos trabalhos de limpeza parcial. Aqui nota-se o anfiteatro que lhe fica a nordeste, norte e noroeste e parte do caminho atual, à direita.

Do local usufrui-se de um bom domínio visual sobre o meio, apenas para sul, este e sudeste, ou seja, para o castelo de Monforte, a serra do Brunheiro e o Alto de Santa Bárbara (padroeira dos mineiros) e o vale do Tâmega, respetivamente. Nas proximidades, para noroeste, ainda é visível o Penedo da Vela, afloramento sem gravuras, mas com lenda associada (Figs. 173 e 174).



Figura 173: Vista para este e sudeste.



Figura 174: Vista para sul e sudeste com o Alto de Santa Bárbara, em primeiro plano.

A vegetação envolvente é composta, essencialmente, por arbustivas e herbáceas, existindo nas imediações acácias, carvalhos, medronheiros e pinheiros.

A Fraga das Passadas encontra-se, em parte, soterrada pelo caminho que lhe dá acesso, pelo que, certamente, muitos motivos não estão visíveis de momento. O referido caminho, no passado, sobrepunha parte deste afloramento, tendo sido posteriormente desviado pela junta de freguesia de Bustelo (Fig. 175).



Figura 175: Fraga das Passadas antes dos trabalhos de limpeza. Do lado direito pode observar-se a parte do afloramento que foi caminho carreteiro.

3.3.2. Contexto arqueológico

Não se conhecem vestígios arqueológicos da Pré-história Recente e da Proto-história, em Bustelo. No Portal do Arqueólogo, o único sítio fortificado que existe em Bustelo, o Alto da Bandeira/ Santa Bárbara (CNS: 20075) está dado como sendo uma construção medieval (Teixeira, 1996), embora a população se refira ao local como sendo um castro.

3.3.3. Metodologias de estudo

As metodologias de trabalho consistiram, primeiramente, na recolha e análise bibliográfica, que possibilitou conhecer a existência deste afloramento, assim como de algumas das suas gravuras. Em seguida, tendo-nos já deslocado ao local, realizou-se a inventariação, a

análise do contexto físico e ambiental do local e a sua completa descrição em termos físicos, abarcando *itens* como o tipo de superfície rochosa, as suas dimensões, topografia, superfícies gravadas, existência de diferentes painéis e levantamento fotográfico e fotogramétrico dos mesmos. De modo a ser eficiente a visualização e posterior análise das gravuras, tal como o levantamento fotogramétrico, realizou-se uma limpeza superficial da rocha, com escovas, a seco, com maior incidência nos painéis 1, 2, 3, 4, 5 e 6, em virtude da autorização para os trabalhos ter chegado muito tarde. Os trabalhos de limpeza foram autorizados, apenas em 2017, tendo sido realizados em outubro desse ano[21] (Fig. 176).



Figura 176: Limpeza superficial, a seco, do painel 5 do afloramento.

Com o decorrer dos trabalhos fizeram-se fotografias gerais do afloramento, do seu contexto de implantação física, dos diferentes painéis e do pormenor de alguns motivos. As fotografias foram elaboradas, apenas, durante o dia.

Para o levantamento fotogramétrico tiraram-se fotografias de toda as superfícies gravadas visíveis, principalmente dos painéis 1, 3, 5 e 6.

Em gabinete, selecionaram-se as fotografias necessárias e aplicáveis à fotogrametria. Após inseri-las no programa *Agisoft PhotoScan*, seguiram-se os passos devidos para obter o modelo

[21] Estes trabalhos contaram com o apoio de Aléssia Barbosa e de Henrique Cachetas, alunos de Mestrado em Arqueologia da Universidade do Minho; de Jéssica Ferreira e dos dois orientadores deste trabalho. solicitada

fotogramétrico pretendido. Estando a fotogrametria terminada, os resultados do processo anterior foram tratados no programa *MeshLab,* de forma a dar maior visibilidade às diferentes gravuras. De notar que se optou por realizar a fotogrametria dividida por painéis, pois a dimensão da área gravada, assim como a quantidade de fotos necessárias para a sua fotogrametria total, não seriam executáveis com o *software* utilizado.

3.3.4. Descrição física do afloramento

Trata-se de uma laje granítica (granito de duas micas) de grandes dimensões, mas muito pouco sobrelevada em relação ao solo atual. Encontra-se orientada de noroeste para sudeste, tendo como dimensões 24,40 m de comprimento por 8 m de largura. Enquanto o extremo noroeste do afloramento, onde se atinge a máxima altitude, é tendencialmente aplanado, parte do restante afloramento é relativamente inclinado para sudeste, apesar desse declive ser interrompido, por vezes, por algumas áreas mais elevadas e aplanadas, nomeadamente a oeste e a sudoeste. Existem alguns encraves de quartzo e de mica, ao longo do afloramento, e algumas diaclases. Pelo lado este a Fraga das Passadas está muito desgastada, com vestígios do rodado de rodas de carro de bois, pelo facto de ter servido de base a um caminho carreteiro. Há, também, marcas da escorrência de águas, possivelmente em períodos invernais.

3.3.5. Descrição dos motivos gravados e identificação dos diferentes painéis

A distribuição espacial dos motivos em inter-relação com a topografia do afloramento possibilitou dividir este afloramento em 10 painéis distintos.

3.3.5.1. Os diferentes painéis

O painel 1 individualiza-se dos restantes, por se encontrar no topo do afloramento e ter uma superfície horizontalizada. O painel 2 encontra-se a sul e este deste último, a quota inferior e numa superfície inclinada para sudeste. Separa-se do painel 3, no seu limite oeste, pelo facto de este se encontrar numa pequena plataforma horizontalizada, mais elevada. O painel 4, fica a sudoeste e sul do painel 3, numa área de quota mais baixa do que os painéis 3 e 4, com declive pouco acentuado. O painel 5, a este do 2, corresponde a uma pequena área de maior pendente

do que o 2. Quanto ao painel 6, a sudeste do 5 e na extremidade este do afloramento, caracteriza-se por ter maior pendente do que o anterior e ter sido o "chão" do antigo caminho carreteiro que por ali passou. O painel 7 localiza-se entre os painéis 4, 5, 6, 8 e 9 e fica, sensivelmente, no centro do afloramento, sendo dividido dos restantes por diaclases ou diferenças altimétricas. O painel 8 situa-se a sul do 7 e a oeste e sudoeste do 9. Divide-se do 9 por uma diaclase, sendo mais aplanado do que os que o rodeiam. O painel 9, entre o 6 e 9, apresenta pendente para sudeste, embora menor do que o 6. O 10 situa-se na extremidade sudeste do afloramento e divide-se dos que lhe são contíguos (6, 8 e 9) por ser menos inclinado. As grandes proporções do afloramento, aliado à maioria dos painéis estarem impregnados de líquenes e musgos, ou, até mesmo, soterrados (Fig. 177), assim como o pouco tempo de trabalho que tivemos disponível para a limpeza deste lugar, impossibilitaram o estudo individualizado da totalidade dos seus painéis. Assim sendo, a rocha foi analisada como um todo, tendo sido estudados em particular apenas alguns painéis, nomeadamente os 1, 3, 5 e 6 (Fig. 178). De futuro seria interessante realizar uma investigação mais intensiva deste lugar, por forma a estudar, de forma mais detalhada, os restantes painéis.



Figura 177: Fraga das passadas. São visíveis os muitos musgos que cobrem os painéis mais a sul.

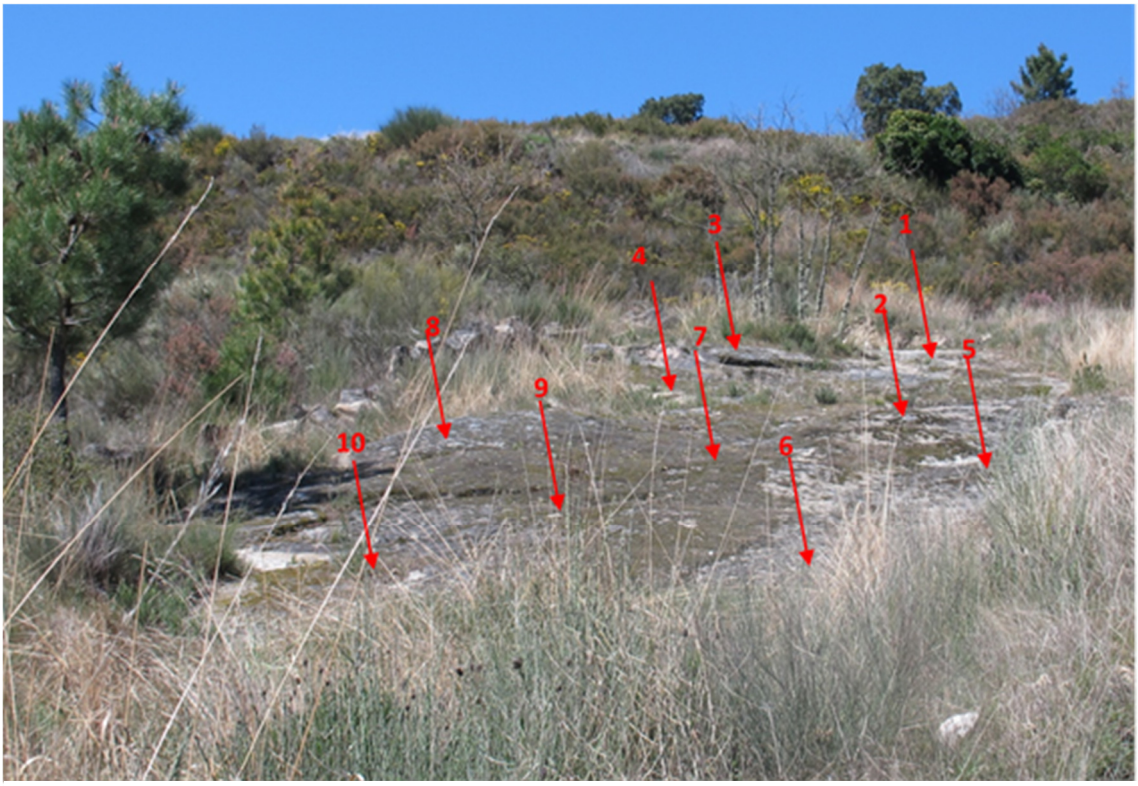


Figura 178: Distribuição dos painéis da Fraga das Passadas.

Painel 1

O painel 1 situa-se na extremidade noroeste do afloramento. Delimita-se do painel 2, a sudeste, por ter uma superfície mais plana. Nas restantes extremidades, está limitado pelos sedimentos que o encobrem em várias dezenas de cm. Nesta superfície foram gravados 45 podomorfos, dos quais 13 se encontram isolados e 16 aos pares. Do total de podomorfos, 12 encontram-se calçados (com tacão), enquanto 33 estão descalços. As dimensões destes vão desde os 13 aos 25,7 cm de comprimento máximo, existindo 7 de pequenas dimensões, ou seja, com menos de 23 cm. Um deles parece ter 4 longos dedos. Encontram-se, na sua grande maioria, orientados a noroeste (30 casos), mas também a sudeste (7 casos), oeste (5 casos), sudoeste (3 casos), este (1 caso) e norte (1 caso).

Neste painel existem, ainda, 12 motivos em U ou em círculos abertos, vulgarmente designados por ferraduras; pelo menos 2 pequenos círculos; 3 mãos, duas delas com braços (um em baixo relevo e outro delineado), sendo uma das mãos esquerda, e as outras duas, direitas; uma cruz latina com peanha sub-retangular, disposta ao alto; uma cruz grega; uma data, que parece ser de 1863, e uma série de pequenos sulcos dispostos ao lado uns dos outros. Estão, também, presentes algumas covinhas de várias dimensões. Alguns dos motivos, como por exemplo o cruzeiro e a data, só foram possíveis de identificar mediante análise fotogramétrica.

As gravuras foram todas realizadas em baixo relevo, á exceção da peanha e de dois motivos indeterminados (Figs. 179-182).



Figura 179: Aspeto geral do painel 1, após limpeza.



Figura 180: Outro aspeto geral do painel 1 após limpeza.



Figura 181: Pormenor de uma das mãos direitas, com braço delimitado por dois sulcos, na parte inferior do painel 1.

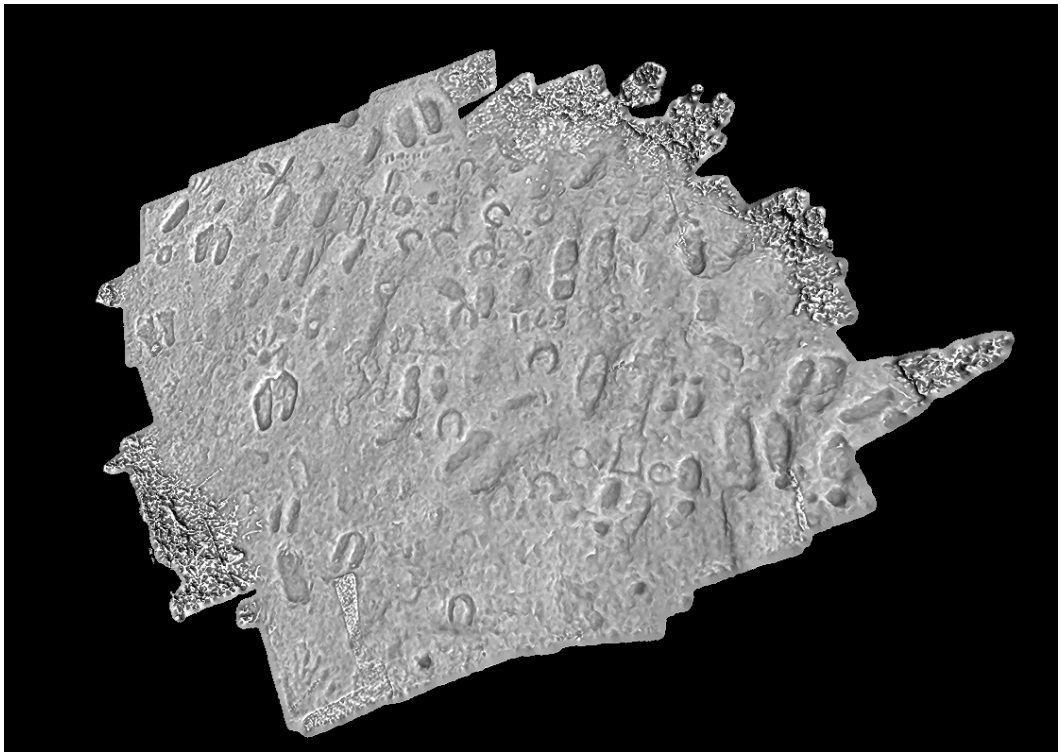


Figura 182: Levantamento fotogramétrico do painel 1.

Painel 3

O Painel 3 situa-se na zona noroeste do afloramento, estando limitado pelo painel 2, a sudeste, e pelo painel 4, a sul. Trata-se de uma "plataforma" ligeiramente mais elevada em relação

à restante superfície rochosa. Esta é de tendência plana. Contém um par de podomorfos descalços, orientados para noroeste. O pé esquerdo mede 17,5 cm de comprimento por 7,2 cm de largura, enquanto o pé direito mede 13 cm de comprimento por 5,2 cm de largura máxima. Existem, ainda, cerca de 13 motivos em "U" e uma covinha. As gravuras foram feitas em baixo relevo, utilizando a percussão e a abrasão (Fig. 183).

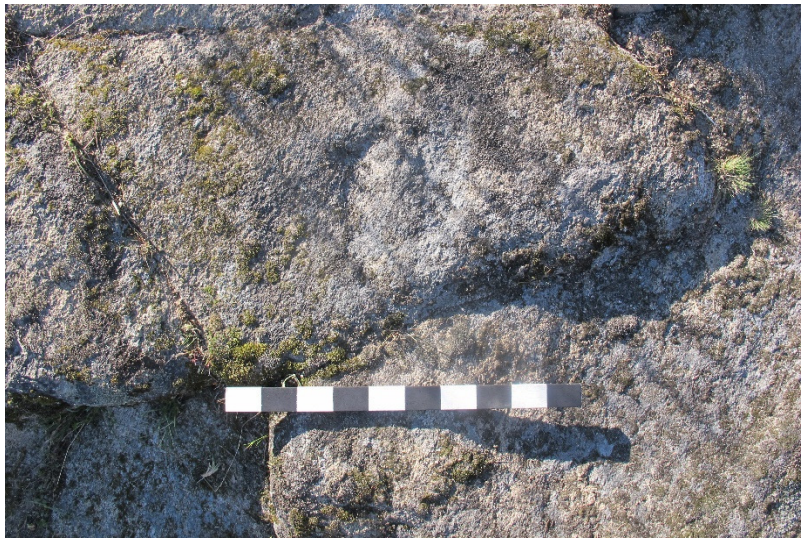


Figura 183: Pormenor do par de podomorfos do painel 3.

Painel 5

O painel 5, de contorno quadrangular, com cerca de 50 cm de largura por cerca de 80 m de comprimento, localiza-se na extremidade este-nordeste do afloramento e corresponde uma área com um pequeno declive relativamente acentuado.

Nele existe um par de podomorfos, em baixo relevo, calçados, de grandes dimensões, podendo ser a representação dos pés de algum ser mítico. As suas dimensões são de 43,1 cm de comprimento para o pé esquerdo, e de 43 cm de comprimento para o pé direito. Estes orientam-se para noroeste (Fig. 184).



Figura 184: Pormenor do par de podomorfos do painel 5.

Painel 6

Este painel, de contorno sensivelmente retangular, tem cerca de 3 m de comprimento por 80 cm a 1 m de largura. Situa-se na extremidade este do afloramento, numa área de pendente mais pronunciada, por onde passava o antigo caminho que dava acesso ao topo do monte.

Nesta superfície encontram-se gravados 5 podomorfos isolados de diferentes dimensões e técnicas. Apenas um se encontra calçado, sendo provido de tacão. Foi possível determinar que um podomorfo representa um pé esquerdo, de adulto, e outro do pé direito. Os restantes são muito difíceis de avaliar por serem esboçados e algo irregulares.

As dimensões dos podomorfos variam entre os 23 cm e os 59 cm de comprimento. Orientam-se para noroeste, tendo 4 deles sido realizadas em baixo relevo e 1 através de linha de contorno. Existem, ainda, algumas covinhas, dispersas pelo afloramento. Em associação com este painel está a lenda citada mais abaixo, sendo estas gravuras as marcas atribuídas pela população local aos referentes intervenientes (Fig. 185).



Figura 185: Aspeto feral do painel 6, após a sua limpeza.

3.3.6. Lenda atribuída ao local

Segundo a população local, as pegadas de maiores dimensões e que se localizam nos painéis 5 e 6, são atribuídas ao judeu errante que perseguia o menino Jesus. A este último, atribuem-se as pegadas de menores dimensões. Diz, ainda, a população local que os equídeos que acompanhavam estas duas figuras mitológicas, tinham as ferraduras viradas ao contrário, e que estas são as que estão impressas na Fraga das Passadas. Uma outra lenda, contada pela população local é a de que estas pegadas se relacionam com a fuga da Nossa Senhora para o Egito, na tentativa de escapar a Herodes.

3.3.7. Discussão dos dados e interpretações

Nos 4 painéis analisados (painéis 1, 3, 5 e 6), contabilizaram-se 54 podomorfos, dos 99 que se contabilizaram na Fraga das Passadas. Os restantes 45 distribuem-se pelos outros 7

painéis, tendo dimensões compreendidas entre os 13 e 40,5 cm de comprimento. Apesar de se orientarem em variadas direções, existe uma clara tendência para noroeste, o que coincide com o topo do monte. A grande maioria destes petróglifos representam pés descalços, no entanto, cerca de 19 encontram-se calçados.

Realce especial para o painel 3, visto ser o que maior concentração de ferraduras detém, e para o painel 9, onde existe um par de podomorfos rodeados por uma "moldura", com uma inscrição e uns sulcos atrás dos calcanhares. Da inscrição é possível visualizar, pelo menos, o que parece ser um J ou F (Fig. 186).

Nestes 7 painéis existem igualmente várias sulcos, covinhas e motivos em "U" ou em semi-círculo aberto.



Figura 186: Par de podomorfos do painel 9 inscritos numa moldura e inscrições.

3.3.7.1. Tipos de podomorfos

Tendo em conta que este trabalho é sobre podomorfos, damos especial realce a este motivo. Por todo o afloramento espalham-se 99 representações de pés humanos, no entanto, é no topo (painel 1), na zona mais plana, a noroeste do afloramento, que existe maior número.

Os podomorfos organizam-se em pares (em 29 casos) e de forma individual (em 41 casos). Do total de 99, 61 representam pés descalços e 38 pés calçados. Neste grupo há 37 com tacão.

As suas dimensões estão entre os 13 e os 59 cm de comprimento e os 4 e os 16,5 cm de largura. Apesar da esmagadora maioria exibir pés de adultos, temos aqui representados,

igualmente, pés de adolescentes e/ou de crianças e de seres imaginários, como é o caso dos 4 com mais de 40 cm (Tab. 7).

Os podomorfos distribuem-se pelas várias superfícies inclinadas da Fraga das Passadas, mas orientam-se, essencialmente, para noroeste, para a zona do afloramento que se encontra a uma cota mais elevada e, consequentemente, para o topo do monte. Existe ainda uma quantidade considerável de podomorfos que se orientam para sudeste e alguns que se encaminham para oeste, norte, nor-noroeste, este e sudoeste.

Tabela 7: Caraterísticas gerais dos podomorfos da Fraga das Passadas

nº	Comprimento	Largura	Prof.	Orientação	Pé	Tipologia
1	40,5 cm	15,2 cm	-	SE-NO	- [22]	Calçados com tacão
2	20,2 cm	10,8 cm	-	NO-SE	-	Descalços-sem decoração
3	26,8/ 28,7 cm	10,8/ 10 cm	-	SE-NO	Direito/ Esquerdo	Descalços
4	31,9 cm	11,5 cm	-	SE-NO	-	Calçados com tacão
5	27,6 cm	9 cm	-	SE-NO	Direito	Com tacão e picotado
6	24,8/ 23,3 cm	8/ 8 cm	-	E-O	Direito/ Esquerdo	Calçados com tacão
7	21,4 cm	8,4 cm	-	E-O	-	Calçados com tacão
8	21 cm	9,4 cm	-	SE-NO	-	Descalços
9	22,7/ 17,5 cm	8,6/ 6,5 cm	-	SE-NO	Direito/ Esquerdo	Descalços
10	23 cm	8,5 cm	-	SE-NO	-	Calçados com tacão
11	59 cm	16,5 cm	-	SE-NO	-	Calçados com tacão
12	25 cm	10 cm	-	SE-NO	-	Calçados com tacão
13	24,5 cm	10 cm	-	SE-NO	-	Descalços
14	24,3 cm	9,2 cm	-	SE-NO	-	Descalços
15	24,5 cm	11,4 cm	-	SE-NO	-	Descalços
16	27,4 cm	12 cm	-	SE-NO	-	Descalços
17	20,5 cm	8,8 cm	-	SE-NO	-	Descalços
18	23,5 cm	9,8 cm	-	SE-NO	-	Descalços

[22] Nos casos onde aparecem os dois pés trata-se de um par de podomorfos. Quando não é especificado de que pé se trata, é porque não foi possivel determina-lo.

19	15,6/ 27,3 cm	6/ 9,7 cm	-	SE-NO	Direito/ Esquerdo	Descalços
20	20,6 cm	5,7 cm	-	SE-NO	-	Descalços
21	17,8 cm	6,3 cm	-	SE-NO	-	Descalços
22	18,7/ 20,3 cm	6,1/ 7,2 cm	-	S-N	Direito/ Esquerdo	Descalços
23	15,7 cm	5,8 cm	-	SE-NO	-	Descalços
24	32,7 cm	8 cm	-	SE-NO	-	Descalços
25	16,4/ 17,8 cm	4,7/ 5,8 cm	-	SSE-NNO	Direito/ Esquerdo	Descalços
26	25 cm	10 cm	-	SE-NO	-	Descalços
27	32/ 32 cm	13,4/ 13,4 cm	-	SE-NO	Direito/ Esquerdo	Calçados com tacão
28	19,3 cm	7,4 cm	-	NO-SE	-	Descalços
29	22 cm	7 cm	-	NO-SE	-	Descalços
30	25,1 cm	11,2 cm	-	SE-NO	-	Descalços
31	43,1/ 43 cm	15,5/ 16 cm	-	SE-NO	Direito/ Esquerdo	Calçados com tacão
32	30,3/ 24 cm	7/ 7 cm	-	SE-NO	Direito/ Esquerdo	Calçados com tacão[23]
33	17,5/ 13 cm	7,2/ 5,2 cm	-	SE-NO	Direito/ Esquerdo	Descalços
34	17 cm	5,3 cm	-	SE-NO	-	Calçados com tacão
35	20,6 cm	9 cm	-	SE-NO	-	Calçados com tacão
36	14/ 14 cm	5/ 5 cm	-	E-O	Direito/ Esquerdo	Descalços
37	31 cm	13 cm	-	SE-NO	-	Descalços
38	16,5 cm	9,4 cm	-	SE-NO	-	Calçados com tacão
39	16/ 15,5 cm	6,5/ 6,3 cm	-	SE-NO	Direito/ Esquerdo	Descalços
40	21 cm	8,5 cm	-	SE-NO	-	Calçados com tacão
41	26/ 25,6 cm	8,6/ 8,5 cm	-	SE-NO	Direito/ Esquerdo	Calçados com tacão
42	24,5/ 25,5 cm	8,5/ 6,7 cm	-	SE-NO	Direito/ Esquerdo	Calçados com tacão
43	35,2/ 33 cm	12,2/ 12,4 cm	-	SE-NO	Direito/ Esquerdo	Calçados com tacão
44	18/ 22,6 cm	5/ 9 cm	-	SE-NO	Direito/ Esquerdo	Calçados com tacão
45	16,4 cm	5,7 cm	-	SE-NO	Direito	Descalços

[23] Apenas o pé direito, o esquerdo entra na tipologia de descalço.

46	16,8 cm	5 cm	-	S-N	Esquerdo	Descalços
47	20,3 cm	4,8 cm	-	SE-NO	-	Calçados com tacão
48	24,8/ 27 cm	8,2/ 8,3 cm	-	SE-NO	Direito/ Esquerdo	Calçados com tacão
49	18,7 cm	7,1 cm	-	SE-NO	-	Descalços[24]
50	18,3/ 17 cm	5,3/ 5,8 cm	-	SE-NO	Direito/ Esquerdo	Descalços
51	15/ 13,5 cm	5,5/ 5 cm	-	NO-SE	Direito/ Esquerdo	Calçados com tacão
52	20 cm	5,5 cm	-	SE-NO	-	Calçados com tacão
53	21,5/ 21,5 cm	7/ 7 cm	-	SE-NO	Direito/ Esquerdo	Descalços
54	12/ 11 cm	4,3/ 4 cm	-	SE-NO	Direito/ Esquerdo	Descalços
55	25 cm	7,7 cm	-	O-E	-	Descalços
56	25 cm	10 cm	-	SE-NO	-	Descalços
57	14,3/ 13 cm	5/ 4,5 cm	-	NO-SE	Direito/ Esquerdo	Descalços
58	15/ 17,3 cm	5,7/ 5,2 cm	-	NO-SE	Direito/ Esquerdo	Calçados com tacão
59	23,5/ 23,4 cm	10,3/ 8,5 cm	-	E-O	Direito/ Esquerdo	Descalços
60	25,7 cm	8,6 cm	-	SE-NO	-	Calçados com tacão
61	19,3/ 15 cm	6/ 5 cm	-	SE-NO	Direito/ Esquerdo	Calçados com tacão
62	15,7 cm	5,2 cm	-	NO-SE	-	Descalços
63	18/ 17,7 cm	5,5/ 5 cm	-	SE-NO	Direito/ Esquerdo	Descalços
64	18,8 cm	8,2 cm	-	SE-NO	-	Descalços
65	18,4 cm	6 cm	-	SE-NO	-	Descalços
66	20,5/ 21,5 cm	7/ 8,2 cm	-	E-O	Direito/ Esquerdo	Descalços
67	16,2 cm	5,3 cm	-	E-O	-	Descalços
68	21,1 cm	7 cm	-	NE-SO	-	Descalços
69	20,5/ 22 cm	5,1/ 5,2 cm	-	NE-SO	Direito/ Esquerdo	Descalços
70[25]	21,2/ 20 cm	7/ 6,6 cm	-	SE-NO	Direito/ Esquerdo	Descalços

[24] Este podomorfo contém uma "asa" lateral, do seu lado direito.

[25] Não foi possível medir e descrever os restantes podomorfos.

3.3.7.2. Técnicas

A técnica empregue na execução da maioria dos motivos foi, essencialmente, o baixo relevo que se manifestou, quase sempre, nos podomorfos e nas mãos. Os motivos esquemáticos e alguns podomorfos foram executados através da técnica de linha de contorno realizada por percussão seguida de abrasão. Destaca-se a profundidade das covinhas que é mais acentuada do que a das restantes gravuras.

3.3.8. Interpretações

Podomorfos *vs* outros motivos

Os motivos que constam nos 10 painéis da Fraga das Passadas são de diferentes tipos e estilo. Apesar da maioria dos motivos corresponder a podomorfos, há a registar, nos painéis 1, 3 e 8, pequenos círculos, círculos abertos ou motivos em forma de "U" que se inscrevem no que Bettencourt (2017a) considera de arte esquemática tardia, com cronologia entre os finais do 3º e os inícios do 1º milénio a.C. (Fig. 187). Quanto aos podomorfos gravados há várias tipologias a saber: descalços; calçados com tacão e calçados com tacão e picotado. Não se consegue discernir pela técnica, diferenças cronológicas. Terão sido gravados, essencialmente, na Idade do Bronze, pelo menos os descalços e os de calçados simples.



Figura 187: Pormenor do painel 8 onde se pode ver um par de podomorfos descalços e vários motivos de arte esquemática.

Posteriormente à gravação de podomorfos, foram gravados motivos durante a Idade Média ou Moderna. A estes períodos tardios, deverão pertencer, vária cruzes gregas, o cruzeiro com peanha. A inscrição e moldura associada que rodeia o par de podomorfos do painel 9, assim como, a data inscrita no painel 1, deverão ter sido realizadas, seguramente, em período histórico. De notar que a data poderá ser 1863 ou 1963 e que a inscrição associada ao par de podomorfos e sua referente moldura poderá corresponder a iniciais (Figs. 188 e 189).

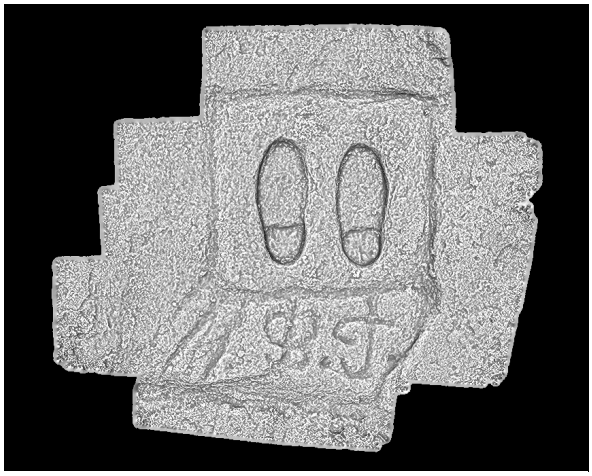


Figura 188: Podomorfos do painel 9 rodeados por uma "moldura", com uma inscrição associada.



Figura 189: Data gravada no painel 1.

Audiência

A Fraga da Passadas, pelas suas características físicas, possibilita um grande aglomerado de pessoas em redor das gravuras a assistir ou a participar em diferentes cerimónias. Porém, para se poder conseguir observar a totalidade das gravuras tem, obrigatoriamente, que se realizar um percurso em volta do afloramento ou transitar sobre ele.

A grande importância da Fraga das Passadas para as populações do passado é evidente, olhando ao grande número de motivos e podomorfos gravados e, ao facto de, maioritariamente, terem sido efetuados em baixo relevo, o que demonstra que os seus artífices empregaram bastante tempo na sua realização.

A existência de podomorfos de pequenas dimensões, sugere que várias faixas etárias teriam acesso à Fraga das Passadas. Talvez sejam, maioritariamente, materializações da prática de rituais de passagem de crianças para o estado adulto e da celebração de seres míticos.

PARTE V. DISCUSSÃO DOS DADOS E INTERPRETAÇÕES

1. Introdução

Esta parte encontra-se dividida nesta introdução e em dois grandes capítulos, cada um com vários subcapítulos. O capítulo 2 designado *Podomorfos: caracterização geral da amostra*, trata os dados de forma exaustiva, nomeadamente no que diz respeito aos contextos e características físicas dos afloramentos gravados e aos aspetos morfológicos e técnicos dos motivos gravados. Pretende-se, desta forma verificar tendências nas variáveis escolhidas, que sejam passíveis de interpretações várias sobre o significado destes lugares gravados. O capítulo 3, intitulado *Discussão dos dados e interpretações*, é aquele onde se fazem as interpretações, com base nos dados tratados no capítulo 2, em paralelos e em conceitos teóricos.

2. Podomorfos: caraterização geral da amostra

2.1. Casos de estudo

Foram inventariados e descritos, da forma mais exaustiva e completa que foi possível, 34 afloramentos com podomorfos, no noroeste de Portugal. Estes estão repartidos por 30 sítios, existindo, portanto, 4 deles que têm mais do que 1 afloramento com podomorfos (Fig. 190). Trata-se do conjunto de São Romão, em Guimarães; da Serra dos Campelos, em Lousada; do Castelhão, em Caminha e do Outeiro do Tripe, em Chaves, tendo, cada um deles, dois afloramentos com este motivo. Estamos, assim, muito longe dos 4 inventariados para esta região, por Ribeiro *et al.,* 2010b).

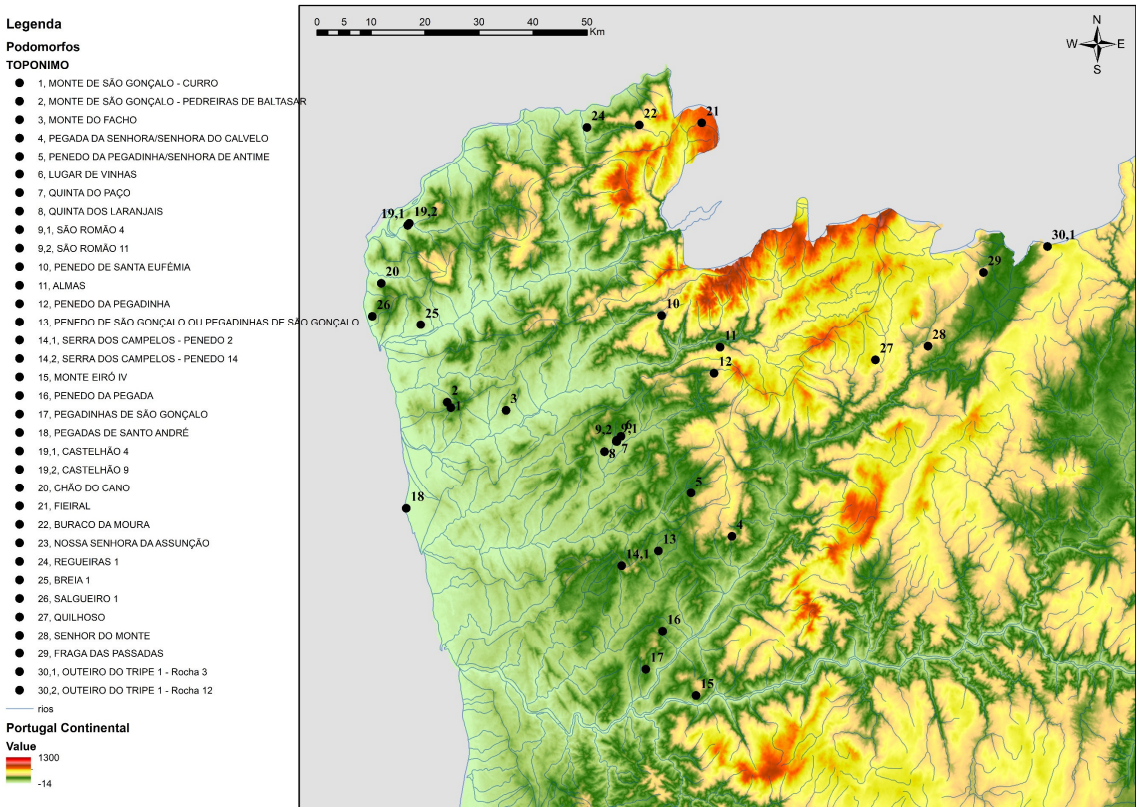


Figura 190: Distribuição geral dos 34 afloramentos com podomorfos, sobre carta hipsométrica.

No conjunto destes 30 sítios e 34 afloramentos foram contabilizados um total de 219 podomorfos. Nesta contabilização não entraram motivos que suscitaram dúvidas quanto á sua tipologia, mesmo que, por vezes, tenham sido classificados como tal. Referimo-nos, por exemplo a Lomar, em Penafiel (Portal do Arqueólogo, CNS: 996), às Pegadinhas de S. Tiago, em Monção (Vasconcelos, 1902-1903) ou ao Monte de Roques/ Pegada do Santinho, em Viana do Castelo (Sarmento, 1999=1881; Cunha, 1945; Nunes, 1979; Silva, 1986; Almeida, 1990 e Viana, 2002), onde os signos, gravados em baixo relevo, eram de contorno retangular, ovalar ou meras infraestruturas de um edifício, respetivamente. Também não foram contabilizados os afloramentos dados como tendo podomorfos, mas sobre os quais não obtivemos informação exata, acerca do número ou das caraterísticas formais de eventuais podomorfos, elementos necessários para que se possa considerar uma gravura como sendo podomórfica. Assim, é possível que o número apresentado seja inferior ao que na realidade existe.

2.2. Distribuição geográfica

No que diz respeito à distribuição geográfica dos afloramentos com podomorfos, a sua maior proliferação ocorre no interior do noroeste português, com 30 rochas identificadas, em contraposição com o litoral, onde apenas 4 foram detetadas com estes motivos (Fig. 190). Os concelhos com maior número de afloramentos com podomorfos são os de Guimarães (com 5), Barcelos (com 3), Caminha (com 3) e Chaves (com 3), sendo os com menor número Celorico de Bastos (com 1), Fafe (com 1), Terras do Bouro (com 1), Felgueiras (com 1), Penafiel (com 1) e Póvoa de Varzim (com 1). Já no que toca ao número de podomorfos por afloramento, os concelhos onde tal facto se verifica em maior número são o de Chaves (com 103), o de Felgueiras (com 59) e o de Terras do Bouro (com 12). Os com menor número encontram-se os de Celorico de Bastos (com 2), o de Fafe (com 2), o de Vieira do Minho (com 2), o de Lousada (com 2), o de Marco de Canaveses (com 2), o de Penafiel (com 2), o de Viana do Castelo (com 2) e o de Boticas (com 2).

Em termos das bacias fluviais, estes motivos ocorrem com maior intensidade na bacia do Douro, com 12 casos, estando 6 deles localizados na sub-bacia do Tâmega. Na bacia do Ave conhecem-se 7 casos, principalmente no seu curso superior e médio, e nas bacias do Minho e do Cávado outros 5 em cada uma. Na bacia do Lima, conhecem-se 2 casos e na do Âncora, um caso. Dois afloramentos encontram-se na plataforma litoral, não se enquadrando em nenhuma bacia hidrográfica de forma muito específica. Trata-se das Pegadas de Santo André, na Póvoa de Varzim e do Salgueiro 1, em Carreço, Viana do Castelo.

2.3. Contexto físico

A grande maioria destas rochas, ou seja, 19 (55.9%) situam-se a uma **altitude** que varia entre os 200 m e os 700 m em relação ao nível médio das águas do mar, enquanto 9 (26.5%) estão abaixo dos 200 m e apenas 4 (8.8%) se implantam acima dos 700 m de altitude. Em dois casos (5.9%) não foi possível determinar a altitude a que se encontram os afloramentos. A altitude mínima é de 24 m e corresponde a A ver-o-mar, Póvoa de Varzim. A máxima é de 1178 m e corresponde ao Fieiral, Melgaço.

De modo geral, **em termos topográficos**, estes afloramentos localizam-se fundamentalmente em vertentes de outeiros ou montes, em 26 casos (76.5%) (Fig. 191). Os sítios nestas circunstâncias são: Monte de S. Gonçalo - Curro, Monte de S. Gonçalo - Pedreiras de

Baltasar e Monte do Facho, Barcelos; Pegada da Senhora/ Senhora do Calvelo, Celorico de Bastos; Penedo da Pegadinha/ Senhora de Antime, Fafe; Quinta do Paço, Quinta dos Laranjais e São Romão 11, Guimarães; Almas 1 e Penedo da Pegadinha, Vieira do Minho; Serra dos Campelos 2, Lousada; Monte Eiró IV e Penedo da Pegada, Marco de Canaveses; Pegadinhas de São Gonçalo, Penafiel; Castelhão 4 e 9 e Chão do Cano, Caminha; Buraco da Moura, Melgaço; Nossa Senhora da Assunção e Regueiras 1, Monção; Breia 1 e Salgueiro 1, Viana do Castelo; Quilhoso, Boticas; Fraga das Passadas e Outeiro do Tripe 1 - Rocha 3 e 12, Chaves. A meia vertente conhecem-se 17 casos (50%), maioritariamente nos seus declives noroeste (8 casos) e sudeste (6 casos); na base das vertentes conhecem-se 7 casos (20.6%) e na parte alta da vertente, 2 casos (5.9%).

No entanto, há também 3 casos (8.8%) no fundo dos vales, tais como o Lugar de Vinhas, Guimarães; o Penedo de Santa Eufémia, Terras do Bouro e o Penedo de S. Gonçalo, Felgueiras (Fig. 192); 1 caso (2.9%) na plataforma litoral (Pegadas de Santo André, Póvoa de Varzim) (Fig. 193) e 3 casos (8.8%) no cume de montes[26]. Referimo-nos a São Romão 4, Guimarães; ao Fieiral 2, Melgaço e ao Senhor do Monte, Boticas (Fig. 194). Por fim, existe, ainda, um afloramento (2.9%) sobre o qual não se conseguiu obter dados acerca da sua implantação na paisagem (Serra dos Campelos 14, Lousada) (Tab. 8).

Tabela 8: Localização topográfica de afloramentos com podomorfos

Localização	**N.º de afloramentos**
Cume	3
Vertente	26
Fundo de vale	3
Plataforma litoral	1
Indeterminados	1
TOTAL	**34**

[26] Um destes locais, Fieiral - Melgaço, encontra-se num vastíssimo planalto - o planalto do Gerês.



Figura 191: Vista sobre a Fraga das Passadas (Chaves), sendo percetível a sua implantação no início do alto do monte.



Figura 192: Penedo de S. Gonçalo (Felgueiras), implantado no fundo do vale.

Além da distribuição topográfica, foi possível avaliar que a maioria dos afloramentos gravados com podomorfos é de fácil **acessibilidade**, a partir dos vales, quer porque se localizam em áreas naturais de passagem ou de circulação, quer porque se encontram nos vales ou na plataforma litoral. Encontram-se nesta situação 24 afloramentos (70.6%) (Figs. 193-194). Em 10 situações (29.4%) não foi possível determinar as condições de acessibilidade.



Figura 193: Vista para o oceano, obtida a partir do Penedo de Santo André (Póvoa de Varzim). Este encontra-se implantado na plataforma litoral.



Figura 194: Vista para o vale do Ave, obtida a partir de S. Romão 4 (Guimarães) localizado no topo do respetivo monte.

Quanto á envolvente dos afloramentos gravados, 12 casos (35.3%) situam-se em áreas onde abundam afloramentos rochosos de várias dimensões. Noutras 13 situações (38.2%) localizam-se em locais onde estes escasseiam. Existem, ainda, 2 afloramentos (5.9%) em zonas com alguma pedregosidade e 7 (20.6%) que não foram passiveis de analisar.

Em **termos** Quanto aos **recursos mineiros** existentes nas regiões onde se implantam os afloramentos com podomorfos e tendo em conta o Sistema de Informação de Ocorrências e Recursos Minerais Portugueses e a Base de Dados do Museu de Jazigos Minerais Portugueses, disponibilizadas no GeoPortal, do Laboratório Nacional de Energia e Geologia (geoportal.lneg.pt), foi possível verificar que 12 afloramentos (35.3%) com podomorfos ficam nas imediações de recursos de estanho, ou seja, num raio de cerca de 5 km. Nesta circunstância encontram-se os casos do Monte do Facho, em Barcelos; a Pegada da Senhora/ Senhora do Calvelo, em Celorico de Bastos; o Penedo de Santa Eufémia, em Terras do Bouro; o Penedo de S. Gonçalo, em Felgueiras; o Castelhão 4 e 9 e Chão do Cano, em Caminha; o Fieiral 2, em Melgaço; a Breia 1 e Salgueiro 1, em Viana do Castelo; Quilhoso e Senhor do Monte, em Boticas.

Até 5 km de distância de recursos de tungsténio (volfrâmio) que normalmente se associa sempre ao estanho, situam-se 19 afloramentos rochosos (55.9%). São estes: o Monte de S. Gonçalo - Curro, o Monte de S. Gonçalo - Pedreiras de Baltasar e o Monte do Facho, todos em Barcelos; a Pegada da Senhora/ Senhora do Calvelo, em Celorico de Bastos; as Almas 1 e o Penedo da Pegadinha, em Vieira do Minho; o Castelhão 4 e 9 e Chão do Cano, em Caminha; o Fieiral 2, em Melgaço; Nossa Senhora da Assunção e Regueiras 1, em Monção; a Breia 1 e o Salgueiro 1, em Viana do Castelo; o Quilhoso e o Senhor do Monte, em Boticas; a Fraga das Passadas, e o Outeiro do Tripe - rocha 3 e 12, em Chaves.

Perto dos recursos de ouro encontram-se 3 casos (8.8%) a saber: Chão do Cano, em Caminha; Buraco da Moura, em Melgaço e Breia 1, em Viana do Castelo.

Próximos de recursos de ferro situam-se 2 locais (5.9%), sendo estes o Buraco da Moura, em Melgaço e a Breia 1, em Viana do Castelo.

Alguns destes locais, nomeadamente 11 (32.4%), localizam-se, ainda, nas imediações de recursos diversificados (estanho, ouros, ferro, etc.), como por exemplo o Monte do Facho, em Barcelos; a Pegada da Senhora/ Senhora do Calvelo, em Celorico de Bastos; o Castelhão 4 e 9, em Caminha; o Fieiral 2, em Melgaço, a Breia 1, em Viana do Castelo, entre outros (Tab. 9 e Figs. 195 e 196).

Tabela 9: Recursos mineiros metálicos *vs* afloramentos com podomorfos

Recursos Mineiros metálicos	**N.º de afloramentos**
Estanho (Sn)	2
Tungsténio [Volfrâmio] (W)	9
Estanho (Sn)/ Tungsténio (W)	8
Estanho (Sn)/ Tungsténio (W)/ Ouro (Au)	1
Estanho (Sn)/ Tungsténio (W)/ Ouro (Au)/ Ferro (Fe)	1
Ouro (Au)/ Ferro (Fe)	1
Indeterminados	12
TOTAL	**34**

Ou seja, 12 (35.3%) dos afloramentos com podomorfos estão próximos de recursos de estanho. Apesar dos mapas das figuras 195 e 196 não terem grande pormenor nota-se, mesmo assim, esta proximidade nos concelhos de Barcelos, Caminha, Viana do Castelo, Boticas e Chaves.

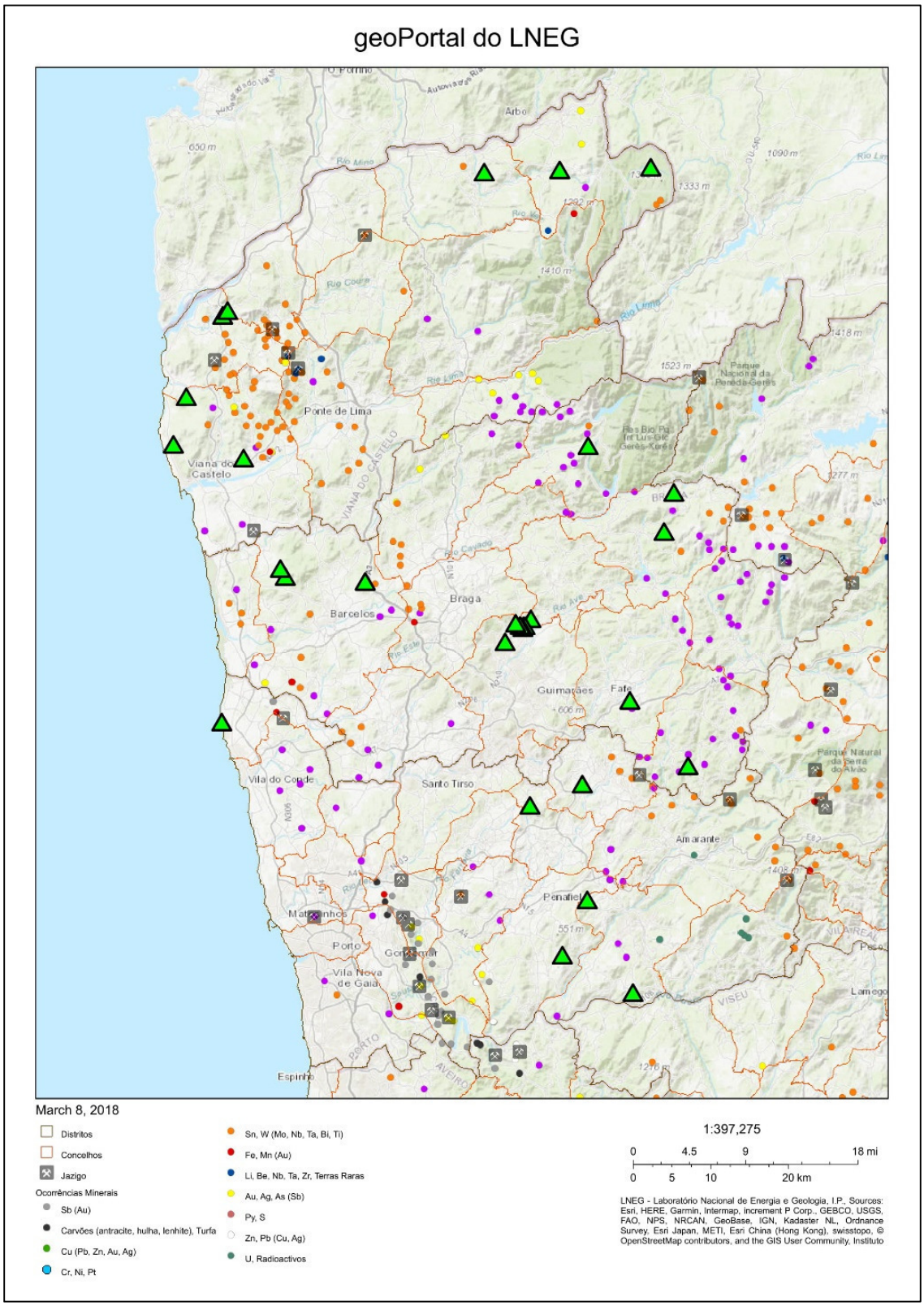


Figura 195: Recursos minerais dos distritos de Viana do Castelo, Braga e Porto, com os afloramentos com podomorfos assinalados com triângulos verdes e as ocorrências de estanho/ volfrâmio com círculos laranja (mapa realizado com auxílio da ferramenta de criação de mapas disponibilizada pelo LNEG/ geoPortal).

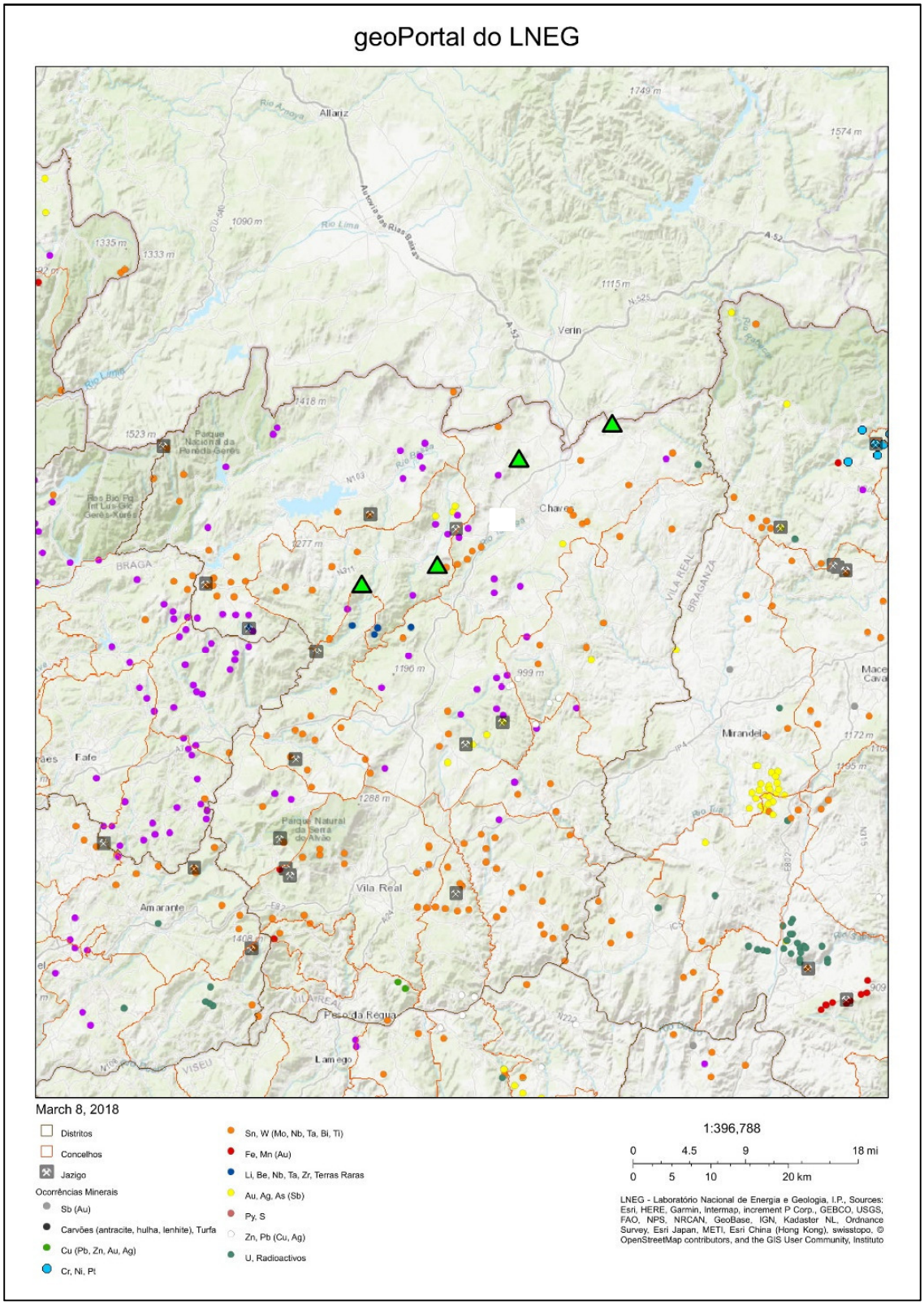


Figura 196: Recursos minerais do distrito de Vila Real, com os afloramentos com podomorfos assinalados com triângulos verdes e as ocorrências de estanho/ volfrâmio com círculos laranja (mapa realizado com auxílio da ferramenta de criação de mapas disponibilizada pelo LNEG/ geoPortal).

2.4. Caraterísticas físicas dos afloramentos gravados

No que diz respeito à **constituição geológica dos afloramentos**, 33 (97.1%) são graníticos e 1 apenas (2.9%) é em xisto, o da Serra dos Campelos 14, em Lousada.

Quanto **à sua forma mais ou menos destacada**, a maioria dos afloramentos com podomorfos são pouco destacados em relação ao solo atual, o que corresponde a 14 situações (41.2%), sendo, portanto, pouco impressivos no meio em que se inserem (Fig. 197). Referimo-nos aos casos do Monte de S. Gonçalo - Curro e do Monte de S. Gonçalo - Pedreiras de Baltasar, em Barcelos; ao Lugar de Vinhas, Quinta do Paço, Quinta dos Laranjais e São Romão 4, em Guimarães; Penedo da Pegadinha, em Vieira do Minho; Pegadinhas de São Gonçalo, em Penafiel; Castelhão 4, em Caminha; Fieiral 2, em Melgaço; Nossa Senhora da Assunção e Regueiras 1, em Monção; Breia 1, em Viana do Castelo; Fraga das Passadas, em Chaves. Sobrelevados em relação ao solo encontram-se 12 rochas (35.3%) (Fig. 198). São elas: a Pegada da Senhora/ Senhora do Calvelo, em Celorico de Bastos; o Penedo da Pegadinha/ Senhora de Antime, em Fafe; o Penedo de S. Gonçalo, em Felgueiras; a Serra dos Campelos 2, em Lousada; Penedo da Pegada, em Marco de Canaveses; Pegadas de Santo André, na Póvoa de Varzim; Castelhão 9 e Chão do Cano, em Caminha; Salgueiro 1, em Viana do Castelo; Quilhoso e Senhor do Monte, em Boticas; Outeiro do Tripe 1 - Rocha 3, em Chaves. Alguns destes afloramentos são mais impressivos do que outros, existindo 5 (14.7%) de grande impacto visual (Fig. 199). Referimo-nos à Pegada da Senhora do Calvelo, ao Penedo da Pegadinha/ Senhora de Antime, ao Penedo de S. Gonçalo, ao Penedo da Pegada e ao Senhor do Monte. Há, ainda, 2 situações (5.9%) em que são sobrelevados em relação ao solo atual, mas pouco marcantes na envolvente (Fig. 200). Nesta situação enquadram-se São Romão 11, em Guimarães e o Penedo de Santa Eufémia, em Terras do Bouro. Em 6 casos não foi possível apurar este tipo de informação (Tab. 10).

Tabela 10: Tipos de afloramentos gravados consoante a sua forma mais ou menos destacada

Tipos de afloramentos	N.º afloramentos
Rasantes e pouco impressivos	14
Sobrelevados e impressivos	12
Sobrelevados e pouco impressivos	2
Indeterminados	6
TOTAL	**34**



Figura 197: Fraga das Passadas, Chaves. Laje rasa ao solo e pouco demarcada na paisagem.



Figura 198: Penedo de S. Gonçalo, Felgueiras. Afloramento sobrelevado em relação ao solo e impressivo na envolvente.



Figura 199: Senhor do Monte, Boticas. Aglomerado rochoso de grande impressividade.



Figura 200: S. Romão 11, Guimarães (Citânia de Briteiros). Afloramento que apesar de se sobrelevar em relação ao solo, não se demarca muito na envolvente.

Se avaliarmos a **tipologia dos podomorfos pelas distintas formas mais ou menos destacadas**, verifica-se que entre os 118 podomorfos descalços, 70 (59.3%) situam-se em afloramentos pouco impressivos e rasantes ao solo atual, enquanto 32 (27.1%) se localizam em afloramentos sobrelevados e impressivos; 13 (11%) estão presentes em afloramentos sobrelevados, mas pouco impressivos, e 3 (2.5%) são indeterminados (Fig. 201).

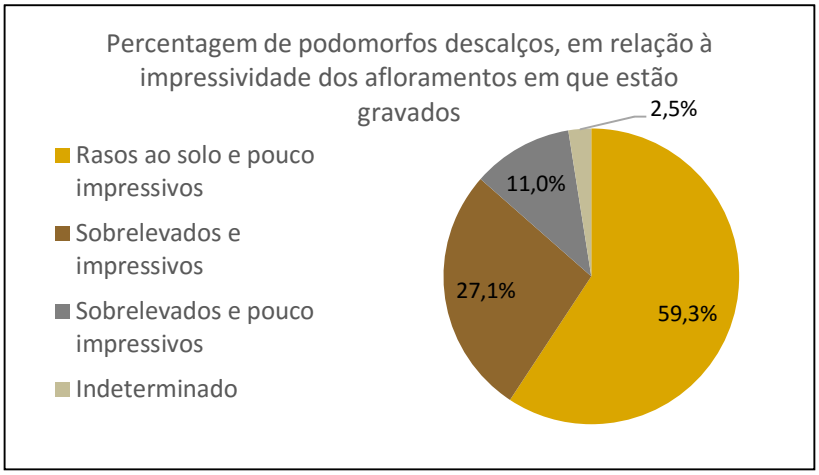


Figura 201: Percentagem de podomorfos descalços, em relação à impressividade dos afloramentos em que estão gravados.

No que diz respeito aos 39 podomorfos calçados simples, 7 (17.9%) localizam-se em afloramentos rasos ao solo; 29 (74.4%) em rochas sobrelevadas e impressivas e 3 (7.7%) em afloramentos de impressividade indeterminada (Fig. 202).

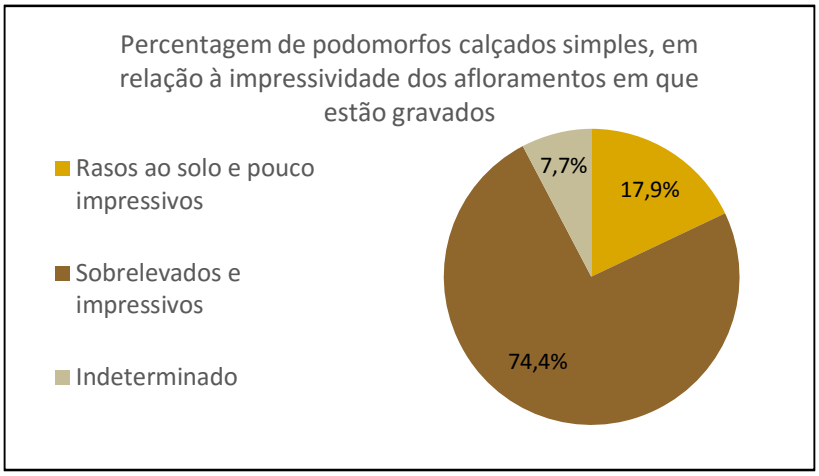


Figura 202: Percentagem de podomorfos calçados simples, em relação à impressividade dos afloramentos em que estão gravados.

Quanto aos 40 podomorfos calçados com tacão, 39 (97.5%) destes figuram em afloramentos pouco impressivos e rasos ao solo e 1 (2.5%) num afloramento sobrelevado em relação ao solo atual e marcante na paisagem (Fig. 203).

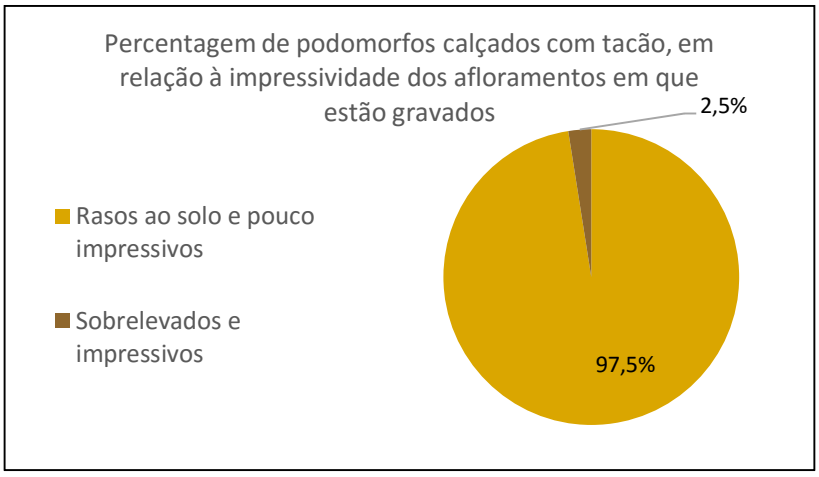


Figura 203: Percentagem de podomorfos calçados com tacão, em relação à impressividade dos afloramentos em que se encontram gravados.

Existe, ainda, o podomorfo calçado com tacão e picotado e o podomorfo com traços irregulares. Estes situam-se numa superfície rasa ao solo e pouco impressiva e, numa outra, indeterminada, respetivamente.

Por fim, há a apontar 20 podomorfos de tipologia indefinida, dos quais 1 está gravado numa superfície pouco impressiva, rasa ao solo; 18 localizam-se em afloramentos impressivos e sobrelevados e 1 situa-se numa rocha de impressividade indefinida (Tab. 11).

Tabela 11: Tipos de podomorfos em afloramentos gravados, consoante a sua impressividade na paisagem

Tipologias de podomorfos	**N.º de podomorfos em afloramentos rasos e pouco impressivos**	**N.º de podomorfos em afloramentos sobrelevados e impressivos**	**N.º de podomorfos em afloramentos sobrelevados e pouco impressivos**	**N.º de podomorfos em afloramentos indeterminados**
Descalços	70	32	13	3
Calçados simples	7	29	0	3
Calçados com tacão	39	1	0	0
Calçados com tacão e picotado	1	0	0	0
Calçados com traços irregulares	0	0	0	1
Indeterminados	1	18	0	1
TOTAL	**118**	**80**	**13**	**8**

Em síntese podemos dizer que os podomorfos descalços se encontram, preferencialmente, em afloramentos pouco impressivos, tal como os calçados com tacão, embora os podomorfos calçados simples se localizem, essencialmente, em afloramentos impressivos.

Em termos das **dimensões** estes também são diversificados. Existem 15 afloramentos de grandes dimensões, 7 de tamanho mediano e 6 de pequenas dimensões. Relativamente aos restantes 6 casos, não se tem conhecimento.

Optou-se por considerar afloramentos de grandes dimensões, os sobrelevados em relação ao solo atual, com mais de 40 m³, e os rasos ao solo, com mais de 30 m². Como afloramentos de médias dimensões, foram considerados os sobrelevados, entre 10 e 40 m³ e os rasos ao solo, entre 10 e 30 m². Como afloramentos de pequenas dimensões, foram considerados os sobrelevados em relação ao solo com menos de 10 m³ e os rasos com menos de 10 m² (Fig. 204). Algumas rochas que não conseguimos localizar, mas que, apesar de não sabermos especificamente as suas dimensões, sabemos, pela análise da referente bibliografia, tratarem-se de afloramentos de grandes, medias ou pequenas dimensões, foram considerados de acordo com o que os respetivos investigadores descrevem.

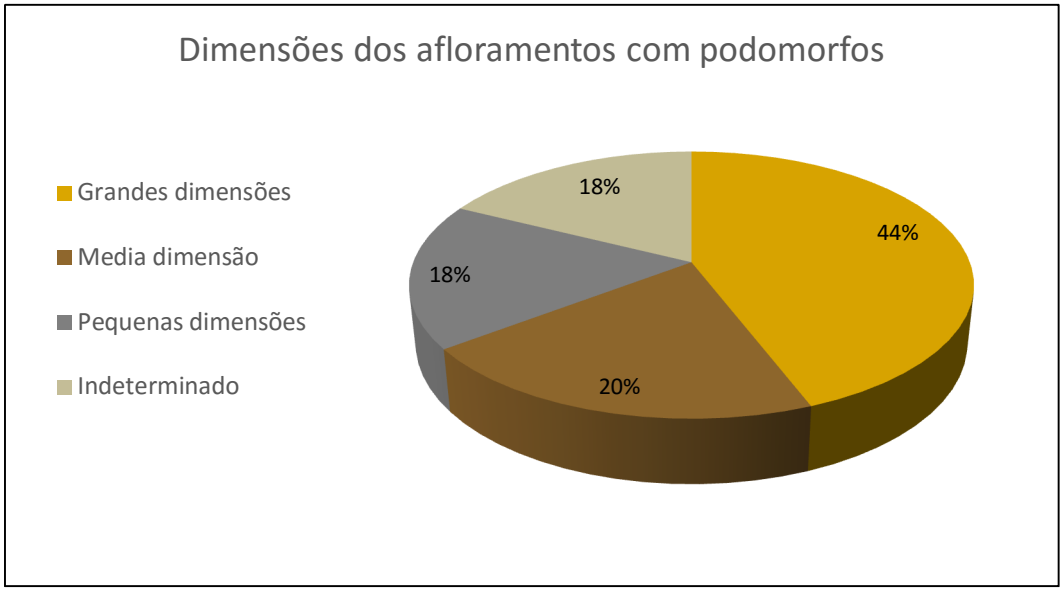


Figura 204: Dimensões dos afloramentos com podomorfos, em percentagem.

Ao **relacionar-se as dimensões dos afloramentos gravados com as diferentes tipologias de podomorfos**, confirma-se que, em afloramentos de grandes dimensões, existem 93 podomorfos descalços (42.5%); 31 calçados simples (14.2%); 38 calçados com tacão (17.4%); 1 calçado com tacão e picotado (0.5%) e 18 indeterminados (8.2%). Em rochas de média

dimensão, existem 18 podomorfos descalços (8.2%) e 3 calçados (1.4%). Por sua vez, em afloramentos de pequena dimensão, foram identificados 4 podomorfos descalços (1.8%), 2 calçados (0.9%), 2 calçados com tacão (0.9%) e 1 indeterminado (0.5%). Quanto aos restantes 8 podomorfos (3.7%) (3 descalços, 3 calçados, 1 calçado com traços irregulares e 1 indefinido), não foi possível identificar as dimensões dos referentes afloramentos rochosos (Tab. 12).

Tabela 12: Tipos de podomorfos distribuídos pelos diferentes grupos dimensionais dos afloramentos gravados

Tipologias de podomorfos	N.º de podomorfos em afloramentos de grandes dimensões	N.º de podomorfos em afloramentos de media dimensão	N.º de podomorfos em afloramentos de pequena dimensão	N.º de podomorfos em afloramentos de dimensão indeterminada
Descalços	93	18	4	3
Calçados simples	31	3	2	3
Calçados com tacão	38	0	2	0
Calçados com tacão e picotado	1	0	0	0
Calçados com traços irregulares	0	0	0	1
Indeterminados	18	0	1	1
TOTAL	**181**	**21**	**9**	**8**

Ou seja, os podomorfos descalços e calçados, foram gravados, maioritariamente, em afloramentos de grandes dimensões. De notar, no entanto, que os descalços e os calçados simples são os que apresentam maior diversidade e que os caçados com tacão são os que menos variam.

Em termos da **superfície dos afloramentos**, os podomorfos gravaram-se em superfícies maioritariamente aplanadas, contabilizando-se nesta categoria, 20 casos (58.8%). São estes: Monte de S. Gonçalo - Curro, Monte de S. Gonçalo - Pedreiras de Baltasar e Monte do Facho, em Barcelos; Lugar de Vinhas, Quinta do Paço, Quinta dos Laranjais, São Romão 4 e 11, em Guimarães; Penedo da Pegadinha, em Vieira do Minho; Serra dos Campelos 2 e 14, em Lousada; Pegadinhas de São Gonçalo, em Penafiel; Chão do Cano, em Caminha; Fieiral, em Melgaço; Nossa Senhora da Assunção e Regueiras 1, em Monção; Breia 1 e Salgueiro 1, em Viana do Castelo; Quilhoso, em Boticas e Outeiro do Tripe 1 - Rocha 3, em Chaves. Podomorfos em superfícies inclinadas, encontram-se, apenas, em 5 casos (14.7%), sendo 3 deles ligeiramente inclinados

(Pegada da Senhora/ Senhora do Calvelo, em Celorico de Bastos; Penedo de Santa Eufémia, em Terras do Bouro e Fraga das Passadas, em Chaves) e 2 deles com inclinação acentuada (Penedo ou Pegadinhas de S. Gonçalo, em Felgueiras e Penedo da Pegada, em Marco de Canaveses). Em 3 destes últimos, o topo aplanado, também contém podomorfos, tal como as pendentes. Referimo-nos ao Penedo de Santa Eufémia, em Terras do Bouro; ao Penedo de S. Gonçalo, em Felgueiras e à Fraga das Passadas, em Chaves. Os restantes 9 casos (26.5%) são indeterminados (Tab. 13 e Figs. 205-208).

Tabela 13: Superfícies gravadas

Forma das superfícies	**N.º de afloramentos**
Aplanadas	20
Inclinadas	5
Indeterminadas	9
TOTAL	**34**



Figura 205: Painel 1 da rocha 3 do Outeiro do Tripe 1, Chaves, sendo visível a horizontalidade da superfície gravada. Os podomorfos encontram-se assinalados.



Figura 206: Penedo de S. Gonçalo, Felgueiras. A superfície gravada é aplanada no topo e bastante inclinada nas restantes áreas.

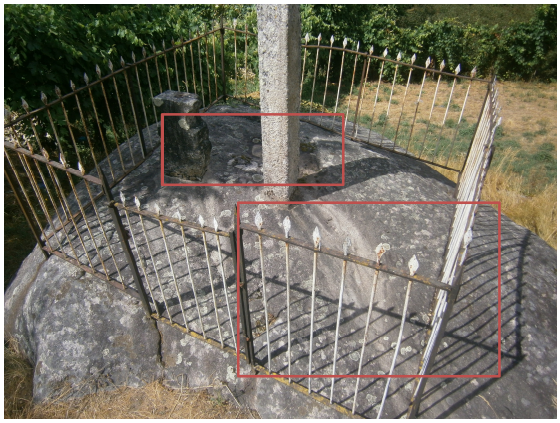


Figura 207: Penedo de Santa Eufémia, Terras do Bouro. A superfície gravada com podomorfos é, essencialmente, ligeiramente inclinada, porém, no topo, tem uma tendência mais horizontal. As zonas gravadas com podomorfos encontram-se assinaladas.



Figura 208: Penedo da Pegada, Marco de Canaveses. O podomorfo encontra-se assinalado, confirmando-se a sua gravação numa superfície muito inclinada.

2.5. Características de visibilidade a partir dos afloramentos gravados

Este exercício foi efetuado com base em observações pessoais, na análise cartográfica e nas fontes bibliográfica. Parte-se, também, do princípio de que o coberto vegetal seria mais aberto do que atualmente, em redor dos afloramentos gravados, o que poderia não ocorrer.

Assim, feitas estas ressalvas, a visibilidade seria ampla, em 27 casos (79.4%), fechada, em 2 (5.9%), e indeterminada em 5 (14.7%) (Figs. 209-211). Em 14 situações (41.2%) existiria visibilidade para um vale e seus relevos circundantes, assim como, em outras 2 (5.9%), para o oceano e plataforma litoral. Todos os afloramentos tinham visibilidade para relevos circundantes, pelo menos, na linha do horizonte. Há que destacar o Senhor do Monte, em Boticas, que pela localização dos podomorfos no topo de um afloramento muito sobrelevado e localizado no topo de um monte (Figs. 212 e 213) teria uma ampla visibilidade de 360 graus, mesmo que nas proximidades do local tivesse existido um coberto vegetal arbóreo.

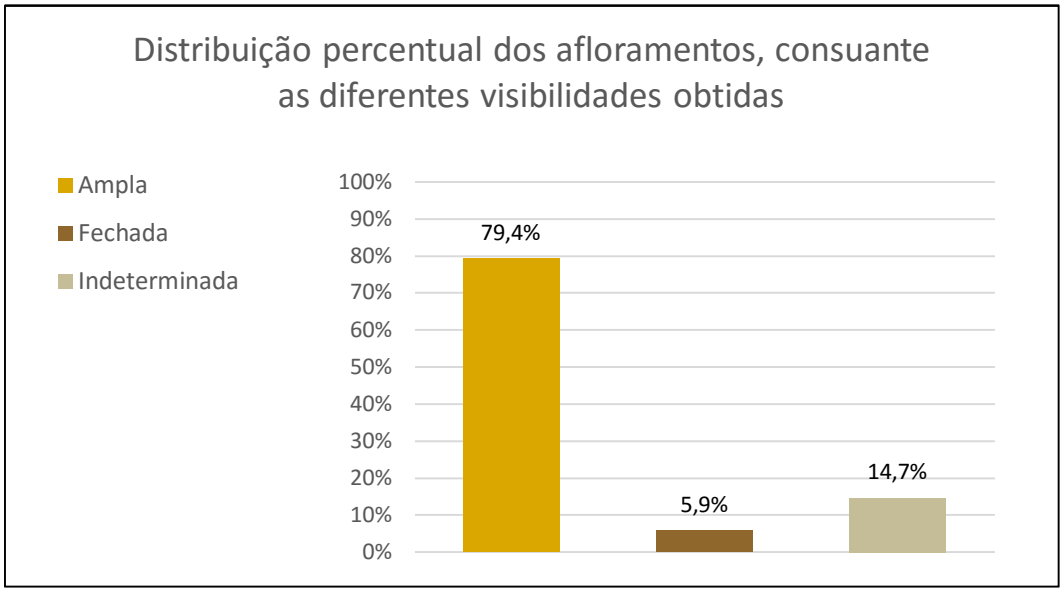


Figura 209: Visibilidade a partir dos afloramentos com podomorfos.



Figura 210: Vista para sudeste, obtida a partir da Rocha 3 do Outeiro do Tripe 1, Chaves. Note-se, a ampla visibilidade existente.



Figura 211: Vista para nordeste, nitidamente circunscrita, conseguida a partir do Penedo da Pegadinha, Vieira do Minho. A visibilidade abre-se, no entanto, um pouco para su-sudeste.



Figura 212: Senhor do Monte, em Boticas (várias perspetivas).

.



Figura 213: Vista obtida do cimo do Senhor do Monte, para poente, onde é notório o domínio visual do entorno circundante, a vários quilómetros (Fonte: https:/ / www.geocaching.com/ geocache/ GC127DV_santuario-do-senhor-do-monte).

2.6. Aspetos formais e técnicos

2.6.1. Tipologia

Relativamente à classificação tipológica dos podomorfos, apesar de existirem quadros tipológicos para os podomorfos dos rios Ceira e Alva, no Centro de Portugal, realizado por Ribeiro *et al.* (2010b), ou para Alagoa, Tondela, no Centro-Norte, estabelecidos por Gomes e Monteiro (1974-1977), optámos por efetuar uma tipologia própria que se adequasse aos casos de estudo, dadas as especificidades do Noroeste português.

Assim, dividimos os podomorfos em dois grandes grupos: o dos podomorfos descalços (Grupo 1) e o dos podomorfos calçados (Grupo 2).

Consideramos como podomorfos descalços todos aqueles que apresentam a extremidade inferior arredondada e mais estreita e a superior oblíqua e mais alargada, por corresponder a forma anatómica da maioria dos pés. Dentro deste grupo cabem, ainda, os podomorfos onde se nota, nitidamente, a marca dos dedos, o que é raro dado a natureza granítica da maioria das rochas gravadas no Noroeste de Portugal.

Como podomorfos calçados foram considerados todos aqueles que apresentam a extremidade superior arredondada ou ovalar, de largura superior ou quase igual à extremidade inferior. Tivemos em conta nesta definição, os dados arqueológicos ou representações de solas

pré-históricas que se conhecem na Ibéria e que têm, sempre, este formato genérico. Tal é o caso das solas neolíticas, de fibras vegetais, da gruta de Murciélagos de Albuñol, em Granada (Carrasco Ruz e Pachón Romero, 2009); do par de sandálias de calcário de um dos hipogeus de Alapraia, em Cascais (Gomes, 2010), e das representadas na estela alentejana do Ervidel I, em Aljustrel (Gomes e Monteiro, 1976-1977).

No Grupo 1 (descalços) contabilizaram-se 118 podomorfos (53.9%) e no Grupo 2 (calçados) 81 podomorfos (37%). Não foi possível caraterizar tipologicamente 20 petróglifos, por não terem sido descobertos ou visualizados, encontrando-se, por vezes, debaixo de musgos e líquenes (Tab. 1).

Tabela 14: Podomorfos por grupos

Tipologia Geral	**N.º de podomorfos**
Grupo 1 - descalços	118
Grupo 2 - calçados	81
Indeterminados	20
TOTAL	**219**

No grupo 2, dos podomorfos calçados, foi possível individualizar quatro grandes subcategorias formais: os de sola simples; os de sola simples com alguns traços irregulares (correias?); os de sola com o tacão individualizado e os de sola com picotado total (Tab. 15).

Tabela 15: Subgrupos de podomorfos calçados

Grupo 2 - calçados	**N.º de podomorfos**
Com sola simples	39
Com tacão	40
Com tacão e picotado	1
Com sola simples e traços irregulares	1
TOTAL	**81**

A maioria, ou seja, 41 casos (50.6%), correspondem a podomorfos com tacão, tendo um deles o contorno picotado, e 40 correspondem a podomorfos com solas simples (49.4%), sendo que um tem traços irregulares (Tab.16).

Tabela 16: Tipologias dos podomorfos

GRUPO 1 - DESCALÇOS

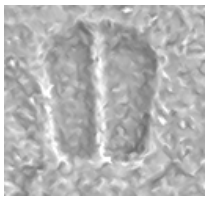

1


2


3


4


5


6

GRUPO 2 - CALÇADOS

Com sola simples	**Com solas simples e traços irregulares**
 7  8	

Com tacão	**Com tacão e picotado**
 10  11	12 

Legenda: Grupo 1 **(Descalços)**: 1- Fraga das Passadas, Chaves; 2- Penedo de S. Gonçalo, Felgueiras; 3- São Romão 11, Guimarães; 4- Outeiro do Tripe 1 – Rocha 3; 5- Monte do Facho, Barcelos; 6- Penedo de S. Gonçalo, Felgueiras. Grupo 2 **(Calçados)**: 7- São Romão 4, Guimarães; 8- Serra dos Campelos 2, Lousada; 9- Outeiro do Tripe 1 – Rocha 12, Chaves; 10 a 12- Fraga das Passadas, Chaves.

2.6.2. Dimensões

No que diz respeito às dimensões, estas são muito variadas. O podomorfo de menores dimensões tem 11 cm de comprimento por 4 cm de largura, já o maior tem 59 cm de comprimento por 16,5 cm de largura máxima. Ambos se situam na Fraga das Passadas, Bustelo, Chaves, porém, o menor representa um pé descalço, enquanto o maior um pé calçado, com tacão.

Com o objetivo de serem, posteriormente, interpretados por grupos etários, criámos 3 grupos e 2 subgrupos, onde inserimos todos os podomorfos estudados, tendo por base os estudos de Davenport (1932), Meredith (1944) e Anderson, *et. al.* (1956).

O primeiro grupo compreende os podomorfos com menos de 23 cm de comprimento que são maioritários, em número de 153 (69.9%). Entre estes, um número muito significativo, ou seja, 44 (20.1%), tem menos de 17 cm de comprimento. No segundo grupo, entre os 23 e os 32 cm de comprimento, inserem-se 51 podomorfos (23.3%). No terceiro, acima dos 32 cm, registaram-se 8 podomorfos (3.7%), dos quais 4 (1.8%) têm mais de 40 cm de comprimento. Quanto aos restantes 7, não fomos capazes de saber as suas dimensões (Tab. 17 e Fig. 214).

Tabela 17: Dimensões dos podomorfos por intervalos

Intervalos	**N.º de podomorfos**
1 a 22 cm	153
23 a 32 cm	51
> 32 cm	8
Indeterminados	7
TOTAL	**219**

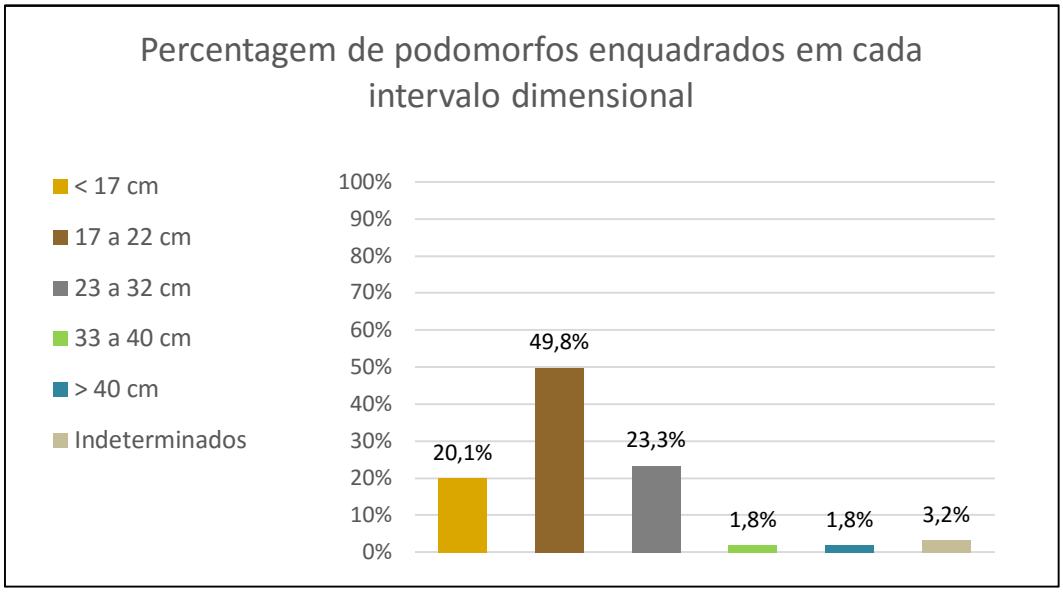


Figura 214: Dimensões dos podomorfos, em termos percentuais.

Relacionando estes grupos e subgrupos de tamanhos de podomorfos, com as diferentes tipologias dos mesmos, podemos constatar que, dentro dos 118 podomorfos **descalços**, existem 95 (80.5%) com menos de 23 cm de comprimento, dos quais 24 (20.3%) têm menos de 17 cm de comprimento; de 23 cm a menos de 33 cm de comprimento contabilizam-se 21 podomorfos descalços (17.8%); por fim, com mais de 32 cm de comprimento, assinalam-se 2 pés descalços (1.7%) (Fig. 215).

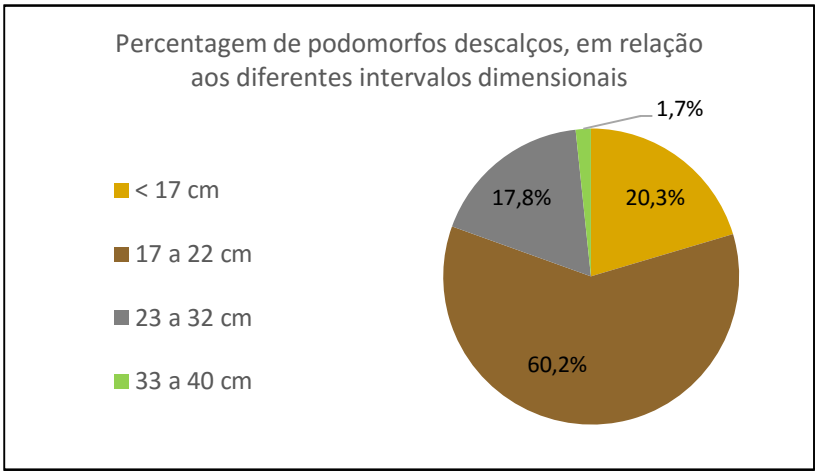


Figura 215: Percentagem de podomorfos descalços, em relação aos diferentes intervalos dimensionais.

No que diz respeito aos 39 podomorfos **calçados simples**, 28 (71.8%) entram no primeiro grupo dimensional (1 a 22 cm de comprimento máximo), dos quais 8 (20.5%) têm menos

de 17 cm de comprimento; entre os 23 e os 32 cm de comprimento máximo, temos 9 podomorfos calçados simples (23.1%); os restantes 2 (5.1%) não foram passiveis de analisar, relativamente às suas dimensões (Fig. 216).

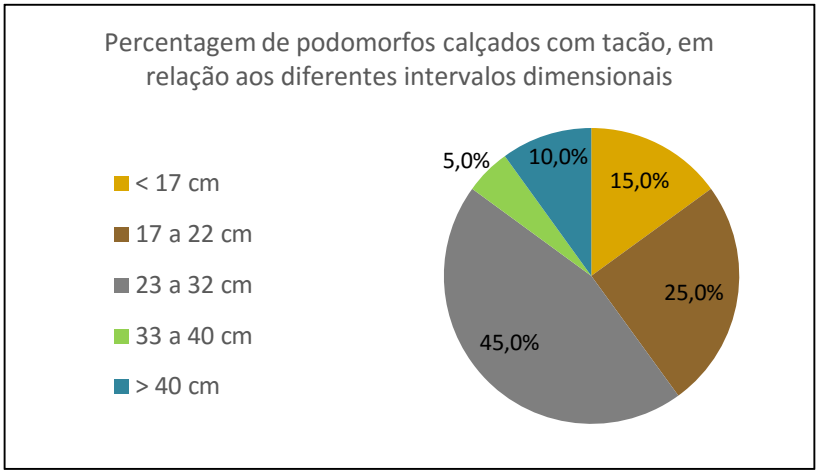


Figura 216: Percentagem de podomorfos calçados simples, em relação aos diferentes intervalos dimensionais.

Quanto aos podomorfos 40 **calçados, com tacão**, 16 (40%) têm menos de 23 cm, dos quais 6 (15%) têm menos de 17 cm; 18 (45%) têm entre 23 e 32 cm de comprimento e 6 (15%) têm mais de 32 cm de comprimento máximo, dos quais 4 (10%) têm mais de 40 cm (Fig. 217).

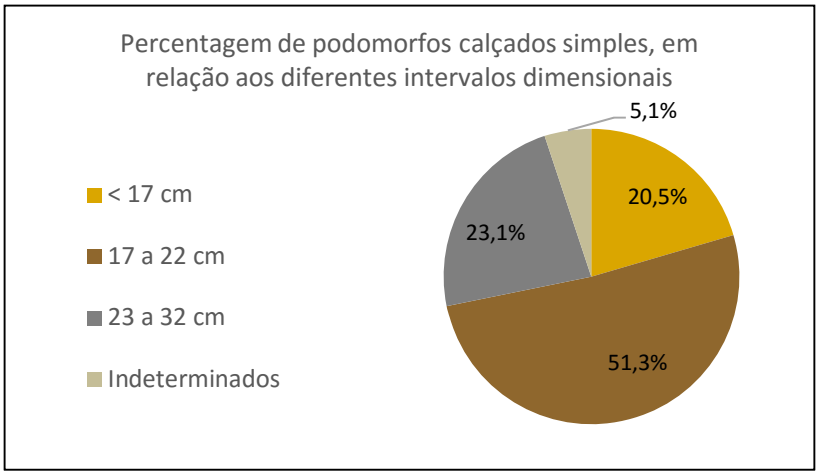


Figura 217: Percentagem de podomorfos calçados com tacão, em relação aos diferentes intervalos dimensionais.

O podomorfo **calçado, com tacão e picotado**, e o **calçado, com sola simples e traços irregulares**, enquadram-se no intervalo entre os 23 e os 32 cm de comprimento máximo.

Quanto aos restantes 20, não foi possível saber a sua tipologia, no entanto, sabe-se que 1 tem entre 23 e 32 cm de comprimento e 14 têm menos de 23 cm de comprimento máximo, dos quais 6 têm menos de 17 cm (Tab. 18).

Tabela 18: Número de podomorfos pertencentes a cada tipologia, distribuídos pelos diferentes intervalos dimensionais

Tipologias de podomorfos	**< 17 cm**	**17 a < 23 cm**	**23 a 32 cm**	**> 32 a < 40 cm**	**> 40 cm**	**Ind.**
Descalços	24	71	21	2	0	0
Calçados simples	8	20	9	0	0	2
Calçados com tacão	6	10	18	2	4	0
Calçados com tacão e picotado	0	0	1	0	0	0
Calçados com traços irregulares	0	0	1	0	0	0
Indeterminados	6	8	1	0	0	5
TOTAL	**44**	**109**	**51**	**4**	**4**	**7**

2.6.3. Formas de representação nos afloramentos: pé direito ou pé esquerdo; singularidade ou pares

Do total de 219 podomorfos identificados, 82 (37.5%) correspondem a pés esquerdos e 79 (36.1%) representam pés direitos. Em 58 casos não foi possível determinar qual o pé representado, dado o esquematismo da gravação ou o nível de erosão da gravura (Fig. 218). Destas 219 gravuras, 118 (53.9%) agrupam-se em 59 pares e 89 (41.6%) representam pés isolados. Para as restantes 13 gravuras, não foi possível determinar este tipo de informação.

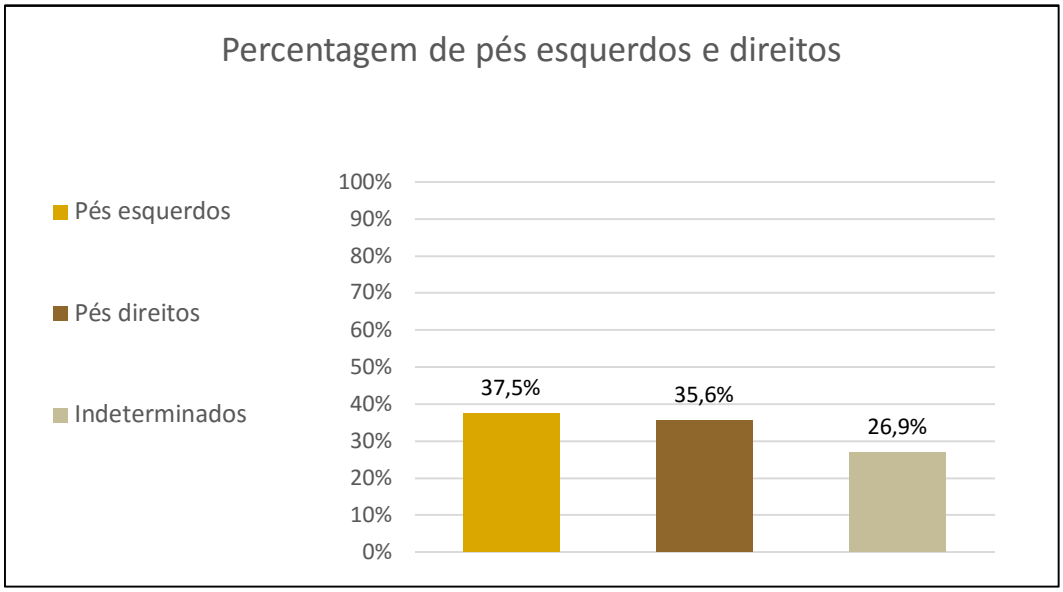


Figura 218: Percentagem de pés esquerdos e direitos.

Relativamente aos 118 podomorfos **descalços**, existem 44 pés direitos (37.3%), 49 pés esquerdos (41.5%) e 25 pés indeterminados (21.2%). Estes, encontram-se organizados em 32 pares e 54 individuais (Figs. 219 e 220).

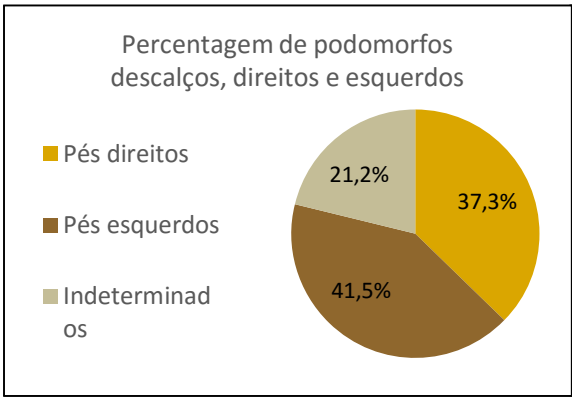


Figura 219: Percentagem de podomorfos descalços, direitos e esquerdos.

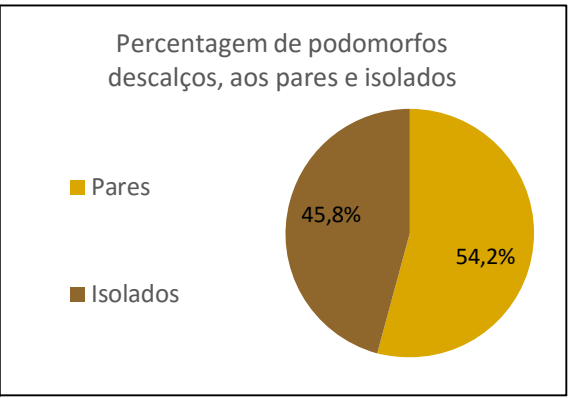


Figura 220: Percentagem de podomorfos descalços, aos pares e isolados.

Quanto aos 39 podomorfos **calçados de sola simples,** identificou-se 19 pés direitos (48.7%), 19 pés esquerdos (48.7%) e 1 pé indeterminado. Estão organizados em 15 pares e 9 podomorfos individuais (Figs. 221 e 222).

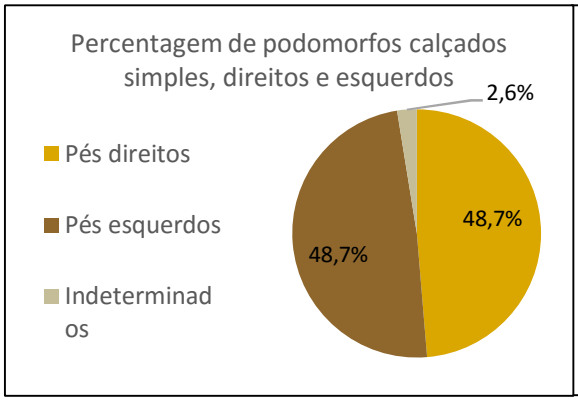


Figura 221: Percentagem de podomorfos calçados simples, direitos e esquerdos.

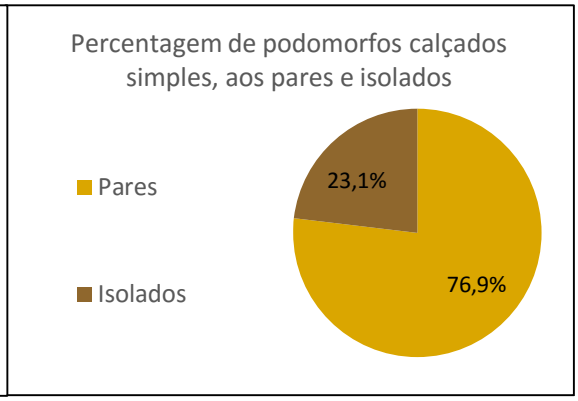


Figura 222: Percentagem de podomorfos calçados simples, aos pares e isolados.

No que diz respeito aos podomorfos **calçados, com tacão,** do 40 identificados, 13 representam pés direitos (32.5%), e 12 representam pés esquerdos (30%). Quanto aos restantes 15, não se tem conhecimento. Alguns destes podomorfos formam pares, existindo 12 destes (mas apenas 23 podomorfos[27]), enquanto outros aparecem isolados, como se comprova em 15 ocasiões. Não foi possível obter este tipo de informação para os restantes 2 podomorfos (Figs. 223 e 224).

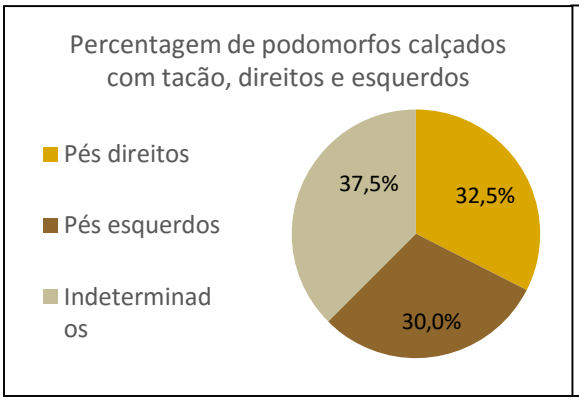


Figura 223: Percentagem de podomorfos calçados com tacão, direitos e esquerdos.

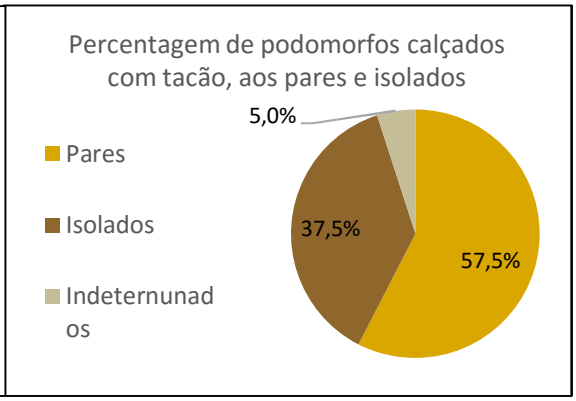


Figura 224: Percentagem de podomorfos calçados com tacão, aos pares e isolados.

O podomorfo **calçado com tacão e picotado** trata-se de uma representação de um pé direito isolado. Já o podomorfo **calçado com sola simples e trações irregulares**, representa um pé esquerdo isolado.

Quanto aos 20 podomorfos de tipologia indeterminada, sabemos que 2 representam pés direitos e 1, um pé esquerdo. Considere-se, ainda, que 9 são podomorfos individuais (Tab. 19).

[27] De notar, que num destes pares o pé direito representa um calçado, com tacão, porém, o esquerdo representa um pé descalço. De forma a organizar a informação de forma querente, resolveu-se colocar este par nos calçados, com tacão. Porém, individualmente foram colocados cada um na sua devida tipologia.

Tabela 19: Podomorfos – pés direitos e pés esquerdos; pares e isolados

Tipologias de podomorfos	Pés direitos	Pés esquerdos	Ind.	Pares	Individuais	Ind.
Descalços	44	49	25	32	54	0
Calçados simples	19	19	1	15	9	0
Calçados com tacão	13	12	15	12 (23 pés)	15	2
Calçados com tacão e picotado	1	0	0	0	1	0
Calçados com traços irregulares	0	1	0	0	1	0
Indeterminados	2	1	17	0	9	11
TOTAL	**79**	**82**	**58**	**59 (117 pés)**	**89**	**13**

2.6.4. Orientações

Existe uma clara tendência para os podomorfos se orientarem para noroeste, o que acontece em 126 casos (57.5%). No entanto, estes podem assumir diversas orientações: para oeste há 20 casos (9.1%); para sudeste há 16 (7.3%); para norte há 15 (6.8%); para sudoeste há 8 situações (3.7%); para sul há 8 (3.7%); para este há 5 casos (2.3%) e para nordeste há 2 casos (0.9%). Em 19 ocasiões não foi possível determinar a orientação dos podomorfos (Tab. 20; Fig. 225).

Tabela 20: Orientações dos podomorfos

Orientações	N.º podomorfos
Noroeste	126
Oeste	20
Sudeste	16
Norte	15
Sudoeste	8
Sul	8
Este	5
Nordeste	2
Indeterminados	19
TOTAL	**219**

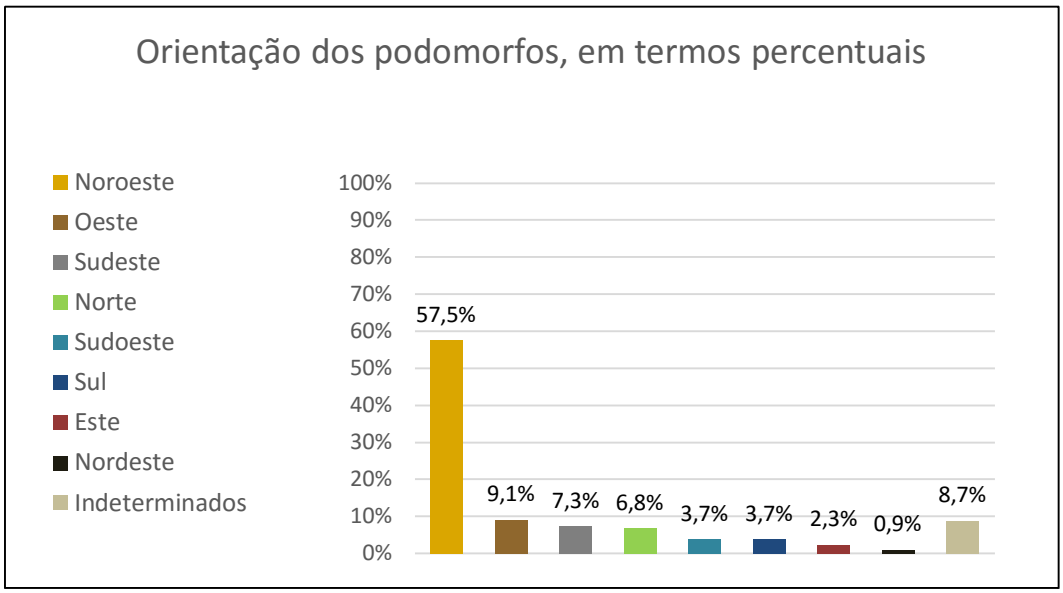


Figura 225: Orientações dos podomorfos.

Os resultados gerais foram testados pelos dois grupos estabelecidos: o dos podomorfos descalços (Grupo 1) e o dos podomorfos calçados (Grupo 2) e suas variantes.

No que diz respeito aos podomorfos **descalços**, mais uma vez, a generalidade deles orienta-se para noroeste (66 casos ou 55.9%). No entanto, em segundo lugar aparecem os orientados para norte, com 12 casos (10.2%). Já os orientados para sudeste ocupam o terceiro lugar, com 10 casos (8.5%). Em seguida, encontram-se os orientados para oeste, com 9 casos (7.6%); os para sudoeste, com 6 casos (5.1%); os para sul, também com 6 casos (5.1%); os para este com 5 casos (4.2%) e os para nordeste, com 1 caso (0.8%) (Tab. 21; Fig. 226). Em 3 situações não foi exequível saber as orientações dos podomorfos descalços.

Tabela 21: Orientações dos podomorfos descalços

Orientações	**N.º podomorfos**
Noroeste	66
Norte	12
Sudeste	10
Oeste	9
Sudoeste	6
Sul	6
Este	5
Nordeste	1
Indeterminados	3
TOTAL	**118**

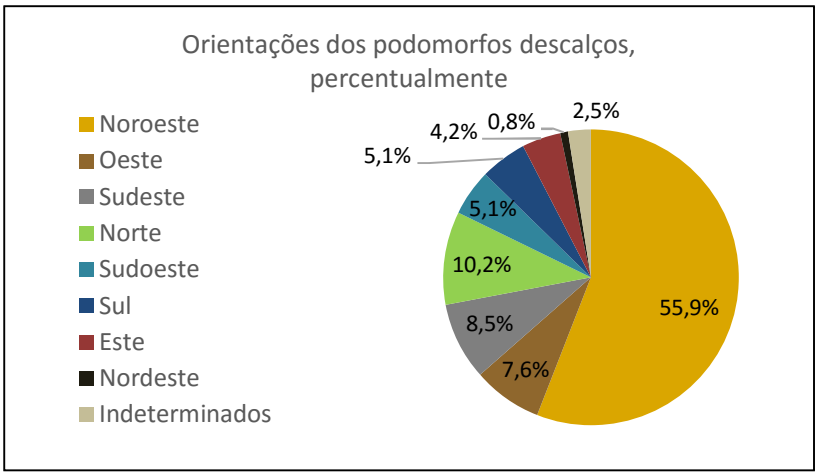


Figura 226: Orientações dos podomorfos descalços.

Quanto aos podomorfos **calçados simples**, em número total de 39, também se orientam, maioritariamente, para noroeste (24 casos ou 61.5%). Os restantes, direcionam-se para sudeste, em 4 casos (10.3%); para norte, em 3 casos (7.7%); para oeste, em 2 casos (5.1%); para sudoeste, em 1 caso (2.6%) e para sul, também, num 1 caso (2.6%). Para 4 podomorfos não foi possível saber a sua orientação (Tab. 22 e Fig. 227).

Tabela 22: Orientações dos podomorfos calçados, com sola simples

Orientações	**N.º podomorfos**
Noroeste	24
Sudeste	4
Norte	3
Oeste	2
Sudoeste	1
Sul	1
Indeterminados	4
TOTAL	**39**

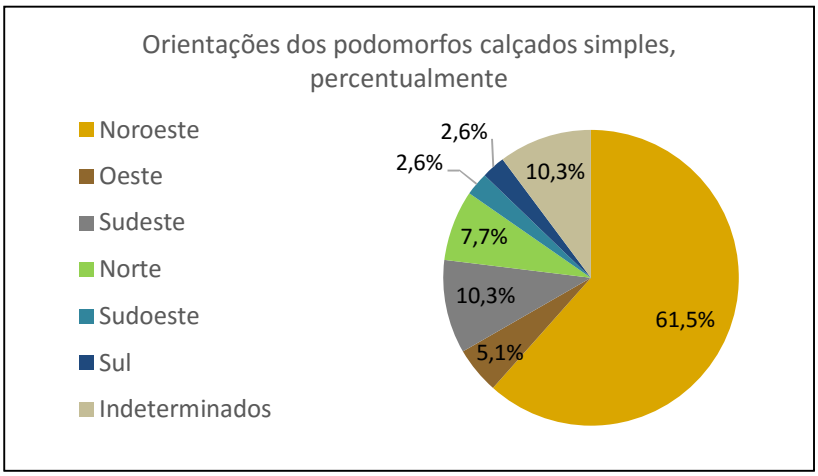


Figura 227: Orientações dos podomorfos calçados.

Quanto aos podomorfos **calçados com tacão**, em número total de 40, estes também se direcionam, principalmente, para noroeste, com 30 casos (75%); seguindo-se 4 casos (10%) para sudeste; 3 casos para oeste (7.5%); 2 casos (5%) para nordeste e 1 caso (2.5%) para sudoeste (Tab. 23; Fig. 228).

Tabela 23: Orientações dos podomorfos calçados, com tacão

Orientações	**N.º podomorfos**
Noroeste	30
Sudeste	4
Oeste	3
Nordeste	2
Sudoeste	1
TOTAL	**40**

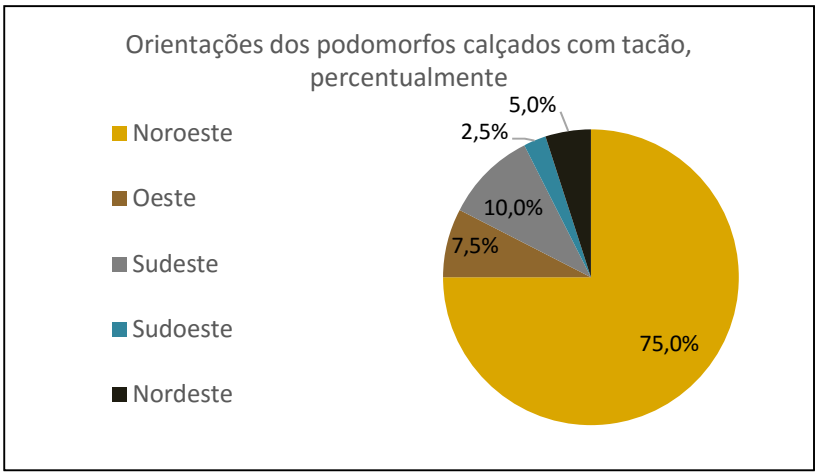


Figura 228: Orientações dos podomorfos calçados, com tacão.

Dentro dos calçados, temos, ainda, 1 **podomorfo com tacão e picotado**, que se orienta para noroeste, e 1 com **sola simples e traços irregulares,** que se orienta para oeste.

Já quanto aos 20 podomorfos de tipologia indeterminada, sabe-se que 5 direcionam-se para noroeste; 2 para oeste e 1 para sul.

2.6.5. Número de podomorfos por afloramento

No conjunto dos 34 afloramentos em estudo, na maioria, isto é, em 18 deles (52.9%), apenas se regista 1 podomorfo ou 1 par destas figuras. Em 15 casos (44.1%), a gravação de podomorfos foi múltipla, podendo notar-se vários podomorfos ou pares de podomorfos. Neste grupo há grande diversidade no número de podomorfos. A maioria, corresponde a afloramentos com um número restrito, sendo que 6 (40%) contêm 2 podomorfos; em 3 (20%) foram gravados 3 podomorfos e num (6.7%) foram gravados 6 podomorfos. Porém, existem também 3 afloramentos, com um grande número de podomorfos, num deles (6.7%) foram gravados 12 podomorfos; em outro (6.7%) foram gravados 59 e no terceiro (6.7%) gravou-se 99 destes motivos. Nos dois (13.3%) restantes afloramentos, apenas sabemos que foram gravados vários podomorfos, não sabendo a quantidade exata. Para um afloramento não se tem informação desta índole (Tabs. 24 e 25; Fig. 229).

Tabela 24: Distribuição dos podomorfos pelos afloramentos: singularidade ou multiplicidade dos motivos

N.º de podomorfos por afloramento	**N.º afloramentos**
1 podomorfo ou 1 par de podomorfos	18
Múltiplos podomorfos	15
Indeterminado	1
TOTAL	**34**

Tabela 25: Multiplicidade dos podomorfos

N.º de podomorfos múltiplos por afloramento	**N.º afloramentos**
Com 2 podomorfos há:	6
Com 3 podomorfos há:	3
Com 6 podomorfos há:	1
Com 12 podomorfos há:	1

Com 59 podomorfos há:	1
Com 99 podomorfos há:	1
Com vários podomorfos há:	2
TOTAL	**15**

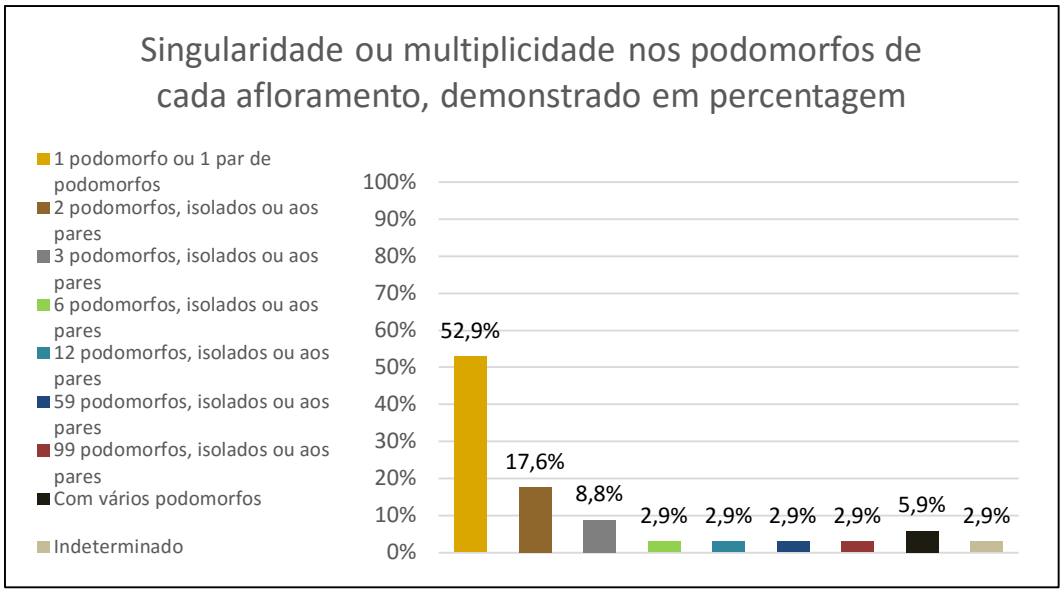


Figura 229: Percentagem de afloramentos com apenas 1 podomorfo ou 1 par de podomorfos, ou com múltiplos podomorfos.

2.6.6. Podomorfos: aspetos técnicos

Quanto às técnicas utilizadas na execução destas gravuras rupestres, em 194 situações (88.6%), foram realizados em baixo relevo. Entre estes, contabilizaram-se 184 (94.8%) por percussão e abrasão e 10 (5.2%) apenas por percussão. Por sua vez, 11 (5%), foram elaborados em linha de contorno, dos quais, 4 (36.4%) por percussão e abrasão e 7 (63.6%) apenas por percussão (Tab. 26). Para 14 podomorfos (6.4%) não foi possível saber

Tabela 26: Aspetos técnicos dos podomorfos

Aspetos técnicos	**N.º podomorfos**
Baixo relevo, percussão	10
Baixo relevo, percussão e abrasão	184
Linha de contorno, percussão	7
Linha de contorno, percussão e abrasão	4
Indeterminados	14
TOTAL	**219**

3. Discussão dos dados e interpretações

3.1. Introdução

A discussão dos dados e as interpretações têm por base os dados recolhidos e analisados no capítulo anterior e algumas premissas teóricas. Neste caso, parte-se da premissa de que, nas sociedades tradicionais, a arte seria uma forma de comunicação (Layton, 1991) e de que não se distinguiria arte de artista, pois o processo de criação seria mais importância do que os próprios motivos (Clottes, 2002). Também se assume que os motivos gravados materializam os mitos e crenças que compõe o universo cosmogónico dos seus gravadores (Clottes, 2002). Neste sentido, nada seria fruto do acaso, pelo que todos os aspetos deste estudo são significantes no momento das interpretações. Outra premissa importante que guiou este trabalho foi a de que, nas sociedades pré e proto-históricas, o mundo físico seria ativo e imbuído de propriedades que interagiam com os grupos humanos (Bradley, 2000), pelo que os motivos gravados tanto seriam resultado de atividades de carácter ritual, simbólico e religioso (Bradley, 1997), como atuantes no quadro desse universo (Ingold, 2000).

3.2. Problemáticas cronológicas

Apesar da importância da interpretação, os dados estudados devem enquadrar-se no tempo, pelo que é importante iniciarmos este estudo discutindo a cronologia dos podomorfos. Como não se efetuaram escavações junto de afloramentos gravados, apenas, com estes motivos, a sua cronologia terá de ser tentada através de paralelos com regiões próximas, onde há manifestações de podomorfos contextualizados. Também, a adição ou sobreposição deste motivo com outros que definem estilos de arte rupestre, como sejam a arte atlântica ou esquemática, será importante em termos cronológicos, no que se chama de estratigrafia horizontal.

Começando pelas estratigrafias horizontais, verifica-se que, no total dos 34 afloramentos com podomorfos, apenas 7 (20.6%) se encontram associados a afloramentos com arte atlântica, enquanto 8 (23.5%) se associam a arte esquemática. Porém, maioritariamente, isto é, em 19 casos (55.9%), aparecem isolados ou com motivos que não pertencem a nenhum dos estilos referidos, pelo que Bettencourt (2017a) os designou como fazendo parte da arte Proto-histórica.

Quando gravados em afloramentos de estilo atlântico, como são os casos da Breia 1 e de Salgueiro 1, ambos em Viana do Castelo; de Chão do Cano, em Caminha; da Quinta do Paço, em Guimarães; do Penedo de S. Gonçalo, em Felgueiras, e da Nossa Senhora da Assunção e de Regueiras 1, em Monção, os podomorfos encontram-se, sempre, em posição periférica. Um bom exemplo é o da Quinta do Paço, onde o único podomorfo, além de ser gravado parcialmente em baixo relevo, uma técnica distinta da que é usada nas restantes gravuras, encontra-se mesmo na periferia de um dos painéis (Fig. 230).

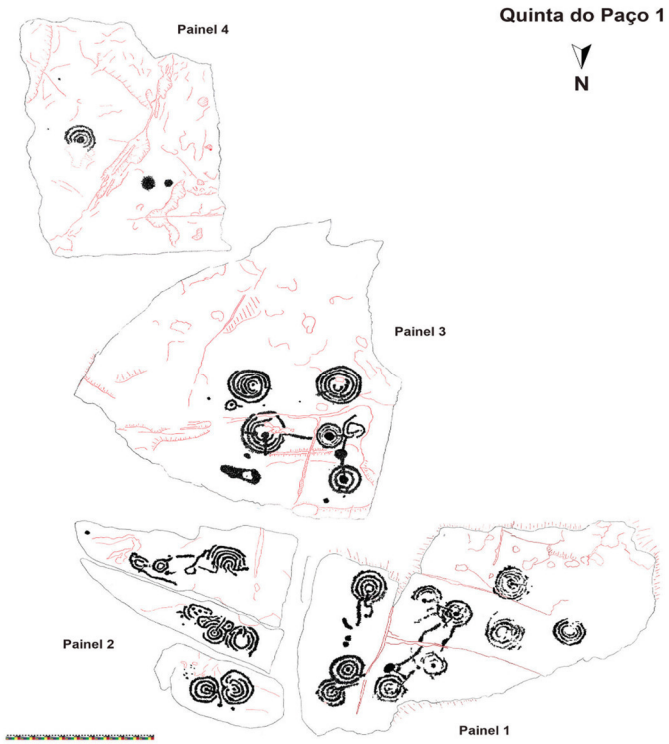


Figura 230: Decalque das gravuras da Quinta do Paço, com o podomorfo assinalado (seg. Cardoso, 2015: 147, adaptado).

Também na Breia 1, no painel onde se gravou o podomorfo, já na periferia das composições circulares, só existem motivos proto-históricos, como, por exemplo, zoomorfos e círculos segmentados, interpretados como sendo da Idade do Bronze por Bettencourt (2017) (Fig. 231).

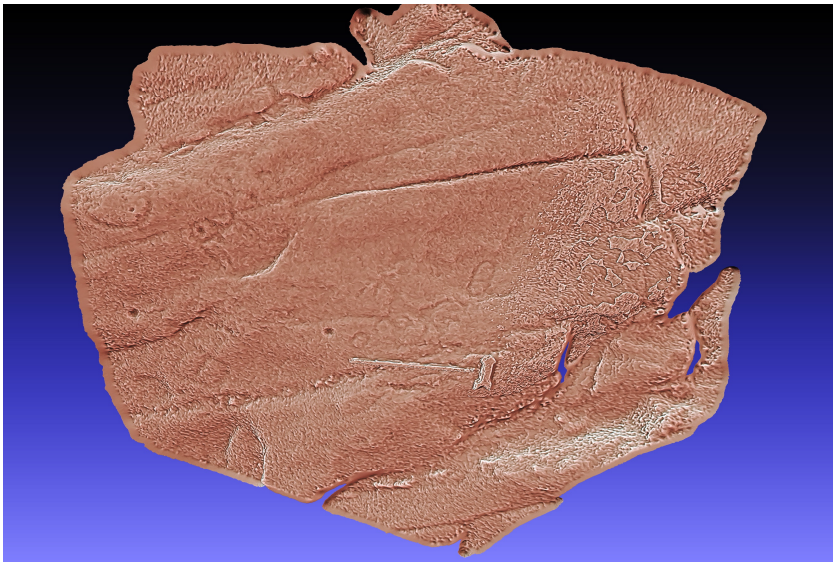


Figura 231: Fotogrametria da Breia 1, com o podomorfo assinalado.

No caso do Penedo de S. Gonçalo, em Felgueiras, as escassas composições circulares, muito erodidas, localizam-se no extremo noroeste do topo do afloramento, enquanto os podomorfos, bem visíveis e efetuados com uma outra técnica - o baixo relevo, se distribuem de forma invasora, desde as pendentes este e sudeste, até ao topo, numa lógica distinta, assente numa maior visibilidade das gravuras, por parte da audiência. Assim, quer pela erosão, pelas diferentes técnicas de fabrico, ou pela lógica de distribuição nas superfícies gravadas, os podomorfos parecem mais recentes do que os motivos circulares (Fig. 232).



Figura 232: Penedo de S. Gonçalo, Felgueira, com o motivo da arte atlântica assinalado.

Tendo presente estes dados, os podomorfos parecem corresponder a processos de adição em relação às composições circulares da arte atlântica. Ora, se estas se têm vindo a datar do Neolítico e do Calcolítico, por comparação aos motivos da arte megalítica (Alves, 2003; Alves *et al.*, 2011, 2017; Santos-Estévez, 2007; 2013; Dinis e Bettencourt, 2009; Bettencourt, 2013a; 2017a; 2017b), então os podomorfos serão posteriores.

Em associação ao que Bettencourt (2017a) designou por arte esquemática antiga, inserível nos 4º e 3º milénios a. C., ou seja, no Neolítico e Calcolítico [por aproximação, também, a alguns motivos da arte megalítica e da pintura esquemática do Nordeste de Portugal, na senda de Sanches (1997, 2006) e de Bradley e Sheridan (2005)], ocorrem 2 afloramentos com podomorfos. São eles: Almas 1, em Vieira do Minho e Fieiral 2, em Melgaço.

Associando-se com a arte esquemática tardia, enquadrada entre os finais do 3º e algures no 1º milénio a. C. (Bronze Inicial a Idade do Ferro), segundo Bettencourt (2017a) há 4 situações: a Pegada da Senhora/ Senhora do Calvelo, em Celorico de Bastos; o Penedo da Pegadinha/ Senhora de Antime, em Fafe; o Senhor do Monte, em Boticas e a Fraga das Passadas, em Chaves.

Há, ainda, podomorfos em 2 rochas que combinam com estes dois subgrupos de arte esquemática. O Penedo da Pegadinha, em Vieira do Minho, e a rocha 3 do Outeiro do Tripe 1, em Chaves.

No primeiro grupo, em associação com arte esquemática antiga, destacam-se os podomorfos do Fieiral 2, que se localizam em posição periférica em relação aos motivos esquemáticos, tal como nos casos já citados para a arte atlântica, como se de uma adição se tratasse (Figs. 233). Tal corrobora com o observado anteriormente e possibilita a colocação destes motivos em data posterior, ou seja, a partir do Calcolítico Final/ Bronze Inicial.



Figura 233: Par de podomorfos do Fieiral 2, em Montalegre, em baixo, do lado esquerdo, ao lado de paletas. Mais acima existem motivos esquemáticos, nomeadamente antropomorfos (fot. Bettencourt, 2013a: 138, adaptada).

No segundo grupo, em associação com a arte esquemática tardia, destacam-se os podomorfos da Pegada da Senhora/ Senhora do Calvelo, em Celorico de Bastos; do Penedo da Pegadinha/ Senhora de Antime, em Fafe; do Senhor do Monte, em Boticas e da Fraga das Passadas, em Chaves. Nestes casos, os podomorfos ou se mantêm, também, na periferia da composição (ex. Pegada da Senhora/ Senhora do Calvelo e Fraga das Passadas, painel 3) ou se misturam com alguns motivos que caracterizam este estilo (ex. Fraga das Passadas, painel 1) (Fig. 234). Tal, tanto poderá significar que são posteriores, como do mesmo período genérico, embora representativos de uma imagética exógena, que se articula, mais ou menos, com a local.



Figura 234: Parte do painel 1 da Fraga das Passadas, Chaves. Aí podem ver-se podomorfos e motivos em semicírculo, conhecidos popularmente como ferraduras, típicos da arte esquemática.

Ao terceiro grupo, isto é, em associação com arte esquemática antiga e tardia, correspondem os podomorfos do Penedo da Pegadinha, em Vieira do Minho, e os da rocha 3 do Outeiro do Tripe 1, em Chaves. Nestes casos, à semelhança do que acontece no segundo grupo, existem podomorfos que se situam na extremidade dos referentes painéis, parecendo tratarem-se de adições posteriores (ex. painel 1 e 2 da rocha 3 do Outeiro do Tripe 1) e podomorfos que se encontram associados com outros motivos (ex. Penedo da Pegadinha).

Quanto aos podomorfos que se associam a motivos estranhos aos dois estilos considerados (arte atlântica e esquemática), há a registar o caso da rocha 12 do Outeiro do Tripe 1, onde o podomorfo foi gravado junto com um cavalo e sulcos indeterminados.

Em defesa da sua cronologia anterior à época romana está a fratura do afloramento gravado com um podomorfo de S. Romão 11, localizado no interior da Citânia de Briteiros, em Guimarães, no momento da construção da calçada que dá acesso ao balneário sul e que se terá construído entre os séc. II a.C. e I d.C. (Cardoso, 2015). Tal coloca a perda de sentido deste afloramento a partir do fim da Idade do Ferro, início da romanização (Cardoso, 2015). A cristianização de alguns lugares através de cruzes e/ ou cruzeiros, com técnicas e disposições que quebram o ritmo da composição ou mesmo com sobreposições, que terão sido gravados, ora no séc. VI, após as diligências de S. Martinho de Dume, ora no séc. XVI, na tentativa de aplicar as medidas do Concílio de Trento, também funciona como um *terminus ante quem* para estes motivos. Um exemplo deste facto encontra-se no painel 2 da rocha 3 do Outeiro do Tripe 1, onde

se nota a sobreposição parcial de uma cruz latina sobre o único podomorfo aí gravado (Fig. 235). Também no painel 1 da Fraga das Passadas e em Regueiras 1, é nítida a inserção de cruzes e de cruzeiros, alterando a ordem da composição mais antiga (Figs. 236 e 237).

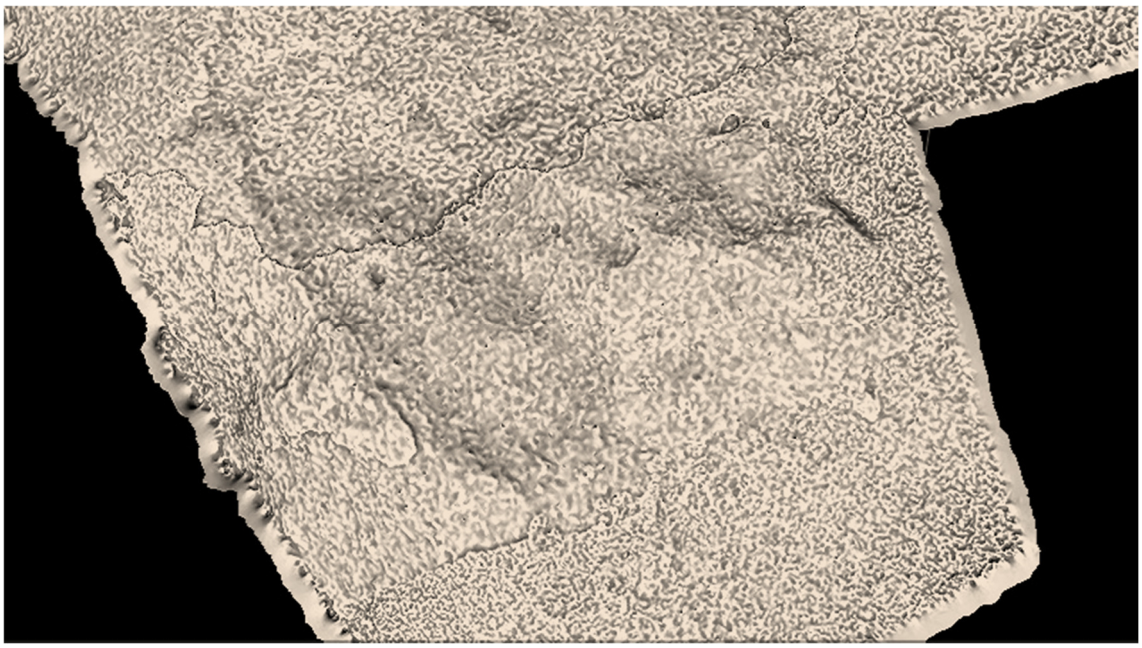


Figura 235: Fotogrametria de parte do painel 2, da rocha 3, do Tripe 1, onde se pode ver uma cruz sobreposta ao podomorfo.

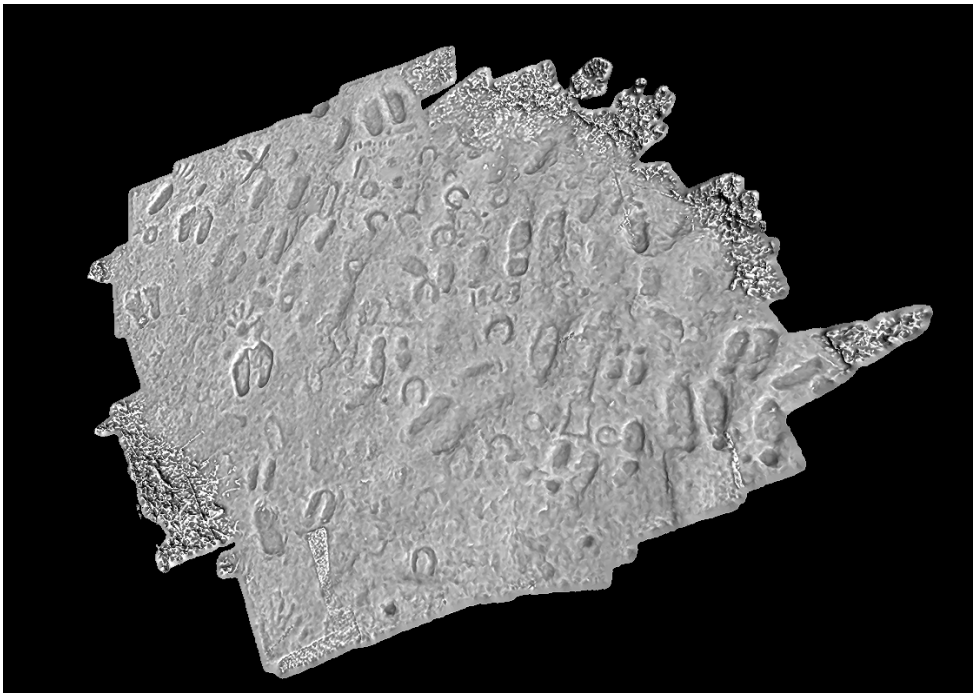


Figura 236: Fotogrametria do painel 1 da Fraga das Passadas, onde além de motivos da arte esquemática, se pode observar uma cruz grega, à esquerda, e uma cruz latina com peanha, á direita.



Figura 237: Fotogrametria de Regueiras 1.

Assim, em termos cronológicos e tendo em conta as relações estabelecidas anteriormente, crê-se que os podomorfos poderão ser um motivo que surge nos finais do Calcolítico, inícios da Idade do Bronze e se manterá até ao Bronze Final ou inícios da Idade do Ferro, no Noroeste de Portugal.

Esta proposta cronológica vai de encontro a alguns dados existentes para o sul de Portugal, que mostram a importância da sandália ou do podomorfo, em contextos mais antigos do que a Idade do Ferro. Referimo-nos à existência do par de sandálias, em calcário, depositadas num dos hipogeus de Alapraia (Cascais e Estoril) (Fig. 238 e 239), com forma similar a muitos podomorfos calçados. No entanto, estes motivos persistem, sem dúvida, durante a Idade do Bronze, como se verifica pelo par de sandálias representadas na estela alentejana do Ervidel I (Aljustrel), datável do Bronze Pleno ou Médio (Coelho, 1975: 195-197; Gomes e Monteiro, 1976-1977: 172-174), e pelos podomorfos em relevo, associados a armas, da estela de Gomes Aires, em Corte do Freixo (Almodôvar), do Bronze Final (Ribeiro, 1965: 26; Paço, *et al.*, 1965: 99-103; Almagro Basch, 1966: 120-121) (Figs. 240 e 241).

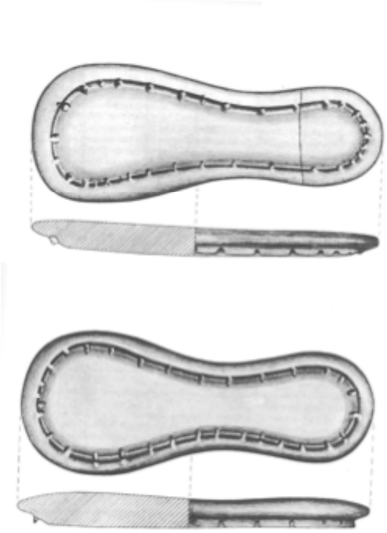


Figura 238: Sandálias de calcário de Alapraia 2 (Jalhay e Paço, 1941: Fig. 20).



Figura 239: Sandálias de Alapraia 2 (Segundo sítio da internet da Camara Municipal de Cascais: www.cascais.pt/ galeria-de-imagens/ sandalias-de-alapraia).

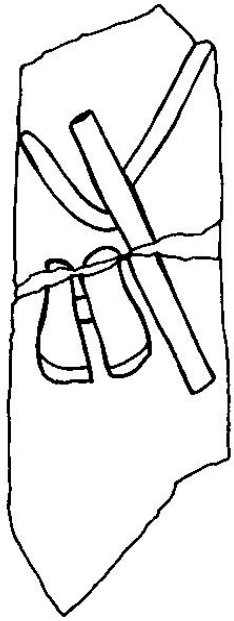


Figura 240: Estela de Gomes Aires (Guardamino, 2010).

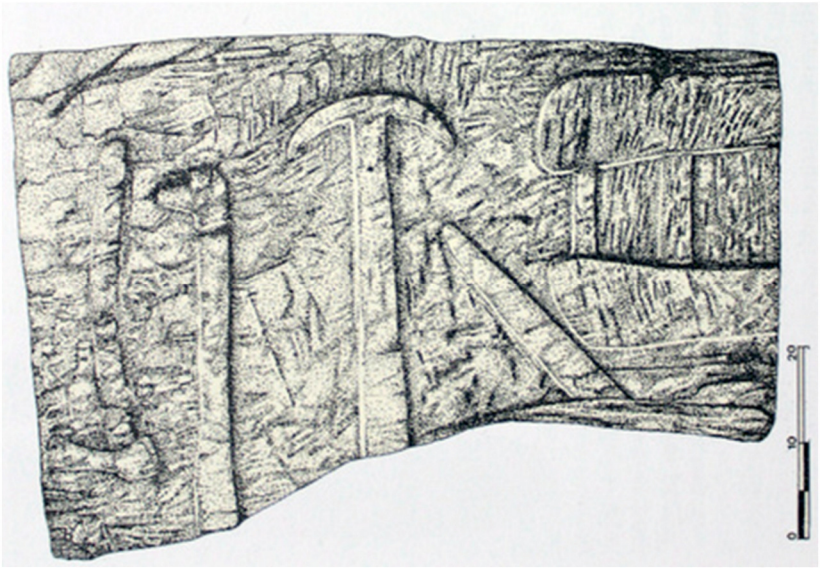


Figura 241: Estela alentejana do Ervidel I (Aljustrel) (Gomes e Monteiro, 1976-1977).

A gravação de podomorfos terá começado a desaparecer nos inícios ou meados da Idade do Ferro, se tivermos em conta que estes motivos, descalços, se encontram reutilizados nas estelas da necrópole do Pardieiro II e III, em Odemira, datada da 1ª Idade do Ferro (Beirão e Correia, 1988), e que parecem anteriores à epigrafia sidérica, segundo Jiménez Ávila (2008).

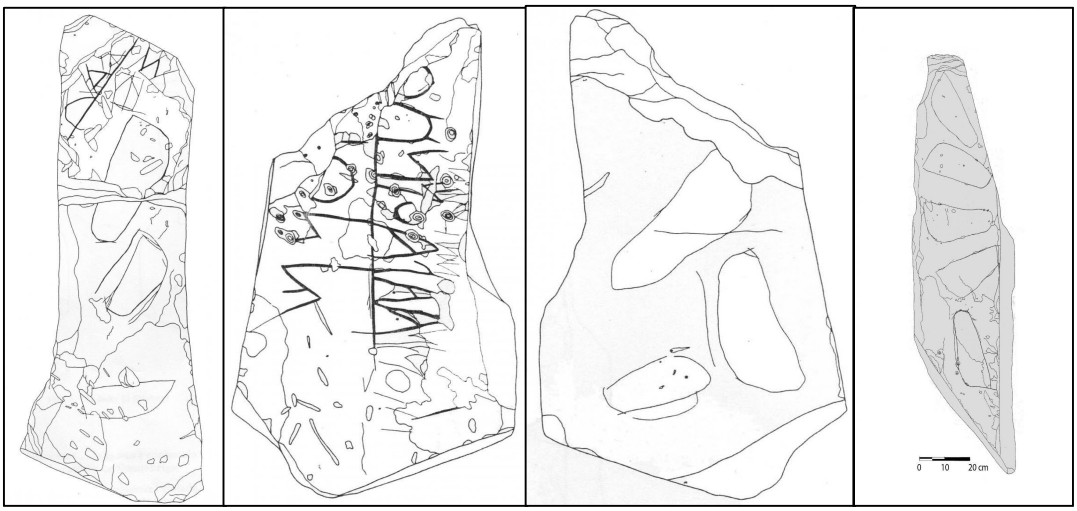


Figura 242: Estelas reutilizadas da necrópole do Ferro Inicial do Pardieiro (Vilhena, s/ d).

Assim sendo, esta proposta cronológica afasta-nos das hipóteses de García Quintela e Santos Estévez (2000, 2002, 2004; 2007) que colocam este motivo entre o inicio do 2º milénio e o fim da Idade do Ferro, embora se aproxime das propostas de Cardoso (2015) e de Bettencourt (2017b).

3.3. Origem dos podomorfos

Tendo em conta que os podomorfos são uma manifestação mais abundante no Centro interior e no Nordeste, do que no Noroeste de Portugal (Figs. 243 e 244) e de que são mais abundantes no interior do que no litoral, coloca-se a hipótese de que, no Noroeste, correspondam a uma manifestação que se terá difundido, de sul para norte, por via terrestre, acompanhando, provavelmente, a deslocação de pessoas e bens, no âmbito do intercâmbio do metal (primeiro o cobre e depois o cobre e o estanho) durante o Calcolítico/ Final e os inícios da Idade do Ferro.

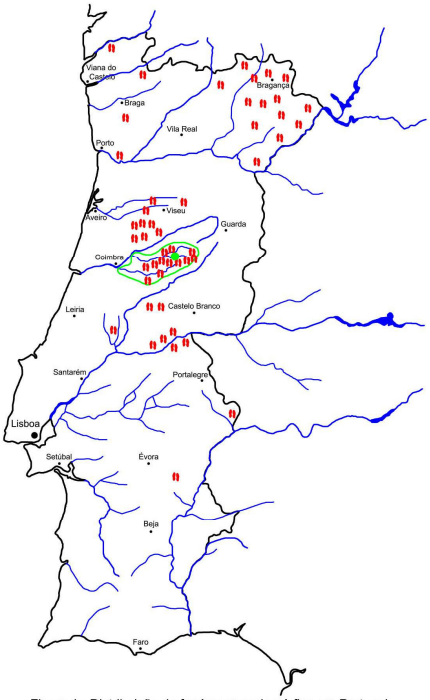
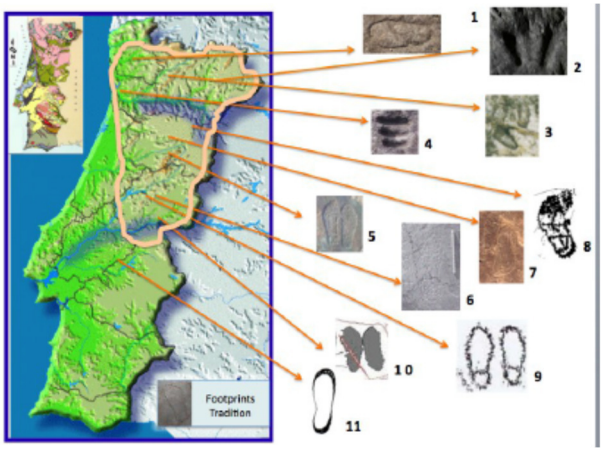


Figura 1 - Distribuição do fenómeno podomórfico em Portugal.
- Bacias Hidrográficas dos Rios Ceira e Alva
- Localização da área de Vide
- Localização de sítios de Arte Rupestre com podomorfos

Figura 243: Mapa de distribuição dos podomorfos, segundo Ribeiro *et al.* (2010b: 202) - adaptado.



Footprints, iso ated and in pairs, map of distribution
1. Braga, Guimarães, Castro Sabroso
2. Bragança, Macedo de Cavaleiros, Santa Combinha, Fraga da Pegada
3. Vila Real, Valpaços, Fraga das Passadas
4. Porto, Penafiel, Luzim, "Pegadinhas de S. Gonçalo" – Lomar
5. Coimbra, Seia, Vide, Fontes de Cide
6. Coimbra, Pampilhosa da Serra, Vale do Gato, Malhada do Rei
7. Viseu, Tondela, Alagoa
8. Douro, Guarda, Vila Nova de Foz Côa, Vale da Casa
9. Coimbra, Pampilhosa da Serra, Vale do Gato, Malhada do Rei
10. Castelo Branco, Oleiros, Sesmarias
11. Évora, Reguengos de Monsaraz

Figura 244: Mapa de distribuição dos podomorfos, segundo Abreu (2012a: 413) - adaptado.

Tendo esta hipótese como base de trabalho, consideramos que o aparecimento desta imagética, no contexto das composições circulares da arte atlântica e da arte esquemática antiga do Noroeste, se poderá interpretar como uma ação que visa a apropriação simbólica de determinados lugares ancestrais. Os lugares apenas com podomorfos ou com imagéticas proto-históricas, criados de novo e maioritários, materializariam um novo modo de celebração, marcação ou "domesticação" do território (Fig. 245).

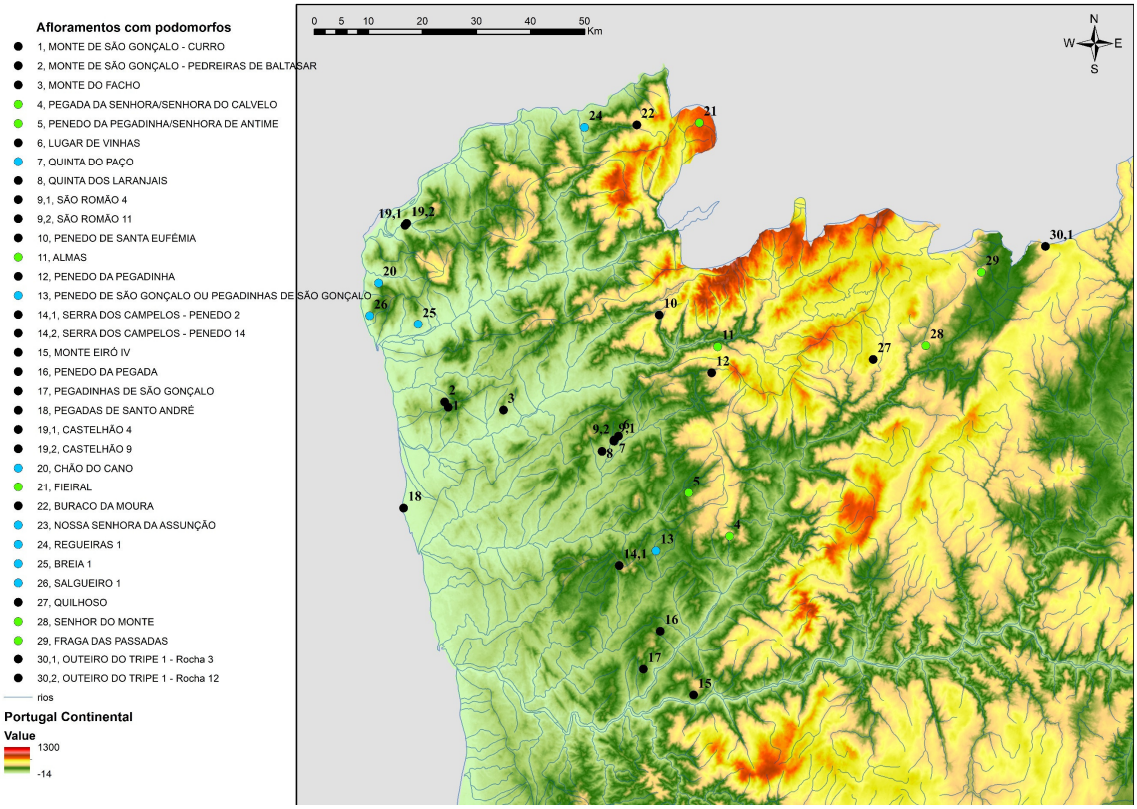


Figura 245: Mapa descriminando os podomorfos associados à arte esquemática (a verde), à arte atlântica (a azul) e isolados ou com outros imagéticas proto-históricas (a preto).

3.4. Podomorfos calçados *vs* podomorfos descalços: diferenças cronológicas?

Atendendo aos paralelos mais antigos, coloca-se a hipótese de que os podomorfos descalços e os calçados poderão ser da mesma cronologia. Neste caso, será de colocar a hipótese de que possam corresponder a manifestações de personagens de estatuto social distinto, sendo provável que os podomorfos calçados se associem a elites ou a personagens de grande poder social e religioso (o que justificaria o tamanho não humano de alguns deles), e os descalços se associem a personagens de menor estatuto social.

De destacar que nos afloramentos onde há muitos podomorfos, como é o caso de Fraga das Passadas e do Penedo de S. Gonçalo, há sempre a combinação dos dois tipos. Sendo lugares de uma vasta audiência e, portanto, muito frequentados, é provável que reflitam as diferenças sociais de quem os gravou e visitou no passado.

De notar que, em Portugal, até meados do séc. XX, ter calçado era significado de um maior estatuto social, enquanto andar descalço era sinal de pobreza e de se pertencer a classes sociais mais desfavorecidas. Só na década de 1930 foi proibido andar descalço nas cidades, tendo

o hábito prevalecido por mais tempo no Centro e Norte do país, sendo considerado fruto de pobreza, mas também de grande tradição cultural[28] (Magalhães *et al.,* 1956) (Fig. 246).



Figura 246: Mulher carregadora, descalça, de Portugal do séc. XX (Foto: Farias, 2012).

3.5. Idades e categorias sociais através dos podomorfos

Na tentativa de obter suporte científico para a classificação da idade dos indivíduos, a partir das dimensões dos podomorfos, analisaram-se os estudos de Davenport (1932), Meredith (1944) e Anderson, *et. al.* (1956), sobre as relações entre as dimensões dos pés e as suas eventuais idades. Com base nos resultados que estes investigadores obtiveram, e traçando as médias destes, organizaram-se os podomorfos em grupos de idades. Apesar de ser notória a existência de gravuras que, pelas suas dimensões e caraterísticas, representam indivíduos mais jovens, é muito difícil traçar a fronteira dimensional, exata, entre pés de crianças e de jovens ou de adultos, desde logo porque esses conceitos são, relativamente, recentes e diferenciados consoante a época e a cultura dos indivíduos. Tendo em mente estas dificuldades e sabendo que a margem de erro, numa análise desta índole é considerável, não se pode deixar de a realizar, pois trata-se de uma problemática intrínseca ao tema dos podomorfos.

[28] A documentação da primeira metade do séc. XX afirmava que o Alentejo era a única região do país onde a população rural andava calçada.

Posto isto, trabalhou-se com base nos pressupostos de que podomorfos com menos de 23 cm de comprimento seriam considerados de pequenas dimensões e pertencentes a indivíduos até aos 14 anos; de que podomorfos com menos de 17 cm deveriam representar crianças até aos 5 ou 6 anos de idade e de que os podomorfos compreendidos entre os 23 cm e os 32 cm de comprimento corresponderiam a seres humanos "adultos", de proporções normais. Neste trabalho, parte-se também do princípio de que a população adulta, seria aquela com mais de 14/ 15 anos. Para tal usuram-se dados da Antiguidade e de sociedades tradicionais. Por exemplo, era com esta idade que "… a jovem ateniense casava habitualmente (pela primeira vez) …" (Ferreira e Rodrigues, 2014). Para o período Romano conhece-se uma tabela de divisão de idades dada a conhecer por Isidoro de Sevilha, no séc. VII, que refere a existência de "… *infantia* (0-7 anos), *puertia* (8-14 anos), *adulescentia* (15-28 anos) e *iuuentus* (29-50 anos)", sendo a *adulescentia* entendida como idade adulta, visto "… a *pueritia* (…) [ser] sobretudo uma espera, uma maturação e preparação para a vida pública…" (Ferreira e Rodrigues, 2014: 110).

Aos 17 anos, era quando um romano, do sexo masculino, iniciava o serviço militar (Ferreira e Rodrigues, 2014: 112).

> Sabemos também que, em períodos mais recentes da História Romana, a idade de vestir a toga de homem baixou, conhecendo-se casos em que o mesmo teria ocorrido quando o indivíduo completou 14 ou 16 anos de idade (Ferreira e Rodrigues, 2014: 113).

"No texto conhecido como *Res gestae*, Augusto recorda, relativamente aos netos Gaio e Lúcio César, que teriam sido designados cônsules com a idade precoce de 14 anos …" (Ferreira e Rodrigues, 2014: 113).

> [Já] … nos períodos tardo-republicano e imperial, (…) por norma, as raparigas casavam-se aos 12 anos, (…) [enquanto os] rapazes, apesar de se considerar que poderiam casar-se aos 14 anos, a verdade é que raramente um jovem contraía matrimónio antes da tomada da toga viril. O mais comum mesmo era que se casassem perto dos 30 anos …" (Ferreira e Rodrigues, 2014: 114). "Note-se [, ainda] que Nero foi proclamado *princeps* aos 17 anos, (..) Elagábalo aos 14 (…) e Alexandre Severo aos 13. Trata-se de jovens, portanto, a quem o estatuto de adulto se lhes revelou de forma rápida e abrupta … (Ferreira e Rodrigues, 2014: 122-123).

Num estudo sobre o desenvolvimento infantil e juvenil/ transições para a idade adulta, focado em populações indígenas canadianas, Simard e Blight (2011), afirmam que a idade adulta (*Nitawigiwin*), ocorria entre os 15 e os 50 anos.

De salientar, ainda, um estudo realizado acerca das idades das populações pré-históricos do médio e baixo vale do rio Amarelo, na China, que também considera adultos "those above 15 years of age" (Wang Jianhua, 2008: 163). Também Cruz (2008: 84), num estudo acerca dos vestígios osteológicos humanos do Paleolítico português, considera a idade, compreendia entre os 16 e os 25 anos, como de "adulto jovem".

Podomorfos com mais de 32 cm e menos ou igual a 40 cm, poderão, ainda, representar pés de adultos, embora anormalmente grandes. De salientar que existem alguns registos de seres humanos de proporções anormalmente grandes e, consequentemente, com pés de dimensões bem acima da média[29]. Já os podomorfos acima dos 40 cm de comprimento, representarão seres míticos ou imaginários, pelas enormes proporções que assumem.

Tendo presente os dados estudados e as premissas assumidas, os podomorfos de idade até aos 14/ 15 anos são os mais comuns, correspondendo a 69.9% da amostra total geral. Tal verifica-se, essencialmente, no grupo dos descalços, onde 80.5% do total entram nesta categoria, assim como no grupo dos calçados simples, onde 70.8% dos podomorfos, também são descalços. Tal manifesta-se, igualmente, no grupo de indeterminados (Tab. 27). De notar, que dentro deste grupo de idades, há 44 podomorfos (28.8%) que parecem corresponder a indivíduos com menos de 6 anos, segundo os dados de Davenport (1932), Meredith (1944) e Anderson, *et. al.* (1956).

Tabela 27: Podomorfos correspondentes a indivíduos até 14/15 anos de idade

Tipo	**Nº de podomorfos**	**Percentagem sobre o total (219) de podomorfos**	**Percentagem sobre o total, por grupos de podomorfos**
Descalços	95	43.4%	80.5%
Calçados simples	28	12.8%	71.8%
Calçados com tacão	16	7.3%	40%
Indeterminados	14	6.4%	70%
Total	**153**	**69.9%**	**-**

[29] Exemplos:
1- Sultan Kösen, http:/ / www.guinnessworldrecords.com/ world-records/ tallest-man-living;
2- Jeison Hernandez, http:/ / www.guinnessworldrecords.com/ news/ 2015/ 10/ jeison-from-venezuela-steps-up-to-claim-largest-feet-record-title-in-gwr-2016-404120;
3- Robert Wadlow, http:/ / www.guinnessworldrecords.com/ world-records/ largest-feet-ever.

Estes dados permitem considerar que as cerimónias que implicaram a gravação destes motivos e o pensamento simbólico que lhes está associado, revelam a importância de ritos, maioritariamente, associados a jovens até aos 14/15 anos. Dada esta categoria etária, talvez as cerimónias de gravação do pé direito, esquerdo ou de ambos, se relacionassem com ritos de passagem para a idade adulta, à semelhança do que foi defendido por Fossati (1991) para outras áreas geográficas.

Este rito parece implicar caminhada, percurso, viajem ou peregrinação, com todos os constrangimentos e perigos que tal implicava na época. O ponto de chegada poderia ser variado, mas a existência de dois sítios com múltiplos podomorfos gravados, a Fraga das Passadas e o Penedo de S. Gonçalo, faz pensar que existiriam locais mais importantes do que outros, se bem que é possível que estivessem interrelacionados uns com os outros, tal como defendeu Bettencourt (2017b).

Tendo em conta a hipótese de que podomorfos descalços e calçados poderiam corresponder a diferentes categorias sociais, nota-se, que ao ser assim, existiriam lugares que seriam frequentados em comum e onde se executariam ritos similares para ambos os grupos sociais, embora cada um fosse portador de atributos de vestuário distintos, de acordo com o seu estatuto social. No entanto é de destacar que há um grupo maioritário de podomorfos calçados (simples) destas dimensões, que se encontram em afloramentos sobrelevados e impressivos (74,4%) face aos descalços que estão, maioritariamente, em locais rasantes ao solo e pouco impressivos (59,3%), o que poderá, também, evidenciar diferença social.

Há, ainda, um número importante de podomorfos com dimensões superiores a 24 cm, o que talvez corresponda a indivíduos mais velhos ou, simplesmente a jovens com pés grandes. Este grupo é composto, essencialmente, por podomorfos calçados com tacão em todas as suas variantes, onde são maioritários, seguidos dos calçados com solas simples e por fim dos descalços (Tab. 28). Sendo assim os eventuais adultos que frequentam estes lugares parecem ser, essencialmente, aqueles de maior prestígio social. Corresponderão a uma elite que acompanha os mais jovens na sua viajem ou peregrinação?

Tabela 28: Podomorfos correspondentes a indivíduos de idade superior a 14/15 anos

Tipo	**Nº de podomorfos**	**Percentagem sobre o total (219) de podomorfos**	**Percentagem sobre o total, por grupo de podomorfos**
Descalços	23	10.5%	19.5%
Calçados simples	9	4.1%	23.1%
Calçados com tacão	20	9.1%	50%
Calçados com tacão e picotado	1	0.5%	100%
Calçados com traços irregulares	1	0.5%	100%
Indeterminados	1	0.5%	5%
Total	**55**	**25.2%**	**-**

De notar, que os podomorfos calçados com tacão, sãos os únicos que atingem dimensões acima de 40 cm, consideradas fora do normal ou irreais. Estes ocorrem em 4 casos, ou seja, em 1.8% do total dos podomorfos e a 10% dos podomorfos desta categoria (Figs. 247 e 248) e localizam-se, apenas, num dos poucos lugares que é de grande frequência coletiva - a Fraga das Passadas.



Figura 247: Podomorfo de dimensões extraordinárias, em primeiro plano, do painel 6 da Fraga das Passadas, Chaves.



Figura 248: Par de podomorfos de dimensões extraordinárias do painel 5 da Fraga das Passadas, Chaves.

Como hipótese de trabalho, tal aspeto poderia materializar a importância social (real ou mítica) de quem os gravou, ou a importância de seres míticos, naturalmente portadores de atributos de grande distinção social (Tab. 29).

Tabela 29: Podomorfos de dimensões extraordinárias

Tipo	Nº de podomorfos	Percentagem sobre total (219) de podomorfos	Percentagem sobre o total, por grupo de podomorfos
Calçados com tacão	4	1.8%	10%

Existem, ainda, 7 podomorfos (3.2%) de dimensão indeterminada, 2 deles do grupo dos calçados simples.

E. Abreu (2012a: 404) duvida que os podomorfos correspondam a representações diretas de pés, pois tal seria muito difícil e arriscado para o próprio, além de ser também arriscado, mesmo que realizado por outra pessoa. De qualquer modo, cremos que, a maioria dos podomorfos gravados, seriam de pessoas reais, dado as representações de pés deformados ou de pormenores específicos, como de eventuais correias ou de picos nas solas. Se o pé representado correspondesse apenas a um símbolo, cremos que seria mais padronizado, numa região concreta, o que não se verifica. Assim, é possível que a maioria dos pés gravados fossem de pessoas reais e tivessem sido feitos através de moldes (em matérias vegetais por exemplo) ou após pinturas dos seus contornos, por exemplo, que terão, entretanto, desaparecido.

Não se excluem, dadas as dimensões de alguns, raros, podomorfos, a gravação de pés mitificados.

A maioria dos podomorfos gravados, essencialmente, em afloramentos graníticos, foi realizada através de baixo relevo, o que implicou um tempo considerável de trabalho ou de cerimonial, se pensarmos que a gravação faria parte integrante deste.

3.6. Orientações dos podomorfos e suas hipóteses interpretativas

O estudo das orientações dos podomorfos é uma temática muito importante, tendo por base a premissa de que este fenómeno não é arbitrário e que está, intimamente, interrelacionado com os significados dos lugares.

Tendo presente as tabelas expostas no capítulo anterior e a comparação entre as orientações de podomorfos descalços e calçados (Tab.30), há algumas considerações que parecem pertinentes.

Tabela 30: Comparação entre as orientações dos podomorfos

Orientações	Descalços	Calçados	Calç. simples	Calç. simples c/ traços	Calç. c/ tacão	Calç. c/ tacão e picos	Ind.	TOTAL
Noroeste	66	55	24	-	30	1	5	126
Sudeste	10	8	4	-	4	-	-	18
Oeste	9	6	2	1	3	-	2	17
Norte	12	3	3	-	-	-	-	15
Sudoeste	6	2	1	-	1	-	-	8
Sul	6	1	1	-	-	-	1	8
Este	5	-	-	-	-	-	-	5
Nordeste	1	2	-	-	2	-	-	3
Indet.	3	4	4	-	-	-	12	19
TOTAL	**118**	**81**	**39**	**1**	**40**	**1**	**20**	**219**

Assim, nota-se que vasta maioria dos podomorfos, quer descalços quer calçados, se orienta para noroeste (126 casos ou 57.5%), isto é, para um episódio importante no calendário solar, que é o pôr do sol no solstício de verão. Em segundo lugar no cômputo geral (18 casos ou 8.2%), embora em terceiro lugar nos descalços, encontram-se os podomorfos orientados a sudeste, ou seja, para o nascer do sol no inverno. Em terceiro lugar encontram-se os podomorfos orientados para oeste, isto é, para o ocaso nos equinócios de primavera e de outono (17 casos ou 7.8%). Em quarto lugar, embora em segundo no grupo dos podomorfos descalços, encontram-se aqueles que se orientam para norte (15 casos ou 6.8%).

Há, ainda, em ambas as categorias, podomorfos virados para sudoeste (8 casos ou 3.7%), ou seja, para o pôr do sol no solstício de inverno; para este (5 casos ou 2.3%) ou para o nascer do sol nos equinócios (apenas no grupo dos descalços) e para nordeste (3 casos ou 1.4%) que corresponde ao nascer do sol no solstício de verão.

Um grupo de podomorfos de ambas as categorias, orienta-se para sul (8 casos ou 3.7%), enquanto 19 casos (8.7%) têm orientação indeterminada.

A análise destes dados permite colocar a hipótese de que as cerimónias realizadas nestes locais, apesar de poderem estar relacionadas com viagens associadas a ritos de passagem, tiveram lugar, preferencialmente, durante o solstício de verão, embora também noutros momentos importantes do ciclo solar, o que se relaciona com os eventuais ritos de passagem em articulação com cultos solares.

No entanto, tendo em conta que há alguns podomorfos orientados para norte e para sul, é provável que existissem outros cultos celestes, em simultâneo com o solar.

Através destes dados, também é a possível levantar a hipótese de que, a maioria dos ritos que implicaram gravação de podomorfos, foram realizados entre a primavera e o outono, embora preferencialmente no início do verão, o que deverá ser associado, igualmente, às condições atmosféricas e à maior duração dos dias.

3.7. Podomorfos e imagético popular

No âmbito deste trabalho verificou-se que grande número dos afloramentos com podomorfos associam-se a lendas ou topónimos de origem cristã (29.4%). Nos casos dos topónimos referimos a: Senhora do Calvelo; Senhora de Antime; Santa; Santa Eufémia; S. Gonçalo; Santo André e Senhor do Monte.

Quanto às lendas, alguns topónimos cristãos que aparecem são: Nossa Senhora; Jesus e judeu.

De uma forma geral a imagética popular relaciona podomorfos com o cristianismo, frequentemente com a caminhada de São Gonçalo até encontrar ao seu destino definitivo em Amarante, onde se encontra o grande santuário do Norte de Portugal em honra deste santo. Raras vezes as pegadas são interpretadas como sendo dos judeus, acontecendo apenas num caso e estando estes associados aos podomorfos de maiores dimensões (Fraga das Passadas)

Este tipo de lugares com podomorfos talvez tenha perdurado na memoria popular por estes serem motivos figurativos, ou seja, um pé, facilmente identificáveis, o que terá suscitado a necessidade da sua explicação no mundo rural.

4. Considerações finais

Pretendeu-se com esta dissertação aumentar o conhecimento sobre os podomorfos do Noroeste de Portugal, sintetizar os dados dispersos e proceder a análises formais, técnicas e contextuais dos mesmos, efetuando comparações com outros estudos análogos, desenvolvidos em áreas geográficas distintas. Desta forma, ambiciona-se poder chegar a algumas interpretações relacionadas com a cronologia e os significados dos lugares gravados com este tipo de motivos.

Na elaboração deste estudo recorreu-se à pesquisa e análise de bibliografia ligada ao tema, de forma a aumentar e sustentar, o mais possível, o conhecimento acerca deste. Este processo, juntamente com a análise de bases de dados bibliográficas e online, estas últimas, não só debruçadas com arte rupestre, mas, também, relacionadas com lendas e contos populares ligados à "pegada" - permitiu a realização de um inventário sobre os podomorfos do Noroeste, desde logo, conciliando o máximo de informação extraível destas fontes. Posteriormente, passou-se para a prospeção de todos os locais sobre os quais se conseguiram informações geográficas suficientes para ser plausível a busca das gravuras. Com a prospeção conseguiu-se obter informações inéditas acerca dos sítios com podomorfos, assim como identificar novos afloramentos com estes motivos. Para a identificação e análise de algumas gravuras, foram essenciais os critérios definidos na metodologia, assim como processos informáticos, tais como a base de dados, a fotogrametria e os SIG.

No Noroeste português existem 219 gravuras de podomorfos, distribuídas por 34 afloramentos e por 30 locais. Estes motivos distribuem-se, essencialmente, pelo interior, estando sempre implantados em zonas mais ou menos bem irrigadas. A sua maioria localiza-se entre os 200 e os 700 m de altitude, em vertentes de outeiros ou montes, em locais de fácil acessibilidade e em afloramentos pouco impressivos na paisagem, mas de grandes dimensões. Na generalidade dos casos, a visibilidade a partir destes petróglifos é ampla.

Os podomorfos desta região do país dividem-se, tipologicamente, em dois grandes grupos: o dos descalços e o dos calçados. Dentro dos calçados existem, também, os calçados com sola simples ou com especificação de tacão. Dentro destes criou-se, ainda, as subcategorias de calçado com tacão e picotados e de calçado com sola simples e representações de traços irregulares, interpretados como podendo ser correias ou tiras. Foram identificados podomorfos com dimensões variadas, existindo uma tendência para a representação de pés com menos de 23 cm de comprimento. Os podomorfos encontram-se organizados aos pares ou isolados, assumindo

várias orientações (noroeste, sudoeste, sudeste, oeste, norte, sul e este), apesar de se notar uma fortíssima tendência para se direcionarem para noroeste.

Quanto às técnicas empregues na execução destas figuras, realça-se o uso do baixo relevo, na sua quase totalidade, realizadas pela percussão e seguidas de abrasão, o que exige um tempo de execução considerável visto a esmagadora maioria dos afloramentos gravados ser em granito.

A gravação dos motivos rupestres, no Noroeste português, terá surgido nos finais do Calcolítico, inícios da Idade do Bronze, alcançando o seu auge no decorrer deste último período e terminado pelos inícios da Idade do Ferro.

Na tentativa de se conseguir distinguir grupos etários pelas dimensões dos podomorfos, observou-se que mais de metade da amostra parece representar indivíduos até aos 14 ou 15 anos, ou seja, não adultos. De referir, ainda, a existência de podomorfos de indivíduos considerados adultos e de outros de dimensões excecionais que foram interpretados como pertencentes a personagens mitificadas ou míticas.

O conjunto das observações efetuadas possibilitou interpretar estes afloramentos como lugares onde se terão realizado peregrinações ou cultos relacionados com ritos de passagem, em grande parte relacionados com a passagem da idade infantil para a idade adulta, efetuados por jovens de diferentes grupos sociais que se distinguiriam pelo tipo de vestuário, neste caso o calçado fundamentalmente durante os meses de primavera e de verão, embora o momento do solstício de verão, parece ser a data preferencial. De notar que há também alguns podomorfos de adultos que poderão corresponder aos que acompanham os mais jovens ou que fazem este tipo de viagem/peregrinação em época mais tardia.

Quanto às interpretações de cariz popular estas invariavelmente relacionam os podomorfos com o cristianismo, frequentemente com a viagem de São Gonçalo até encontrar o seu destino. Raras vezes as pegadas são interpretadas como sendo dos judeus. Algumas vezes associam-nas à "Nossa Senhora" e outras ao "menino Jesus". Estes dois últimos, muitas vezes acompanhados do "burrinho" ou "burrinha". O que é curioso é que em termos populares este símbolo, se associa, maioritariamente, à peregrinação, neste caso de um santo, talvez traduzindo peregrinações ancestrais.

Estas hipóteses interpretativas necessitam de um maior número de dados, nomeadamente de outras áreas regionais do Noroeste Ibérico para que possam ser confirmadas.

Apesar do grande número de dados obtidos e das várias hipóteses elaboradas ficaram várias questões em aberto que pedem novos trabalhos de investigação.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, M.E. (2012a) - *Rock-Art in Portugal. History, Methodology and Traditions*. Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, vol. I (Tese de Doutoramento - policopiada).

ABREU, M.E. (2012b) - *Rock-Art in Portugal. History, Methodology and Traditions*. Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, vol. II (Tese de Doutoramento - policopiada).

ABREU, M.E. (2012c) - *Rock-Art in Portugal. History, Methodology and Traditions*. Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, vol. III (Tese de Doutoramento - policopiada).

ALFOLDY, G. (1997) - Die Mysterien von Panóias (Vila Real – Portugal). *Madrider Mitteilungen*, 38, pp. 176-246.

ALMAGRO BASCH, M. (1966) - *Las estelas decoradas del Suroeste Peninsular*. Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas.

ALMEIDA, C.A.B. (1990) - *Proto-história e Romanização da Bacia Inferior do Lima* [Estudos Regionais, nº especial 7/8].

ALMEIDA, C.A.B. e SOEIRO T. (1980) – Sondagens nos castros de Abade de Neiva e Roriz (Barcelos, 1978), *Actas do Seminário de Arqueologia*, Guimarães, pp. 29-35.

ALVES, F.M. (1931) - *Chaves. Apontamentos Arqueológicos*. Gaia.

ALVES, L.B. (2003) - *The movement of signs. Post glacial rock art in north-western Iberia*. Reading: University of Reading (Tese de doutoramento – policopiado).

ALVES, L.B. e REIS, M. (2011) - Memoriais de pedra, símbolos de identidade. Duas novas peças escultóricas de Cervos (Montalegre, Vila Real). In R. Vilaça (ed.), *Estelas e estátuas-menires: da Pré à Proto-história. Actas das IV Jornadas Raianas (Sabugal, 2009)*, Sabugal, Câmara Municipal, pp. 187-216.

ALVES, L.B. e REIS, M. (2017) - Tattooed landscapes. A reassessment of Atlantic Art distribution, research methods and chronology in the light of the discovery of a major rock art assemblage at Monte Faro (Valença, Portugal), *Zephyrus*, 80, pp. 49-67.

ANDERSON, M.; BLAIS, M. e GREEN, W. T. (1956) - Growth of the normal foot during childhood and adolescence: Length of the foot and interrelations of foot, stature, and lower extremity as seen in serial records of children between 1-18 years of age. *American Journal of Physical Anthropology*, 14(2), pp. 287-308.

BAPTISTA, A.M. (1984) - Arte rupestre do norte de Portugal: uma perspectiva. *Portugália*. Nova série: 34, p. 71-82.

BAPTISTA, A.M. (1986) - Arte rupestre pós-glaciária. Esquematismo e abstracção. *História de Arte em Portugal*, 1. *Do Paleolítico à Arte Visigótica*. Lisboa: Publicações Alfa, pp. 31-55.

BAQUEDANO BELTRAN, I. e BLANCO-LOIZELIER, F.L.F. (1998) - Ain'Dara. Un magnifico templo de los arameos, *Revista de Arqueologia*, 214, pp. 24-34.

BEIRÃO, C.M. e CORREIA, V.N.H. (1988) - *Levantamento Histórico Arqueológico do concelho de Odemira. Plano Diretor Municipal de Odemira*. Odemira: Câmara Municipal de Odemira.

BELTRÁN, A. (1993) - *Arte Rupestre Preistorica*. Milano: Jaca Book.

BEN NASR, J. (2015) - Sandal engravings in the village of Guermessa (southeast of Tunisia): a graphic memorizing of a forgotten Berber ritual? *Expression*, 10, pp. 7-9.

BENITO DEL REY, L. e GRANDE DEL BRÍO, R. (1994) - Nuevos Santuarios Rupestres prehistóricos en las provincias de Zamora y Salamanca. *Zephyrus* 47, pp: 113-131.

BENITO DEL REY, L. e GRANDE DEL BRÍO, R. (2000) - *Santuarios rupestres prehistóricos en el centro-oeste de España*. Salamanca.

BETTENCOURT A.M.S. e AMORIM, M. (2014) – Chão do Cano 1. In A.M.S. Bettencourt e E. Abad Vidal (eds.), *Corpus Virtual de Arte Rupestre do Noroeste Português – CVARN* (www.cvarn.org).

BETTENCOURT, A.M.S (1999) - *A paisagem e o homem na bacia do Cávado durante o II e o I milénios a.C*. Braga: Universidade do Minho (Tese de doutoramento - policopiada);

BETTENCOURT, A.M.S. (1991) - Introdução às correntes teóricas da pré-história e da arqueologia geral. *Cadernos do Noroeste*, 4, 381-409.

BETTENCOURT, A.M.S. (2000) - *Estações da Idade do Bronze e Inícios da Idade do Ferro da Bacia do Cávado (Norte de Portugal)*. Cadernos de Arqueologia, Monografias, 11. Braga: Universidade do Minho.

BETTENCOURT, A.M.S. (2013a) - *A Pré-História do Noroeste Português/ The Prehistory of the North-western Portugal*. Territórios da Pré-História em Portugal, Vol. 2. Braga/ Tomar: ARKEOS/ CITCEM.

BETTENCOURT, A.M.S. (2013b) - Conjunto megalítico do Planalto de Vila Chã. In A. Bettencourt (ed.), *A Pré-História do Noroeste Português/ The Prehistory of the North-western Portugal*. Territórios da Pré-História em Portugal, Vol. 2. Braga/ Tomar: ARKEOS/ CITCEM, pp. 207-215.

BETTENCOURT, A.M.S. (2014a) – Almas 1. In A.M.S. Bettencourt e E. Abad Vidal (eds.), *Corpus Virtual de Arte Rupestre do Noroeste Português – CVARN* (www.cvarn.org).

BETTENCOURT, A.M.S. (2014b) - Gávea 2. In A.M.S. Bettencourt e E. Abad Vidal (eds.), *Corpus Virtual de Arte Rupestre do Noroeste Português – CVARN* (www.cvarn.org).

BETTENCOURT, A.M.S. (2014c) - Gávea 3. In A.M.S. Bettencourt e E. Abad Vidal (eds.), *Corpus Virtual de Arte Rupestre do Noroeste Português – CVARN* (www.cvarn.org).

BETTENCOURT, A.M.S. (2014d) - Regueiras 1. In A.M.S. Bettencourt e E. Abad Vidal (eds.), *Corpus Virtual de Arte Rupestre do Noroeste Português – CVARN* (www.cvarn.org).

BETTENCOURT, A.M.S. (2017a) - Gravuras Rupestres do Noroeste Português para além das Artes Atlântica e Esquemática. *Arqueologia de Portugal. Estado da Questão*. Lisboa: AAP, pp. 1053-1067.

BETTENCOURT, A.M.S. (2017b) - Pos-Palaeolithic rock art of north-western Portugal: an approach. In A.M.S. Bettencourt, Manuel Santos-Estevez, H.A. Sampaio, D. Cardoso (eds.), *Recorded Places, Experienced Places. The Holocene Rock Art of the Iberian Atlantic Northwest, British Archaeological Reports* – BAR, Oxford: Archeopress, pp. 123-150.

BETTENCOURT, A.M.S. e RODRIGUES, A. (2013) - Gravuras rupestres do Fieiral, Castro Laboreiro, Melgaço. In A.M. S. Betencourt, *A Pré-História do Noroeste Português/ The Prehistory of the Northwestern Portugal*. Territórios da Pré-História em Portugal, Vol. 2. Braga/ Tomar: ARKEOS/ CITCEM, pp. 132-138.

BETTENCOURT, A.M.S.; ABAD-VIDAL, E. e RODRIGUES, A. (2017) - Rock art virtual corpus of north-western Portugal. A multimedia tool to investigate and describe post-palaeolithic rock art. In A.M.S. Bettencourt, Manuel Santos-Estevez, H.A. Sampaio, D. Cardoso (eds.), *Recorded Places, Experienced Places. The Holocene Rock Art of the Iberian Atlantic Northwest*, British Archaeological Reports – BAR, Oxford: Archeopress, pp.19-26.

BETTENCOURT, A.M.S.; BROCHADO, C.; FERREIRA, G.; MAGALHÃES, M e SAMPAIO, H.A. (2016) - Rock art at S. Gonçalo hill, Barcelos (NW Portugal), and the construction of a structural place in the prehistoric landscape. Poster apresentado no *Simposium Images in Stone*, Braga 2016. Disponível em https:// www.academia.edu/ 30145819/

BINFORD, L.R. (1962) - Archaeology as anthropology. *American Antiquity* 28, pp. 217-225.

BINFORD, L.R. (1965) - Archaeological systematics and the study of culture process. *American Antiquity*, 31, pp. 203-210.

BRADLEY, R. (1997) - *Rock Art and the Prehistory of Atlantic Europe. Signing the Land*. London/ NewYork: Routledge.

BRADLEY, R. (2000) - *An Archaeology of Natural Places*. New York/ Oson: Routledge.

BRADLEY, R. e SHERIDAN, A. (2005) - Croft Moraig and the chronology of stone circles. *Proceedings of the Prehistoric Society*, 71, pp. 269-281.

CANHA, A. (2008) - *EIA - Modificação da Linha Vila Nova/ Riba de Ave de 150 Kv para 400Kv.,* Relatório Técnico-Científico apresentado à DGPCN.

CARDOSO, D. (2015) - *A Arte Atlântica do Monte de S. Romão (Guimarães) no Contexto da Arte Rupestre Pós-paleolítica da Bacia do Ave - Noroeste Português*. Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.

CARDOSO, M. (1994) - *Obras de Mário Cardozo*. Vol. 1. Porto: Fundação Engenheiro António de Almeida.

CARRASCO RUZ, J. e PACHÓN ROMERO, J.A. (2009) - Algunas cuestiones sobre el registro arqueológico de la cueva de los Murciélagos de Albuñol (Granada) en el contexto Neolítico Andaluz y sus posibles relaciones con las representaciones esquemáticas, *CPAG*, 19, pp. 227-287.

CLOTTES, J. (2002) - *World rock art*. Los Angeles: Getty Publications.

COELHO, L. (1975) - Nueva estela insculturada proveniente del Baixo Alentejo (Ervidel, Portugal), *Trabajos de Prehistoria*, 32 (1), pp. 195-198.

COIMBRA, A. F. (1997) - *Fafe, a Terra e a Memória*. Fafe, Câmara Municipal de Fafe,

COIMBRA, F. (2004) - A Arte Rupestre do Concelho de Barcelos (Portugal) - subsídios para o seu estudo. *Anuário Bragantino*, 27, pp. 37-70.

COUTINHO, A. (1997) – *Mosaicos da Serra de Arga*. Viana: Paróquia de Nossa Senhora de Fátima.

CRIADO BOADO, F. e SANTOS ESTÉVEZ, M. (2004) - Paisajes domésticos, espacios cerrados: los Espacios de larepresentación y la domesticación del paisaje en la Edad del Bronce, In J. MARTÍNEZ GARCÍA e M. HERNÁNDEZ PÉREZ (eds.), *Actas del Congreso de Arte Rupestre Esquemático en la Península Ibérica.* Comarca de Los Vélez, pp. 173-192.

CRUZ, G. e CARDOSO, D. (2011) - Arte rupestre de Briteiros, investigação e possível musealização. *Acta do V Congresso de Arqueologia do Interior Norte e Centro de Portugal,* Vale do Côa, pp. 255-271.

CUNHA, A. (1945) Ensaios de Toponímia – Roques, *Acção Católica*, 30, pp. 264-268.

DAVENPORT, C.B. (1932) - The growth of the human foot. *American Journal of Physical Anthropology*, 17(2), pp. 167–211.

DÍAZ-GUARDAMINO, M. (2010) - *Las estelas decoradas en la prehistoria de la Península Ibérica*. Madrid: Universidad Complutense de Madrid.

DINIS, A.P. e BETTENCOURT, A.M.S. (2009) - A arte atlântica do Crastoeiro (Norte de Portugal): contextos e significados. *Gallaecia*, 28, pp. 41-47.

FARIAS, M. (2012) - Pé descalço, *Jornal Folclore*, nº 202, edição de dezembro de 2012.

FERREIRA, L.N. e RODRIGUES, N.S. (2014) - Tornar-se adulto na Antiguidade Clássica – Tornar-se adulto na Grécia antiga: normas, práticas e representações. In A.C. Fonseca (ed.) *Jovens adultos*, Coimbra: Almedina, pp. 87-130.

FILIPE, A.; INVERNO, C.; OLIVEIRA, D.; SANTANA, H.; MATOS, J.; RAMOS, J.; CARVALHO, J.; BATISTA, M.; SARDINHA, R.; SALGUEIRO, R.; LISBOA, V. e LEITE, M. (2010) - *Recursos Mineiros. O Potencial de Portugal*. LNEG.

FONTES, L. (1998) - *Inventário de Sítios e Achados Arqueológicos da Vertente Alta da Serra da Cabreira*. Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho. Braga. Policopiado.

FONTES, L. e ANDRADE, F. (2010) - *Revisão do Inventário Arqueológico do Concelho de Boticas. Relatório Final.* Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M/ Memórias 8.

FONTES, L. e RORIZ, A. (2007) - *Património Arqueológico e Arquitectónico de Vieira do Minho*. Vieira do Minho: Município de Vieira do Minho.

FOSSATI, E. (1991) - L'età del Ferro nelle incisioni rupestre della Valcamonica. In AA.VV. (eds.), *Immagini di una aristocrazia dell'età del Ferro nell'arte rupestre camuna*, Milano, pp. 11-71.

FRAZÃO, F. (2006) - *Passinhos de Nossa Senhora - Lendário Mariano*. Lisboa, Apenas Livros.

FREITAS, E. (1985) - *Felgerias Rubeas, Subisidios para a História do Concelho de Felgueiras*. Felgueiras: Edição Correio do Minho (1ª edição).

GALLAY, A. (1986) - *L 'Archeologie Demaín*. Paris, Pierre Belfond.

GARCÍA QUINTELA, M. e SANTOS ESTÉVEZ, M. (2000) - Petroglifos podomorfos de Galicia e investiduras reales célticas: Estudio comparativo, *Archivo Español de Arqueologia*, 73, pp. 5-26.

GARCÍA QUINTELA, M. e SANTOS ESTÉVEZ, M. (2004) - Alineación arqueoastrológica en A Ferradura (Amoeiro-Ourense). *Complutum*, 15, pp. 51-74.

GAST, M. e JACOB, J. (1978-1979) - Le don des sandales dans la cérémonie du mariage en Ahaggar: une symbolique juridique? *Libya*, XXVI, pp. 223-233.

GOMES, M.V. (2010) - *Arte Rupestre do Vale do Tejo. Um ciclo artístico-cultural Pré e Proto-histórico*. Tese de Doutoramento. Lisboa: FCHS-UN Lisboa (Policopiada).

GOMES, M.V. e MONTEIRO, J.P. (1974-1977) - As rochas decoradas da Alagoa, Tondela-Viseu. *O Arqueólogo Português*, 3ª Série, 7/9, pp. 145-164.

GOMES, P. (1996) - *Felgueiras: Tradição com futuro*. Anégia Editores, 1ª edição.

HELSKOG, K. (2001) - *Theoretical Perspectives in Rock Art Research*, Oslo: Novus Forlag.

HODDER, I. (ed) (1982) - *Symbolic and Structural Archaeology*. Cambridge: Cambridge University.

INGOLD, T. (1986) - *The Appropriation of Nature: Essays on Human Ecology and Social Relationships*. Manchester: Manchester University Press.

INGOLD, T. (1993) - The Temporality of the Landscape. *World Archaeology*, 25, pp. 24-174.

INGOLD, T. (2000) - *The perception of the environment: essays on livelihood, dwelling and skill*. London: Routledge.

JIMÉNEZ ÁVILA, F. (2008) - *Sidereum Ana I. el río Guadiana en época post-orientalizante.* Mérida: CSIC.

JIMÉNEZ PASALODOS, R. (2012) - The Lyres of the Far West: Chordophones on the Bronze Age Warrior Stelae of the Southwest of the Iberian Peninsula, In R. Eichmann, F. Jinjuan, L.-C. Koch (eds.), *Studien zur Musikarchäologie* 8, *DAI Orient Archäologie* 25. Rahden/ Westf, pp. 215-225.

JIMÉNEZ PASALODOS, R. (2016) - Music and Identities Al-Andalus Clay Drums and the Study of Popular Musical Behaviors Through the Archaeological Record. In R. Eichmann, F. Junjuan, L.-C. Koch (eds.), *Seudien zur Musikarchaologie*, 10, DAI *Orient Archaologie*, pp.85-102.

JONES, A. (2007) - M*emory and Material Culture*. Cambridge: University Press.

LAJOUX, J.-D. (1964) - *Le Meravigle del Tassil N'Ajjer*. Bergamo: Instituto Italiano D'arti Grafiche.

LAMING-EMPERAIRE, A. (1951) - *L'Art Préhistorique. Peintures, Gravures et Sculptures Rupestres*. Paris: Braum.

LASCATA, N., RIBEIRO, A. e SEIXAS, A. (2016b) - *Plano de Gestão de Região Hidrográfica. Parte 1 – Enquadramento e Aspetos Gerais. Região Hidrográfica do Cávado, Ave e Leça (rh2)*. APA.

LASCATA, N., RIBEIRO, A. e SEIXAS, A. (2016c) - *Plano de Gestão de Região Hidrográfica. Parte 1 – Enquadramento e Aspetos Gerais. Região Hidrográfica do Douro (rh3).* APA.

LASCATA, N.; RIBEIRO, A. e SEIXAS, A. (2016a) - *Plano de Gestão de Região Hidrográfica. Parte 1 – Enquadramento e Aspetos Gerais. Região Hidrográfica do Minho e Lima (rh1).* APA.

LAYTON, R. (1991) - *The Anthropology of Art*. Cambridge: Cambridge University Press.

LEAL, A.P. (1886) - *Portugal Antigo e Moderno*, Lisboa.

LEMOS, P., LEITE, J. e NUNES, M. (2008) - Centro interpretativo da Serra dos Campelos (CASC): resultados de um estudo integrado de avaliação arqueológica. *OPPIDUM*, número especial, pp. 11-27

LEMOS, P.; LEITE, J. e NUNES, M. (2007) - Estudo e valorização da necrópole megalítica da Serra dos Campelos (Lustosa, Lousada). *OPPIDUM*, 2, pp. 11-38

LEVINSON, J. (2003) - *The Oxford Handbook of Aesthetics*. Oxford: Oxford University Press.

LIMA, A. (1940) - A correspondência de Martins Sarmento - Padre Joaquim Pedrosa. *Revista de Guimarães*, 50, pp. 97-100.

MACHADO, J.P. (coord.) (1991) - *Grande dicionário da língua portuguesa*. Vol. III. Lisboa: Alfa, S.A.

MAGALHÃES, A.; COSA, C. e PIRES, V. (1956). *O pé descalço: um a vergonha nacional que urge extinguir*, *Boletim Col. Liga Portuguesa de Profilaxia Social*, 16, pp. 5-6.

MARQUES, J.A.M. (1986a) - Materiais para a Arqueologia do concelho de Melgaço. *Revista de Ciências - Universidade Portucalense*, 1, pp. 341-346.

MARQUES, J.A.M. (1986b) – As gravuras do Chã da Sobreira e a arte rupestre do concelho de Monção. *Revista de Ciências – Universidade portucalense,* 1, pp. 11-30.

MARTINS, J.B. (1982) - Arte rupestre nas Meias de Casas de Monforte. In *Notícias de Chav*es. Chaves, 02/ 07/ 1982.

MARTINS, J.B. (1984a). *Breves Notas sobre a região do Alto Tâmega*. Chaves: Comissão Regional do Turismo.

MARTINS, J.B. (1984b). *Inventário de sítios com interesse arqueológico do Concelho de Chaves*. Chaves.

MARTINS, J.B. (1995) - Arte Rupestre em Sanjurge. *Revista Aquae Flaviae*, 13, pp. 167-186.

MEREDITH, H.V. (1944) - Human foot length from embryo to adult. *Human Biology*, 16(4), pp. 207-282.

MOLINA GARCÍA, J. (1989-1990) - Podomorfos Humanos en el Complejo Epilítico del Arabilejo. Yecla (Mucrcia): *Anales de Prehistoria y Arqueologia*, 5-6, pp. 59-67.

MONTEAGUDO, L. (1977) - *Die Beile of der Iberishen Halbinsel*, Praistorische Bronzefunda, 9.

NOVAIS, H.; LEITE, J.; LEMOS, P. e NUNES, M. (2010) - Os penedos com gravuras rupestres da Serra dos Campelos: uma abordagem geoarqueológica. *Revista Oppidum*, nº 4, pp. 9-36

NOVOA ALVAREZ, P.; GOBERNA, F.; LÓPEZ, P.; VEIGA, J. e FERREIRA, D. (2006) - Gravuras Rupestres Pré-históricas no Concelho de Valença. *Boletim Municipal*, 63, pp. 40-43.

NUNES, H.B. (1979) - Uma visita ao Castro do Santinho (Roques), *Festa das Neves,* 6, Viana do Castelo (Separata).

PAÇO, A. (1942) - Gravuras rupestres de Outeiro e Carreço (Viana do Castelo). *O Instituto*, 100, pp. 271-274.

PAÇO, A. (1970) - Gravuras rupestres de Outeiro e Carreço (Viana do Castelo). *Trabalhos de Arqueologia de Afonso Paço*, II, Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 127-130.

PAÇO, A.; NUNES RIBEIRO, F. e FRANCO, G.L. (1965) - Inscriçao ibérica da Corte do Freixo (Almodóvar). *Zephyrus,* 16, pp. 99-107.

PARAFITA, A. (2008) - *O Tesouro dos Maruxinhos: Mitos e Lendas para os Mais Novos*. Lisboa: Oficina do Livro.

PEREIRA, E. (1992) - *Noticia explicativa de Carta Geológica de Portugal, folha 1, na escala 1:200 000, Minho*. Lisboa: Ministério da Indústria e Energia/ Direção Geral de Geologia e Minhas/ Serviços Geológicos de Portugal.

PEREIRA, E.; RIBEIRO, A.; CARVALHO, G.; NORONHA, F.; FERREIRA, N. e MONTEIRO, J.H. (1989) - *Carta Geológica de Portugal, folha 1, na escala 1/ 200 000, Minho*. Lisboa: Ministério da Indústria e Energia/ Direção Geral de Geologia e Minhas/ Serviços Geológicos de Portugal.

PINHO LEAL, A.S.A.B. (2006a [1873]) - *Portugal Antigo e Moderno.* Lisboa: Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão, Tomo I.

PINHO LEAL, A.S.A.B. (2006b [1873]) - *Portugal Antigo e Moderno.* Lisboa: Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão, p. Tomo II.

PINHO LEAL, A.S.A.B. (2006c [1873]) - *Portugal Antigo e Moderno.* Lisboa, Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão, p. Tomo III.

QUINTELA, M. (2003) - Profano e Pagano en el galego. *Imágenes, Textos, Paisajes e Ideas: Los Santuários Catreños en Contexto*. Semata nº14, Universidade de Santiago de Compostela, pp. 95-149.

RENFREW, C. (1988) - The New Archaeology. Prehistory as a Discipline. In G. Daniel e C. Renfrew (eds.), *The Idea of Prehistory*, Edinburgh: Edinburgh University Press, pp. 157-213.

RIBEIRO, F.N. (1965) - *O Bronze Meridional Português,* Beja.

RIBEIRO, N.; JOAQUINITO, A. e PEREIRA, S. (2009) - The rock art interpretation Centre in Vide (Portugal) from project to reality and its challenges. *IFRAO Congress 2009,* Piauí/ Brazil, pp.1125-1135.

RIBEIRO, N.; JOAQUINITO, A. e PEREIRA, S. (2010a) - The Symbolism of Open-Air Rock Art at the end of the Upper Palaeolithic in Central Interior Portugal and its Possible Relation With Natural Paths. *IFRAO Congress 2010*, França, pp. 1-13.

RIBEIRO, N.; JOAQUINITO, A. e PEREIRA, S. (2010b) - O podomorfismo na arte rupestre da fachada atlântica, que significado*? V Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*, pp. 201-211.

RIBEIRO, O, LAUTENSACH, H. e DAVEAU, S. (1988) - *Geografia de Portugal. O ritmo Climático da Paisagem*. Lisboa: Edições João Sá da Costa.

RIBEIRO, O.; LAUTENSACH, H. e DAVEAU, S. (1987) - *Geografia de Portugal. A Posição Geográfica e o Território*. Lisboa: Edições João Sá da Costa.

ROBRAHN-GONZÁLEZ, E.M. (2000) - Arqueologia em perspectivas: 150 anos de prática e reflexão no estudo de nosso passado. *Revista USP*, 44, pp. 10-31.

S/ A (2015). *Revisão do Plano Diretor Municipal de Marco de Canaveses. Proposta de Plano – Regulamento*. Câmara Municipal do Marco de Canaveses.

S/ A. 2012. *Itinerário Arqueológico do Vale do Tâmega*. Penafiel: Museu Municipal de Penafiel.

SAMPAIO, A.A. (2005) - *Evolução geodinâmica do Vale do Ave. O vale inferior e sua relação com a zona costeira*. Braga: Universidade do Minho (Dissertação de Mestrado. Policopiada).

SAMPAIO, H.A. (2014) - *A Idade do Bronze na bacia do Rio Ave (Noroeste de Portugal)*. Braga: Universidade do Minho.

SAMPAIO, H.A. e BETTENCOURT, A.M.S. (2017) - Novos Sítios de Arte Rupestre na Bacia do Rio Cávado, Noroeste de Portugal. *Techne,* 3(1), pp. 75-87

SANCHES, M.J. (1997) - *A Pré-História Recente de Trás-os-Montes e Alto Douro*. 2 vols. Porto: SPAE.

SANCHES, M.J. (2006) - Abrigos com pinturas rupestres esquemáticas da Serra de Passos/ Stª Comba, In C.A.B. Almeida (ed.), *História do Douro e do Vinho do Porto. História Antiga da Região Duriense*. Vol. 1. Porto: Ed. Afrontamento, 126-129.

SANTOS ESTÉVEZ, M. (2007) - *Petroglifos y paisage social en la prehistoria reciente del noroeste de la península Ibérica*. TAPA, 38.

SANTOS ESTÉVEZ, M. (2013) - Da "Arte Atlantica" no contexto europeu: conceitos, problematicas e perspectivas – unha vision diacronica da Arte Atlantica dentro dun novo marco cronoloxico. *Artes Rupestres da Pré-História e da Proto-História: Paradigmas e Metodologias de Registo* (Trabalhos de Arqueologia 54), Lisboa, pp. 226-235.

SANTOS ESTÉVEZ, M. e BETTENCOURT, A.M.S. (2017) - O Conjunto de Gravuras Rupestres de Santo Adrião (Viana do Castelo, Portugal). Embarcações, Armas, Cavalos e Ex-Votos, *Arqueologia de Portugal. Estado da Questão*. Lisboa: AAP, pp. 1055-1070.

SANTOS ESTÉVEZ, M. e GARCÍA QUINTELA, M. (2000) - Petroglifos podomorfos del Noroeste Peninsular: Nuevas comparaciones e interpretaciones. *Revista de Ciências Históricas*, 15, pp. 7-40.

SANTOS ESTÉVEZ, M. e GARCÍA QUINTELA, M. (2002) - Arte rupestre y santuários. *Profano y pagano en el arte gallego*. SEMATA, Ciências Sociais e Humanidades, 14, pp. 37-149.

SANTOS JÚNIOR, J.R. (1940) - *Arte rupestre*. In Congresso do Mundo Português, Lisboa, 1940. Memórias e Comunicações apresentadas ao Congresso da Pré e ProtoHistória de Portugal (I Congresso). Lisboa: Bertrand e Comissão Executiva dos Centenários. Secção de Congressos, 1, pp. 327-376.

SANTOS JUNIOR, J.R. (1942) - *Gravuras rupestres de Lomar (Penafiel).* Porto: Imprensa Moderna.

SANTOS JÚNIOR, J.R. (1982) - 30ª Campanha de escavações no Castro de Carvalhelhos - Agosto de 1981. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 24 (2) pp. 249-264.

SANTOS JUNIOR, J.R.; SANTOS, J.N. e MIRANDA JUNIOR, A. (1985) - Castros do Concelho de Boticas – II. Campanhas de 1984 e 1985. *Anais da Faculdade de Ciências do Porto*, 66 (1-4), pp. 5-96.

SANTOS, M.J. (2008) - Intervenção no património arqueológico de Penafiel. Protecção, valorização e divulgação. *Oppidum* nº especial, pp. 213-226.

SARMENTO, F.M. (1884) - Materiais para a Arqueologia do concelho de Guimarães. *Revista de Guimarães*, 1(4), pp. 161-189.

SARMENTO, F.M. (1933) - *Dispersos: colectânea de artigos publicados, desde 1876 a 1899, sobre arqueologia, etnologia, mitologia, epigrafia e arte pré-histórica: obra comemorativa do 1º centenário do nascimento do autor*. Coimbra: Universidade de Coimbra.

SARMENTO, F.M. (1999) - *Antiqua - Apontamentos de Arqueologia*. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento.

SILVA, A.C.F. (1986) - *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*. Paços de Ferreira.

SILVA, J.B.P. (1992) - Os petróglifos de Eiró. *Jornadas de Estudo de Marco de Canaveses*. Marco de Canaveses, Vol. 1, pp. 87-105

SILVA, J.L.F. (1987) - *Sever do Vouga*. Sever do Vouga: Câmara Municipal de Sever do Vouga.

SIMARD, E. e BLIGHT, S. (2011) - Developing a culturally restorative approach to Aboriginal child and youth development: Transitions to adulthood. *First Peoples Child & Family Review* 6, pp. 28-55.

SOBRINO LORENZO-RUZA, R. (1946) - Los signos podomorfos del petróglifo de Santa Tecla y del mismo tipo conocidos hasta la fecha en Europa. *El Museo de Pontevedra*, 4, pp. 131-134.

SOUSA, L. (2014) - Monte Eiró IV. In A.M.S. Bettencourt e E. Abad Vidal (eds.), *Corpus Virtual de Arte Rupestre do Noroeste Português – CVARN* (www.cvarn.org).

SOUSA, L. (2017) - The Atlantic rock art of Mount Eiró (Penhalonga, Marco de Canaveses, North-western, Portugal). New background to its contextualisation. In A.M.S. Bettencourt, Manuel Santos-Estévez, Hugo A. Sampaio, Daniela Cardoso (eds.), *Recorded Places, Experienced Places. The Holocene Rock Art of the Iberian Atlantic Northwest.* British Archaeological Reports, Oxford: Archaeopress, pp. 99-106.

STOCKLER, C. (2000) - Reflexões sobre a ocupação humana no Douro Litoral. *Almadan* 2 (9), pp. 79-93.

TEIXEIRA, R.J.C.M.A. (1996) - *De Aquae Flaviae a Chaves. Povoamento e organização do território entre a Antiguidade e a Idade Média. Porto*: Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Dissertação de Mestrado).

TENGARRINHA, M. (1999) - *Da Memória do Povo*. Lisboa: Colibri.

THOMAS, J. (1998) - *Time, culture and identity: An interpretive archaeology*. Routledge, London and New York.

THOMAS, J. (2001) - Archaeologies of Place and Landscape. *I.* Hodder (ed.) *Archaeological Theory Today*. Cambridge Polity Press, pp. 165-186.

TILLEY, C. (1994) - *The Phenomenology of Landscape*. Oxford: Berg.

TRIGGER, B. (2004) - *História do pensamento arqueológico*. 2a. edição, São Paulo: Odysseus.

TRIGGER, B. (2007) - *A History of Archaeological Thought*. Second Edition. Cambridge: Cambridge University Press.

VAN DYKE, R.M. and ALCOCK, S.E. (2003) - Archaeologies of Memory: an introduction. *In* R.M.Van Dyke & S.E. Alcock (eds.) *Archaeologies of Memory*. Oxford: Wiley, pp. 1-13.

VASCONCELOS, J.L. (1897) - *Religiões da Lusitânia*. Lisboa: Imprensa Nacional.

VASCONCELOS, J.L. (1902-1903) - Antigualhas de Monção. *O Archeologo Português*, 7, Série 1, pp. 285-287.

VIANA, A.M. C. (2002) - *Lendas do Vale do Lima*. Ponte de Lima: Valima, Associação de Municípios do Vale do Lima.

VIEIRA, J. A. (1886) - *O Minho Pitoresco*, Vol. 1. Lisboa: Livraria António Maria Pereira.

VILASECA, S. (1943) - Los grabados rupestres esquemáticos de la provincia de Tarragona, *AEspA*, 16, pp. 253-271.

VITORINO, Pedro (1923/24) - Insculturas do Monte de Eiró, *O Archeologo Português*, 26, Série 1, pp. 20-24.

VV. AA. (1991) - *Património arqueológico de Felgueiras*. *Plano Director Municipal da Câmara Municipal de Felgueiras*. Felgueiras: Câmara Municipal de Felgueiras.

WANG, J. (2008) - Research on the prehistoric population age structure in the Middle and Lower reaches of the Yellow River valley. *Chinese Archaeology*, 8, pp. 163-167.

WILLEY, G.R. e PHILLIPS, P. (1958) - *Method and Theory in American Archaeology*. University of Chicago.

WILLEY, G.R. e SABLOFF, J.A. (1980) - *A History of American Archaeology*, W. H. Freeman and Campany, San Francisco.

Cartografia

Carta Militar de Portugal 1/25000., folha 1 – Melgaço, Lisboa: Instituto Geográfico do Exército.

Carta Militar de Portugal 1/25000., folha 100 – Arnóia (Celorico de Bastos), Lisboa: Instituto Geográfico do Exército.

Carta Militar de Portugal 1/25000., folha 111 – Paços de Ferreira, Lisboa: Instituto Geográfico do Exército.

Carta Militar de Portugal 1/25000., folha 122 – Porto, Lisboa: Instituto Geográfico do Exército.

Carta Militar de Portugal 1/25000., folha 124 – Marco de Canaveses, Lisboa: Instituto Geográfico do Exército.

Carta Militar de Portugal 1/25000., folha 14 – Caminha, Lisboa: Instituto Geográfico do Exército.

Carta Militar de Portugal 1/25000., folha 15 – Paredes de Coura, Lisboa: Instituto Geográfico do Exército.

Carta Militar de Portugal 1/25000., folha 2 – Valença, Lisboa: Instituto Geográfico do Exército.

Carta Militar de Portugal 1/25000., folha 21 – Vilarelho da Raia, Lisboa: Instituto Geográfico do Exército.

Carta Militar de Portugal 1/25000., folha 27 – Vila Praia de Âncora, Lisboa: Instituto Geográfico do Exército. *Carta Militar de Portugal 1/25000*., folha 40 – Viana do Castelo, Lisboa: Instituto Geográfico do Exército.

Carta Militar de Portugal 1/25000., folha 29 – Ponte de Lima, Lisboa: Instituto Geográfico do Exército.

Carta Militar de Portugal 1/25000., folha 3 – Monção, Lisboa: Instituto Geográfico do Exército.

Carta Militar de Portugal 1/25000., folha 30 – Entre Ambos-os-Rios (Ponte da Barca), Lisboa: Instituto Geográfico do Exército.

Carta Militar de Portugal 1/25000., folha 31 – Outeiro (Montalegre), Lisboa: Instituto Geográfico do Exército.

Carta Militar de Portugal 1/25000., folha 32 –Montalegre, Lisboa: Instituto Geográfico do Exército.

Carta Militar de Portugal 1/25000., folha 33 – Serraquinhos (Montalegre), Lisboa: Instituto Geográfico do Exército.

Carta Militar de Portugal 1/25000., folha 34 – Chaves, Lisboa: Instituto Geográfico do Exército.

Carta Militar de Portugal 1/25000., folha 4 – Castro de Laboreiro (Melgaço), Lisboa: Instituto Geográfico do Exército.

Carta Militar de Portugal 1/25000., folha 42 – Vila Verde, Lisboa: Instituto Geográfico do Exército.

Carta Militar de Portugal 1/25000., folha 43 – Terras do Bouro, Lisboa: Instituto Geográfico do Exército.

Carta Militar de Portugal 1/25000., folha 44 – Ruivais (Vieira do Minho), Lisboa: Instituto Geográfico do Exército.

Carta Militar de Portugal 1/25000., folha 45 – Alturas do Barroso, Lisboa: Instituto Geográfico do Exército.

Carta Militar de Portugal 1/25000., folha 46 –Boticas, Lisboa: Instituto Geográfico do Exército.

Carta Militar de Portugal 1/25000., folha 5 – Seara (Melgaço), Lisboa: Instituto Geográfico do Exército.

Carta Militar de Portugal 1/25000., folha 54 –Castelo do Neiva (Viana do Castelo), Lisboa: Instituto Geográfico do Exército. *Carta Militar de Portugal 1/25000*., folha 20 –Vilar de Perdizes (Montalegre), Lisboa: Instituto Geográfico do Exército.

Carta Militar de Portugal 1/25000., folha 55 – Carrapecos (Barcelos), Lisboa: Instituto Geográfico do Exército.

Carta Militar de Portugal 1/25000., folha 56 – Amares, Lisboa: Instituto Geográfico do Exército.

Carta Militar de Portugal 1/25000., folha 57 – Povoa de Lanhoso, Lisboa: Instituto Geográfico do Exército.

Carta Militar de Portugal 1/25000., folha 58 – Salto (Montalegre), Lisboa: Instituto Geográfico do Exército.

Carta Militar de Portugal 1/25000., folha 59 – Dornelas (Boticas), Lisboa: Instituto Geográfico do Exército.

Carta Militar de Portugal 1/25000., folha 6 – Vila Nova de Cerveira, Lisboa: Instituto Geográfico do Exército.

Carta Militar de Portugal 1/25000., folha 69 – Barcelos, Lisboa: Instituto Geográfico do Exército.

Carta Militar de Portugal 1/25000., folha 7 –São Pedro da Torre (Valença), Lisboa: Instituto Geográfico do Exército.

Carta Militar de Portugal 1/25000., folha 70 – Braga, Lisboa: Instituto Geográfico do Exército.

Carta Militar de Portugal 1/25000., folha 71 – São Torcato (Guimarães), Lisboa: Instituto Geográfico do Exército.

Carta Militar de Portugal 1/25000., folha 72 – Cabeceiras de Bastos, Lisboa: Instituto Geográfico do Exército.

Carta Militar de Portugal 1/25000., folha 82 – Póvoa do Varzim, Lisboa: Instituto Geográfico do Exército.

Carta Militar de Portugal 1/25000., folha 84 – Selho (Guimarães), Lisboa: Instituto Geográfico do Exército.

Carta Militar de Portugal 1/25000., folha 85 – Guimarães, Lisboa: Instituto Geográfico do Exército.

Carta Militar de Portugal 1/25000., folha 86 – Mondim de Bastos, Lisboa: Instituto Geográfico do Exército.

Carta Militar de Portugal 1/25000., folha 97 – Bougado (Santo Tirso), Lisboa: Instituto Geográfico do Exército.

Carta Militar de Portugal 1/25000., folha 98 – Santo Tirso, Lisboa: Instituto Geográfico do Exército.

Carta Militar de Portugal 1/25000., folha 99 – Felgueiras, Lisboa: Instituto Geográfico do Exército.

Webgrafia

www.arqueologia.patrimoniocultural.pt

www.cm-boticas.pt/ patrimonio

www.cm-viana-castelo.pt

www.cvarn.org

www.geocaching.com/ geocache/ GC127DV_santuario-do-senhor-do-monte

www.guinnessworldrecords.com

www.jf-dem.com/ historia.

www.jf-viladepunhe.com

www.lendarium.org

www.terrasdeportugal.wikidot.com